

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS**

WHERLYSHE SOUSA DE MORAIS

**NO RITMO DO QUILOMBO URBANO: CULTURA, POLÍTICA, MILITÂNCIA E
LUTAS SOCIAIS NO *HIP-HOP* DO MARANHÃO**

Maceió – AL

2023

WHERLYSHE SOUSA DE MORAIS

**NO RITMO DO QUILOMBO URBANO: CULTURA, POLÍTICA, MILITÂNCIA E
LUTAS SOCIAIS NO *HIP-HOP* DO MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas como
requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia;
Área de Concentração: Corpo, cultura e conhecimento
Orientador(a): Prof. Dr. João Bittencourt

Maceió - AL

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M827n Morais, Wherlyshe Sousa de.
 No ritmo do quilombo urbano : cultura, política, militância e lutas
 sociaisno *hip-hop* do Maranhão / Wherlyshe Sousa de Morais. – 2023.
 222 f. : il. color.

Orientador: João Bittencourt.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal
de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-
Graduação em Sociologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 202-204.
Apêndices: f. 206-222.

1. Militância. 2. Política. 3. Cultura. 4. Hip-Hop (Cultura
popular) -Maranhão. I. Título.

CDU: 316.482.3(812.1)

WHERLYSHE SOUSA DE MORAIS

**NO RITMO DO QUILOMBO URBANO: CULTURA, POLÍTICA, MILITÂNCIA E
LUTAS SOCIAIS NO *HIP-HOP* DO MARANHÃO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt
(Orientador) – PPGS/UFAL

Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues
(Examinador interno) – PPGS/UFAL

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella
(Examinador externo) – PPGA/UFPB.

Data de Aprovação

____/____/____

Maceió – AL

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me apoiaram nessa jornada, desde minha mãe, minha prima Erlany que sempre se colocou à disposição, alguns ex-professores da graduação que sempre me incentivaram bastante, como o Prof. Dr. Wheriston Neris, que hoje é um amigo particular, e meu ex-orientador, Prof. Dr. Antonio Evaldo, ambos muito dedicados no que fazem e foram os maiores incentivadores que tive, nunca desacreditaram de minhas capacidades.

Agradeço também a direção da escola que trabalho que foi muito compreensiva nos momentos que precisei me ausentar para fazer pesquisas de campo ou simplesmente para estudar. O Colégio Militar Tiradentes III na pessoa da professora Bruna Damasceno e o Tenente Coronel Spindola que também sempre se colocaram à disposição em tudo que fosse possível. E alguns amigos que também sempre apoiaram de forma direta e indireta.

Agradeço também ao meu orientador Prof. João Bittencourt pela paciência, empatia e compreensão em momentos diversos e aos demais professores do programa que contribuíram significativamente para minha formação. Agradeço profundamente a todos os membros do Quilombo Urbano que contribuíram com esta pesquisa, com todos que tiraram um tempo de suas rotinas para me atender, para todos que abriram as portas de suas casas para me receber da melhor forma possível, sem essa receptividade seria impossível a construção desse trabalho. Ao professor, pesquisador, militante e rapper, Rosenverck Estrela, meu mais sincero obrigado por tudo.

Acima de tudo, agradeço a Deus, pois não foi uma jornada fácil, em diversos momentos fraquejei, tive problemas pessoais e psicológicos que foram obstáculos difíceis de ser superados e sinceramente, só ele mesmo para me sustentar e permitir que eu chegasse até aqui. Obrigado Deus!

RESUMO

A presente pesquisa propõe analisar as formas de articulação entre cultura e política empreendidas pelo *Movimento de Hip-Hop Organizado no Maranhão Quilombo Urbano*, fundado em 1989, mas batizado com a terminologia aqui apresentada em 1992, cujo os partícipes são, em sua maioria, homens e mulheres que residem em bairros periféricos da cidade de São Luís, capital do Maranhão, e que se reivindicam como pretos “de quebradas”, revolucionários e socialistas. Ao longo desta pesquisa, busca-se compreender como o Quilombo Urbano organiza suas ações. Metodologicamente, esta pesquisa se apoia em dados qualitativos e possui base teórica interdisciplinar. Buscando captar uma maior complexidade dessas ações, investigamos as trajetórias de alguns membros do movimento, apresenta alguns relatos etnográficos dos atos e refletimos sobre os processos originários de disputas internas e externas. Os dados foram extraídos de pesquisa de campo, entrevistas, etnografias, análises de discursos, letras de músicas, rimas e análises de documentos.

Palavras-Chave: Militância. Política. Cultura. *Hip-Hop*.

ABSTRACT

This research proposes to analyze the forms of articulation between culture and politics undertaken by the Hip-Hop Movement Organized in Maranhão Quilombo Urbano, founded in 1989, but baptized with the terminology presented here in 1992, whose participants are mostly men and women who live in peripheral neighborhoods of the city of São Luís, capital of Maranhão, and who claim to be black “from the hoods”, revolutionaries and socialists. Throughout this research, we seek to understand how Quilombo Urbano organizes its actions. Methodologically, this research is based on qualitative data and has an interdisciplinary theoretical basis. Seeking to capture a greater complexity of these actions, we investigate the trajectories of some members of the movement, present some ethnographic reports of the acts and reflect on the originating processes of internal and external disputes. Data were extracted from field research, interviews, ethnographies, discourse analysis, song lyrics, rhymes and document analyses.

KEY WORDS: Militancy. Politics. Culture. *Hip-Hop*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
 CAPÍTULO 1: <i>Contexto Histórico do Movimento de Hip-Hop Organizado no Maranhão Quilombo Urbano – Transformações culturais, políticas, atuação e contradições</i>.....	15
1.1 O Surgimento do Quilombo Urbano e o processo de organização política e Cultural ...	18
1.2 As aproximações, histórias, alianças e formações políticas.....	31
1.3 São Luís, posição geográfica e suas subdivisões culturas e contradições.....	38
 CAPÍTULO 2: OLHARES ETNOGRÁFICOS: reuniões, atividades, batalhas de rima, Marcha da Periferia e afinidades militantes	49
2.1 Breve histórico da Marcha da Periferia.....	52
2.2 O primeiro contato com a marcha da periferia.....	58
2.3 Marcha da Periferia 2021: “Não Voltaremos para a Senzala e nem para os Porões da Ditadura”	95
2.4 Discursos, Análises, Interpretações e Diálogos Teóricos	111
 CAPÍTULO 3: HISTÓRIAS E NARRATIVAS - ANÁLISES E REFLEXÕES DAS TRAJETÓRIAS DE MILITANTES DO QUILOMBO URBANO.....	139
3.1 Histórias e Narrativas de Rosenverck Estrela	148
3.2 Histórias e Narrativas de Preta Lu	163
3.3 Histórias e Narrativas de Hertz	177
3.4 Histórias e Narrativas de Nicinha	191
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS.....	202

INTRODUÇÃO

O interesse por este objeto de pesquisa nasceu inicialmente em 2015, em São Luís, Capital do Maranhão, onde o movimento pesquisado junto com seus militantes reside. Nesta ocasião, era graduando do curso de Ciências Humanas Sociologia pela Universidade Federal Maranhão, até então em crise do que pesquisar para o TCC, até que o contato com a militância estudantil me abriu uma teia de contatos regionais, estaduais e nacionais dentro dos mais diversos movimentos sociais, estudantis, políticos, sindicais e culturais.

A partir daí a militância se tornou constante nesta trajetória, pois éramos representação estudantil e diversos outros movimentos começaram a se aproximar, como a UNE (União Nacional Estudantil), UJS (União da Juventude Socialista), UJC (União da Juventude Comunista), juventudes de partidos políticos, partidos políticos e a ANEL (Assembleia Nacional de Estudantes Livres). Como representação estudantil coube analisar as aproximações dos movimentos e suas relações externas para assim agregar nossas pautas internas aos movimentos e encampar lutas com os mesmos, porém, em uma breve análise constatamos aproximações da UNE, UJS e demais movimentos a partidos políticos que priorizavam levantar bandeiras em defesa de políticos e partidos do as pautas mais variadas. Então, a partir deste contexto, após debate interno, foi resolvido que nos aproximaríamos da ANEL.

Alguns militantes regionais da ANEL também faziam parte da juventude do PSTU, essa aproximação tinha fatores políticos e ideológicos e os diálogos fluíam de forma muito mais sistemática, assim como a própria militância. Através dessa aproximação com a ANEL e PSTU, começamos a conhecer membros de diversos outros movimentos, como o **Movimento de Hip-Hop Militante Quilombo Urbano**, que eram jovens universitários, professores e demais simpatizantes da expressão cultural. Começamos a ser convidados para reuniões, plenárias, grupos de estudos, oficinas e para construir atos, manifestações e ações em geral que envolviam militância, dentre elas a Marcha da Periferia que frequentemente é realizada no dia 20 de novembro, data que se comemora o dia da consciência negra.

No entanto, a participação nos atos não era sempre possível, pois os movimentos dos quais me aproximei residiam em São Luís e eu em Bacabal, geograficamente localizado a 265KM de distância, mas, normalmente quando não podia estar presente participava dos diálogos construídos em grupos de *WhatsApp*, como a própria construção da décima marcha da periferia em 2015. Após dias de organização da décima marcha e diálogos ela foi marcada para

o dia 20 de novembro, e diversos movimentos foram convidados para participar, incluindo nosso diretório acadêmico. Nos deslocamos e acompanhamos a marcha que foi intitulada como “X Marcha da Periferia e 26º Festival de *Hip-Hop* Militante Dandara e Zumbi”.

Todo este contato político e cultural fez surgir um leque de possibilidades em relação a objetos de pesquisa dos quais poderia escrever. Anteriormente, dentro dos diálogos feitos com a orientação e possíveis indicações, me aproximei de um grupo de estudos e pesquisa chamado NEAFRICA (Núcleo de Estudos África e o Sul Global), o qual mantemos um certo contato até os dias atuais. A partir daqui meus estudos e pesquisas eram direcionados para um contexto ligado a cultura africana, afro-brasileira e nas relações étnico-raciais. Mas, precisamente, fui direcionado para pesquisar o processo de libertação de Moçambique, objeto este que despertou um certo interesse e consequentemente estudos em relação ao objeto, contudo, a logística de pesquisa seria inicialmente feita apenas em material bibliográfico, o que fez com que o interesse pelo objeto começasse a diminuir, já que o campo de atuação seria complexo de acessar, mas, em diálogos com meu ex orientador, Prof. Dr. Antônio Evaldo da Silva Barros sobre estas questões, surgiu uma pequena possibilidade de inserção no campo, uma possível ida para Moçambique, porém, tudo muito presente no campo das ideias, então resolvi abandonar de vez o objeto proposto pela orientação e a crise a respeito do objeto continuou.

Após toda problemática envolvendo meu possível objeto de estudos, me dediquei aos estudos nas disciplinas, a militância interna e externa, até que posteriormente estive presente na décima marcha da periferia, citada acima. O palco da marcha foi as ruas do centro de São Luís, local de grande fluxo de pessoas e de públicos diversos, desde trabalhadores das áreas do serviço público, até autônomos e desempregados, fora o público mais geral que inclui estudantes, comerciantes etc. A concentração da marcha foi na Praça Deodoro, coração do centro da cidade, local histórico, não só pela sua estrutura arquitetônica, mas palco de diversas manifestações, protestos e ações políticos-culturais. Na praça Deodoro durante a concentração algumas atividades eram desenvolvidas pelos militantes, inclusive militantes do próprio Quilombo Urbano, que pintavam faixas, organizavam os grupos, faziam oficinas de turbante e organização geral. Nos carros de som alguns membros de movimentos faziam suas falas iniciais e dando ênfase a conjuntura política da época juntamente com toda suas problemáticas, cada membro se apresentava e falava qual movimento representavam ou que bandeira levantavam, dentre estes o Quilombo Urbano também elegeu um representante para fazer sua fala. Mas, vale ressaltar que o próprio Quilombo Urbano fazia parte desta organização junto com outros movimentos. Dentro da fala do representante do Quilombo Urbano notamos detalhes dos acontecimentos políticos estaduais e nacionais, além de discursos ligados ao público “*preto e*

pobre” nas próprias palavras dele, discursos e reivindicações oriundos diretamente das periferias. Logo abaixo uma imagem do local citado¹.



Figura 1 – Praça Deodoro, centro da cidade, local da concentração dos atos. Fonte: O Estadão

A Marcha ganha as ruas com seu público pluralizado política e culturalmente, saindo da Deodoro até o destino final que foi a Praça da Lagoa Amarela, onde seria realizado o festival de *Hip-Hop* militante. Foi neste festival que acompanhei as apresentações dos grupos de *Hip-Hop* com suas letras repletas de críticas e contestações, além do diferencial que girava em torno de uma certa ideologização, pois aglutinam tons políticos partidários no cotidiano, e nas letras das músicas continham nomes de personagens históricos do contexto nacional e internacional como Zumbi, Dandara, e de revolucionários russos, como Lenin, Trotsky e diversos outros que não são corriqueiros nas letras dos grupos de Rap. No entanto, essa criatividade ligada aos personagens das histórias não materializam e nem determinam o grau de politização dos mesmos, mas, soma-se a outra série de fatores. Notamos também a materialização dos elementos constituintes do *Hip-Hop*, que até então passavam por mim apenas como algo comum ao público, visão do senso comum que foi se desconstruindo a partir das leituras e estudos até entender que todo aquele mundo fazia parte de uma estrutura que pode também ser entendida nos moldes de Bourdieu (1989), como uma “estrutura, estruturada e estruturante”. Os detalhes sobre letras e atuação serão expostos no decorrer desta produção. Então, a partir do

¹ “Inaugurado oficialmente em 15 de agosto de 1868, o logradouro já concedeu a São Luís o status de cidade dona das mais belas praças do Brasil”. Fonte: <https://oestadoma.com/noticias/2021/08/14/praca-deodoro-153-anos-de-historia-e-fama-consolidada/>

contexto, finalmente decidi sobre o que iria pesquisar, ao me deparar com todo aquele cenário construí mentalmente diversas possibilidades de estudos, pesquisas e de diversas dúvidas que surgiram sobre o *Movimento de Hip-Hop Organizado no Maranhão Quilombo Urbano* e até mesmo um interesse genérico sobre o surgimento do *Hip-Hop* em si.

Podemos destacar também as razões de ordem prática que influenciaram a pesquisar o *Hip-Hop* que derivam inicialmente da minha própria trajetória/história. Muito comum crianças em suas diferentes épocas desfrutarem conteúdos muito mais voltados para suas idades, mas, na minha trajetória, ao contrário de outras crianças, escutava *Rap* dos Racionais *MCS*, *Rap* Brasil, algumas de *Facção Central*, alguns tipos de *Rocks* nacionais e internacionais, como *Paralamas do Sucesso*, *Engenheiros do Hawaii*, *Legião Urbana* e etc. Como a gênese das famílias brasileiras são fundadas dentro das configurações patriarcais e tradicionalistas, logo fui “convidado” a parar de escutar esses tipos de música, pois os estereótipos de “música de malandro” já eram produzidos e reproduzidos em diversos setores da sociedade. Desta forma, somando-se ao contexto anterior, surge o interesse de tentar entender como surgiu o *Hip-Hop*, seu contexto histórico, suas transformações, motivos que levaram à marginalização do público que reivindicava a expressão cultural e até mesmo o isolamento do público preto e pobre nas periferias e os impactos das crises cíclicas do capitalismo nestes grupos subalternizados. Somando-se a essas questões outras surgiram como tentar analisar e compreender as lutas, ações, atividades, bem como tentar entender os sentimentos que expressam através das rimas e das performances.

Estes foram os principais fatores que me levou a pesquisar este coletivo que envolve música, militância partidária, luta antirracista, e tudo mais que abrange a expressão cultural chamada *Hip-Hop*. A soma do consumo primário da cultura com os contatos posteriores na vida acadêmica, política e de militância me proporcionou uma teia de possibilidades que culminou em uma monografia de graduação e a continuação da pesquisa dentro de outros moldes muito mais específicos e aprofundados no Mestrado de Sociologia na Universidade Federal de Alagoas.

O desenvolvimento desta pesquisa será explorado e dividido entre capítulos e tópicos nesta produção e levará em conta alguns métodos de pesquisa que são de suma importância para a construção científica, além de fundamentos teóricos interdisciplinares pertinentes e coerentes, incluindo produções regionalizadas.

As estratégias e métodos de pesquisa utilizados são diversos, como revisão bibliográfica de livros, dissertações, teses, artigos, bem como de caráter exploratório no campo virtual em sites, blogs, redes sociais e contatos via *WhatsApp*, além da inserção no campo de pesquisa e o

contato presencial com os sujeitos do movimento em questão, com entrevistas presenciais e virtuais.

Está pesquisa, como já foi exposto, se direciona de certa forma para uma expressão cultural que historicamente passa por processos de subalternização por diversos motivos, dentre eles por seu público em sua grande maioria ser preto, pobre e periférico. Além disso, os espaços que frequentam e ocupam para o compartilhamento e consumo das mais variadas formas de entretenimento, possuem rótulos e estereótipos de locais onde reside apenas pessoas desviantes, assim reforçando a marginalização e exclusão dos sujeitos citados. Outra lógica também se insere neste contexto, pois nestes mesmos espaços eram e são construídos atos, ações e atividades voltadas para militância política e cultural, já que as rimas e as músicas são repletas de críticas e contestações em relação a realidade, conjuntura política e a reivindicação de identidades ideologicamente posicionadas.

Está produção/dissertação tem como objeto de pesquisa e tema central o ***Movimento de Hip-Hop Organizado no Maranhão Quilombo Urbano, caracterizado pelos próprios militantes como um movimento social***, movimento este que é composto por um público que em sua maioria se reivindica negro, periférico (de “quebrada” como alguns classificam), socialistas e revolucionários, porém, a ideologia do grupo em uma primeira apreciação analítica básica não é pré-requisito, porém, um dos objetivos desta pesquisa **é tentar entender como os membros se articulam e como articulam a cultura e militância**. O Quilombo Urbano como um movimento social, político e cultural está diretamente inserido dentro destas características aqui apresentadas, sua gênese sofre influência direta do contexto americano de onde surgiu o *Hip-Hop*, especificamente no bairro do Bronx na cidade de Nova Iorque. Mas, a difusão deste se deu em um contexto em que a mídia *offline* se encarregava de produzir e reproduzir culturas, importar e exportar culturas, padrões e estilos de vida, e estes fatores também foram decisivos para formações de estereótipos, preconceitos e problemáticas envolvendo o público da cultura, que em sua grande maioria são negros e negras. Contudo, não podemos classificar que esta produção e reprodução tenha de fato criado mecanismos de dominação e violência, estas condições fazem parte da própria essência do capitalismo, que consequentemente monopoliza riquezas, espaços, culturas e criam padrões.

Esta produção que tem por finalidade e objetivo buscar compreender o contexto histórico a partir da formação do movimento, formação cultural e política, a as bases pelas quais fundamentaram e fundamentam o movimento. Uma das principais estratégias de pesquisa é a etnografia em uma das principais atividades desenvolvidas pelo movimento que é a *Marcha da Periferia*, além de dar nomes aos sujeitos, escrever sobre eles, sobre suas trajetórias pessoais,

culturais, políticas e responder estas questões básicas: **quem são os militantes históricos? Onde residem? O que faziam e o que fazem? Quais influências sofreram?** E diversas outras que irão surgir no percurso desta pesquisa. Pontuamos que as questões, problematizações, história, trajetórias, reflexões e interpretações, são meramente de interesse científico, não é foco desta pesquisa sacralizar movimentos, partidos, militantes, ações e/ou posturas e discursos, o foco é expor a história, relações culturais, políticas, tanto internas quanto partidária, percurso, batalhas de rima, trajetórias e refletir sobre os pontos elencados, além de demonstrar os sentimentos expressos pelos militantes através de suas ações, atividades, músicas e trajetórias. As questões colocadas serão respondidas através da incursão em campo com entrevistas, participações de reuniões, plenárias, atos políticos, atos culturais e atividades em geral

A interdisciplinaridade foi um fator importante no desenvolvimento desta produção, pois de certa forma algumas pesquisas advêm de áreas disciplinares, de modo que, sua instituição no campo acadêmico já é multi ou interdisciplinar. Assim, será pertinente nos embasar em diversas fontes, autores e conceitos dos campos das Ciências Sociais/Sociologia, História, Geografia, Filosofia, Literatura, dentre outros. Do ponto de vista muito mais teórico iremos traçar um percurso que possa dar conta de entender as formações políticas, culturais, de identidade, de classe, de raça, de gênero, enfim, fundamentos que possam contribuir nesta jornada. Nossos pressupostos e pesquisas se aproximam e dialogam com a Sociologia Urbana, sociologia da juventude e sociologia dos movimentos sociais. Os documentos, como atas, estatutos, cartas públicas, exposição de regras e itens em geral do movimento, nos auxilia diretamente no entendimento das lógicas internas do movimento, de como se organizam e que norte seguem, neste sentido, os documentos são essenciais para tentar entender as dinâmicas.

Um dos interesses em investigar este fenômeno de transformações parte da tentativa de entender como estes processos se modificam e percorrem nas trajetórias. Diversas questões nos norteiam e nos fazem problematizar o conjunto do movimento em questão: **como se deu historicamente o engajamento militante, como entrada, permanência, e construção das lutas sociais do grupo? Como se deu os processos de rupturas dentro do movimento? Como articulam a política com a cultura e que sentimentos expressam através das músicas, artes e ações?** O Quilombo Urbano é um movimento social nos moldes de atuação que a autora Maria da Glória Gohn (2010) considera como “movimento do passado”, ou o movimento faz articulação com a conjuntura de cada época? **Mais especificamente, problematizamos como o movimento de Hip-Hop Organizado no Maranhão Quilombo Urbano se organiza e atua politicamente e culturalmente, e quais as estratégias utilizadas para as construções das atividades e ações políticas culturais?** Nossa principal hipótese, se

direciona na construção das identidades culturais, políticas, ideológica e étnicas dos sujeitos que foram construídas a partir do contato primário com o *Hip-Hop* e, posteriormente, reforçado e legitimado a partir das relações pessoais e acadêmicas, através de estudos e pesquisas sobre os temas.

É precioso destacar e pontuar que também buscamos nos situar na perspectiva do materialismo histórico, além de diversas outras. Nesta perspectiva também podemos apontar dois conceitos centrais que de certo modo também balizam esta pesquisa que são os de “experiência” e de classe social” em Thompson (1981), que se relaciona ao seu modo de ver os fenômenos da cultura. Para o autor citado, as elaborações teóricas estão relacionadas com as experiências que os homens acumulam em sua vivência da realidade. A experiência é determinada, uma vez que exerce pressões sobre a consciência social existente e fornece parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais. Por outro lado, a consciência social não é um recipiente passivo de reflexões do ser social, uma vez que também atua sobre ele.

Para Thompson (1981), a “classe social não é uma estrutura ou uma categoria abstrata, não é uma coisa, é algo que ocorre efetivamente, e cujo ocorrência pode ser demonstrada pela análise histórica, mas como uma relação”. A classe social é um processo, é uma relação em meio ao devir histórico, em meio ao desenvolvimento de uma consciência de classe. Analisando determinados grupos se pode notar certos padrões em suas relações, suas ideias e instituições. Segundo o autor, “a classe social é um componente econômico, e uma formação social e cultural”

É preciso considerar diversos pressupostos teóricos, incluído os citados do materialismo, que irão fundamentar as questões que são prioridades nos discursos dos membros do movimento, mas devemos levar em consideração a pertinência do foco sobre as estruturas sociais, sobre as organizações e a própria identidade militante. Neste caso procuramos não apenas aprofundar o nível de compreensão sobre as lógicas de engajamento coletivo e individual, como também discutir sobre as condições de permanência, dedicação e defecção no movimento em questão. Partimos destes pressupostos até aqui elencados, porém, construímos metas, objetivos centrais para formação de uma base norteadora que serão divididos em três capítulos. No primeiro, refletimos sobre as formas de articulação muito mais gerais, onde partimos de análises do universo social e histórico/historiográfico do movimento, considerando também a história oral. No segundo capítulo, exploramos as organizações, atividades, atos, tensões e principalmente a etnografia da principal atividade desenvolvida pelos mesmos, que é a marcha da periferia. Também apresentamos alguns documentos como atas, fotos de reuniões, um dos estatutos datado de 1998, projetos articulados e realizados pelos mesmos, existe uma variedade de

documentos, entrevistas e fatos que constituem a história política e cultural do Quilombo Urbano. Já no terceiro e último capítulo direcionamos nosso olhar para as trajetórias de alguns membros fundadores do movimento, considerando a cultura, a política e a militância.

Neste capítulo propomos refletir sobre as trajetórias sociais e a multiplicidade de lógicas subjacentes a participação política, das formas de vivência da militância e de várias outras dimensões ligadas ao fenômeno, o uso de entrevistas bibliográficas construirá um dos instrumentos metodológicos atentando para nova configuração imposta pelo COVID-19.

CAPÍTULO 1:

Contexto Histórico do Movimento de Hip-Hop Organizado no Maranhão Quilombo Urbano – Transformações culturais, políticas, atuação e contradições

O Quilombo Urbano constrói seus alicerces nas periferias de São Luís - MA, inicialmente com objetivos despretensiosos dentre jovens das mais variadas periferias. No entanto, a forma mais acabada do movimento não existia como QUILOMBO URBANO, eram apenas jovens que buscavam entretenimento, pois o cenário da Capital nas periferias era de intensa pobreza, das mais variadas, desde a estrutural até a falta de espaços adequados para o compartilhamento e consumo de culturas, a partir daqui notamos a necessidade dos sujeitos se descolarem para outros bairros para buscar distração, dentre os bairros, o centro da cidade foi o principal palco, na praça Deodoro.

O *Hip-Hop* surge em São Luís através das mídias *offline*, como rádio, TV, revistas, programas de plateia, jornais impressos, isto é, a partir do processo de globalização que já se mostrava como uma ferramenta propagadora de culturas, produtos, serviços e principalmente problemas. Santos (2015), relata que, segundo

Dias (2002), foi assistindo aos filmes “*Flash Dance*”, “*Break Street*” e “*Beat Street*” no antigo Cine Monte Castelo, entre os anos de 1983/1984, além das apresentações de Michael Jackson na televisão, que parte da juventude ludovicense se interessou por um estilo de dança que mais tarde viria a conhecer como o nome de break, pois, até então, era chamada de dança americana. (SANTOS, 2015, p. 101)

O “boom” na capital ludovicense se dá nestas configurações auxiliada por uma via da globalização, assim como em outras partes do país. Estes primeiros passos foram balizados por essa estrutura que envolve os meios de comunicação de massa que adentraram diversos guetos e grupos de jovens em diferentes setores, inseridos ou não em diferentes culturas. Podemos notar que alguns elementos constitutivos do *Hip-Hop* adentram de forma mais sistemática e ganha a simpatia do público interno, através da dança, o “*Break*”. Porém, este é apenas um destes elementos que compõe o *Hip-Hop*, os quatro elementos constitutivos são: **DJ**, que basicamente se estrutura através da manipulação das *Pick-ups* (toca-discos); **MC**, que atuam

nas escritas das letras; O “**Break**” como uma dança; e o **Grafite**, que se faz presente neste conglomerado, basicamente como uma forma de expressão muito mais variada.

Como já exposto, as influências internas e externas foram decisivas na formação do movimento, mas dentro dos discursos e entrevistas analisadas podemos afirmar inicialmente, que em um determinado momento desta formação existiu a necessidade como fator aglutinador entre práxis teórica e o desenvolvimento da expressão cultural da qual os sujeitos estavam se integrando ou reivindicando pra si. Essa integração citada nos remete diretamente a Bourdieu (1963,1972), quando o mesmo trata do conceito de *Habitus*, que vai surgir a partir de imperativos interligados ao empirismo para tentar compreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos. Neste sentido, *Habitus* nas palavras de Bourdieu (1983, p. 65)) pode ser visto como “*um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando toda as experiências passadas, funciona a cada momento com uma matriz de percepções*”. Pertinente pensar Bourdieu nestes processos integradores onde as “estruturas estruturadas” se fazem estruturantes nestas trajetórias.

Após esses processos mais aglutinadores dos elementos do *Hip-Hop*, um quinto surge e se transforma em um divisor de águas dentre os mais diversos movimentos e as fortes influências, que seria o “quinto elemento”, elemento este que Teperman (2015) no apresenta em seu contexto histórico:

Já em 1977, o músico Afrika Bambaataa havia criado a Zulu Nation, tida como a primeira organização comunitária do hip-hop. Bambaataa pretendia combater a violência entre gangues promovendo a competição por meio dos chamados “quatro elementos”: DJ, MC, Break e grafite. Bambaataa passou a defender a existência de um “quinto elemento” dentro da cultura do Hip-Hop: O conhecimento. A ideia é um contraponto à redução do rap um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação. (TEPERMAN, 2015, p. 27)

Este “quinto elemento”, a partir de análises iniciais podemos expor que durante a construção do movimento e a partir dos discursos ficou evidente que ouve a real necessidade de se buscar conhecimentos, sejam eles muito mais gerais ou específicos, as entrevistas com alguns membros do movimento dão base para tal afirmação. Citamos *habitus* de Bourdieu (1983) como fator integrador, que de certa forma está correta tal relação, pois neste contexto americano o conhecimento se fez necessário para fundamentar lutas e discursos dentro do movimento negro, assim como no contexto regional do Quilombo Urbano, antes e após seu surgimento, o conhecimento e delimitação de algumas áreas foram e continuam sendo exploradas para fundamentar e construir alicerces dentre os sujeitos e suas manifestações públicas, independe de quais.

Os pilares constitutivos do *Hip-Hop* se estruturam nos esquemas acima citados, os quais, por sua vez, produziram história com base em lutas sociais através da arte de rua, que engloba os *elementos* insistentemente citados por membros dos grupos e pesquisadores dentro e fora da academia. O quinto elemento colocado em tese traz à tona um componente crucial para a criação de condições objetivas e subjetivas de indivíduos envolvidos na construção, legitimação e luta pelo que conhecemos como *Hip-Hop*.

Para a construção desta dissertação, é necessário considerar esta gênese do movimento, pois existe uma diversificação de trabalhos sobre o tema, porém, entende-se nesta pesquisa, a relevância de contextualizar este surgimento, mas vale pontuar que não se trata de estar hipnotizado pelo “**ídolo das origens**”² ou do grupo em questão, **mas de possibilitar ao leitor uma compreensão mais global do fenômeno exposto.**

Assim como no contexto americano, a expressão cultural surge em meio a conflitos internos, externos e exteriores que culminam também em mecanismos de marginalização do público, a periferização do conjunto da expressão, até criação de lutas para a reorganização do espaço urbano em que estes jovens pudessem atuar. Historicamente, estes espaços possuem problemáticas que envolvem questões sociais mais gerais como tráfico de drogas, prostituição, violência policial e urbana, falta de infraestrutura, falta de investimentos nas áreas de educação e saúde, os diferentes graus de pobreza e o conjunto de opressões dentre eles de classe e raça. Loic Wacquant (2004), debate a questões das contradições presentes nestes espaços, quando discorre que:

Articular o conceito de gueto permite-nos distinguir a relação entre “guetização”, pobreza urbana e segregação e, assim, esclarecer as diferenças estruturais e funcionais entre os guetos e os bairros étnicos. Também nos permite salientar o papel do gueto como incubador social e matriz na produção de uma identidade maculada. 1. A pobreza é uma característica frequente, porém derivativa e variável, dos guetos: o fato de a maioria dos guetos historicamente terem sido lugares de miséria endêmica e não raro aguda, devido à carência de espaço, densidade demográfica e exploração econômica e do maltrato generalizado de seus residentes, não implica que o gueto necessariamente seja um lugar de destituição ou lugar uniformemente desprovido. WACQUANT, 2004, p. 154)

² O historiador Marc Bloch (p. 56-60), já faz algum tempo, criticara o chamado ídolo das origens no campo historiográfico: “[...] a explicação do mais próximo pelo mais distante dominou nossos estudos às vezes até à hipnose. Sob sua forma mais característica, esse ídolo da tribo dos historiadores tem um nome: é a obsessão das origens.” O problema é que “para a maioria das realidades históricas, a própria noção desse ponto inicial permanece singularmente fugaz”. Ainda assim, alguns pensam que pelas origens estão entendendo as causas, assim, “para o vocabulário corrente, as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar. Aí mora a ambiguidade; aí mora o perigo”. Ora, “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora de seu momento”, pois como afirma um provérbio árabe, “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”.

Necessariamente, estas configurações deram abertura para que estes jovens pudessem buscar alternativas para o enfrentamento de tais problemáticas. O autor acima esclarece tais condições em que estes sujeitos estão inseridos. Mas quais seriam essas alternativas? No decorrer deste trabalho iremos expor a atuação histórica e seus métodos, que de forma mais sintética, expomos as manifestações culturais e políticas nas ruas, praças e espaços precarizados, que englobam a dança, poesias, músicas, grafites como formas de integração social.

1.1 O Surgimento do Quilombo Urbano e o processo de organização política e Cultural

O berço do *Hip-Hop* maranhense surge em São Luís, como já citado, mas, a integração, socialização e popularização só foi possível a partir da TV, revistas e outras formas de propaganda televisiva, porém, estes pressupostos só foram incorporados a partir das aproximações que foram se construindo a partir do consumo e socialização da expressão cultural, que foi feita a partir de um conjunto de jovens das periferias da Capital que se subdividiam geograficamente e inicialmente, como aponta entrevistados, nos seguintes bairros: Cidade Operária, Vila Palmeira, Cohatrac, Macauba, Liberdade, Areinha, em resumo, eram jovens negros espalhados pela cidade. Estes jovens se reuniam no centro da cidade especificamente na Praça Deodoro, praça esta que já foi palco dos mais variados atos políticos e culturais, ponto estratégico para os encontros destes jovens. Nestes encontros alguns jovens já tinham incorporado alguns elementos do *Hip-Hop* do qual mais se identificavam, como dança, grafite e MC, simplesmente gostavam de ouvir as músicas ou apenas acompanhar as apresentações como pequenos shows, *beatbox*, rodas de *rap*, além da apreciação dos artistas nacionais que também serviram como inspiração, artistas como do grupo Racionais MCs dentre outros, tudo isto no espaço público.

As realidades nos guetos espalhados pelo país se mostram de forma bastante problemática, em grande parte causada pelas ausências de políticas públicas eficazes e de projetos que busquem incluir estes jovens nos círculos culturais e educacionais. Em São Luís não foi e não é diferente, os jovens que se encontravam nas praças normalmente eram jovens que buscavam uma alguma fonte cultural acessível da qual pudessem consumir, mas inicialmente estes jovens em questão, de acordo com Rosenverck Santos (2015), eram,

Em parte, pichadores envolvidos em gangues, drogados próximos da delinquência, jovens sem perceptivas e projetos na e para a periferia

(quebrada), que se viram, por meio do Hip-Hop transformados em militantes políticos com reivindicações sociais e projetos de sociedade. (SANTOS, 2015, p.124)

Como aponta a citação, parte destes sujeitos eram completamente sem perspectiva, e o consumo da cultura fez que com muitos destes pudessem transformar suas vidas e buscar alternativas pessoais e coletivas de mudança, que posteriormente será exposta neste trabalho. Ribeiro (2009) relata que *"o que mais tarde, em 1989, influenciou de forma significativa na construção de um instrumento de organização da juventude negra periferia da capital maranhense: O Movimento Hip-Hop Organizado do Maranhão Quilombo Urbano"*.

O movimento vai surgir enquanto um grupo organizado em meados dos anos 1990, entre 1989 e 1994, que segundo um ex militante e pesquisador Rosenverck Estrela, nos relata em entrevista:

O Quilombo Urbano vai surgir entre 90 e 94, nome foi inclusive uma ideia do Hertz, eu lembro até eu lembro até que eu estava com ele nesse dia que estava na praça Deodoro quando a gente estava pensando em fazer uma, uma, uma entidade organizada mesmo com o estatuto da carteirinha que as pessoas se filiassem isso a partir de algumas ideias que a gente está vendo que tinham surgido em São Paulo né em São Paulo ela tinha o movimento ela tinha o movimento de *Hip-Hop* organizado. No Ceará também tinha um movimento organizado de que era o MH2O então a gente tinha essa ideia e aí a gente estava buscando um nome e o Hertz propôs porque a gente a gente tinha essa perspectiva que nós nós nós nós nós nos pensávamos se pensa ainda hoje como um movimento social algum movimento político social ou como eu eu costumo dizer como movimento político cultural que que faz parte que é uma entidade também do movimento negro é um movimento social que faz parte das entidades do movimento negro tanto é que nos anos 90 a gente fez parte do fórum estadual de entidades do movimento negro também aqui em São Luís. Basicamente é isso nasce anos 90 e começo dos anos 90 para reunir politicamente culturalmente esses jovens dos vários bairros periféricos de São Luís que já gostavam de de break de rap de grafite e a intenção era juntar todos num mesmo movimento que tivesse um estatuto tinha uma carteirinha que esses princípios políticos espécie um objetivo estratégico político de transformação da sociedade.

Avaliando parte da entrevista conseguimos elencar uma série de elementos importantes e agentes potencializadores na construção e legitimação do Quilombo Urbano enquanto movimento social. Mas, a questão de identidade se faz muito presente nos discursos dos sujeitos pesquisados.

Diversos autores nos contemplam com suas noções de identidade, como Anthony Giddens que metodologicamente em sua obra *Modernidade e Identidade* no apresenta questões relacionadas basicamente sobre reflexibilidade e estruturação como alguns dos pontos centrais de seu pensamento. As dinâmicas da vida social estão inseridas em um contexto histórico de transformações que consequentemente alteram as concepções de mundo, cultura, identidade,

política e econômica. Dentro de um recorte muito mais histórico o Iluminismo foi um divisor de águas nesses aspectos aqui citados. Os ritmos se alteram, como nos apresenta Giddens (1938):

O mundo moderno é um mundo em disparada: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que qualquer sistema anterior; também a amplitude e profundidade com que ela afeta as práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores. (1938, p. 22)

O autor em questão nos expõe que a modernidade pode ser um fato preponderante de mudanças sociais a partir de uma série de fatores, dentre eles os comportamentos e práticas sociais. A partir daí podemos entender uma das diversas dinâmicas das construções de identidade, segundo Giddens (1938).

Além das noções identitárias, o entrevistado relata sobre a necessidade de se legitimarem enquanto movimento social organizado com “**estatuto e carteirinha**”. Em análise mais básica, tal necessidade surge para passar seriedade e legitimidade para o movimento e tentar atrair novos membros. Um dos trechos de um dos estatutos diz o seguinte:

O movimento *Hip-Hop* Organizado do Maranhão é uma organização suprapartidária, plurirreligiosa, afro-brasileira, socialista e revolucionária que utiliza o Hip-Hop através de seus elementos (Rap, Break, Grafite e Smurf Dance, etc.), como instrumento de mobilização do povo preto e pobre e propagador de seus ideais revolucionários.

Essa passagem se faz presente em um estatuto, mas, existam outros, pois as regras iam se modificando e se adaptando acordo com as exigências dos militantes. Tivemos acesso a um estatuto que foi construído em 1998 que em seus primeiros objetivos podemos expor diz o seguinte:

Objetivos:

- 1 Mobilizar, conscientizar e organizar o povo preto e pobre da periferia pra lutar pela eliminação do racismo e demais formas de opressões tendo como estratégias a destruição do capitalismo através da revolução afro-brasileira e posterior a construção de um Estado Operário Socialista e democrático;
- 2 Resgatar e difundir a história do povo afro e pobre do Maranhão, do Brasil e do mundo;
- 3 Lutar pelo resgate da autovalorização e autoestima dos descendentes afro do Maranhão, do Brasil e do Mundo;
- 4 Divulgar o Hip-Hop politizado e outras culturas afro subversiva e lutar contra o seu embranquecimento e elitização;
- 5 Eliminar fronteiras e procurar a União entre todas as periferias, morros, favelas e demais localidades pobres servindo como elo de ligação entre os mesmos;

6 Lutar pela eliminação da opressão e exploração e conscientizar a população que tal fim jamais será atingido por dentro das instituições legais do capitalismo e sim através da violência revolucionária;

7 Levar o *Hip-Hop* politizado e “massas” propostas revolucionárias de sociedade para dentro dos presídios, cadeias, centrais de recolhimento, Febens etc... (Estatuto do Quilombo Urbano – Em Anexos)

Estes são os objetivos iniciais contidos no estatuto de 1998, o mesmo apresenta regras, deveres e organizações que seguem nessa linha organizatória:

- 1- Descrição do Quilombo Urbano;
- 2- Objetivos;
- 3- Dos Militantes;
- 4- Deveres do militante;
- 5- Diretos dos militantes;
- 6- Coordenação geral;
- 7- Das posses;
- 8- Dos núcleos.

Cada ponto do estatuto discorre sobre regras que os militantes deviam seguir religiosamente, regras estas que foram construídas a partir de reuniões e debates internos e aprovados pelos mesmos. No entanto, o Quilombo Urbano não está livre das **contradições internas**, como o desacordo entre estatuto e prática, pois em certo trecho se diz um movimento “**suprapartidário**”. E a trajetória/história dos mesmos nos mostram diversas convergências, como o rompimento de relações internas por causa de divergências políticas partidárias, rompimento por conta de divergências nos interesses culturais iniciais, entre outros. Existe uma lógica de engajamento militante, porém, elas possuem suas particularidades culturais e políticas que serão exploradas nos próximos capítulos com relatos, cartas abertas e entrevistas.

Outros pontos a serem destacados são o da coordenação geral que informa o funcionamento do cérebro da organização, os quatro pontos dizem o seguinte:

- 1 A coordenação geral é instância máxima do Quilombo Urbano, eleita em assembleias ou encontros estaduais, cujo objetivo é orientar a aplicação da política do Quilombo Urbano;
- 2 Organizar informativos, circulares internas, jornais, manifestos;
- 3 A coordenação deve informar os militantes sobre o andamento da vida interna do movimento;
- 4 Com aprovação de 50% mais 1 dos militantes, a coordenação geral poderá ser removida antes mesmo do esgotamento do prazo preestabelecido para sua gestão.

O princípio organizativo nesta de 1998 nos mostra claro e nitidamente os interesses e objetivos da época e para a época, pois, após este surgiram outros debates de outros estatutos

que não tivemos acesso até o momento. Porém, a cabeça da organização tinha como função básica de aplicar políticas, orientar militantes, debater situações e em último caso, desfazer a coordenação se fosse de acordo com mais de 50% dos membros. Como o este documento já possui 24 anos e diversos riscos e borrões iremos colocá-lo nos anexos, mas logo abaixo vai um pequeno recorte de uma página:

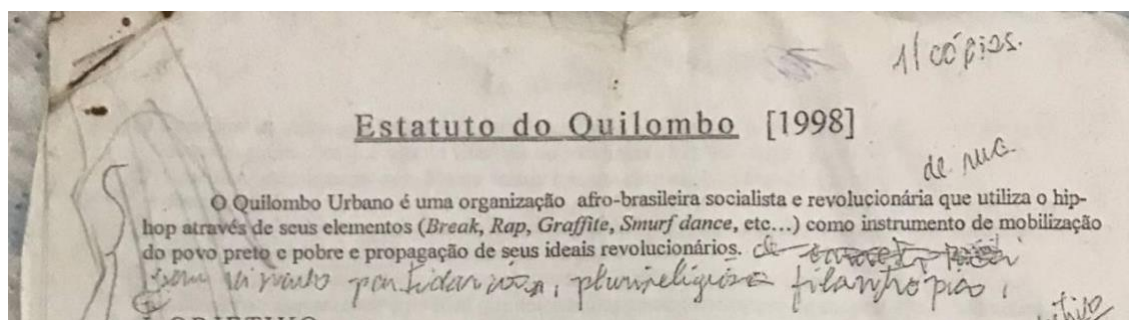


Figura 2 Fonte: Documentos internos do próprio Quilombo Urbano.

O documento apresenta anotações de lápis e caneta e algumas correções feitas no texto digitado, mas de caneta. acreditamos que as imperfeições devem ter sido sanadas em outras versões. Do ponto de vista mais sócio-históricos, este documento é um elemento chave para entender a formação do movimento enquanto organização política e cultural.

A legitimação enquanto movimento organizando vai se materializando a partir dos processos mais gerais, porém, a base política externa ainda seria fator formativo e ideológico que posteriormente se unificaria com pautas internas e externas do movimento, pautas estas que girariam em torno do público “*preto e pobre*”, jargão utilizado pelos militantes, pensando desde a inclusão destes em círculos formativos ou em projeto que pudessem de certa forma saciar a ausência de bens culturais ou na formação de uma base muito mais crítica em relação a realidade. O *Hip-Hop* nasce como um fenômeno que se utiliza da crítica e contestação, mas seu público historicamente passa por estes processos de formação e de transformação, como nas palavras de Rosenverck (2015), “*eram jovens sem perspectivas*”, que circulavam sem projetos pessoais ou coletivos.

Os projetos que foram surgindo a partir destes objetivos de “propagar” os ideais da expressão cultural ou das lutas internas e externas e a partir deles começam surgir as “posses” como estratégia de descentralização dos encontros na Praça Deodoro e como alternativa organizacional. As primeiras posses começaram pelos bairros da Cidade Olímpica, Redenção, João Paulo, Vila Sarney, Liberdade e etc. Estas bases foram decisivas para a difusão e fortalecimento do *Hip-Hop* entre os jovens nestes espaços periféricos, já que o acesso aos outros

bairros, principalmente o centro da cidade começou a ficar mais complexo pelo crescente volume de veículos na capital em consequência do crescimento urbano e demográfico que dificultava ainda mais o deslocamento dos mesmos. Nestes mesmos bairros, estes jovens já estavam em contato com alguma cultura difundida pelas mídias *offline*, como o *Rap*, *Rock* ou artistas mais diversificados. Rosenverck Estrela nos revela em entrevista sobre as dificuldades de articulação de encontros ou de ter acesso aos eventos organizados:

A gente sentia a necessidade de descentralizar mais, de sair da Praça Deodoro, eu saía da Cidade Operária e ia toda sexta, era sagrado, toda sexta eu saía daqui e ia para praça Deodoro, não só eu, por exemplo tinha Lamartine saía do Cohatrac andando pois não tinha passagem, vários iam andando, outros iam do Sacavém, outro chamado Preto Nando, e outros tantos iam andando. A gente não, eu, Costela que era daqui, tinha o pessoal dali que dançava, que fazia grafite, Aurelio, Davimar, o Marquinhos que dançava Break, a gente ia de ônibus, era sagrado, toda sexta a tarde a gente ia porque no final da tarde tinha uma roda de Break na Praça Deodoro de todos os lugares de São Luís, então a gente se encontrava lá. (Rosenverck Estrela, 2022)

Neste relato a história dos sujeitos se mostram de forma mais dinâmica em relação a Geografia da cidade que se converge dentro dos mesmos objetivos. Os encontros vão se formando e dando corpo aos subgrupos nos bairros com suas “posses” e a partir delas começam surgir pautas mais regionalizadas nos seus respectivos bairros, com campanhas, atos, shows, convocatórias para reuniões e tentativas de esclarecimentos sobre o próprio movimento que estava surgindo e ganhando as periferias da Capital maranhense, como mostra alguns documentos resgatados nesta pesquisa que iremos disponibilizar as imagens no decorrer deste trabalho. Em relação as “posses”, elas se apresentam de maneira didática pedagógica em relação ao seu funcionamento, Andrade (1999) relata tal princípio formativos, mas, de acordo com este autor:

A posse tem como objetivo desenvolver atividades artísticas entre os membros do próprio grupo, com ensaios nas reuniões semanais ou quinzenais; agendamento de apresentações musicais em escolas e organizações não governamentais [...] algumas procuram articular-se em partidos políticos, participando de debates, ou entidades do movimento negro, com os quais buscam integração para obtenção de informações que envolvem a temática negra (ANDRADE, 1999, p.89)

As reivindicações do movimento pesquisado se funde com os princípios que Andrade (1999) nos apresenta sobre posse, pois o discurso da negritude e da questão de raça e classe é presente em todas as instâncias, desde os discursos até as letras das rimas e músicas dos grupos, e em determinados momentos se transformam em objeto de tensão entre grupos regionalizados,

como o Quilombo Urbano no Maranhão e o MH2O do Ceará, que tentavam organizar uma articulação entre grupos com seus debates internos, porém, ambos queriam pautar os debates e bandeiras dentro destas questões. O Quilombo Urbano ressaltava a questão da **raça** como sendo fator principal e o MHSO o de **classe**, como sendo fator principal. As relações foram construídas a partir de diversos debates, encontros e reuniões que tinham objetivos variados, dentre eles a construção de uma entidade nacional de *Hip-Hop*, como mostra um documento convite de 11 de junho de 1997 que está em anexo.

Todas estas questões apresentadas eram debatidas internamente nas posses que além da questão cultural, se debatia questões políticas, inclusive políticas partidárias. O convite aos “*manos e manas*” tinham suas ideias centrais e também eram discutidas internamente. A disputa interna variava dentro das perspectivas regionalizadas ou até mesmo a criação de regras e princípios de um novo movimento de *Hip-Hop* organizado que surgiria a partir do próprio Quilombo Urbano, que seria a “*Nação Frutos da Raiz*”, como consta em documentos resgatados nesta pesquisa, como ata de reunião, e os próprios princípios.

Os princípios organizacionais do *Nação Frutos da Raiz* carregam as assinaturas dos membros mais antigos do Quilombo Urbano, como **Verck**, **Segundo** e **Góes**. No documento sem data podemos perceber desde uma ortodoxia mais “revolucionária” até princípios contraditórios. Porém, os jovens que compunham o movimento estavam em processo de formação política e cultural, começando ter acesso a leituras do mundo através dos envolvimento externos do movimento. O documento cita regras, normas, condutas e princípios comportamentais, que serão transcritos nesta dissertação e colocado em anexos. Segue a transcrição (o item número 1 está riscado de caneta no documento oficial):

- 1- Respeitar os 10 mandamentos da lei de Deus;
- 2- Autovalorizar-se;
- 3- Lutar pela liberdade mental, física e espiritual do nosso povo;
- 4- Utilizar a cultura do *Hip-Hop* para os objetivos da nação;
- 5- Está integrado as atividades do Quilombo Urbano;
- 6- Não consumir ou contribuir para o consumo de drogas legalizadas ou não, salvo sob orientação médica;
- 7- Manter-se inserido nas atividades político culturais dos movimentos populares, estudantis e sindicais a serviço do Quilombo Urbano;
- 8- Responder pela nação somente quando autorizado;
- 9- Utilizar a violência somente como autodefesa;

- 10- Nunca expor sigilos da Nação;
- 11- Resgatar e propagar os verdadeiros heróis e heroínas do nosso povo;
- 12- Submeter-se ao tribunal da nação

Como já citado, o documento sem data se mostra cheio de rasuras de caneta que foram feitas após sua construção. Acreditamos que as regras foram se modificando de acordo com os processos formativos dos militantes e as reuniões de constituição histórica do movimento que vai se reorganizando e se reinventando em sua trajetória.

Destaca-se a organização dos membros em relação as regras, políticas internas e externas, mas, como já exposto, tudo era debatido internamente e passava por avaliação do grupo, e as posses eram espaços legitimados e de encaminhamentos, como consta em algumas atas que tivemos acesso e documentos que mostram **a tentativa de apresentar o Quilombo Urbano como uma organização “revolucionária” que estaria a serviço do povo “preto e pobre”**, como consta nesta carta aberta sem data, mas acreditamos que tenha sido produzida há mais ou menos 10 anos após a origem do movimento. Carta da “Posse Comuna” do Bairro Cidade Olímpica consta em anexos.

Neste documento os mesmos se autodenominam como **“herdeiros de todos aqueles que lutaram em busca da liberdade e da igualdade”**. São discursos que necessitam de análises muito mais acauteladas, pois de acordo com Foucault (1970), em todo caso, uma coisa ao menos deve ser ressaltada: a análise do discurso assim entendida não desvenda a universalidade de um sentido. Assim, nem todo discurso proferido constrói uma totalidade dos sentidos expostos, nem mesmo através das fontes escritas que reproduzem o seu tempo e espaço, como a ata de reunião do *Nação Frutos da Raiz* de 21/01/1996 que apresenta pautas de encaminhamentos e revisões de documentos. Iremos analisar tais documentos após suas exposições, mas, mais uma vez, será necessário transcrever alguns pontos pela incompreensão de algumas partes do documento feito a caneta (documento em anexos). A pauta:

- 1- O débito de dona Zezé (mãe de Mano Góes);
- 2- O contato com Verck por telefone no sábado 25/01 e as correspondências no final do mês corrente;
- 3- Definir as pautas para reunião de sábado 25/01.

Nesta reunião existe tentativas de reformulações e de ajuda a membros das famílias dos militantes, neste caso, a mãe de um dos membros mais antigos da organização, Góes. Seguindo com a descrição, nesta reunião ficou acertado que:

- Cada membro da NFR iria contribuir com no mínimo 7,00 (sete reais), no máximo até dia 28/01/1997 para ajuda de custo de dona Zezé;
- No decorrer da reunião será feita uma ligação para Verck levar as cartas e informativos para Góes e Verck “imprimir no sábado” (*o trecho não dá para entender direito, por este motivo está entre aspas*) 25/01/1997;
- Analisar os princípios básicos da NFR;
- O relacionamento NFR/QU (atividades);
- A criação de um simbolismo para distinguir os militantes da NFR dos demais militantes do QU;
- A discussão sobre os estereótipos racistas;
- Ajuda de custos entre os militantes da NFR.

A ata da reunião é assinada por sete militantes, dentre eles Ribamar, Mc-Mamãe, Antônio MC, Filho, RW, Celso, e a outra assinatura não está legível.

Os encontros debatiam questões internas e externas, como as elencadas a partir dos documentos do movimento, porém, os militantes construíam e realizavam atos e posteriormente avaliavam seus métodos e organização em geral, como neste documento do dia 23 de outubro de 1996, onde analisam um ato no bairro do Coroadó e Camboa (periferias de São Luís), além da construção de um festival. Além da logística de ordem mais prática, o grupo debatia questões ligadas a reprodução de estilos musicais nos atos, neste ponto se faz pertinente pensar Walter Benjamin (1892-1940) em seu livro “*A Obra de Arte na época de Reprodutibilidade Técnica*”, onde o mesmo faz diferenciação entre técnicas e suas peculiaridades. Benjamin (1892-1940) problematiza questões mais específicas, como “*a obra de arte sempre foi, por princípio, reprodutível*”, e tal reprodução parte de uma certa imitação dos homens que consomem das diversas artes, dentre elas a debatida aqui nesta pesquisa juntamente com as configurações que se apresentam historicamente. Na discussão dos atos na ata, nota-se uma preocupação em relação ao sentido da arte, que faz parte da essência do movimento, que nos remete ao que Benjamin (1892-1940) diz que “*a reprodutibilidade técnica da obra de arte altera a relação da massa com a arte*”, contudo, os comportamentos citados em ata se mostram avesso a essa alteração com público externo, todavia, com o interno existe ou existiu esta tensão.

Os problemas nas periferias são históricos e atemporais e a história do Quilombo Urbano nasce e se solidifica nestes espaços que automaticamente viram palcos e centros de criação das artes/e ou dos elementos que constituem o *Hip-Hop*, os problemas sociais neste caso podem funcionar como um motor para o desenvolvimento da criatividade que são utilizados nas

músicas, rimas e transformações destes em críticas e contestação da realidade precarizada. Em analogia a isso, Giddens (1984), debate que:

A constituição dos agentes e estruturas não são dois conjuntos de fenômenos dados independentemente – um dualismo -, mas representam uma dualidade. A dualidade da estrutura é sempre a base principal das continuidades na reprodução social através do tempo e espaço. (GIDDENS, 1984, p. 102)

Esta dualidade se mostra nas estruturas periféricas em debate, contudo, estes espaços se “fermentam”, segundo Norma Takeuti (2010):

Precisamos, inicialmente, esclarecer, que ainda de maneira sucinta, o que se capta por “periferia em fermentação”. A entrada ao novo milênio começou mostrando uma movimentação inédita em alguns territórios urbanos: se, antes, a “periferia” era visível apenas como lugar e infâmia (violências diversas, crimes, tráfico de drogas...), ela passou a expor também um cenário em que se disseminam inventividades artísticas literários-culturais-esportivos com produções que chegam a escoar para fora dela. (TAKEUTI, NORMA, 2010, p. 14)

Um dos papéis históricos das posses, de acordo com Silva (1999), é que se tornar sobrevivente, implica buscar apoio nos próprios “*manos*” e denunciar as formas de opressão. Além deste papel, ela também apoia o escoamento cultural periférico que se transfigura em construção de identidades que se deslocam das periferias e ganham sentido em espaços elitizados, no que diz respeito no consumo destas produções. Existe uma variedade de exemplos, principalmente dentro do *Hip-Hop*, que no universo do Quilombo Urbano vira disputa interna com tensões beirando os extremos. Extremos estes que foram exteriorizados através de cartas públicas de repúdio que serão apresentadas na íntegra nesta dissertação. O exemplo de “cultura periférica”, podemos expor inicialmente, é uma música baiana do ritmo de axé que em um certo trecho diz: “*é som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado*”. Essa música legítima nosso argumento em relação ao escoamento das produções das periferias que adentram subsectores que em grande parte são inacessíveis aos jovens das comunidades, como as micaretas ou boates que reproduzem as culturas de origem periférica.

Em meio a este processo constitutivo, o movimento em questão organizou diversos atos, shows, reuniões, batalhas de rap, festivais, enfim, uma totalidade que girou e gira em torno dos principais objetivos do grupo que se faz presente nas reuniões, estatutos e regras, uma delas a de mobilizar o povo preto e pobre. Dedicaremos parte de um capítulo para descrever alguns outros momentos importantes nesta história, como exemplo a construção de festivais de *Hip-Hop*, batalhas, reuniões e atividades em geral.

Em 1995 foi realizado o V Festival de *Hip-Hop* intitulado, “*Tributo a Zumbi de Palmares*”, que foi organizado e realizado pelo Quilombo Urbano. Estes festivais eram compostos por grupos que pertenciam ao Quilombo Urbano e a grupos que recebiam os convites, contudo, os organizadores se encarregavam de ditar as regras e expor seus objetivos nestes festivais e, nestes mesmos espaços os membros do movimento faziam questão de deixar claro que a cultura mercadológica não seria priorizada e seria combatida nos espaços ocupados e organizados por eles, como mostra documentos dos quais tivemos acesso que serão disponibilizados alguns recortes no corpo deste texto e na íntegra nos anexos. Abaixo temos a capa e a contracapa do projeto do V festival de *Hip-Hop* (que também se encontra em anexo):

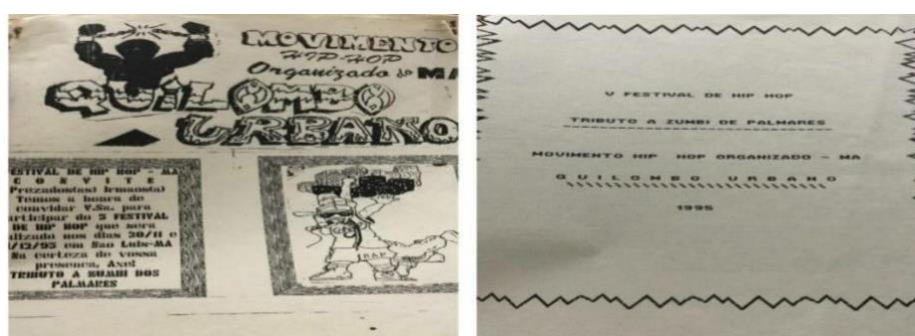


Figura 3 - Fonte: Acervo Quilombo Urbano

Algumas características dos elementos da expressão cultural se fazem presente na capa do projeto, como o desenho de pessoas dançando *Break*, no fundo um desenho de uma possível comunidade, e acima a imagem de um negro quebrando correntes que simboliza o processo de libertação das opressões que os mesmos pregam.

Analisando os documentos históricos e os discursos contidos neles compreendemos a presença de aversão a cultura mercadológica, e essa aversão posteriormente iria virar um conflito interno que gerou expulsão de membros fundadores do Quilombo Urbano. Como já citado neste capítulo, posteriormente iremos expor a situação do conflito que culminou em rupturas e construção de carta de repúdio.

O documento que apresenta o projeto do festival está subdividido em:

- **Cronograma:** Onde apresenta as datas e apresentações culturais e políticas do evento
- **Apresentação:** Neste início o documento apresenta uma breve apresentação do Quilombo Urbano onde se apresentam como uma “entidade político-cultural” de cunho socio-racial, plurirreligiosa, suprapartidária, não governamental e sem fins lucrativos. Além de expor o *Hip-Hop* como uma linguagem que articula a crítica aos problemas sociais, mas, as críticas nesta apresentação também se direcionam aos que eles

classificam como “oportunistas”, aqueles que seguem vias da mercantilização do *Hip-Hop* ou a tentativa de ganhar dinheiro com a cultura;

- **Justificativa:** Aqui tentam justificar a realização do evento elencando uma série de argumentos que giram em torno de pautas reivindicatórias regionalizadas e nacional. Justificam o evento como uma tentativa de conscientizar a juventude e as periferias sobre as problemáticas das quais estão inseridas;
- **Objetivos:** Aqui elencam objetivos gerais e específicos onde propõem uma reflexão coletiva sobre o cotidiano e exaltar a memória de personagens da história, como Zumbi, Malcom X, e expor as atividades gerais.
- **Metodologia:** Apresentam o evento como um ato-show, onde as apresentações de shows e gerais serão as partes principais do evento.

A trajetória do evento segue sistematicamente essas etapas, mas, além do exposto os membros também apresentam as metas a serem alcançadas e uma avaliação coletiva do evento feita através de opiniões dos participantes através do preenchimento de um formulário em urnas espalhadas pelo local, e relatórios das entidades e patrocinadores que participaram do evento.

Analisando estes eventos históricos nota-se um processo de aglutinação metódica da política com a cultura, porém, a cultura articulada com a política nos apresenta um aspecto dicotômico, contudo, esse caráter se rearticula com uma atuação ligada a militância e aos movimentos sociais e seus campos de ação, cabe agora tentar entender suas pautas, formas de atuação e as construções de identidade. O movimento do passado transita entre pautas e reivindicações e se reinventa de acordo com as conjunturas, porém, de acordo com Gohn (2010):

Os movimentos do passado possuíam papel universalizante, uma vez que lutavam pelo “direito a ter direitos” (p.17). Mas hoje, o que se busca é o reconhecimento e o respeito as diferenças e às demandas e características particulares representado pelos movimentos identitários. Atualmente existe grande variedade de associações, articulações, projetos e experiências, refletindo a ampliação do leque dos movimentos sociais. (GOHN, 2010)

As pautas identitárias na perspectiva do Quilombo Urbano vão se adaptando e ganhando novas técnicas e métodos de lutas sociais, pois, como articula a autora citada, os movimentos do passado lutavam “para ter direitos”, e na transição do passado para o presente as lutas por conquistas continuam, porém, a luta por legitimação de conquistas se soma as lutas do passado.

Os parâmetros organizacionais dos movimentos apresentados por Gohn (2010) nos auxilia no entendimento histórico dos grupos, no entanto, Bittencourt (2021) nos apresenta

elementos que podem ser balizadores destes grupos em uma linha cronológica de acontecimentos:

Os coletivos se apresentam como umas das mais importantes expressões culturais dessa nova forma de agir político. Particularmente não gosto dessa dicotomia novo versus velho, pois sugere que existe mais continuidade entre os modelos de ação, o que não é correto afirmar. Mas entendo que existem diferenças que precisam ser pontuadas em ambos os registros. Como, por exemplo, o fato de que a ação coletiva já foi mais orientada por parâmetros socioeconômicos e político-ideológicos, ao passo que, cada vez mais, ela passa a ser organizada por parâmetros estéticos. (BITTENCOURT, 2021, p. 229)

Em consenso com Bittencourt (2021), podemos notar a estetização de alguns movimentos, porém, o grupo em questão apresenta características mais ortodoxas em questão a mercantilização da expressão cultural, entretanto, mesmo que combatam tal prática ligada a indústria cultural, existe um processo de tornar as produções artísticas esteticamente melhores, no que diz respeito a imagem, som e ambiente, como exemplo tornar os vídeos clipes mais bem produzidos e gravados em estúdios, como no atual projeto do grupo Gíria Vermelha que faz parte do Quilombo Urbano, como o clipe lançado em 2 de abril de 2022, intitulado É hora de virar o jogo ft – Hertz Gíria Vermelha (Prod. PDR), gravado em parceria com Gel Prancha e disponibilizado no YouTube³.

Os pressupostos gerais dos movimentos juvenis se edificam em várias frentes, dentre elas as exploradas aqui, a cultural e política, contudo, a noção de juventude se apresenta dentro de uma complexidade, pois estes sujeitos se constroem partindo de engajamentos sociais, políticos e culturais, no entanto, cabe tentar entender seu meio organizacional. Essa juventude ou juventudes exigem de quem pesquisa, e mais ainda de quem atua nesse campo de construção específica das políticas públicas, uma necessidade de decifração (DIÓGENES, 2012, p. 104). A juventude entendida a partir do senso comum se conceitua de forma muito mais ambígua e associada a estereótipos e rótulos que deflagram condutas que são consideradas inadequadas para os padrões organizacionais de sociedade, porém, os atores sociais neste contexto passam por processos de aproximações políticas que acabam virando formações políticas e de vida e transitam entre a vida urbana cultural e o ativismo pluripartidário e cultural. Alguns destes processos formativos fazem parte da história do Quilombo Urbano e uma parte dela será exposta.

³ Clipe disponível neste link: <https://youtu.be/fH8QFG3av70>

12 As aproximações, histórias, alianças e formações políticas

Os movimentos sociais elencam suas pautas internas a partir de necessidades reais que surgem ciclicamente, visto isso, o Quilombo Urbano enquanto movimento, em relação a cultura e política se baseia em seus princípios organizacionais que também se baseiam a partir de processos aglutinadores entre teoria e prática, que pode ser notado nas letras das músicas, nas rimas, nos discursos, nos atos, nos shows, enfim, no cotidiano dos militantes. A formação histórica é feita por jovens inexperientes que se baseavam em revoltas internas e através da expressão cultural conseguiam exteriorizar tais sentimentos, mas, como relata Verck em entrevista, *“nós não sabíamos de nada”*, eles então buscaram fontes que pudessem auxiliá-los em relação aos debates que eles participavam e através destes contatos tentar enxergar o mundo e o capitalismo de uma forma muito mais crítica do que a anterior. A partir deste ponto, os interesses em obras, autores e teorias começaram a nortear estes jovens que até então tinham apenas revolta e sem uma identidade construída baseada em classe e raça. No entanto, em uma análise mais básica, esse contato inicial trouxe uma certa ortodoxia aos membros que se mostra claramente nos discursos, atos, reuniões, regras, estatutos e princípios organizacionais. Sabendo que essa política como práxis se transforma sobre a ação humana do próprio homem, o Quilombo Urbano com seus militantes parte destes pressupostos e consolidam suas vidas e trajetórias em projetos de transformação do homem e da sociedade com a destruição do capitalismo.

Lukács (1885-1971) discorre sobre a problemática da ortodoxia no marxismo quando diz que o ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento sem crítica dos resultados da investigação de Marx, não significa uma “fé” numa ou outras teses, nem a exegese de um livro “sagrado”. A aproximação do Quilombo Urbano com as teses de Marx e dos marxistas se direcionam para os pressupostos que Lukács nos apresenta, principalmente a partir das aproximações deles como partidos políticos de esquerda, sindicatos e movimentos sociais muito mais históricos em São Luís. Os laços com o PT, CUT, MST e PSTU começam se estreitar e consequentemente o processo de ideologização, mas, esse desejo “revolucionário” provocou com que estes militantes pudessem buscar transformações pessoais, e um dos métodos foi a inserção no mundo dos estudos e acadêmicos que fizeram com que muitos deles buscassem formações, o ensino básico e médio, formações acadêmicas como graduação, especialização, mestrado e alguns até com doutorado, dentro destas transformações o movimento sai de um grupo de jovens despolitizados e despretensiosos para um movimento muito mais

intelectualizado que transitaram de uma identidade primária que estava voltada apenas para as revoltas pessoais e o consumo dos ritmos e expressões culturais, para militantes que viraram professores graduados, especialistas, mestres e doutores, dentre outros que tiveram suas vidas transformadas através do *Hip-Hop* e hoje são profissionais dentro das mais variadas profissões. Tal reflexão parte das trajetórias dos indivíduos, constatado a partir delas.

Os espaços de disputas se materializam dentro de realidades desiguais, principalmente no campo educacional, político, artístico, econômico, dentre outros. A inserção destes jovens em redes de sociabilidade que aglutinam necessidades e formam novos cidadãos que irão construir nortes, como os dentro do campo educacional, político, artístico, econômico. Castel (1997) nos diz que as características da sociabilidade abrangem campos diversos e estão relacionados: quanto à integração, quanto a durabilidade e quanto a forma de pensamento.

Estas inserções ou integrações nestas redes culturais, educacionais e políticas avaliamos como métodos de transformação social, porém, estes mesmos jovens juntamente nos seus espaços geográficos que normalmente são precarizados e essa precarização aos olhos do senso comum pressupõem processo de marginalização dos grupos. Saviani (1985) pauta este debate:

É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido. A escola surge como um antídoto para a ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. (SAVIANI, 1985, p. 10)

Os elementos do *Hip-Hop* que se alinham com os demais, como educação e política, formam bases combativas de problemas sociais, a exemplo de outros contextos, como o norte-americano, e estas bases se descentralizam nos setores periféricos dentro das mais variadas pautas que viram bandeiras dentro dos movimentos sociais. Estas experiências podem ser entendidas também a partir do que Giroux (1987) nos apresenta:

Paulo Freire estende e aprofunda o projeto de Bakhtin. Como aquele teórico, Freire oferece a possibilidade para a organização de experiências pedagógicas em formas e práticas sociais que “falam” para desenvolver modos – de aprendizagem e de luta – mais críticos dialógicos, questionadores e coletivos. No entanto, a teoria da experiência de Freire, está enraizada em uma visão de linguagem e de cultura na qual o diálogo e o significado estão fortemente unidos a um projeto social que enfatiza o primado do político. A partir daí, a noção de fortalecimento social e político é definido como central para a luta coletiva por uma vida sem opressão ou sem exploração. (GIROUX, 198, p. 817)

As relações construídas dentro destes processos constituem pilares de sustentação dos movimentos sociais, especificamente do debatido nesta pesquisa. A política se integra a esse

processo e a essa história e consegue constituir *Habitus*, dentro dos termos de Bourdieu. As movimentações de construção de alianças, rupturas internas e externas se localizam dentro destes setores, incluindo a política que, inclusive se faz presente até os dias atuais. Nos dias de produção deste trabalho, entre março e abril de 2022, o militante Hertz Dias, membro fundador do Quilombo Urbano e filado ao PSTU, se lançou como Pré Candidato ao Governo do Estado do Maranhão pelo PSTU.

As alianças políticas iniciais se dão dentro do campo da esquerda, e se mantem historicamente, os processos de rupturas vão se consolidando a partir de acontecimentos e conjunturas que consequentemente viram atos contra estas problemáticas. Como exemplo, podemos citar a crise política e econômica que se instalou no Brasil (crises essas que são cíclicas e própria do capitalismo), crise essa que sucumbiu dentro do Governo PT que ficou conhecida popularmente como “Mensalão”, que se caracterizou como práticas de compra de votos de parlamentares durante o Governo de Lula. Logo após este escândalo político o Quilombo Urbano começa articular atos e ações voltadas para o combate e crítica destes problemas, além das rupturas que surgem, como relata Santos (2015):

O 16º Festival, em 2005, “Contra o Racismo e a Corrupção”, em razão dos escândalos do governo Lula, como o mensalão, por exemplo, contou apenas com o apoio da APRUMA e dos Bancários, não por coincidência os únicos sindicatos de São Luís que não estavam sendo dirigidos, exclusivamente, por dirigentes petistas, o que demonstrava uma ruptura do “Quilombo Urbano” com o PT e a CUT, pois aquele que se colocava entre os opositores do governo liderado pelo Partido dos Trabalhadores. (SANTOS, 2015, p. 152-153)

Logo após esses problemas citados acima, o Quilombo Urbano se aproxima e começa a construir relações com o PSTU, com qual possui alianças até os dias atuais. Em diálogo com um dos membros fundadores do movimento, o militante, rapper, e pesquisador, Rosenverck Estrela, o mesmo relata que o Quilombo urbano quando começa se aproximar do PSTU (aproximação e não de filiação) através de diálogos, construção de unidades de luta, os militantes do Quilombo Urbano ajudaram diretamente o PSTU na legitimação do mesmo enquanto partido político, colhendo assinaturas para que pudesse virar um partido com sua sigla e número.

Para o entendimento dos processos de alianças e rupturas do Quilombo Urbano, é necessário adentrar basicamente nas histórias dos partidos aqui citado, pois a história do movimento se funde com as trajetórias político partidárias e constroem identidades. Neste caso, Hall (2000), discorre o seguinte, que nos fundamenta na questão:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades e as práticas discursivas constroem para nós. (HALL, 200, p. 111)

Estas construções de subjetividades se entrelaçam com as identidades que consequentemente formam a “identidade transitória”, que nitidamente se faz presente na história do Quilombo Urbano e de seus militantes. Sentimos a necessidade de destacar as “histórias”, do movimento e dos militantes em vias diferentes, pois as diversas pesquisas sobre movimentos sociais sempre se direcionam e focam nas caracterizações dos movimentos, dos atos, da política e da cultura, e os sujeitos sociais que erguem estes movimentos são citados como atores que estão na história de forma mais tímida. Aqui iremos dissertar sobre trajetórias, dar nomes, rostos, localização geoespacial de alguns militantes que cotidianamente estão inseridos nas dinâmicas de sociabilidade política e cultural.

O PT (Partido dos Trabalhadores) transita entre suas identidades políticas e ideológicas na sua trajetória, o PT surge em 1980, inicialmente como alternativa de luta pelos direitos e busca de conquista dos mesmos para a classe trabalhadora, assumindo identidade ideologicamente posicionada com ideias socialistas dentro do campo da esquerda. O Partido dos Trabalhadores, de acordo com o seu site⁴ próprio, “*O PT surgiu como agente promotor de mudanças na vida de trabalhadores da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais e artistas. Foi oficializado partido político em 10 de fevereiro de 1980, pelo Tribunal Superior Eleitoral*”. Na mesma década de oitenta, o partido se mostra defensor do socialismo, defendendo a coletivização dos meios de produção, estatização das indústrias e fim da propriedade privada dos meios de produção, como consta em seu domínio virtual: “Defensor do socialismo democrático, o **PT** foi fundamental na mobilização social conhecida como Diretas já, que reivindicou eleições presidenciais diretas no Brasil. Lula, Tancredo Neves, Leonel Brizola e Miguel Arraes foram alguns protagonistas do movimento”. A **CUT** (Central Única dos Trabalhadores), foi fundada em 1983 em São Bernardo dos Campos, São Paulo, com propósito inicial de se tornar uma organização sindical de caráter “classista e autônomo”, esta mesma entidade se torna principal aliada do **PT**. Fatos da história do PT foram decisivos para que começassem surgir rupturas, pois, a história do PT se pauta nas lutas pela classe trabalhadora desde sua fundação, com discursos de classe e raça. Neste mesmo espaço

⁴ Site: <https://pt.org.br/nossa-historia/>

cronológico, o partido lança candidaturas próprias com os discursos citados, porém, logo começam os entrelaces internos de construção de alianças com a elite burguesa do país e suas classes empresariais e banqueiras.

O PSTU, partido do qual o Quilombo Urbano possui aproximação até os dias atuais tem sua fundação em 1994, em São Paulo, e já se colocam como uma “frente trotskista” que tem como surgimento:

A principal corrente que originou o PSTU foi a Convergência Socialista, ligada à a Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT), e que atuou na década de 1970 no interior do partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), ingressado no Partido dos Trabalhadores (PT) após sua fundação. O rompimento da Convergência Socialista com o PT aconteceu por causa de divergências com a direção do partido, visto que a organização criticava por direcionar o PT para a socialdemocracia e por distanciar-se de um programa político que tivesse por norte o socialismo.⁵

As trajetórias se cruzam e se constroem a partir das necessidades dentro de cada contexto histórico, porém, os rompimentos podem ser compreendidos a partir do viés ideológico, se expandindo até os valores grupais que norteiam os movimentos sociais, como o próprio Quilombo Urbano. Os valores que se aproximam da ortodoxia político ideológica fazem com que os militantes se sintam ofendidos não só em relação ao movimento, mas em alguns momentos beiram as particularidades do cotidiano, como por exemplo o rompimento do ex militante do Quilombo Urbano e rapper, Antônio Ailton Penha Ribeiro, mais conhecido popularmente como “Mano Magrão”, que ao se aproximar de outro partido político começou sofrer ataques internos no Quilombo Urbano e no PSTU, partido do qual era filiado, então, a partir daí o mesmo rompe com as entidades e publica uma carta pública em suas redes sociais⁶ na época do rompimento em 2017. Segue na íntegra:

Carta aberta ao Movimento Hip Hop Organizado do Maranhão "Quilombo Urbano"

Saudações,

Venho, por meio desta, comunicar ao movimento que a partir de hoje, não faço mais parte do corpo de militantes do Movimento Hip Hop Organizado do Maranhão "Quilombo Urbano". Não pensem que esta decisão foi algo fácil de tomar, pois me dediquei mais de 18 anos à construção desta organização, o que significa dizer que a metade de minha vida foi destinada e dedicada ao "Quilombo Urbano".

Minha saída se dá principalmente por conta da postura adotada por parte da atual direção do movimento, que mesmo se tratando de uma organização "suprapartidária" não soube conviver com as diferenças políticas, quando

⁵ <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-socialista-dos-trabalhadores-unificados-pstu>

⁶ <https://www.facebook.com/1804564896493995/posts/1883889775228173/?d=n>

rompi com o PSTU, momento em que fui adjetivado de "reformista", "eleitoreiro", entre outras coisas.

Saio com a sensação de dever cumprido, visto que sempre fui atuante tanto político como culturalmente e, ao meu ver, contribuí para que este movimento se tornasse o que é hoje. Não levo comigo o rancor e nem a frustração, mas sim o conhecimento, o sentimento classista, a negritude e o orgulho de ser de quebrada, coisas que me transformaram no indivíduo que sou hoje. Como todos sabem, eu sempre afirmei e continuarei afirmando que sou o Mano Magrão graças ao "Quilombo Urbano", pois nesta organização que o moleque doido se tornou ativista e convicto da necessidade de construir a luta por uma nova sociedade justa e igualitária.

Levarei por onde for a bagagem construída nestes 18 anos de militância nesta organização, saio com a intenção de conservar as amizades, o respeito e o valor do "Quilombo Urbano", uma vez que este é uma das maiores organizações de Hip Hop do norte-nordeste e tem sua história o legado da tradição voltada para a construção do Hip Hop Militante. Nestes 18 anos, entre erros e acertos, contribuí para que esta organização figurasse como uma das mais atuantes na luta da juventude negra desta cidade, de certo, eu não deixarei de contribuir para a causa.

Deixo o "Quilombo Urbano" triste, pois desde minha ruptura com o PSTU o que houve foi o desmantelamento de minhas relações de amizades com boa parte dos militantes desta organização, o que acarretou na quebra das relações de confiança, tanto de minha parte com a direção da organização como também de vários militante comigo.

Estou saindo do "Quilombo Urbano", mas de maneira alguma me retiro do Quilombo Brasil, pois sigo acreditando na construção de uma nacional de Hip Hop que defende os princípios na qual construímos esta nacional. Diante não informo também minha participação no encontro nacional do Quilombo Brasil, visto que este é composto tanto por coletivos (organizações) como por indivíduos.

Ainda não sei como vou me organizar no movimento, mas vou seguir construindo a experiência do MAIS, pois acredito que só organizado poderemos dá um novo rumo para este país e para o mundo.

Uma ruptura é sempre dolorosa" ficam na memória as experiências, as conversas, os sorrisos e o aprendizado.

Obrigado a tod@s! Nos vemos nas lutas e nas ruas!

Mano Magrão – Militante do Movimento por uma Alternativa Socialista.

Ruptura de Mano Magrão com o Quilombo Urbano evidencia as anulações de valores internos e externos, mesmo que estes valores fossem legitimados através de estatutos, regras ou qualquer outro indicio de respeito a princípios. Este processo do ex-militante do Quilombo Urbano está localizado numa linha de acontecimentos políticos no Brasil que faz surgir outros movimentos que militantes de outros partidos possam migrar, como exemplo o Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista (MAIS). Esta outra organização surge a partir de rompimentos de militantes do PSTU que fundaram um manifesta chamado “*É preciso arrancar alegria para o futuro*”, o qual, logo após reuniões e atividades, batizaram-no como “MAIS”.

No entanto, o nascimento deste movimento, segundo rumores da época, tinha passado por diversos debates internos com a direção do PSTU sobre o possível rompimento. Neste mesmo contexto, os relatos foram que o rompimento foi feito de maneira “amigável” e que os recém saídos do PSTU iriam apoiar candidaturas de candidatos do PSTU e PSOL nas eleições de 2016. Após estes acontecimentos, ambos os grupos começaram se rearticular e tentar resgatar militantes e buscar novos, inicialmente, com eventos internos como o aniversário do PSTU de 22 anos comemorado em São Paulo no dia 30 de julho de 2016, evento este que quem vos escreve foi convidado pelos militantes do PSTU. Abaixo uma foto deste autor com Preto Hertz e Rosenverck, no evento do PSTU em São Paulo, na oportunidade fui presenteado com uma camisa do partido.



Figura 4: Arquivo pessoal

A construção cultural e política do Quilombo Urbano perpassa pelas histórias de militantes, partidos e das periferias das quais muitos destes residem ou residiram, os processos de entrada, permanência e ruptura dos militantes são variados, aqui apresentamos um dos processos, mas existem outros como de um dos membros fundadores do movimento, que é conhecido popularmente como “Lamar”, o Lamartine, que hoje reside no Amazonas, e de Preto Ghoéz, que assim como Lamartine foram expulsos do Quilombo Urbano por apresentarem objetivos e interesses que iam na contramão dos princípios do movimento. Preto Ghoéz faleceu no meio da sua trajetória após o rompimento cultural e político, mas antes disso ele e Lamar

traçaram novos caminhos e projetos que foram alvos de descontentamento interno no Quilombo Urbano que, conseqüentemente, fez com que fosse exposta uma carta pública de repúdio contra os ex-militantes. As histórias serão apresentadas no decorrer desta produção espalhada pelos próximos capítulos e seus subtópicos, onde apresentaremos evidências históricas, como fotos, recortes de jornais, revistas, documentos, cartas e projetos que foram desenvolvidos pelos grupos, e relatos dos militantes e ex militantes sobre a história a partir das suas experiências, assim dando ênfase também para o método da história oral. O movimento da história oral está inserido em uma natureza ligada aos eventos particularizados dos sujeitos, levando em consideração pontos de partida fundamentais, como destaca Paul Ricoeur (1984), que discorreu que “A interpretação da ação governa a qualidade ética dos personagens”. Tal consideração nos direciona dentro de novas perspectivas metodológicas que irão contribuir nesta pesquisa.

1.3 São Luís, posição geográfica e suas subdivisões culturais e contradições

São Luís, capital do Estado do Maranhão, está localizada especificamente no litoral do Estado e, segundo o IBGE⁷ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), possui uma área total de 583.063 km quilômetros quadrados. Com a população estimada em 1.115.932, segundo o censo de 2021, e de acordo com o mesmo instituto seu IDHM (Índice de desenvolvimento humano) de 2010 era de 0,768. Cidade histórica com sua estrutura arquitetônica construída pelos franceses e levando consideração os padrões franceses e europeus, mas a história da “Ilha do Amor”, “Jamaica Brasileira” e de diversos outros apelidos ou rótulos, se apresenta historicamente nas seguintes configurações apresentadas em um site do IBGE:

A cidade de São Luis, capital do Maranhão, formou-se na península que avançava sobre o estuário dos Rios Anil e Bacanga. Fundada em 8 de setembro de 1612, pelos franceses Daniel de La Touche e François de Rasilly, cujo objetivo comum, dentro do contexto da economia mercantilista, era estabelecer a França Equinocial, a capital maranhense encontra na homenagem ao então Rei da França, Luís XIII, as raízes da sua nomenclatura: São Luis.

Um pequeno demonstrativo da história da capital que foi colonizada por franceses e que deixou marcas profundas que são exploradas pelos mais diversificados pesquisadores. A baixo iremos expor basicamente a formação administrativa histórica da cidade⁸:

⁷ Acessado em 07/05/2022 em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/sao-luis.html>

⁸ Acessado em 07/05/2022 em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/historico>

Formação administrativa: Elevado à condição de cidade com a denominação de São Luis, em 08-09-1612. Pela lei Municipal nº 17, de 17-12-1986, é criado o distrito de São Luís. Pela Lei Municipal nº 17, de 17-12-1896, é criado o Distrito do Bacanga. Em divisão administrativa referente ao ano de 1993, o município aparece constituído do distrito sede. Pelo Decreto Estadual nº 47, de 27-02-1931, e 31-XII-1937, o município aparece constituído de três distritos: São Luís, Bacanga e Turu. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído do distrito sede. Pelo decreto Estadual nº 47, de 27-02-1931, o município de São Luís adquiriu o território do extinto município de Paço do Lumiar, como simples distrito.

As informações acima expostas, são informações básicas para contextualizar a cidade e suas subdivisões, dos quais os membros do grupo pesquisado residem e organizam suas ações. Continuando a contextualização, o processo habitacional ou o crescimento demográfico ludovicense perpassa pelas invasões e formação de bairros operários, como o bairro “Cidade Operaria”, e essas formações ou invasões fazem parte da história da ilha e de alguns movimentos sociais e políticos. A própria história do Quilombo Urbano também se faz presente nos processos de ocupação e invasão de alguns territórios na capital, mas, pode ser ressaltado algumas das diversidades culturais nos diferentes setores da cidade, apesar do título de “Jamaica Brasileira”, São Luís é repleta de culturas, uma pluralidade que se divide geograficamente.

A “Ilha do Amor” possui suas divisões municipais, como foi contextualizado acima, e essas divisões estão localizadas dentro do que é conhecido como “Região Metropolitana” de São Luís, que possui 13 municípios em sua atual configuração, como relata o Jornal O Estadão em uma matéria publicada no dia 05/01/2020⁹, que informa:

No dia 12 de janeiro de 1998, por meio de legislação específica (lei complementar nº 038/1998), foi criada a Região Metropolitana da grande São Luís. Inicialmente com quatro municípios (São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa), o território passou a discutir de forma conjunta as ações e políticas voltadas para o benefício comum destas populações.

De acordo com o IBGE¹⁰, a região metropolitana hoje possui 13 municípios, que são eles: Alcântara, Bacabeira, Icatu, Paço do Lumiar, Raposa, Rosário, Santa Rita, São José de Ribamar, São Luís, Axixá, Cachoeira Grande, Morros, Presidente Juscelino. O detalhamento pode ser visto no mapa abaixo:

⁹ Acessado em 08/05/2022: <https://oestadoma.com/noticias/2020/12/05/regiao-metropolitana-de-sao-luis-tem-13-municipios-em-sua-atual-configuracao/>

¹⁰ Acessado em 08/05/2022: <https://fnem brasil.org/regiao-metropolitana-da-grande-sao-luis-ma/>

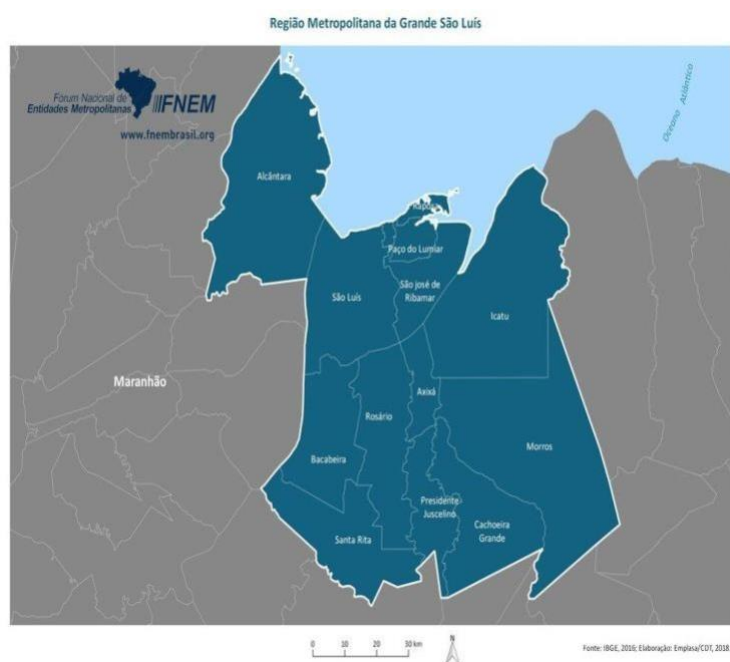


Figura 5 - Site: <https://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-da-grande-sao-luis-ma/>

Dentro de uma visão mais ampla a partir da imagem tem-se noção da subdivisão, porém, dentro da Ilha de São Luís temos a seguinte configuração, que pode ser vista na imagem seguinte:



Figura 6 = <https://mapasblog.blogspot.com/2012/06/mapas-de-sao-luis-ma.html>

A imagem acima destaca as subdivisões internas que se separa entre a grande São Luís e os outros municípios. Nota-se na imagem, na região inferior esquerda a única ligação da ilha com outras regiões. Na imagem se apresenta além da grande São Luís, o município de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa, cada cidade com suas organizações políticas e burocráticas que em diversos momentos se confundem em relação aos seus limites, e esta

confusão afeta moradores de regiões fronteiriças, como exemplo o Cohatrac 3, que segundo relato de um parente meu recebe dois IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), um da prefeitura de São Luís e outro da prefeitura de São José de Ribamar. Como no exemplo citado, existem diversos outros, que não é foco desta pesquisa, mas se faz pertinente pensar a cidade a partir dos seus limites, questão para outras áreas das ciências que dialogam com a sociais.

São Luís possui um território vasto, como já exposto e uma multiplicidade de bairros, que segundo o site do Governo do Estado¹¹ existem mais de 230 bairros, entre região nobre, central e periféricos, dos quais iremos fazer um panorama básico. O centro da cidade, como já exposto, faz parte da região comercial e palco das mais variadas manifestações, políticas, culturais e outras que surgem com os mais variados intuitos. A Praça Deodoro, na região central foi o local em que os membros do Quilombo Urbano começaram a ter acesso a outros grupos de pessoas que consumiam a expressão cultural do *Hip-Hop*, além de frequentarem para processos mais gerais de socialização, como relatado pelo entrevistado, muitos dos membros fundadores do movimento moravam longe e o acesso só era possível a pés ou de ônibus, que na época não existia os terminais de integração que facilitam a locomoção na capital, e de certa forma baratear o acesso aos bairro, pois antes dos terminais os deslocamentos só eram possíveis pagando mais de duas passagens por dia.

As áreas de deslocamento dos membros eram do bairro da Liberdade, Cidade Operária, dentre outros, com destino Praça Deodoro. A distância e falta de recursos básicos dificultavam com que os membros pudessem se fazer presente sempre que tinham atividades culturais. Abaixo temos a imagem do mapa do trecho entre a Cidade Operária e Praça Deodoro para termos a dimensão do que está sendo relatado aqui, sobre os percursos que faziam. Segue a imagem:

¹¹ Acessado em 08/05/2022: https://saoluis.ma.gov.br/midias/anexos/2253_bairros_e_arruamento_urbano.pdf

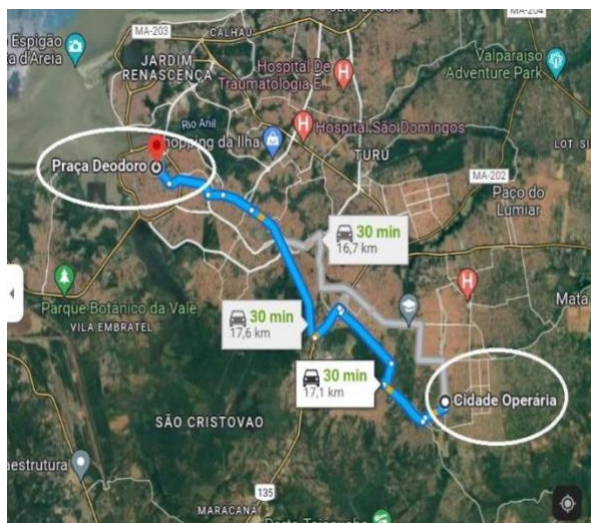


Figura 7 = Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Cidade+Oper%C3%A1ria,+S%C3%A3o+Lu%C3%ADs+-+MA/@-2.5893389,-44.2263056,13z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7f69a477f4dd4a9:0x3dfb8cb9042c8c90!8m2!3d-2.5960968!4d-44.1973319>

Em média 17km de distância entre os bairros que estão localizados na região central e em região periférica. Na imagem abaixo temos o Bairro da Liberdade, local de surgimento do Quilombo Urbano, como já exposto nesta produção. Bairro este que é considerado o maior quilombo urbano da América Latina.

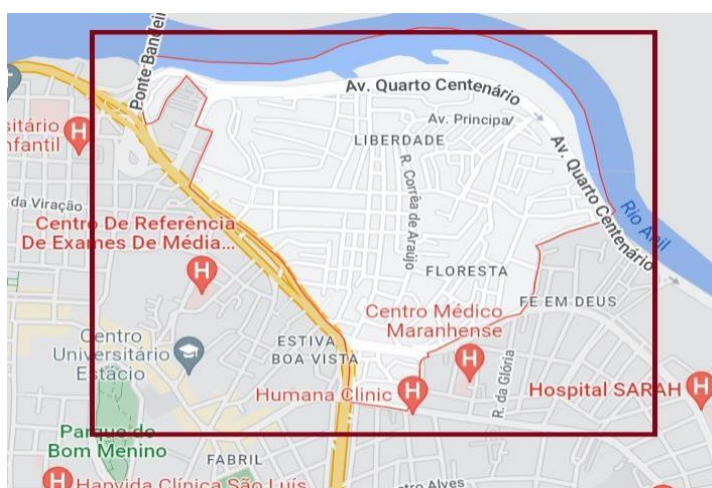


Figura 8 Quilombo Liberdade. Fonte: Google Maps

Na região da Liberdade existe uma diversidade popular e cultural, que a partir dela podemos discorrer basicamente sobre as culturas que se dividem em alguns bairros da cidade, como Liberdade, Centro Histórico, Turu, Ponta da Areia e etc. A Liberdade faz parte de um conjunto periférico de bairros, dentre eles a Camboa e Fé em Deus, que compartilham costumes e culturas, como festa de Tambor de Crioula, festa do Divino Espírito Santo, além do reggae

que faz parte da identidade da capital. As regiões mais periféricas e os consumos das culturas subalternizadas se tornam muito mais comum e fazem parte do cotidiano, porém, o reggae que historicamente sofre preconceitos e seu público consequentemente são estereotipados e rotulados também fazem parte das culturas de outros bairros, inclusive os considerados nobres, como os próximos as praias ou mesmo localizados na Avenida Litorânea, região muito frequentada pela elite local, por turistas e por um público mais diversificado. As “culturas”, segundo Stuart Hall (2003), definição de cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Processo de polarização que acaba por rotular demais culturas e seu adeptos.

Os estereótipos possuem agentes potencializadores, além das desigualdades sociais que se incorporam com os problemas sociais diversos. Os preconceitos de classe, de raça e religião podem funcionar como pontos chave para a estigmatização do bairro e arredores que fazem parte do conjunto do bairro da Liberdade, neste sentido, essas formas de preconceito potencializam e marginalizam uma estrutura social que luta historicamente pelo direito de existir através dos movimentos sociais, culturais e religiosos, dentre eles o próprio Quilombo Urbano. Assunção (2017), relata que:

Com muita frequência, a população de São Luís não dissocia os bairros da Liberdade, Camboa e Fé em Deus, talvez por serem bairros vizinhos e vítimas de estigmas e preconceitos difundidos na cidade que se coloca como “bairro de pobre” e “violento”. Somente no bairro da Liberdade, há pequenas comunidades. Trata-se da Promorar, Floresta, Rua da Vala, Baixinha, Brasília, mas que ao longo deste trabalho serão chamados de Liberdade. (ASSUNÇÃO, 2017, p.24)

As classificações teóricas emergem dentro de complexidades, pois existem vias interpretativas que seguem linhas de classe, raça, e divisões geográficas sobre as culturas, como apresenta Alan O'Connor (2019):

A pesquisa britânica sobre as subculturas, na década de 1970, objetivava argumentar contra a ideia de que as subculturas juvenis revelavam simplesmente conflitos geracionais. Não se tratava apenas de os jovens se rebelarem brevemente contra seus pais antes de se estabelecerem em um emprego estável. A pesquisa em estudos culturais reintroduziu o tema da classe social. As subculturas se apresentavam, nesse sentido, como maneiras pelas quais as crianças viviam e entendiam uma estrutura social complexa. Mas esse método de pesquisa tentava vincular cada subcultura a uma classe social correspondente. Os skinheads, na década de 1970, representavam uma recuperação mágica da cultura tradicional da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, os hippies estavam vivendo uma cultura rebelde de classe média. Há alguma evidência para isso, mas essa tentativa de encontrar uma homologia

entre a subcultura e sua classe social principal era demasiado simplista. A prática era, de fato, frequentemente muito mais complexa. (O'CONNOR, Alan, p. 38)

A complexidade apresentada pelos autores que traçam uma linha histórica se mostra cotidianamente nas divisões de classe e raça, então pensar o subalternizado e o que ele consome e as consideradas “culturas” são necessárias em pesquisas socioantropológicas.

Ainda sobre as divisões culturais básicas da cidade, podemos apresentar a região mais central da cidade de São Luís, que podem se incluir apresentações mais festivas com shows de artistas famosos, ou da tradição dos festejos juninos que traz à tona um traço cultural da cidade que são as disputas da cultura do Bumba Meu Boi, no sotaque de matraca que é consumido por um público bem diversificado. Vale destacar que o Bumba meu Boi do Maranhão é patrimônio cultural imaterial da humanidade, como consta no portal do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)¹²:

O Bumba meu boi do Maranhão é uma celebração múltipla que congrega diversos bens culturais associados, divididos entre plano expressivo, composto pelas performances dramáticas, musicais e coreográficas, e o plano material, composto pelos artesanatos, como os bordados do boi, confecção de instrumentos musicais artesanais, entre outros. Em todo seu universo, destaca-se também a riqueza das tramas e personagens. O Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão foi inscrito no Livro de Registro de Celebrações, em 2011. Em 2019, a manifestação popular recebeu da Unesco o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Bumba Meu boi de Matraca, orquestra e de zabumba, são ritmos que encantam o público mais diversificado de São Luís, sendo o de matraca, caracterizado basicamente pelo uso de matracas que são instrumentos de mãos, pandeiros e cuícas que são utilizados pelos brincantes; o de orquestra já se caracteriza basicamente pelo uso de instrumentos como sanfona e de sopro; já o de zabumba tem por características a utilização de pandeiro, tamborino e a própria zabumba como instrumento. Informações basilares para contextualizar os traços culturais de São Luís e do Estado do Maranhão.

Nas regiões consideradas mais nobres de classe média ou alta temos outro tipo de diversificação, desde o próprio reggae que ganha contornos mais elitizados de público, até o sertanejo, rock, pop e o famoso brega, que existem casas especializadas na promoção desse tipo de evento, como a Choperia Marcelo que fica localizado no Bairro da Forquilha. Enfim, as

¹² Acessado em 08/05/2022: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/80>

culturas mais gerias fazem parte do cotidiano da ilha com seus apreciadores, que estão inseridos em uma dinâmica mais ampla que se subdivide em questões socioeconômicas.

Apesar da riqueza cultural material e imaterial a cidade de São Luís se mostra a partir de dados como um centro de desigualdades socioespaciais, assim não se diferenciando das realidades das outras capitais do Brasil, porém o estigma de Estado mais pobre da federação contribui para o processo de construção de rótulos e estereótipos. Os pesquisadores Petrus (2015) e Junior (2015) apontam dados sobre tais incoerências citadas em um artigo intitulado “*A Desigualdade Socioespacial em São Luís (MA) Demarcada pelos seus Bairros*”. De acordo com os autores:

Pelo IDSE¹³ por bairros de São Luís e do todo de São Luís. O bairro Vila Nova é o mais segregado de todos os estudados, com um Índice de 0,76, seguido pelos bairros Coroadinho e Vila Mauro Fecury, ambos com 0,66, Campus/UFMA (0,65), Sá Viana (0,64), Olho d’Água, Vila Embratel e Vila Bacanga (0,63), Cidade Operária, São Cristovão e Pindorama (0,63). Constata-se que a diferença do bairro de Vila Nova para os bairros do Coroadinho e Mauro Fecury é de 0,10, uma considerável diferença, que faz jus à separação pelo dendrograma (Figura 3) deste bairro para os outros do grupo 2 (Tabela 3). De todas as formas, esses bairros estão abaixo do IDSE de São Luís como um todo (0,48). (PETRUS, JUNIOR, 2015, p. 184)

Estes dados coletados pelos autores nos localizam geograficamente as fragilidades e bairros periféricos da Ilha de São Luís. Ainda discorrem os autores:

Do lado oposto, encontra-se o bairro do Cohatrac com o menor IDSE, com 0,25, logo a seguir o bairro de Vinhais (0,33), Ponta d’Areia (0,35), Renascença (0,36), Bequimão (0,37), Turu (0,38), Angelim (0,39). Verifica-se que do Cohatrac para o segundo melhor índice, o bairro de Vinhais, há uma significativa diferença de 0,08. Os bairros seguidos têm diferença de 0,01 a 0,02, até o bairro da Liberdade, com índice de 0,50. (PETRUS, JUNIOR, 2015, p. 184)

Os bairros citados fazem parte das periferias que normalmente são alvos de diversos tipos de ataques, desde os xenofóbicos até os mais “institucionalizados” com o aparelho repressivo do Estado que se materializa nas ações em shows, festas, ou em processos de “policiamento ostensivo ou preventivo”. A partir desta colocação podemos apresentar um dos milhares casos de preconceito e racismo protagonizados pelo aparato repressivo do Estado em relação as culturas que não se fazem presente do que consideram como padrão cultural.

Durante a X Marcha da Periferia e Vigésimo Sexto Festival de *Hip-Hop* Militante, que acompanhei desde sua construção, pude notar uma variedade de fenômenos, dentre eles a

¹³ Índice de desenvolvimento socioeconômico.

materialização da violência, etnocentrismo e racismo que foram exteriorizadas dentro do festival citado que foi realizado no dia 20 de novembro de 2015 na Praça da Lagoa Amarela, no centro da cidade ao lado do Reviver, um local histórico muito frequentado por turistas e oferece uma variedade de pontos para o consumo de comidas típicas e bebidas alcoólicas distribuídas pelos mais variados bares e restaurantes. Na Lago Amarela estava acontecendo o festival de *Hip-Hop* com seu público, em grande maioria pretos e pretas das mais variadas periferias da cidade, além de movimentos sociais, estudantis e políticos. Ao lado, no Reviver, no mesmo horário estava acontecendo um show de uma banda da qual não nos recordamos, mas que atraiu um grande número de pessoas, também das mais variadas classes, porém, a banda pode ser considerada como “dentro dos padrões” culturais. No festival o que era consumido pelo público era a expressão cultural do *Hip-Hop*, com suas rimas repletas de críticas e contestações sobre as diversas realidades em que o público preto e periférico pudesse apreciar, e algumas destas letras em alguns momentos podem parecer ofensivas ou até mesmo interpretadas como apologia à violência contra agentes públicos.

Ao me deparar com essa dualidade contraditória imediatamente fui ao lado no Reviver observar a banda, o ritmo, o público em geral e principalmente o policiamento, já que na praça ao lado não tinha nenhum policial fazendo a segurança do público, porém, no Reviver estava repleto de PMs, todos andando normalmente ou apenas parados visualizando a multidão, em nenhum momento observei abordagens de forma abusivas e sem motivos pela polícia. Abaixo algumas imagens, uma do evento do Reviver e outra do Festival de *Hip-Hop*, e após uma imagem meio desfocada da ação da PM.



Figura 9 - Fonte: Arquivos pessoais.

Na parte de cima temos a imagem da intervenção da PM abordando de forma abusiva o público, abaixo do lado esquerdo temos o festival de *Hip-Hop* e do lado direito o evento do Governo do Estado. Os princípios contraditórios exibidos fazem parte de um conjunto de fenômenos que objetificam os públicos e culturas e, consequentemente os tornam subalternizadas, dentre elas a principal, que é o racismo, que segundo Almeida (2018):

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p. 25)

Todo exposto interdisciplinar acerca da capital maranhense nos dá um panorama mais geral sobre as culturas e problemáticas enfrentadas pelos seus públicos diversos, que nos remetem as formas de resistências que também estão subdividas geograficamente, como organização do Movimento de *Hip-Hop* Organizado no Maranhão Quilombo Urbano, que já foi contextualizado nesta produção e ainda será detalhado nos próximos capítulos desta

dissertação, porém, se faz necessário apresentar o que Canclini (1998), discorre sobre resistência:

De um lado, o popular como memória de outra realidade, tanto política como simbólica, como memória de outra matriz cultural amordaçada, negada, como resistência e réplica ao discurso que a nega e frente ao qual desenrola uma luta desigual que remota ao conflito de classes, ao conflito entre a realidade da abstração mercantil e a do intercâmbio simbólico. (CANCLINI, 1998, p.48)

O autor nos apresenta um contexto que se faz presente nas realidades aqui apresentadas, a cultura ou expressões culturais como forma de resistência diante das problemáticas e contradições em que seus públicos estão inseridos.

CAPÍTULO 2:

OLHARES ETNOGRÁFICOS: reuniões, atividades, batalhas de rima, Marcha da Periferia e afinidades militantes.

A marcha da periferia faz parte do conjunto de atividades relacionadas a militância do Quilombo Urbano, no entanto, esta atividade é construída e materializada anualmente e, a cada ano ela apresenta temas diferentes relacionados com a conjuntura política. Com esse panorama político, se desenha críticas, contestações, reivindicações e bandeiras levantadas pelos mais heterogêneos movimentos que participam desse momento que envolve militância, cultura e resistência.

As mais diferentes formas de ativismo são utilizadas pelos movimentos sociais e seus sujeitos, todavia, e historicamente, essas formas vão se transformando e se adaptando as novas realidades e novas configurações postas pela globalização. Neste sentido, as novas estratégias se remetem as novas formas de mobilização que envolvem engajamento militante virtual e presencial que se subdividem em novas vias de engajamentos, como o clicativismo¹⁴, cyberativismo, e outras categorias exploradas pelas ciências sociais e seus pesquisadores, como exemplo, os pesquisadores Marcelo Kunrath e Bianca de Oliveira Ruskowski (2016).

Se faz pertinente pensar as formas de ativismo e engajamento militante associados a marcha da periferia, pois o desenvolvimento histórico das marchas e dos militantes se materializam nas estratégias de mobilização através de mecanismos que podem se modificar, aperfeiçoar ou se adaptar, considerando as condições de cada tempo e época. Neste sentido, as análises irão fazer um percurso histórico sobre as formas de ativismo sociopolítico através do engajamento militante inserido na expressão cultural do *Hip-Hop* militante do grupo pesquisado, além de tentar entender como essas estratégias vão se modificando.

Neste contexto, a pandemia da COVID-19 impôs regras sanitárias necessárias para barrar o avanço do vírus. Consequentemente, a reorganização foi imprescindível, pois a militância também se direcionou ao combate do vírus e a irresponsabilidade protagonizada pelo Governo Federal em relação à pandemia.

¹⁴ O "clickativismo" refere-se às diversas formas de ativismo on-line que não demandam um envolvimento dos participantes em processos de ação coletiva off-line. Entre exemplos de clickativismo destacam-se: a assinatura de petições on-line; a contribuição financeira a campanhas de arrecadação de recursos na internet para certas causas; a produção e/ou o compartilhamento de mensagens nas redes sociais da internet em apoio ou oposição a causas específicas etc. Ver Castañeda (2015) e Morozov (2013).

Um olhar etnográfico sobre a Marcha da Periferia faz parte das metodologias de pesquisa aplicadas nesta produção, com caráter qualitativo, com embasamento teórico interdisciplinar e coletas de dados feitas através de registros fotográficos, gravações de áudios, gravações de vídeos e análises dos conteúdos. Como já exposto, este evento é anual e faz parte de uma agenda municipal, estadual e nacional, assim contemplando público heterogêneo espalhados pelos movimentos sociais que unificam suas bandeiras e lutas.

Esta pesquisa se iniciou em meados de 2014, até então como estudante de graduação com um contato muito mais tímido e genérico em relação ao objeto. Nesta atual fase da pesquisa, buscaremos aprofundar o entendimento sobre dinâmicas do movimento dentro de suas atividades, principalmente em sua principal, a Marcha da Periferia, que se encaminhou para sua décima sexta edição em 2022. Visto este contexto, realizamos uma incursão etnográfica na XV Marcha da Periferia, que aconteceu em São Luís - Maranhão, no Bairro da Liberdade, considerado o maior quilombo urbano da América Latina¹⁵.

Os aspectos epistemológicos sobre a etnografia são fundamentais para compor pesquisas sobre as mais variadas formas de culturas ou subculturas, porém, é importante frisar que:

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos, ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizado nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, tem que ser formulados ou receitados para atender à realidade do trabalho de campo. (MATTOS, CARMEM. 2011, pág. 50)

A autora em questão ressalta a necessidade da utilização e adaptação de técnicas que não se prendam a padrões pré-determinados em relação à etnografia, dado que, cada objeto está inserido em múltiplas realidades que necessitam de olhares analíticos, interpretativos, coerentes e pertinentes, aglutinando instrumentos de pesquisa e suas ferramentas, como a observação, a aproximação, e a aceitação do grupo pesquisado, fator essencial para o desenvolvimento da pesquisa, tal premissa reforça a ideia da autora sobre as necessidades “*atender a realidade do trabalho de campo*”, no caso deste exame se faz presente não só na marcha da periferia, mas na história, na cultura e na militância do Quilombo Urbano. Nesta construção deve-se destacar

¹⁵ <https://portalguara.com/liberdade-o-maior-quilombo-urbano-das-americas-tera-rota-turistica-com-o-projeto-pelas-vias-da-liberdade/#:~:text=Mat%C3%A9rias-,Liberdade%2C%20o%20maior%20quilombo%20urbano%20das%20Am%C3%A9ricas%2C%20ter%C3%A1%20rota%20tur%C3%ADstica,Projeto%20pelas%20Vias%20da%20Liberdade&text=O%20bairro%20da%20Liberdade%2C%20por,cultura%20como%20ferramentas%20de%20socializa%C3%A7%C3%A3o.>

que a inserção do pesquisador se situa em diversas frentes, nas principais atividades desenvolvidas pelo grupo, como reuniões de construção, batalha de *Hip-Hop* e a marcha.

Metodologicamente, a etnografia é uma ferramenta de grande importância epistemológica, porém, somada a outras como a etnologia, pode enriquecer e agregar teoricamente à pesquisa em andamento, pois, “*a etnologia é um termo originário do século XIX para designar estudos comparativos dos modos de vida dos seres humanos*” (MATTOS, 2011.pag. 51).

O campo de pesquisa exige do pesquisador estratégias que auxiliem na construção científica, e a observação direta como produto da etnografia é indispensável nesta pesquisa, como relata o seguinte autor:

Se o método etnográfico é composto por inúmeros procedimentos incluindo levantamentos de dados de pesquisa probabilística e qualitativa (demografia, morfologia, geografia, genealogia e etc.), a observação direta é sem dúvidas a técnica privilegiada de investigar os saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana. (ROCHA, Ana Luiza, 2008)

Representações da vida social vistos aos olhos preparados teoricamente, podem ser privilegiados, além da postura adequada do pesquisador em campo como instrumento de coleta. Toda via, a autora afirma ser uma técnica “*privilegiada*”, considerando outros fatores que se fazem presentes na dinâmica social. Este privilégio, do ponto de vista de quem vos escreve, pode ser interpretado partindo de alguns pressupostos, como a aceitação do pesquisador em campo pelo grupo pesquisado, a afinidade em relação ao objeto que não comprometa a “*neutralidade da ciência*”, mesmo dentro dos termos de Weber (2006), que debate questões e conceitos relacionados a neutralidade axiológica, afirmando o abandono dos apegos pessoais fazem parte da construção científica. Afirma Weber:

Não existe nenhuma análise científica puramente objetiva da vida cultural, ou – o que pode significar algo mais ilimitado, mas seguramente não essencialmente diverso, para nossos propósitos – dos fenômenos sociais, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais essas manifestações possam ser, explícita e implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, como objetivos de pesquisa. (WEBER, 2006, p. 43)

Max Weber contribui significativamente para construção científica, logo, o “*privilégio*” do pesquisador em campo pode e deve estar atrelado as perspectivas que não comprometam o processo, mas, as questões de investigação podem ser direcionadas a partir dos pressupostos do pesquisador, porém, não cabe a ele direcionar as respostas dos sujeitos.

As lógicas subjacentes desta incursão metodológica e empírica se envolve em um diálogo teórico que mobilizam autores e pesquisadores que fundamentem as especificidades da pesquisa e se direcionem as questões mais amplas e específicas para assim tentar entender as demandas e as ações dos sujeitos que fazem parte deste objeto. Os diálogos teóricos e metodológicos se justificam a partir de embasamentos teóricos pertinentes, como as condições e mecanismos de militância que fazem parte desta pesquisa, neste sentido, pensar e analisar essas lógicas e disposições são fundamentais para desvendar, construir ou reconstruir trajetórias utilizando suas histórias. Kunrath (2016) colabora de forma expressiva neste debate:

Explicar a ação dos indivíduos em um contexto específico, como no caso do engajamento militante, demandaria, então, uma reconstrução de trajetórias que possibilite identificar a formação das disposições ao engajamento por meio dos processos de socialização. (KUNRATH, 2016, p.195)

Essa construção parte da história, da militância, da cultura, das atividades, da política e dos processos inseridos neste conglomerado. Tal construção necessita do entendimento e preservação das particularidades do movimento pesquisado.

2.1 Breve histórico da Marcha da Periferia

Esta atividade é organizada por um conjunto de entidades, que se organizam em reuniões, fóruns, debates e atividades extras, e através destas conseguem chegar a um consenso em relação à tema, estratégias, políticas, mobilizações, localização geográfica, trajetos e demandas que possam surgir na organização. Neste corrente ano (2023), a marcha se direciona para décima sétima edição, mas, nossa incursão se deu dentro da décima quinta, realizada em 2021, onde realizamos procedimentos etnográficos para esta pesquisa.

O surgimento da marcha está envolto em debates políticos em São Luís – Maranhão, que envolveu grupos heterogêneos, como mostra o pesquisador Rosenverck Estrela (2015):

Em 2006 o Quilombo Urbano, junto com outras organizações de Hip-Hop da ilha, como o “Realidade do Gueto” da região do Maracanã, e o Força do Gueto do Paço do Lumiar, iniciou a formação do “Fórum Metropolitano de Hip-Hop” visando deliberar ações conjuntas e discutir questões referentes a realidade do movimento maranhense. O início aconteceu por meio do I Seminário Metropolitano de Hip-Hop, em outubro de 2006, tendo a seguinte convocatória expressa em panfleto distribuída pelos movimentos: O lema sempre foi “precisamos de nós mesmos”. Mas, infelizmente, nos últimos anos, o Estado e a grande mídia e o mercado capitalista têm tentado se apropriar e despolitizar o Hip-Hop nacional para transformá-lo apenas em mais uma mercadoria, como todas as outras, nas prateleiras das lojas de playboys. Para

se contrapor a essa situação estamos convidando você para participar do I seminário metropolitano de Hip-Hop. (SANTOS, 2025, p. 164)

A gênese se dá no eixo dessas discussões iniciais nos fóruns metropolitanos em 2006, mas, atrelamos a marcha outra atividade que faz parte da agenda anual, o festival de *Hip-Hop* militante, realizado após a conclusão da marcha, porém, nesta origem da atividade, Santos (2015) relata que: “com a I Marcha da periferia, em novembro de 2006, e um ato show em defesa do Hip-Hop e da juventude de periferia, em junho de 2007”, nos remetendo a uma relação também histórica da expressão cultural com o mundo político do Quilombo Urbano. Acoplado a primeira edição, foi realizado o décimo sétimo festival de *Hip-Hop* militante, que seria realizado após a marcha.

Os temas são debatidos internamente, consequentemente geram debates, e alguns destes foram acompanhados em outros momentos, a partir da observação, constata-se que seus métodos giram em torno de tentativas da transformação das realidades em que os sujeitos estão inseridos, porém, as lógicas militantes debatidas se aproximam de ortodoxias políticas e teóricas em relação ao marxismo, sendo, pelo ponto de vista deste autor, um dos principais métodos de interpretação e transformação da realidade dos membros do movimento. Segue imagem do panfleto da primeira marcha:



Figura 10 Panfleto 1ª Marcha da Periferia - Arquivos Virtuais

O panfleto apresenta elementos ligados a expressão cultural do *Hip-Hop*, como a periferia, ferramentas de trabalho, *pick-ups*, acessibilidade a deficientes físicos, as bandeiras militantes e a própria ideologia sustentada pelo movimento. O local de concentração dos atos,

normalmente é a Praça Deodoro, como já exposto no primeiro capítulo desta produção, o local foi, e é cenário de manifestações, e eventos políticos em geral. Instigante observar os apoios a marcha nos panfletos, como o de uma autoescola, que pertence à família de membros do movimento. Esses patrocínios mostram que a realização dos atos gera custos e esses custos eram previstos nos documentos anexados nesta dissertação, tudo dentro dos projetos construídos previamente pelo movimento nas reuniões.

Anualmente os temas e subtemas da marcha alteram conforme as conjunturas políticas de cada época, com suas exigências, críticas e contestações. Observamos alguns temas das edições e cartazes da primeira marcha até a sétima edição. Os temas:

- **1ª Marcha da periferia** – O Levante da Periferia contra as desigualdades sociais e raciais, 2006;
- **2ª Marcha da periferia** – Por educação, emprego e reforma agrária, 2007;
- **3ª Marcha da periferia** – Reparações já! Pelo pagamento da dívida social para com povo negro;
- **4ª Marcha da periferia** – Pelo fim da guerra interna na periferia, 2009;
- **5ª Marcha da periferia** – Por reforma urbana já! 2010;
- **6ª Marcha da periferia** – Contra a criminalização da pobreza, 2011;
- **7ª Marcha da periferia** – Contra os despejos forçados e a faxina étnica.

Propomos um modelo explicativo da atuação política e cultural do movimento, no entanto, os processos históricos das marchas inseridos nos seus temas são produzidos a partir das relações políticas das entidades que se somam a marcha, algo evidente, considerando os processos de socialização. Conforme Kunrat, (2016, p.189) “*As atividades são as produtoras de mudanças. As entidades são as coisas que se dedicam às atividades. As atividades geralmente requerem que as entidades tenham propriedade específicas.*” Propriedades e prioridades, cada tema inserido em sua conjuntura transporta o que o autor enfatiza. Estes são alguns temas e subtemas das edições da atividade desenvolvida pelo Quilombo Urbano, que sintetiza o sentido apresentado por Kunrath, (2016), sobre o processo de engajamento militante, quando discorre que o engajamento militante é uma das formas de expressão da participação ou do ativismo sociopolítico. Abaixo temos um misto de imagens dos cartazes de algumas edições.



Figura 11 Layout de panfletos das marchas

O engajamento militante faz parte da história e trajetória do movimento, nos resta tentar entender através desta pesquisa, como os sujeitos adentram, permanecem ou se distanciam dos movimentos, ou entender as lógicas identitárias, que de acordo com Kunrath (2016), “A forma como acontece o processo identitário dependeria, entre outros aspectos, do maior ou menor grau de congruência prévia entre as identidades pessoais e a identidade coletiva” (KUNRATH, 2016, p.199). As convergências identitárias também serão interpretadas a partir do desenvolvimento da pesquisa com suas trajetórias.

A popularização da marcha foi construída através de seus militantes nas reuniões, fóruns, palestras, contudo, outras estratégias foram utilizadas como meio de divulgação da marcha, a exemplo, as atividades realizadas pelo Quilombo Urbano utilizando o *Hip-Hop* como ferramenta mobilizadora e propagadora de crítica e contestação dos problemas das periferias da capital maranhense, além de auxiliar na conscientização do público acerca destes problemas. A seguir algumas imagens retiradas nas redes sociais e de arquivos próprios sobre esses eventos construídos pelo Q.U, como shows, oficinas, e eventos em geral.



Figura 12 Festival Pró Liberdade - Arquivos do Quilombo Urbano



Figura 13 Primeira Amostra de Hip-Hop - Arquivos do Quilombo Urbano



Figura 14 Evento Periferia Urgente - Arquivos do Quilombo Urbano



Figura 15 Baile da Periferia - Arquivos do Quilombo Urbano.

Alguns destes cartazes não possuem data, mas pelos aspectos podemos supor que podem coincidir com as datas das marchas citadas acima. Os cartazes contêm informações básicas sobre os eventos, que seguem nessa organização e análises básicas:

- **Festival pró-liberdade – Vale protestar. Um grito contra oligarquia coronelista:** Evento inserido no contexto político maranhense caracterizado pela família Sarney no governo. Governador Jackson Lago do PDT era o governador, foi cassado e Roseana Sarney assumiu o cargo, como segundo lugar nas eleições. Grupos com perfis oligárquicos que dominaram o Maranhão por décadas, por esses motivos básicos, deduzimos que o cartaz faça crítica ao coronelismo e oligarquias;
- **1ª Amostra de Hip-Hop, Rap, Grafite e Break – Local: Rua da Vala (2008):** Rua da Vala localizada no Bairro João Paulo, local onde os moradores combatem a falta de infraestrutura, pois como próprio nome diz, a rua e as residências ficam em cima de uma vala, então convivem com diversos problemas, como alagamentos, mau cheiro, insetos, etc. Uma das militantes do movimento reside nesta rua. O evento inclui os elementos constitutivos do *Hip-Hop*;
- **Periferia Urgente – Com shows de Hip-Hop, capoeira, samba e torneios esportivos (sem data):** Interpretamos este evento como uma tentativa de alertar o público através do entretenimento sobre problemas gerais em relação à periferia;
- **Baile da Periferia – Raio X Nordeste (2003):** Este evento em específico não apresenta tantas informações, mas, foi realizado em uma periferia da cidade.

Todos os eventos acima citados, foram organizados pelo Quilombo Urbano, todos foram em periferias e todos possuem apoios para realização, como rádios, rádios independentes e profissionais autônomos. Normalmente, eventos desta natureza são realizados nos dias que antecedem a marcha, porém, o grupo costuma organizar eventos da natureza dos aqui apresentado no decorrer do ano, sempre com algum intuito ligado a militância, como veremos nos relatos etnográficos de 2021, nos dias que antecederam a XV marcha da periferia.

A historicidade das atividades se atrela com a cultura e militância, cada ato ou atividade possuem caráter contestatório e crítico, como podemos observar nos cartazes aqui apresentados. Na atividade de 2008 que leva o nome de **1ª Amostra de Hip-Hop, Rap, Grafite e Break**, foi realizado em uma das áreas de atuação do movimento, localizado no Bairro João Paulo em uma rua conhecida como “Rua da Vala”, onde uma das militantes reside. O Quilombo Urbano desenvolveu e desenvolve atividades na região, dentre eles temos as batalhas de rima e

participações em protestos, como o ocorrido em novembro de 2017, dias que antecederiam a marcha daquele ano. Nesta ocasião participaram do protesto, membros do Q.U., moradores e simpatizantes da causa dos moradores. O ato reivindicava condições básicas para as estruturas da rua e para os moradores, no entanto, a Polícia Militar do Estado do Maranhão foi chamada, logo, começou um conflito entre os manifestantes e a PM, que ocasionou com membros do Quilombo Urbano sendo detidos. O ocorrido foi noticiado na imprensa estadual e repudiado pelos mais diversos movimentos sociais.



Figura 16 - Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/protesto-resulta-em-conflito-entre-policiais-militares-e-manifestantes-em-sao-luis.ghtml>. Jovem do Quilombo Urbano sendo detido.

Na imagem acima temos um militante do Quilombo Urbano sendo detido de forma brutal pela PM. O mesmo vestia uma camisa do movimento do qual pertencia. As áreas de atuação do movimento são diversas, e cada atuação no campo geográfico possuem suas particularidades, porém, não se tem notícias sobre atos desabonadores de conduta dos militantes do grupo pesquisado. No link da reportagem apresentam detalhes sobre o ato, incluindo prisões de outros membros do movimento.

2.2 O primeiro contato com a marcha da periferia

Em 2015 aconteceu a X Marcha da Periferia, evento do qual este pesquisador participou de forma direta e indireta. Indiretamente na construção e debates que foram realizados de formas variadas, incluindo debates em grupos no *WhatsApp*, debates estes que eram mais acessíveis, pois o grupo pesquisado reside na capital do Maranhão, em São Luís, e o autor desta pesquisa reside em Bacabal, Maranhão, aproximadamente a 270 km de distância. Geograficamente distante, por esse motivo o contato virtual foi decisivo na construção dos laços iniciais de pesquisa e na própria realização. Na época, como discente de graduação e militante

do movimento estudantil, acompanhamos toda movimentação pré e pós marcha para os encaminhamentos da pesquisa monográfica.

Militando pela ANEL (*Assembleia Nacional de Estudantes Livres*), entidade que fez oposição a UNE por motivos políticos, acompanhei e participei da décima marcha, batizada de “X Marcha da Periferia” e o Vigésimo Sexto Festival de *Hip-Hop* Militante, intitulado Dandara e Zumbi + 20, realizado no dia 20 de novembro de 2015, que teve como tema: “**Aquilombar para Reparar**”, com suas principais reivindicações e bandeiras, dentre elas:

- Pelo fim da cultura do estupro;
- Contra o extermínio da juventude negra;
- Fora o Matopiba¹⁶;
- Basta de violência contra indígenas e quilombolas;
- Contra a PEC 241;
- Fora Temer! Fora Todos os corruptos.

Nota-se, nesta pequena lista de reivindicações, princípios defendidos nos estatutos do movimento, como a defesa de negros, indígenas e quilombolas, mas, declaradamente a luta contra o sistema político vigente com seus personagens de cada época, como neste caso, em 2015, a luta dos movimentos sociais regionais e nacionais era contra o governo de Michel Temer, que subiu ao poder após processo de impeachment da ex-presidente, Dilma Rousseff, que segundo alguns movimentos sociais, sucumbiu após um golpe, porém, nem todos os movimentos aderiram à ideia do “golpe”, como o próprio Quilombo Urbano, que seus militantes possuem vínculos políticos partidários com o PSTU, e o partido se posicionou abertamente com discurso do “FORA TEMER, FORA TODOS”, incluindo políticos ligados a ala da direita, esquerda e centro.

¹⁶ O Matopiba é uma região formada pelo estado do Tocantins e partes dos estados do Maranhão, Piauí e Bahia, onde ocorreu forte expansão agrícola a partir da segunda metade dos anos 1980 especialmente no cultivo de grãos. O nome é um acrônimo formado pelas siglas dos quatro estados, estados (MA + TO + PI + BA). Eles queriam extinguir essa região?

A topografia plana e o baixo custo das terras comparado às áreas consolidadas do Centro-Sul, levaram alguns produtores rurais empreendedores a investir na então nova fronteira agrícola. A expansão aconteceu sobre áreas de cerrado, especialmente pastagens subutilizadas, e só foi possível pela disponibilidade de tecnologias para viabilizar os plantios nas condições locais. Os sistemas de produção são intensivos desde a implantação e buscam alta produtividade. Fonte: <https://www.embrapa.br/tema-matopiba/sobre-o-tema>



Figura 17 Festival de Hip-hop 2015, venda de produtos - Arquivo Pessoal



Figura 18 Concentração da X Marcha da Periferia - Arquivo pessoal



Figura 19 Faixa da marcha - Arquivo pessoal

A seguir alguns registros fotográficos do festival de *Hip-Hop* que aconteceu após a marcha.



Figura 20 Marcha percorrendo as ruas - Arquivo Pessoal



Figura 21 Festival de Hip-Hop, bandeiras no palco - arquivo pessoal



Figura 22 Rosenverck Estrela cantando - Arquivo do Quilombo Urbano

As imagens conseguem expressar o princípio da militância e dos anseios dos participantes dos movimentos sociais que se vincularam a marcha, cada grupo com suas bandeiras, reivindicações e críticas, principalmente em relação à política partidária, políticas públicas, ou a ausências das políticas públicas direcionadas aos grupos dos movimentos sociais.

Na Marcha de 2015 os mecanismos mobilizatórios se construíram dentro dos alicerces tradicionais, como descrito acima. No entanto, as condições do processo de engajamento vão se transformando conforme as condições impostas em cada tempo, a exemplo, após 2020 tudo se modifica em razão da pandemia do COVID-19. Partindo destes pressupostos, pode-se relacionar Kunrath (2016), que discorre sobre condições de engajamento, que exigem o processo de socialização, mesmo que este seja feito de forma não-presencial seguindo os moldes anteriores a pandemia, ou seja, seguindo moldes e estratégias adotadas por efeitos da pandemia. Segue modelo proposto pelo autor:

Figura 1 – Condições e mecanismos do processo de engajamento



Figura 23 Esquema teórico - Fonte: Marcelo Kunrath

Segundo o esquema do autor, as condições passam por etapas que necessitam seguir uma estrutura, incluindo a interação, socialização e alinhamento. Contudo, mesmo que as condições impostas por cada época, o alinhamento militante nem sempre segue regras e normas coerentes, pois cada movimento defende suas causas, levanta suas bandeiras e possui perfil identitário que tende agregar as suas pautas e reivindicações. Pautas estas que também incluem a política partidária com suas disputas internas e externas, como discorre Kunrath (2016):

Nesse sentido, o engajamento militante distingue-se, por um lado, da participação em processos político-institucionais, como eleições ou plebiscitos, uma vez que estes não demandam nenhum tipo de envolvimento duradouro em uma ação coletiva. (KUNRATH, 2016, p. 192)

Na prática, a marcha realiza-se num conjunto de movimentos inseridos nas mais variadas tendências políticas de esquerda, porém, mesmo que esta atividade construa unidade provisória, o engajamento também se define por pautas identitárias, principalmente sobre

questões sociais que incluem os sujeitos inseridos nos movimentos, assim “permitindo” a “*socialização militante*”, que de acordo com Kunrath (2016), “*deriva da interação comunicativa, são ativadas, inibidas e/ou construídas disposições que podem favorecer ou obstaculizar o engajamento*” (p.216). Os obstáculos podem ser construídos e desconstruídos a partir das linhas de ação desenvolvidas pelas atividades do grupo que idealizou a atividade em questão.

Particularidades são evidenciadas por cada movimento nas atividades, como destacado nos registros fotográficos das marchas em diferentes momentos, como as que este autor acompanhou em 2015 e 2021. O embasamento destacado sobre o engajamento militante de Kunrath (2016), expõe que “*um aspecto pode ser destacado em relação aos alinhamentos, no entanto, é que eles podem assumir características muito particulares*” (KUNRATH, 2016, p. 216), como exemplo as pautas, que podem e são identitárias, particulares e mais gerais, reivindicações defendidas mutuamente pelos movimentos em geral.

Seguindo linhas teóricas em relação ao engajamento militante, é possível elencar as perspectivas que desenvolvem a argumentação do autor em questão, quando se direciona ao engajamento, sendo eles: **deposicional, identitário e relacional**, que fundamentam algumas questões abordadas nesta pesquisa, como inserção, permanência e defecção dos movimentos.

A “*Deposicional*” se relaciona com que Bourdieu conceituou como “*habitus*” dentro das “*estruturas, estruturadas e estruturantes*”, visto que, a incorporação se dá através do contato indireto, após, direto e a convivência entre os iguais, apesar de suas diferenças identitárias em relação às políticas públicas ou políticas direcionadas aos problemas gerais dos sujeitos. A *identitária*, segundo Kunrath (2016) se “*constitui, inicialmente na Europa, como uma das respostas ao cultural turn na literatura dos movimentos sociais*”, construindo sentido nas posições hierárquicas dos sujeitos que compartilham sentidos e sentimentos relacionados aos movimentos sociais que consequentemente adotam uma identidade coletiva. Na perspectiva relacional, se dá “*conforme a denominação indica, enfatiza a centralidade das inserções relacionais na estruturação dos atores e das suas ações*”, mas, considerando os contextos das interações políticas.

Com base nos pressupostos teóricos apresentados que contribuem para fundamentar esta pesquisa, podemos apresentar os mecanismos utilizados pelos movimentos sociais através das atividades pré e pós marcha da periferia, utilizando a etnografia como método de investigação para tentar elucidar questões elencadas nesta pesquisa.

O evento em questão, como já exposto nesta dissertação, faz parte da agenda de atividades militantes e culturais do Quilombo Urbano. A marcha é o lócus desta etnografia, que

se desenha a partir de uma série de atividades que se subdivide em reuniões, eventos, atividades culturais e atos políticos.

Nos dias que precedem a marcha, os militantes do grupo organizam uma série de encontros para debater a construção da atividade com membros do Quilombo Urbano e membros de outros movimentos que auxiliam na mesma. Nas ocasiões, as responsabilidades são divididas e criadas comissões para delegar os afazeres. A exemplo podemos citar as comissões de divulgação, de contato, de imprensa, de mobilização, de criação de documentos, enfim, uma série de responsabilidades compartilhadas entre os militantes envolvidos.

Entre os meses de outubro e novembro de 2021, nos dias que antecedem a marcha, participei de alguns eventos e reuniões de construção da marcha, como a plenária de construção da marcha, realizada no sindicato **SINASEFE** (*Sindicato Nacional que representa os servidores - docentes e técnicos - da Rede Federal de Educação Básica, Técnica e Tecnológica*) realizada no dia 04/11/2022, no bairro Monte Castelo, em São Luís. Nesta reunião se fizeram presentes membros do Q.U., membros do sindicato do qual foi realizado a reunião, membros de movimentos estudantis, movimentos quilombolas, indígenas, bancários, membros de movimentos sociais que tomaram a frente da construção do ato em questão. Cada sujeito apresentou suas propostas, ideias, bandeiras, causas e políticas, a serem debatidas entre os mesmos e levantadas durante a marcha. Folder da plenária:



Figura 24 Panfleto de plenária - Arquivos Quilombo Urbano

Na plenária de construção foram feitos avisos e diversos convites de atos e eventos culturais apoiadas pelo quilombo urbano. Alguns destes eventos foram realizados com propósito de divulgar a marcha, como a Batalha da JP (abreviação do bairro João Paulo). As batalhas são comuns no universo do *Hip-Hop*, que agregam elementos constitutivos da

expressão cultural em questão, como *rap*, Dj, Mcs, grafite, e o ponto alto da atividade, a batalha de rima que expressa sentimentos diversos dos sujeitos que competem.

Um debate pertinente em relação ao *Hip-Hop* e as batalhas de rima, é a questão da territorialidade, pois, cada grupo, movimento social e político, reivindica espaços de atuação, ou conquistam e relacionam com suas atividades, porém, deve-se destacar que:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estreitamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam, no espaço e como elas dão significado ao lugar”. (HAESBAERT, 2004, p.219)

O autor em questão aborda a territorialidade a partir das demarcações físicas, naturais, simbólicas, políticas e de poder, vias pertinentes que ampliam teoricamente as interpretações sobre as relações entre os movimentos e os espaços físicos. Cabe salientar, que estes territórios são ou foram espaços de disputas diversas, ocupados pelos mais variados atores sociais, neste sentido, acentuamos o diálogo teórico para sistematizar as ideias.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p.143)

As afinidades teóricas abordam disputas a partir do território e do espaço, enfatizam as relações antagônicas de classe, de raça e de gênero, relações precarizadas a partir das contradições do capitalismo. Existem relações e oposições entre os conceitos, Santos (1996) discorre sobre o perigo da confusão entre os mesmos nomeando território como configuração, como destacado: “*Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes*”, (SANTOS, 1996, p.77).

Anteriormente, o autor desta pesquisa teve que se deslocar de seu município de origem, Bacabal, Maranhão, para São Luís, local onde reside o movimento objeto desta pesquisa e a realização da atividade em questão. A dinâmica inicial se deu nas seguintes etapas:

- Deslocamento via terrestre feita de ônibus intermunicipal com duração de 4 horas de viagem, em média 270 km de distância, com saída às 8h da manhã com chegada às 12h no complexo rodoviário de São Luís, com preço médio entre 50,00 e 80,00 a passagem;

- Posterior a isso, foi feito deslocamento via Uber da rodoviária até o ponto de estabelecimento para fins organizativos, logísticos e restabelecimento corporal e psicológico, a fim de manter um descanso para encarar a jornada no dia seguinte;
- No ponto de apoio, no hotel, foi feito os contatos prévios para reforçar a agenda construída anteriormente e sondar se foi feita alguma mudança na agenda proposta preliminarmente;
- No dia seguinte, o primeiro compromisso foi o deslocamento do bairro Parque Shalom, local do ponto de apoio, até o local da reunião, que se localiza no SINASEFE, localizado na Av. Newton Belo, 524, Bairro Monte Castelo, São Luís, com a distância média de 10 km, porém, o tempo entre os pontos dependia do trânsito, sendo normalmente engarrafado por conta da dinâmica urbana e geográfica da capital maranhense, feito de Uber, assim elevando os gastos da incursão desta pesquisa;

Após realização de todo percurso organizativo e logístico foi feito o deslocamento até o local da plenária de construção da marcha, em uma primeira observação ao chegar no local pude notar e analisar questões que geraram descontentamento entre os partícipes da plenária, sendo inicialmente os seguintes:

- **Localização geográfica do local da reunião:** o sindicato se localiza nos entornos centrais da cidade, enquanto os membros dos movimentos são oriundos das periferias e, conseqüentemente distante, de acesso mais complexo e caro, dependendo do meio de deslocamento, que alguns fizeram de coletivos, Uber e outros por caronas com os que possuem transporte próprio. A partir destas observações, nota-se o desconforto entre os membros e um princípio de desacordo para as próximas reuniões em relação ao local, gerando debate e ideias de pontos estratégicos, porém, mesmo este sujeito oriundo das periferias ludovicenses pode-se observar o que Bourdieu (1997) conceitua e caracteriza como “*Violência Simbólica*”, no momento em que os participantes começaram a opinar sobre seus bairros. Neste instante, estes mesmos começaram expor que o local poderia ser perigoso para os demais, que o deslocamento poderia ficar comprometido, pois nem todo motorista das plataformas poderiam aceitar corridas para o local, ou até mesmo a distância entre os pontos de ônibus e os locais propostos, assim gerando ainda mais discussão, visto que uma parte do público concordou com a mudança do local das reuniões e outra parte não concordou considerando a problemática apresentada pelos

próprios moradores. Após um debate de cerca de 45 minutos não chegaram a uma conclusão e ficaram de combinar posteriormente estes passos;

- Atrasos por parte de membros para iniciar a plenária que também gerou descontentamento entre os sujeitos. A plenária foi marcada para às 18h, porém, seu início se deu lá pelas 20h. Chegamos no local às 17h30, para ter tempo de fazer observação das estruturas locais, observar o local, sondar membros dos movimentos, cumprimentar e dialogar com outros, afinal, ter um pequeno momento de socialização e de imersão no objeto de estudo. Neste problema, um jovem de um Grêmio Estudantil e participante da juventude do PSTU externalizou seu descontentamento em relação ao atraso e relatou problemas que isso poderia trazer a todos que ali estavam e cobrou respeito a todos.

As minúcias apresentadas somam para uma descrição que tinha como proposta a densidade, que de forma geral é necessário na produção etnográfica, porém, diversos aspectos contribuem para tal descrição, assim como alguns fatores que de alguma forma atrapalharam o processo de coleta de dados, como, neste caso da plenária que até o momento, quase dois anos depois, nunca tivemos acesso a relatoria da mesma (salientamos que mantivemos contato com setor responsável, porém, nunca saiu do campo da promessa a socialização do documento).

A prática da etnografia se desenha dentro de relações, porém, para Geertz (1998), praticar o método etnográfico não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”. (GEERTZ, 1989, p.15).

Nesta perspectiva, a preocupação com o objeto e sua descrição parte das necessidades que a pesquisa vai se esquematizando, a exemplo, acesso aos documentos, porém, como relatado acima, em alguns momentos o acesso é complexo, mas, a observação e o contato se formalizam diante da sensibilidade mútua, de entender o tempo do outro ou as dificuldades impostas por qualquer cenário, seja logístico, seja hierárquico ou qualquer outro cenário que possa se apresentar.

Estiveram presentes na plenária:

- Membros do SINASEFE com seus representantes: Prof. Rui, coordenador do sindicato e professor do IFMA e Mauricio, assessoria de comunicação do sindicato;

- Membros do Quilombo Urbano: Preto Hertz, professor da rede municipal de São Luís, militante do Quilombo Urbano e militante do PSTU;
- Preta Nicinha, militante do Quilombo Urbano e militante do PSTU;
- Beto, militante do Quilombo Urbano;
- Membros do movimento “Rebeldia” ligado a juventude do PSTU;
- Membros da CSPconlutas (Central Sindical e Popular);
- Wagner, membro do movimento Raça e classe e membro da CSPconlutas;
- Ester, professora e diretora sindical e membro do coletivo Ursula;
- E demais participantes de outros movimentos ou militantes independentes que queiram ajudar na construção do ato.

A reunião, como relatada, iniciou com quase duas horas de atraso, assim, alguns pontos de coleta de informações e observações ficaram comprometidas, mas, a início o militante do Quilombo Urbano, Hertz Dias, começa fazendo uma análise da conjuntura nacional em relação à política e as lutas dos “pretos” e “pobres” contra as configurações bolsonaristas e a importância de se construir unidade de luta. Além de reforçar a construção de uma sociedade socialista e luta contra as incongruências capitalistas e finaliza citando o lema da edição da marcha: “**Não voltaremos para a senzala nem para os porões da ditadura**”. Remetendo a relação e aproximação do presidente com o poderio militar e o fantasma do golpe que pairava sobre o Brasil no governo Bolsonaro. Abaixo um folder da marcha com o tema, subtema e local.



Figura 25 Banner da XV Marcha da Periferia - Arquivos Quilombo Urbano

Logo após a fala de Hertz Dias, abriram-se inscrições para que outros participantes pudessem fazer discursos, logo, as seguintes falas foram direcionadas para organização da marcha com a divisão de responsabilidades, cada representante de movimento assumiu uma, como Mauricio da assessoria de comunicação do sindicato que pegou contato de todos para criar um grupo no *WhatsApp* para socializar informações e organizar pautas e afazeres, outros membros ficaram responsáveis divulgação da marcha em seus bairros, escolas, movimentos, e setores trabalhistas, mas, também se utilizaram de estratégias para divulgação através de atos, de eventos e manifestações, como as batalhas de *Hip-Hop*. Outros grupos ficaram responsáveis por convidar outros movimentos, como indígenas, quilombolas, LGBTs, estudantes e movimentos em geral.

Alguns informes foram feitos no final da reunião, como a batalha da JP, anunciada para o dia 06/11/2022, no bairro João Paulo, outra batalha no dia 13/11/2022, no Bairro da Liberdade e demais organizações em geral. Cabe registrar que outras reuniões e plenárias já teriam acontecido e decidido alguns pontos importantes, como tema, local e horário da marcha. O local escolhido foi o Bairro da Liberdade, bairro esse considerado o maior quilombo urbano da América Latina, como já exposto nesta pesquisa.

A observação participante nos permitiu diagnosticar alguns padrões hierárquicos na construção do ato e no próprio Quilombo Urbano, que está atrelado e corporificado com o PSTU, seus membros em sua maioria possuem laços políticos com o partido. Hierarquicamente, a reunião se deu a partir de Hertz, membro fundador do Q.U., e militante do PSTU e Preta Nicinha, da mesma linha de Hertz, após para outros membros. Os registros fotográficos a seguir exibem alguns destes sujeitos, mas, ao todo a reunião não ultrapassou o número de 17 pessoas.



Figura 26 Plenária foto 1 - Arquivo Pessoal



Figura 27 Plenária foto 2 - Arquivo Pessoal



Figura 28 Plenária foto 3 - Arquivo Pessoal

A respeito dos padrões, deve-se frisar que:

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamentos manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre pessoas e grupos. (MATTOS, 2011, p.51)

Avistar aquilo que fica nas entrelinhas também faz parte do método etnográfico, a imersão no campo possibilita decifrar comportamentos diversos entre os sujeitos e grupos, como salienta o autor. A investigação no campo nos proporciona uma visão holística a partir dos detalhes, como comportamentos, gestos, hierarquias, estruturas físicas e humanas, incluindo a estética do local com suas pinturas, como no caso do sindicato em que foi realizado a reunião, a pintura local nos chamou atenção, pois possui referências do cotidiano das lutas sociais, como exemplo na foto abaixo.



Figura 29 Pintura do Sindicato - Arquivo Pessoal

O registro feito por este autor nos apresenta a parte interna do sindicato onde a plenária ocorreu. Na imagem podemos assinalar relações entre as pinturas que estão na mesma parede, como a imagem dos punhos erguidos que remetem a resistência, as imagens de livros em uma prateleira, imagens de um grupo de pessoas se manifestando e levantando a bandeira do sindicato, junto a imagem de Mariele Franco, vereadora do Rio de Janeiro que foi assassinada pelas milícias. As imagens evidenciam sentimentos, desejos e objetivos daqueles que reivindicam para si ou para seu grupo as lutas sociais.

As interpretações etnográficas partem de diversos pressupostos, porém, alguns pontos devem ser priorizados durante a pesquisa e na construção epistemológica, assim ressaltando as posições dos sujeitos que compõe o campo de pesquisa. De acordo com Matos, (2011), destacar não só a visão holística, mas a tentativa de entendimento aglutinando diversos fatores. Segue:

O trabalho etnográfico, informando que fazer etnografia implica em: **1)** preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; **2)** introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; **3)** preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexibilidade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado. (MATTOS, 2011, p.49)

O envolvimento entre sujeitos, desde o campo de pesquisa, até a construção teórica se faz holisticamente, mas, pertinente ressaltar os pontos que a autora nos apresenta, considerando o campo de atuação do pesquisador, que neste caso, o objeto nos apresenta claramente suas dinâmicas transformadoras que envolvem a militância que envolve um dos aportes teóricos desta pesquisa. Este todo se aglutina dentro do processo complexo da escrita etnográfica, os envolvimento podem ser esclarecidos a partir de Clifford (2002), quando expõe que se faz uma tradução da experiência em forma de escrita, assim, os recursos metodológicos contribuem para legitimar as leituras do objeto, como destaca Oliveira (2000), trabalho é “*moral, político e epistemologicamente delicado*”.

Prosseguindo na plenária, ela se encerra com representantes dos movimentos fazendo falas e anunciando seus informes, dentre eles, o Q.U. informando sobre a Batalha da Liberdade, marcado para o dia 06/11/2021, no Bairro João Paulo, localizado em uma região que está o 24º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, que fica situado na Avenida São Marçal. Região periférica, com seus arredores compostos por bairros considerados perigosos, como o Barreto, Caratatiua, Coroadó, Bairro de Fátima, que passam por processo de criminalização a partir da generalização feita pela população da própria cidade. Outra batalha foi marcada para o dia 13/11/2021 no Bairro da Liberdade, na Posse da Liberdade e, dia 16/11/2021, na Posse Comuna de Palmares. As “posses” partem das organizações dos movimentos de *Hip-Hop* que possuem princípios culturais e políticos em comum.

A noção de posse no hip-hop refere-se a um movimento formado por várias pessoas e grupos envolvidos com a cultura do hip-hop, articulados por uma associação formal ou informal, marcados por princípios comuns, por realização de reuniões, eventos e atividades coordenadas e coletivas. (MARCON, 2013, p. 509)

As identidades e representações se cruzam culturalmente e politicamente, porém, a questão política não é fator determinante para participação do coletivo. Como ressalta Geertz (1982) a cultura pode ser uma teia de significados construídos pelos próprios homens.

A Batalha da JP ocorreu na Avenida São Marçal, na praça que leva o mesmo nome do santo. Segue imagens do panfleto da batalha e de registros fotográficos feitos por este autor:



Figura 30 Panfleto da Batalha da JP - Arquivo virtual do QU

A atividade em questão, faz parte da agenda planejada dentro das plenárias de construção da marcha da periferia, contudo, os mecanismos de engajamento militante não se concentram apenas em atos, manifestações e marchas, elas tomam forma através da cultura ou, neste caso, da expressão cultural do *Hip-Hop*, que consegue expressar uma série de sentimentos através de suas rimas, principalmente a crítica e contestação das problemáticas muito mais gerais das quais os sujeitos que os constroem fazem parte, como racismo, machismo, xenofobia, homofobia e demais tipos de opressões. Segundo Kunrath (2016), o engajamento militante é

abordado como uma das formas de expressão da participação ou do ativismo sociopolítico, neste caso, a atuação política se faz dentro da expressão cultural de modo a fortalecer a mesma, propagar ideias, ideologias e principalmente oferecer espaços de socialização para o público adepto da expressão cultural.

Existem aproximações inseridas na multiplicidade empírica do objeto, que nos fornece condições para tentar elucidar questões muito mais gerais e específicas, como neste caso, o engajamento e as condições militantes utilizadas pelos organizadores, além de identificar processos plurais de socialização que convergem, mesmo que em alguns momentos em posturas contraditórias, na mesma direção. Olivier Fillieule (2010), destaca que:

Devido à pluralidade de mundos sociais, os indivíduos são governados por princípios de socialização heterogêneos e, por vezes, contraditórios, que eles internalizam. Nós podemos então colocar a hipótese de que cada ator incorpora uma multiplicidade de padrões de comportamento e hábitos, organizados como repertórios e contextos sociais relevantes que o ator aprende a distinguir através da totalidade de experiências prévias de socialização. (FILLIEULE, 2010, p.5)

As pluralidades culturais e políticas dos partícipes são visivelmente identificáveis através de seus posicionamentos e através das rimas, suas vestimentas que em alguns casos possuem elementos direcionados as suas ideologias, questões partidárias, ou, aqueles que estão apenas como simpatizantes. A incorporação de comportamento abordada pelo autor dialoga com os conceitos de Bourdieu (2007), especificamente, *habitus*, que em tese são estruturas, estruturadas e estruturantes, que aglutinam diversas perspectivas, posturas, experiências e, principalmente, os padrões comportamentais dos sujeitos.

Questionamentos podem surgir a partir dos “padrões”, mas, quais padrões dissertamos? Identificamos padrões comportamentais entre os organizadores da batalha, membros do Quilombo Urbano e alguns militantes do PSTU, os padrões giram em torno dos discursos, posturas e posicionamentos, uma determinada “*ordem do discurso*”, que Foucault (1996), denomina de “*produção do discurso*”.

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, p.6)

Os alinhamentos políticos se materializam não só nos discursos que são balizados, controlados e redistribuídos, mas, igualmente, dentro dos comportamentos dos militantes do

movimento analisado. Tal controle ou procedimentos estão presentes nas atividades em geral, como marcha, batalhas e atos, que serão descritas a partir do campo de atuação e, a partir dele mobilizar aportes teóricos.

Avaliamos as peculiaridades da batalha de *Hip-Hop* que desperta curiosidade em quem vos escreve, as batalhas se inserem em uma nova dinâmica que envolve um público mais jovem com interesses e visões de mundo muito mais distintos dos envolvidos no militância do grupo pesquisado. As distinções dos interesses geram opiniões diversas que se enveredam pela crítica que geram discordâncias. Posteriormente será exposto e problematizado tal questão com os posicionamentos dos membros entrevistados.

A batalha ocorreu no dia 06/11/2021, na Avenida João Marçal, na praça que leva o mesmo nome da Avenida no Bairro João Paulo, bairro localizado em uma região central da cidade, periférico e cercado por bairros considerados violentos na cidade de São Luís. A dinâmica urbana de São Luís se confronta com suas mais variadas problemáticas, debatidas nos encontros do grupo pesquisado. No João Paulo, como já exposto nesta dissertação, possui diversos problemas, incluindo o da Rua da Vala, endereço de uma das militantes do Quilombo Urbano e PSTU. Na captura de tela abaixo temos a localização geográfica do bairro com os seguintes bairros nos arredores: Apeadorou, Caratatiua, Vila Palmeira, Alemanha, Jordoia, Outeiro da Cruz, Bairro de Fátima, Coroadó, Redenção, entre outros.



Figura 31 - Fonte da imagem: <https://www.google.com/maps/place/Jo%C3%A3o+Paulo,+S%C3%A3o+Lu%C3%ADs+-+MA,+65137-000/@-2.5470359,-44.2823949,16z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7f68fbb96cc51eb:0x7f9721db9b86bdb1!8m2!3d-2.5463664!4d-44.2733636>

A dinâmica do bairro e da avenida gira em torno do comércio, do trânsito intenso de carros, ônibus, o cotidiano do bairro gera um fluxo de pessoas muito intenso. Curioso destacar que, anualmente após as festividades juninas neste mesmo bairro ocorre um evento conhecido, onde se encontram diversos bois do sotaque de matraca¹⁷, festa que atrai multidões e o batalhão

¹⁷ Bumba-meu-boi maranhense cujo "sotaque" é denominado "matraca" ou "da Ilha". Distingue-se dos demais por um conjunto de características, entre elas o amplo uso das matracas percutidas pelos brincantes, o pandeiro de

do exército que fica no bairro fornece apoio logístico. Conforme o Site O Imparcial¹⁸, a tradicional brincadeira recebe anualmente cerca de 200 mil pessoas passando pela avenida com os batalhões de bumba meu boi. Roteiro turístico nas festividades juninas, investimento das secretarias de cultura, mas, as contradições do bairro continuam, não só na rua da vala onde reside Preta Lu, mas as estruturas do bairro observadas por este autor nos levam a esta conclusão.

A seguir incluímos um *layout* com três fotos do local do evento, a parte de cima registro da praça São Marçal e as duas abaixo, uma do lado esquerdo e outra do lado direito.



Figura 6 Local da Batalha - Arquivo pessoal

Nesta imagem podemos notar pichações na escola ao fundo, contudo, não intimida os organizadores em geral e nem o público que participa da batalha. Apesar das pichações, ou características de vandalismo presente no local, existem pequenos comércios de venda e consumo de lanches, pula-pulas e barzinhos que funcionam em quiosques. Observei atentamente a chegada dos participantes, já que o evento estava marcado para as 16h e só começou entre 18h e 20h, mais um atraso registrado nos eventos produzidos pelo movimento. A constatação se deu por conta do horário que chegamos ao local, as 16h, uma jornada bem cansativa. Porém, tal atraso pode ter duas razões: uma em relação ao equipamento que acompanhei a montagem, e a segunda, que mais justifica tal atraso, foi a chegada dos participantes da batalha e do próprio público. Muitos dos participantes da batalha chegaram de ônibus, que reforça a hipótese que vieram de outros bairros, outros chegaram de carros próprios,

couro e uma espécie de cuíca que emite o ronco do boi. Os trajes têm nuances próprias, como o do caboclo real, espécie de índio mitológico, recoberto de penas multicoloridas. Os
<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00002043.htm>

¹⁸ <https://oimparcial.com.br/noticias/2022/06/tradicao-no-joao-paulo-volta-com-forca-total/>

alguns de Uber e outros acreditamos serem residentes dos arredores que observamos chegando a pé.

O trajeto até o local da batalha tem início às 15:30, com meu deslocamento do Bairro Parque Shalom, que fica em média a 9,2 km de distância do Bairro João Paulo, nos dirigimos até o local de Uber e chegamos às 16h, no horário marcado, mas, como relatado acima, mais uma vez um evento começa com bastante atraso, porém, tal atraso nos proporcionou uma visão mais ampla do evento.

Após a fase mais aguda da pandemia do COVID-19, a batalha do JP foi a primeira a ser realizada e contou com a organização do Quilombo Urbano, apoio cultural da *Blackzon*¹⁹ e *Dugueto* (produz camisetas e pinturas). Na batalha estiveram presentes *Pockets Show*, responsáveis por apresentações curtas durante o evento e *Mcs*, mestres de cerimônia. Especificamente, participaram Mc Cadete como *Pockete Show*, Mano Guedão como *Pockete Show* e Preta Crixxx na discotecagem, como convidados.

As primeiras impressões do evento e minha inserção como pesquisador no campo que apresenta diversas possibilidades analíticas através dos mais variados mecanismos, dentre elas a de reivindicação de direitos que serão expostos nas falas, e principalmente na marcha da periferia, já que a batalha também funcionou como ferramenta divulgadora. A etnografia como uma ferramenta antropológica nos contempla com seus métodos, que nos fornecem possibilidades de análises do conglomerado que se pesquisa, assim, de acordo com Gertz (1989) fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. “Tentar ler” o objeto é um dos principais desafios da pesquisa, de modo que, a partir destas pressuposições qualitativas podemos expor nossas primeiras leituras do evento batalha do JP.

Eventos anteriores do Quilombo urbano contaram com apoios culturais, como consta nos materiais coletados nesta pesquisa, que se apresentam nos folders e cartazes. Nesta edição do JP, apresentamos apoio de dois seguimentos populares de participantes do Q.U., sendo a **Blackzona**, um empreendimento popular e artesanal de bolsas e o **Dugueto**, nas mesmas características da anterior. Nota-se a presença de um comércio de produtos artesanais nestes tipos de atividades, em alguns eventos estes comércios giram em torno de produtos dos próprios militantes que tentam complementar renda ou fonte de renda principal, quiçá de comercialização de produtos políticos partidários, como jornais, revistas e livros.

¹⁹ Perfil no Instagram: https://instagram.com/blackzona_?igshid=YmMyMTA2M2Y=

A comercialização de produtos artesanais, de certa forma, é uma maneira de fazer circular bens simbólicos dos grupos, produtos estes que são consumidos pelos agentes e incorporados como parte da identidade dos mesmos. A mesma prática esteve presente no evento em questão, mas, neste caso tinha apenas uma cadeira com produtos da militante Preta Lu, proprietária da marca *Blackzona*, que além de auxiliar na organização, divulgação, ainda forneceu premiação oriunda de seu estoque para o vencedor da batalha. Abaixo, registros da exposição dos produtos mencionados.



Figura 33 Venda de produtos artesanais - Arquivo pessoal



Figura 34 Interação - Arquivo pessoal

Observando e analisando as práticas e dialogando com os sujeitos podemos evidenciar que a exposição acaba se tornando uma ferramenta de *marketing* e publicidade para os produtos, já que a mesma possui um perfil na rede social *Instagram*, que leva o mesmo nome da marca, onde a visibilidade consequentemente atrai público e aumenta suas vendas de forma virtual, mas, nada impedia a comercialização dos produtos ali mesmo, ou, deixar encomendas para entregar em outra ocasião.



Figura 35 - Perfil no instagram da marca blackzona que conta com quase 3 mil seguidores. Fonte: https://instagram.com/blackzona_?igshid=YmMyMTA2M2Y=

Anterior a organização dos produtos, observamos as dinâmicas organizacionais que serão expostas nos registros fotográficos. Os equipamentos começaram a ser montadas entre 16h e 17h. A montagem dos equipamentos começa no horário previsto para começar o evento. Segue registro panorâmico:



Figura 36 Visão panorâmica do Local da batalha - Arquivo pessoal

Nestes registros percebemos itens básicos de sonorização que são ferramentas essenciais para o evento.



Figura 37 Equipamentos de som



Figura 38 Beto testando som - Arquivo pessoal

Acompanhamos a conclusão e os testes do som antes do início da atividade, como exibido acima. Um dos membros organizadores do Q.U., e dono da marca *Dugueto*, após montar toda estrutura, começa a fazer testes gerais, do som, microfone, cabos, equalização do som, e a escolha das músicas que iriam fazer parte das atrações. Nos intervalos dos testes, o mesmo aproveitava para convidar os que estavam presentes para a macha da periferia, expondo a necessidade de construir um ato político que pudesse combater os tipos de opressões que fazem parte do cotidiano periférico.

O público começa se concentrar nos arredores da praça e se acomodar esperando o começo das batalhas e apresentações. Na imagem abaixo temos a presença de Beto, que está no controle da caixa de som, e de Mano Guedão, um dos *pocket shows* da batalha.



Figura 39 Mano Guedão e Beto - Arquivo pessoal

Durante uma breve entrevista não-estruturada com Beto (o de camisa regata) sobre a importância destes eventos para juventude, o mesmo relata:

Beleza meu irmão, aqui Beto Belo, Quilombo Urbano, São Luís. Cara, essa batalha é o seguinte essa galera aí tem poucos espaços, tá entendendo, pra

poder se expressar e um dos espaços que ainda é marginalizada é essa batalha, a galera ver chegar esse monte de moleque aqui preto no primeiro momento que a galera tá chegando já começa aqueles grandes olhares, aquele peso tá entendendo? Mas aí, precisava de espaço e o espaço tá tendo, e ele não foi dado ele é mesmo conquistado beleza, não foi uma coisa que alguém deu, essa batalha aqui essa galera começou a ser reunido né sozinho sem apoio de ninguém não foi estava espaço. Beleza!!! Nós do Quilombo Urbano já tá muito tempo trabalhando com o *Hip-Hop* e a gente vai se adaptando, porque o Quilombo Urbano assim como o *Hip-Hop* é vivo, então a cada momento o *Hip-Hop* vai ter uma apresentação diferente já teve o grafite já teve muita expressão o break o DJ então a Batalha não é que é uma coisa nova, Batalha sempre existiu só que hoje em dia é esse moleque encontrado na Batalha mais maneira de se expressar e nós estamos aqui apoiando eles. (BETO, 2022)

Pontuamos que os diálogos e entrevistas foram breves por conta do atraso da atividade, desse modo, os organizadores e participantes da atividade estavam bastante ocupados, assim, todo contato foi feito em pequenas oportunidades que foram surgindo durante o evento. O debate acerca da conquista do território citado anteriormente se materializa nas palavras do militante Beto, que enfatiza a importância dos espaços para socialização da juventude, porém, com tom muito mais politizado e evidenciando os rótulos e estereótipos que a juventude negra e periférica carrega. Notamos incorporação de pautas e reivindicações para juventude que se corporifica no discurso, além de demonstrar a necessidade do evento, interliga os elementos do *Hip-Hop* com as formas que os jovens podem se expressar naquele espaço. Haesbaert (2004), enfatiza sobre as ligações políticas sobre o território e a cultura quando indica que “*além de incorporar uma dimensão política, diz respeito também às relações econômicas e culturais*”. (2004, p.219). Os discursos dos entrevistados evidenciam um padrão que está presente em outros discursos, posturas e demais mecanismos utilizados pelo grupo em relação à cultura e militância. Agora façamos um exercício comparativo entre a entrevista anterior com a seguinte, da militante Luciana, mais conhecida como Preta Lu, nesta mesma atividade.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa seguem alguns padrões, que tem como características e questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa, de acordo com Trivños (1987, p.146). Os diálogos das entrevistas serão transcritos e narrados dentro das necessidades apresentadas. Após o diálogo com Beto, nos dirigimos para conversar com Preta Lu, que se dispôs imediatamente a “*trocar uma ideia*”. Inicialmente, perguntei qual grupo ela fazia parte e qual era sua função no movimento, a mesma destacou que faz parte do Quilombo Urbano, faz questão de destacar que é *Rapper* e que participa do grupo Gíria Vermelha, e que coordena algumas atividades do movimento, mas, como todo contexto está inserido em uma pandemia que saiu de uma fase aguda para uma fase mais “branda”, a militante destaca que passou algum tempo desenvolvendo atividades sempre

puxando para os temas ligados a militância. Posterior a essas informações, analisamos as interações entre pautas identitárias com teor sociopolítico atreladas ao cotidiano, que fundamentam a perspectiva apresentada sobre as condições e mecanismos de engajamento militante Kunrath (2016), quando o mesmo tenta oferecer modelos explicativos para tentar entender a complexidade dos fenômenos, dentre eles as perspectivas, já citadas neste trabalho, a exemplo a perspectiva identitária, que corrobora com a construção, reprodução ou difusão do sentido coletivo das lutas encampadas, assim, como a militante destaca no pequeno trecho narrado. Em relação à importância da atividade para juventude dentro do bate-papo que se desenvolveu, a mesma prossegue:

Assim, a importância que se tem para juventude é porque na verdade existe uma ausência de políticas públicas para, para a Juventude de periferia porque se você é um jovem de classe média um jovem de classe alta você tem várias possibilidades agora quando você é um jovem de classe mais baixa você é marginalizado, você é negro, saca? e assim nós decidir políticas públicas por quê porque a nossa a nossa a nossa Juventude ela é marginalizado ela é alvo da polícia ela é alvo do racismo, e o hip hop é justamente um, uma coisa criada pela própria juventude como uma forma de desabafar essa realidade de confrontar essa realidade de compreender antes de tudo essa realidade e torna assim uma aglutinação dessas Juventude né. Eu, algumas pessoas me consideram, mas por ser mais velha no *Hip-Hop*, velha escola, tem esse, esse formato de *Hip-Hop* que está sendo feito que são as batalhas de rima, entendeu? é muito importante porque a cada sociabilidade da juventude, apesar de ter muitas palavras que aparentemente são violentas palavrões e tal ao final de tudo tá todo mundo se abraçando se confraternizando e aprendendo um com o outro porque na verdade o *Hip-Hop* se você for ver vários trabalhos que existem eles em carrega em cima a concepção de escolas, escola se aprende, se debate, entendeu? a importância para a Juventude é essa né é que é uma coisa para a Juventude mais feita pela própria Juventude, mas a juventude de periferia, preta pobre.

Foucault (1970), discorre que “*a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso*” (p.34). Fica evidente padrão ou alinhamento sendo posto em prática através dos discursos, não só nas atividades mais políticas, como em atividades ligadas ao meio cultural. A alocação, na concepção de quem vos escreve é quase disciplinar, visto que os corpos nas palavras foucaultianas, se alinham de certa forma, e constroem um alicerce que baliza as condutas. Em comparação, a linguagem se modifica nas duas entrevistas, enquanto Beto se expressa informalmente, Preta Lu apresenta um ar mais letrado, utilizando um jogo de palavras menos comuns no cotidiano, no entanto, a linguagem e o entendimento do universo letrado se justificam a partir de sua área de formação (graduada em história) e trajetórias militantes, mesmo com estas características, a militante está inserida nestas incongruências das quais combate, e se utiliza das ferramentas do *Hip-Hop* como forma de ação. Ambos apresentam

argumentações sociopolíticas direcionadas ao público preto e periférico, que tanto demonstram em suas falas. Kunrath (2016) ressalta que o engajamento militante pode ser abordado como uma das formas de expressão da participação ou do ativismo sociopolítico, neste sentido, as posturas apresentadas se interligam em uma via de mão única, a militância política através da expressão cultural do *Hip-Hop*. Alguns elementos devem ser elencados na entrevista acima, como as concepções de escola dentro do *Hip-Hop*, mas, são questões que não são o foco desta pesquisa, mas que serão problematizadas e analisadas basicamente, considerando sua importância para o debate acadêmico e epistemológico. As batalhas são demonstradas conforme a entrevistada relata, como práticas que não fazem parte da “*velha escola*” do *Hip-Hop*, assim, levantando questão geradora de conflitos de opiniões, envolvendo a história, as práticas e os sentidos que produzem.

Logo após o público começa se posicionar para acompanhar as atrações. A partir daí o evento se direciona para seu começo que ficou entre 18h e 19h. As vestimentas do público do *Hip-Hop* é uma particularidade a se pontuar, nota-se, principalmente entre as atrações, um padrão estético que também estão voltadas para as heranças do *Hip-Hop*, os quais são de origem americana, contudo, a estética apresentada pode apresentar características mais particularizadas em relação ao seu tempo, mesmo que o sujeito esteja inserido em uma cultura dominante, a vestimenta pode evidenciar formas de resistência a partir dos sujeitos e dos movimentos que se inserem. O movimento Punk, por exemplo, está ligado a “*contracultura*”, termo que pode variar entre categorias analíticas, mas, não iremos adentrar neste universo, apenas apontar direções que possam dialogar com as especificidades desta pesquisa, como a debatida aqui, a estética. O termo vai surgir na década de 60, entre jovens que de certa forma rejeitam padrões, e sofreram influências internas e externas de bandas e movimentos que foram surgindo na história.

Em contraponto, existe uma pluralidade de culturas e subculturas que desconstróem padrões e se reconhecem numa multiplicidade de possibilidades que edificam sentidos, lutas, reivindicações e novas histórias, como exemplo, o *Hip-Hop*. A contra hegemonia pode ser explicativo neste sentido, no entanto, existem disputas internas entre as “subculturas”, como as disputas entre os grupos: punks x headbanger²⁰, mods x rockers²¹ Downing (2001), discorre:

²⁰ De acordo com Jeymison Gomes (2019): Se torna fácil identificar um headbangers através do visual que geralmente é composto por camisa preta com trazendo estampada o logo da banda, jaquetas repletas de patches 7, calça jeans desbotada, além de acessórios como cinto, braceletes, pulseiras e tênis, cabelos longos e tatuagens. Além de todos esses ornamentos existe um símbolo universal entre todos os headbangers a clássica mão chifrada 8 que tem como criador do gesto o Ronnie James Dio.

²¹ <https://universoretro.com.br/mods-e-rockers-esquecem-rivalidade-e-celebram-lancamento-do-universo-retro-conheca-a-historia-dos-dois-grupos/>

Geralmente, o modo de trajar de uma pessoa comunica a sua riqueza, seu *status* oficial, seu sexo, sua inclinação sexual, de que lado do campo de batalha ele está, às vezes seu gosto pelo estilo de vanguarda – mas o vestuário pode ser também contra hegemônico. (DOWNING, 2001, p.177)

A colocação do autor nos direciona para questões mais gerais, porém, como citado, o vestuário pode ser uma forma de resistência ou a inserção do sujeito na cultura da qual simpatiza. O movimento *Hip-Hop*, historicamente quebra padrões, traz para si responsabilidades sociais, cumpre funções sociais e auxiliam no autorreconhecimento de classe e de raça, demarcando territórios de ação política e cultural. Sintetizando, criação de novas identidades, seja ela qual for, até mesmo visual. No entanto, as representações podem construir identidades? Silva (2000), entende que:

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (SILVA, 2000, p.91)

“Eu existo, eu resisto”, em alguns momentos as “identidades” conseguem se expressar sem pronunciar uma palavra, assim, externalizando através de sua estética, sua postura, posicionamentos, preferências políticas, culturais e religiosas.

Ao observar a batalha do JP, nos deparamos com uma sequência de externalizações através das identidades visuais condizentes com a expressão cultural do *Hip-Hop*, algumas mais “exuberantes”, demarcando diferença na diferença, e outros nas identidades individuais ou coletivas que fazem parte da expressão cultural.

O método etnográfico exige do pesquisador contatos com o campo através de ferramentas, sendo a observação participante uma das mais importantes para tentar compreender as práticas, comportamentos, costumes, culturas e rituais em geral, que será observado, analisado, materializado e externalizado através da escrita, registros somados a etnologia que auxiliarão na compreensão do objeto. Posto isto, pertinente refletir que “*a ferramenta etnológica permite numerosas descobertas não previstas no início de uma pesquisa*” (GUTWIRTH, 2001, p.229). O campo fornece elementos que em alguns momentos podem parecer imperceptíveis, mas o olhar analítico captura as particularidades inseridas nos pormenores.

Anterior as batalhas, focamos nossa observação no local com suas estruturas físicas, posterior a isso, observamos o público nativo da região, aqueles que trabalham nos arredores,

nos quiosques, nas barracas, nos bares, além de um ponto de ônibus coletivo bem na frente, que faz com que o trânsito de pessoas seja intenso no local. Apesar do evento ter sido realizado num domingo, a movimentação na praça e arredores foi constante, aqueles que estavam apenas de passagem e aqueles que se deslocaram até o local para consumir o que a praça tinha para oferecer, dentre os pontos que já citamos. Os pontos com mais pessoas concentradas eram os quiosques de venda e consumo de bebidas alcoólicas, que aumentou o fluxo no percorrer do dia/noite. Na região mais “familiar”, onde tinham brinquedos infantis, o movimento era razoável, a permanência ficava condicionada ao consumo dos brinquedos pelas crianças, além do consumo de lanches, algo atrelado ao entretenimento. Essa movimentação faz parte do cotidiano local, o público que estava ali para consumir outros produtos, mas, estavam atentos a movimentação do *Hip-Hop*, principalmente, após o início das batalhas com suas rimas criativas que empolgavam o público que estava lá por diversos motivos. Algumas batalhas se tornaram empolgantes e prenderam atenção total, até daqueles que não são apreciadores da expressão cultural, a exemplo disso, observamos pessoas que estavam transitando a pé na avenida com suas mochilas indo ou vindo do trabalho, pessoas que passavam distraídas, olhavam a movimentação, escutavam o som ou as rimas e conseqüentemente a curiosidade aflorava e muitos paravam para observar. Grupos de jovens, adultos, e famílias que passavam encostavam para observar, uns por alguns minutos e outros que estavam de passagem e resolveram ficar. Algumas disputas eram cômicas, outras continham palavrões, apesar dos trocadilhos, o público que, supostamente não conhece ou gosta do tipo do som, ou não faz parte do acervo cultural individual, as “caras e bocas”, as expressões de surpresa ou de admiração e até mesmo de euforia quando uma disputa tinha reviravolta era muito nítido. O evento conseguiu trabalhar de forma semiótica e simultânea em algumas vias de ação, dentre elas ação política, ação cultural e ação de divulgação da marcha da periferia, já, que entre os intervalos os organizadores anunciavam a marcha e falavam da importância da mesma, assim aglutinando um público diverso. As questões ideológicas não passam despercebidas nos eventos e atividades desenvolvidas pelo Quilombo Urbano, pelo contrário, eles fazem questão de expor suas críticas ao capitalismo com suas contradições e, a exaltação da luta de classes para derrubada da burguesia e construção de um Estado operário, socialista, pois, conforme os mesmos só o socialismo seria salvação da classe trabalhadora e repetem quase como um mantra a seguinte frase: “**organizar os debaixo para derrubar os de cima**”. Essa organização parte da conscientização da classe trabalhadora para que ela consiga identificar tais contradições e consigam criar condições objetivas para derrubada do capitalismo.

Iremos de forma sucinta, expor como executam as batalhas de rima, contudo, ressaltamos que não é o principal foco desta pesquisa, iremos fazer breves interpretações, considerando que a atividade envolve um conjunto de símbolos e rituais que necessitam de atenção, análises, e problematizações, que poderão ser objeto de outras pesquisas posteriormente.

Fenômeno este espalhado pelas periferias e centros de entretenimento, as batalhas se transformam de rituais que podem envolver resistência, reivindicação de identidade, aprendizado e muita criatividade. Segundo Alves (2015), “*existem dois tipos de batalha, as mais comuns de batalha são de sangue e conhecimento*”, cada uma com suas especificidades se interligam em ambientes diversos com métodos, focos e objetivos diferentes, a depender do que se é exigido pelo evento. Logo, Correia (2020), destaca que surgem novas modalidades:

Uma nova modalidade de *freestyle* – a batalha de conhecimento – que consiste em “rimar” sobre uma ou mais temáticas propostas no momento que antecede as disputas, tais temas são normalmente de cunho social, político, educativo, cultural, etc., contrapondo assim as batalhas de “sangue”. As Batalhas de Sangue consistem em atacar verbalmente os “oponentes”, humilhando um ao outro em cada momento da rima, é “vale tudo entre palavrões e xingamentos”, já as batalhas de conhecimento consistem em valorizar o conteúdo das rimas, concedendo um aspecto mais educacional, ou seja, o *rapper* precisa em suas rimas divulgar algum conteúdo que se relacione com tema pré-estabelecido o que possibilita mostrar seus conhecimentos sobre o assunto, assim como os conhecimentos “de mundo de” que carrega. Tais performances acontecem seguindo algumas regras, entre elas o tempo que dá para cada MC, que é de 30 a 40 segundos por *round* (período), desenvolver suas rimas, normalmente divididas em dois *rounds*; só ocorre o terceiro quando há empate entre eles segundo a manifestação do público presente, nesse caso o organizador pode fazer dois tipos de modalidades nesse momento, um ainda seguindo o tempo dos primeiros *rounds*, outro podendo ser o bate/volta, esse por sua vez tem características peculiares, ou seja cada MC poderá rimar quatro vezes seguidas de mais quatro, intercaladas (duas e duas), desenvolvendo uma mistura entre “conhecimento e sangue”. (CORREIA, 2010, p.13)

O autor exemplifica com as seguintes imagens:



Figura 40- Fonte da imagem: CORREIA, Marcelo Silveira REPRESENTAÇÕES NAS BATALHAS DE RIMA

Configurações postas pelo autor nos permitem entender as dinâmicas das batalhas em geral. A batalha analisada seguiu os princípios organizacionais, cada mestre de cerimônia (MC) em suas disputas apresentou o que lhe foi exigido. No evento em questão, houve uma sequência de batalhas com diversas rimas que incluíam diversos temas, desde política, problemas sociais, problemas pessoais, narrativas e conhecimentos, tudo isto espalhado pelos dois modos apresentados pelo autor acima, o “*de conhecimento e de sangue*”. Cada MC exteriorizava suas rimas a partir das regras, porém, notamos através das observações que não era apenas um conjunto de rituais estruturados com objetivo de alcançar êxito nas disputas, mas, cada expressão facial, gestos e rimas, mostrava que acima de tudo, também estava em jogo tentativas de demarcação territorial ali naquele ambiente, o famoso “eu mando aqui”, “eu vou dominar”, ou, “eu sou o maior”. As leituras faciais, gestuais e verbais feitas, nos levaram a examinar algumas atuações que apresentaram elementos ligados as trajetórias pessoais, experiências, críticas e atuações contendo noções de conhecimentos gerais. Alguns MCs que participaram da batalha também fizeram apresentações como *pocket show*, uma apresentação curta produzida a partir de experiências vividas pelos mesmos. Algumas saíram-se melhor que outras, assim, despertando ainda mais o processo de entusiasmo, visto que, envolviam relatos da vida pessoal e outras apenas representação da realidade, porém, um MC em especial nos chamou atenção, sua apresentação *parregava* um teor de conhecimentos gerais que delimitava e demarcava sua atuação e participação na batalha, segundo o mesmo, sua apresentação “era uma aula”. O mesmo começa sua apresentação cantando um *rap* sobre “a origem de tudo”, levantando questões sobre nossa origem refletindo da seguinte forma:

A origem de tudo, e ó, e ó, não é de hoje que surgiu essa pergunta e outras do princípio, só buscamos compreender de onde viemos, para onde vamos, quem foi o responsável que fez tudo isso acontecer, o primeiro a buscar respostas foi Tales de Mileto, afirmando que a água deu o nascimento ao mundo, já Pitágoras o gênio da matemática que o princípio dessa origem vem dos números, ente outros filósofos da *physis* e suas teorias sobre os elementos da vida. (MC, Cadete, 2021)

O *rap* cantado pelo Cadete MC, como se autointitula, nos leva a cogitar que o mesmo faz parte do universo letrado, que possua algum tipo de formação, ou que possa ter adquirido conhecimentos de forma independente, ou autônoma, possibilidades levantadas a partir das análises feitas durante as apresentações do rapper. Após todas as disputas da batalha, tivemos um pequeno diálogo com o MC Cadete, que se dispôs a conversar de forma rápida. A letra do *rap* é rica em detalhes em relação aos conhecimentos que o jovem possui, logo, o mesmo apresentou elementos da filosofia, da biologia em um percurso histórico, desse modo, impressionando público que acompanhava atentamente, incluindo este autor. A cada letra rimada percebíamos as expressões faciais das pessoas ao redor e podemos afirmar que algumas eram de admiração e outros de espanto, mas, poderia questionar: espanto? Sim, espanto, pois os estereótipos atrelados aos preconceitos em geral provocam fenômenos, como preconceitos de classe, de raça, de gênero, homofobia, xenofobia e demais tipo de opressões que se direcionam ao público preto e pobre. O jovem é negro, periférico, estava em uma batalha de rima, ambiente organizado e materializado pelo *Hip-Hop*, expressão cultural marginalizada e criminalizada em acordo com a classe dominante que dita os padrões “éticos”, estéticos, culturais e econômicos. Neste sentido, MC Cadete causou espanto para alguns pelo fato de ser um jovem negro vestido de forma simples em uma batalha de rima do *Hip-Hop* em um bairro periférico, assim, edificando o estereótipo e associação do jovem negro e a falta de conhecimentos, e a marginalidade. A descrição do *rap* não será possível na íntegra, já que o ambiente aberto com muitas interferências sonoras e pela velocidade das rimas cantadas nos impediu de entender sua totalidade.

Panda, como se apresentou ao público. As rimas cantadas pelo MC, de certa forma, possuem um tom muito mais crítico em relação à realidade e outras retratavam a trajetória do rapper. Alguns elementos podem ser destacados, como o tom mais “violento” da letra, além de alguns elementos ligados ao conhecimento e, a principal apontada por quem vos escreve pode estar ligada a vida pessoal do jovem, que apresenta ao público e em sua rima, o “*picho terapia*”, que seria a principal referência de sua rima. Deduzimos que o mesmo está inserido no elemento do grafite dentro do universo do *Hip-Hop* e, pode ser oriundo do mundo das pichações, já que

em suas letras possuem elementos ligados aos dois universos, o da pichação e do grafite. Neste sentido, o mesmo apresenta a referência como uma forma de terapia para seus problemas, que se atrelam a outras práticas que também são retratadas na rima, como veremos a seguir em um pequeno trecho transcrito. Alertamos que algumas transcrições foram feitas de acordo com que entendemos, podendo não ser as palavras originais, pois como já alertado acima, diversos fatores contribuíram para o não entendimento de algumas palavras cantadas. Segue:

Pra quem chegou e pra quem tá colando, meu vulgo de Mc é Panda, mano, eu faço corre de rima, “picho” e de poesia marginal, não sei se vocês sabem o que é “picho”, rima tá na moda né mano, mas não se se todo mundo sabe o que é “picho”, mas, vou tá apresentando dois sons aqui, mano, de um CD que saiu meu ligado? que eu produzi sozinho, tá ligado? O som tá na pista, vai ser daquele jeito, o nome do primeiro é “picho terapia”, uma homenagem que eu fiz aos manos que diz que a cidade, tá ligado... Vocês sabem o que é “picho”? Escuta aí: Tamo pronto pra missão cheia de ódio e de tinta sai da frente vacilão se não a quadrilha te pisa, tamo pronto pra missão cheia de ódio e de tinta, sai da frente que vacilão se não a quadrilha te pisa, desde os 15 nessa fita, quando eu não posso negar sentir o cheiro da tinta, certeza vai viciar, comecei na escola com os menor, parte na senha, não importa se é piloto ou cera, a gente quer é riscar parede, lembra da primeira lata? da primeira missão? se deu tudo certo é porque eu fico esperto e deixou a ouvir na contenção, esquematizar a seção para nada fica esquisito e se sujar e os verme embaçar despachar as lata e só fica com os pino, o verde pra relaxar, e a temperada inteira, o salve para o matemático que é moleque fera, e pra quem não gosta dos corre, tamo ligando é peste, picho não é crime picho é arte, tipo pintura rupestre, tamo pronto pra missão cheia de ódio e de tinta, sai da frente que vacilão se não a quadrilha te pisa. (PANDA, Mc, 2022)

Aparentemente um relato pessoal e uma tentativa de esclarecer ao público as diferenças interpretadas pelo autor do *rap* em relação à rima, e um pequeno retrato de sua trajetória com a pichação, como ela serviu ou serve como terapia, além de acrescentar outros elementos. MC Panda, logo após faz outra apresentação sobre alguma abordagem policial que sofreu e alega que a mesma pode ter sido feita devido a sua cor, prática racista, relata sobre uma revista feita, e expõe na letra tipos de insultos ao agente público, alegando que não era bandido, que era artista, mesmo assim o agente público quis agredi-lo.

Em um breve exercício analítico e comparativo, temos sujeitos plurais que fazem parte de uma expressão cultural que se subdivide em elementos, elementos estes que agregam diferenças e similaridades, cada um com seus padrões e hierarquias pré-estabelecidas. As reivindicações de identidade são corriqueiras nestes eventos, cada sujeito reivindica para si uma identidade pessoal e, conseqüentemente, uma identidade coletiva, que se dá através das interações cotidianas, sejam culturais ou políticas. As identidades envolvem um misto de

sentidos, ou podem ser reforçadas pelas ações, no entanto, Hall (2011) discorre que “*a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente*”. (p.13)

Pensar essa multiplicidade a partir do *Hip-Hop* e a partir dos adeptos em geral, principalmente dos sujeitos aqui debatidos, é pensar uma complexidade de interações que consequentemente podem gerar crises, e tais crises podem nos levar a dialogar com Goffman (2007), quando discorre sobre representação teatral:

O indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agirá de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos observadores respostas que lhe interesse, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto. Muitas vezes não será ele que moldará seu comportamento, e sim seu grupo social ou tradição na qual pertença. (GOFFMAN, 2007, p.67)

Desta maneira, refletir sobre questões identitárias em relação ao objeto se tornam muito mais intrincados, mesmo que os sujeitos tentem delimitar suas áreas e reivindicar para si determinadas identidades. De acordo com Eder (2003, p.7), em contraponto, as identidades coletivas proporcionam um princípio de integração social. O contexto de construção e/ou legitimação de identidade necessita do processo de socialização, porém, consentimos a noção da identidade teatral de Goffman (2007), quando sujeitos inseridos em determinadas culturas assumem posturas diversas dependendo do espaço do qual estão interagindo, mesmo que tal postura possa parecer ofensiva ou defensiva, o mesmo pode interagir dependendo de situações que podem, porventura, influenciar tal comportamento. Abaixo, uma grade com duas imagens:



Figura 41 MC Cadete e Mc Panda - Arquivo pessoal

Do lado esquerdo de camisa cor de laranja, Mc Cadete e do lado direito, com uma camisa do Flamengo, o Mc Panda.

Mc Cadete e Mc Panda estão conectados através do *Hip-Hop*, possuem identidade coletiva, porém, cada sujeito se integra nos elementos que mais se aproximam de suas realidades, ou que possam fazer parte de projetos pessoais, com metas, planos e objetivos. Um dos pressupostos que podem ser correlacionados, é de CERULO (1997, p.387), quando discorre que “*a identidade coletiva seria uma entidade moldada, refabricada, e mobilizada de acordo com os roteiros culturais e centros de poder*”. Em interlocução com Eder (2003), podemos associar à ideia da criação de espaços para construção de tal identidade, assim, o autor destaca:

Podemos descreve-los em termos da criação de um espaço social de comunicação no qual são institucionalizados códigos específicos de distinção entre um “nós” e um “outro” coletivo. O resultado é a construção de uma identidade coletiva que se manifesta como a ideia de um ego capaz de ter ou expressar uma vontade coletiva. Essa identidade permite superar os interesses particulares, criar a disposição de pagar impostos, de entregar os filhos a instituições educacionais controladas pelo Estado e de, até mesmo, morrer pelo Estado. (EDER, 2003, p.7)

Tal concepção das necessidades de espaços pode estar ligado a problemática levantada pela militante do Quilombo Urbano durante o breve contato com este pesquisador. Preta Lu, durante o breve diálogo que construímos, nos relatou a ausência de políticas públicas direcionada para os jovens das periferias, incluindo os jovens amantes da expressão cultural do *Hip-Hop*, estes, especificamente, não estão incluídos nos círculos culturais padronizados, que intercalam entre a classe média e classe alta, mesmo com o abismo econômico que os separam. No entanto, estes pressupostos não são regras, os espaços de socialização e de entretenimento não são frequentados exclusivamente por grupos economicamente privilegiados, jovens oriundos das periferias frequentam e arriscam sustentar o que Goffman (2007) conceitua de “*representação teatral*”, debate este levantado anteriormente sobre jovens da expressão cultural em ênfase nesta pesquisa.

Ausência destes espaços provocam processos migratórios destes jovens que buscam espaços para o consumo e compartilhamento das culturas, ideias e ritmos. Essa ausência se faz pela deficiência das políticas públicas aplicadas pelo Estado, que invisibiliza a juventude negra. Tal processo é histórico, na gênese do movimento do *Hip-Hop*, os adeptos tinham que se deslocar para outros setores da cidade para ter acesso à expressão cultural, os próprios militantes do Quilombo Urbano relatam tal problema em suas trajetórias.

A seguir, a estrutura da Batalha do João Paulo, com as sequências de batalhas até o campeão:

- ✓ **Primeira batalha:** Mc Panda versus Mc HW: HW vence e passa de fase;
- ✓ **Segunda batalha:** Mc Iori versus Mc Rouchimi: Iori vence a batalha, porém, cedeu a vaga para o oponente na próxima fase. Rouchimi passa para próxima fase;
- ✓ **Terceira batalha:** Mc Épico e Mc Fabricio: Épico vence e passa de fase;
- ✓ **Quarta batalha:** Mc Zedy e Mc Cadete. Cadete venceu, passa para próxima fase;
- ✓ **Quinta batalha:** Mc Panda e Mc Rouchimi. Rouchimi vence e passa para próxima fase;
- ✓ **Sexta batalha:** Mc Cadete e Mc Épico. Cadete vence e passa para próxima fase.
- ✓ **Sétima batalha (final):** Mc Rouchimi e Mc Cadete. Cadete venceu a batalha e sagrou-se campeão

A descrição acima foi estruturada a partir de áudios gravados durante a batalha, visto que, no momento, era impossível fazer anotações no diário de campo, muita agitação, movimentação e a todo momento tinha que me deslocar para ter uma visão mais ampla dos Mcs e do público, para aumentar as dimensões analíticas do evento. O horário avançado que a batalha se direcionou nos deixou limitado em relação à coleta de entrevistas, pois nosso roteiro e planejamento estava contemplado entrevistar todos os Mcs, porém, alguns foram embora, assim como o público. A preocupação com horário avançado estava em torno da violência urbana, fenômeno comum nas grades metrópoles, em tal caso, considerando tal problema, também encaminhamos o dia de observação para o final, assim, conseguimos ter um pequeno momento com o vencedor da batalha, o Mc Cadete, que já foi citado anteriormente.

Algumas questões surgiram imediatamente ao escutar o Mc em ação, a exemplo: idade, onde mora, o que cursava, de onde vinham as fontes de inspiração, como se iniciou no *Hip-Hop*, quais objetivos, projetos, planos de vida, enfim, muitas possibilidades e pouco tempo para construir uma entrevista completa e não estruturada que pudesse extrair informações de forma espontânea. O campeão ficou eufórico, e a abordagem ao ator social não poderia ser feita de forma invasiva, assim, nos aproximamos em um pequeno espaço de tempo durante as batalhas,

me apresentei e cogitei um pequeno diálogo após a batalha, o mesmo aceitou, mas, deixou claro que não poderia demorar pelo horário avançado. Tentamos iniciar uma entrevista não estruturada, já que não saberíamos o que iríamos encontrar em campo, e a partir deste momento, o pesquisador deve tentar sistematizar e sintetizar estratégias de coleta dentro do método e tentar descobrir os significados atribuídos pelos entrevistados que fazem parte da pesquisa. Geertz (2001), salienta sobre a busca da visão de mundo do outro a partir de suas percepções, e adicionamos a busca por respostas dos fatores impulsionadores.

Mc se chama Iago Cadete, no universo das batalhas é conhecido como Mc Cadete, curiosamente, “Cadete” é sobrenome do jovem. Cadete reside na Vila Embratel, bairro periférico localizado nos arredores do Itaqui Bacanga, ao lado de outros bairros considerados perigosos como o Anjo da Guarda, e o próprio Bacanga, onde se localiza a Universidade Federal do Maranhão. Distância média entre os bairros da Vila Embratel e João Paulo é de 10 quilômetros, porém, a dinâmica urbana de São Luís não permite um deslocamento rápido, nem que este seja feito de transporte próprio, Uber, ônibus coletivo ou outro tipo de transporte alternativo. Nesta época tinha 26 anos, e alegou estar cursando Gestão da Organização do Terceiro Setor na faculdade Cruzeiro do Sul. Relato:

Mano na verdade eu venho né, é uma questão é uma questão familiar porque como o jovem de favela infelizmente os nossos familiares eles acabam eles eles acabam se envolvendo em crime essas coisas, e eu perdi muitos parentes e eu quis mudar essa visão que eles tinham sobre a família Cadete de que só tinha marginal só tem ladrão, só tem traficante, então eu vivi em uma casa que infelizmente ela era muito humilde e não tinha TV, não tinha TV mas tinha muitos livros, tinha muita Geografia tinha muita matemática muito português e eu tinha um sonho muito grande de passar em um concurso público, então eu já fazia freestyle a algum tempo, e me veio uma ideia, porque não juntar aquilo que eu estudo com aquele momento que eu tenho pra pra pra me expressar? e eu uso muito isso em batalha, quando o cara ele fala sobre um assunto determinado que eu que eu vou te trazer é essa informação que eu adquiri, é algo é algo muito gratificante, tá ligado? então a minha inspiração ela vem justamente disto, dos livros e querer mudar é essa visão que eles têm sobre a minha família. (CADETE, Mc, 2021)

Apesar do contato muito curto, conseguimos constatar a dimensão do poder transformador do *Hip-Hop*, e como o Quilombo Urbano se utiliza das suas estratégias e mecanismos para tentar incluir jovens talentosos em suas atividades, além das tentativas de resgatar outros em situações diversas, não apenas de vulnerabilidade social, mas em circunstâncias gerais, a exemplo, a situação que Mc Cadete citou. Geertz (2001), consumindo na fonte de Heinz Kohut, psicanalista, discorre sobre as experiências, sendo estas, importantes

para produção epistemológica e etnográfica, logo, unifica visões de mundo, através dos nativos, e como os enxergam, e objetivos do pesquisador. De acordo com o autor:

Um conceito de “experiência próxima” é, mais ou menos, aquele que alguém – uma paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam, etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se os outros o utilizassem da mesma maneira. Um conceito de “experiência-distante” é aquele que especialistas de qualquer tipo – um analista, um pesquisador, um etnógrafo, ou até um padre ou ideologista – utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos. (GEERTZ, 2001, p.87)

Noutro, os debates sobre construção de identidade foram problematizados e levantadas questões gerais e específicas, como as individuais, sobre metas, sonhos, projetos e a fusão dos elementos. Cadete nos apresenta um resumo de sua trajetória, apresentando informações que se congregam aos elementos teóricos, fortalecendo hipóteses e abrindo vias de interpretação a partir do fenômeno investigado. Não só o *Hip-Hop*, mas a visão de mundo que o sujeito carrega, pode ter sido construída a partir de sua ligação com a expressão cultural, ou a partir de suas próprias experiências que incluem as trajetórias familiares. Nesta perspectiva, Geertz (2001, p.86), indaga: “*como é possível que os antropólogos cheguem a conhecer a maneira como um nativo pensa, sente e percebe o mundo?*”.

As percepções de mundo podem ser descobertas parcialmente, caso o pesquisador consiga ou tente enxergar o mundo a partir da visão do outro, neste caso, refletindo sobre o pequeno relato da história de vida do jovem que vem de uma família humilde, periférica, em que membros da mesma enveredaram para os caminhos do desvio, todavia, as experiências negativas somadas ao desejo de mudança que pode ter sido fonte para inspiração das letras e rimas da cultura da qual vive, associado aos elementos disponíveis em sua residência, como os livros e suas representações podem ter sido decisivos para a construção de “suas identidades” e da construção do seu eu, da postura que assumiu e dos projetos e desejos. Na contemporaneidade, reforçada pelo processo globalizador que incluem mecanismos de cooptação de mentes, podemos debater as transformações de identidades, ou as “identidades” que são construídas a partir dos pressupostos, porém, não nos termos anteriores, mas em diálogo com o “hibridismo identitário” que se mesclam aos sujeitos e culturas. Quando utilizamos “suas identidades”, para nos referir ao jovem entrevistado, fazemos referência ao “hibridismo identitário”, basicamente entendido como uma mistura, ou uma crise que se externaliza nos sujeitos. As vivências e processos de socialização produzem múltiplas possibilidades de

“identidades transitórias”, termo adequado para classificar a demanda em questão, favorecendo a argumentação. Canclini (2011) de forma pertinente discorre:

O hibridismo também faz suscitar várias categorias identitárias, que comumente são organizadas em conjunto histórico mais ou menos estável (etnias, nações, classes) e se reestruturam em meio à conjunção interétnica, transclassista e transnacional. As maneiras diversas em que membros de cada etnia, classe e nação se apropriam dos repertórios heterogêneos de bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais, são capazes de gerar novas formas de segmentação. Estudar processos culturais, portanto, é mais que afirmar identidades autossuficientes, serve para conhecer formas de heterogeneidade e entender como são produzidas as hibridações. (CANCLINI, 2011, p.02)

As formas de identificação das identidades transitórias se formalizam nas variações culturais, incluído do *Hip-Hop*, que apresenta particularidades problematizadas e investigadas nesta pesquisa.

O desenvolvimento desta pesquisa perpassa por etapas inseridas na cronologia dos eventos, na seguinte ordem deste capítulo. A etnografia como ferramenta metodológica nos acompanhou nestas etapas, sendo a primeira, a plenária de construção da marcha da periferia; a segunda, a batalha da Liberdade; e a terceira e última, a marcha da periferia, que será descrita e apresentará um resumo específico, pois, neste trabalho consta o contexto histórico; a logística de quem vos escreve; registros fotográficos, e transcrição de alguns discursos. Em consenso com Malinowski (1984):

Na etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador, e embora suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, eles são também, altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. (MALINOWSKI, 1984, p.19)

Retratar os comportamentos culturais e políticos a partir das atividades nos direciona a tentar elucidar questões norteadoras desta pesquisa, como a seguinte indagação: Como articulam a cultura e a política e que mecanismos utilizam? Adiante, a Marcha da Periferia de 2021.

2.3 Marcha da Periferia 2021: “Não Voltaremos para a Senzala e nem para os Porões da Ditadura”.

Os argumentos iniciais e norteadores deste tópico consideram, a luz deste pesquisador, de tentar entender e explicar a partir de abordagens que coloquem em evidência as estruturas hierárquicas, tensionamentos grupais e políticos, assim como tentar compreender as articulações feitas pelos movimentos que hora estão em lados opostos da história e hora estão construindo unidade de luta, além de suas particularidades em geral que o fenômeno nos apresenta.

A multidimensionalidade cultural não se concentra apenas nos alicerces econômicos, porém, podem ter relações sólidas com as formas de poder e com a absorção do “*capital cultural e habitus*”, de forma instantânea, se relacionar com os diversos sujeitos subdivididos em setores sociais com suas estruturas institucionalizadas ou não. O dimensionamento das noções e articulações, através, inicialmente, das fundamentações a partir de Bourdieu (1977), nos envolvem nas noções dos processos de desenvolvimento e compartilhamento de atividades que também dividem os mesmos interesses e aproximações no universo de classe, raça, gênero, sexualidade, política e religiosidade, interesses em comum que se fundem a partir do que Bourdieu (1977) classifica como “*Habitus e Capital cultural*”. A princípio, as noções de Bourdieu contribuirão nas tentativas de entendimento do fenômeno investigado, porém, outras noções teóricas nos auxiliarão nesta jornada.

Envolto a uma pluralidade de fenômenos, identidades e culturas, a Marcha da Periferia se materializa em forma de práxis, sendo o conceito entendido nos termos de Marx (1965) e Gramsci (1981), que discorre:

Uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). E, portanto, antes de tudo, como crítica do “senso comum” e isto após basear-se sobre o senso comum para demonstrar que “todos” são filósofos e que não se trata de introduzir ex-novo uma ciência na vida individual de “todos”, mas de inovar e tornar “crítica” uma atividade já existente”. (GRAMSCI, 1981, p.18)

As formas de resistência do movimento de *Hip-Hop* são diversas, ferramentas e mecanismos utilizando-se dos elementos da expressão cultural que se aglutinam com a política, mas, de que forma, agrupam, articulam e constroem laços, sejam eles passageiros, sejam eles definitivos, com sujeitos e movimentos em geral? E como se utilizam destas estratégias e qual

relação com a práxis? Gramsci (1981) discorre sobre a necessidade de inovar e não de criar uma ciência para transformar a realidade, todavia, um método focado nas atividades existentes que possam agregar as críticas, contestações e tentativas de transformações. Questões a serem esclarecidas a partir do processo de investigação do movimento através da etnografia em conjunto com outras ferramentas e métodos de investigação.

As predisposições metodológicas e científicas cercam, obrigatoriamente, os objetos de pesquisa, salvaguardando as possibilidades do pesquisador com seus limites e fatores que podem impedir de prosseguir em momentos diversos com o objeto de pesquisa. Relevante destacar, que esta é uma etnografia urbana, que se alimenta em fontes que estão disponíveis a partir das disposições do grupo pesquisado e suas atividades, no entanto, as propostas de diálogos teóricos com autores da antropologia, apesar dos campos de atuação serem díspares, são necessárias. Um dos antropólogos necessários para debater método, é Malinowski (1984), que discorre em sua obra *“Os Argonautas do Pacífico Ocidental”*, sobre a indispensabilidade da predisposição em ampliar os olhares sobre o fenômeno e, não o isolar com análises únicas de um único fato. O trabalho, segundo o autor: *“O etnógrafo que se predispõe a estudar apenas a religião ou a tecnologia, ou a organização social está a isolar artificialmente um campo de pesquisa, que, o prejudicará seriamente o seu trabalho”* (MALINOWSKI, p.25). Considerando estes termos, nos direcionamos e inserimos no campo de pesquisa para cobrir a marcha, tentando colocar em prática a parcialidade e honestidade também abordada pelo autor em questão, e evidenciar elementos que o objeto possa nos fornecer, além daqueles já elencados. Antes de prosseguir com a descrição da atividade, vale frisar que *“Em qualquer ramo do conhecimento, os resultados de uma pesquisa científica devem ser apresentados de maneira totalmente neutra e honesta”* (MALINOWSKI, p.25). Em acordo, Diógenes (2013), que auxilia este debate levantando a seguinte questão:

Efetua-se uma etnografia atravessada por fluxos, como se ela mesma fosse uma rede de olhares difusos sobre um mesmo ponto. Ao invés de seguir uma via da lógica ininterrupta do tempo, da sequência linear de lugares e etapas a serem cumpridas, o pesquisador desloca-se por meio das próprias alterações que a investigação promove. (DIÓGENES, 2013f)

O ponto evidenciado pela autora avigora a argumentação posta anteriormente sobre o campo de pesquisa e suas múltiplas possibilidades analíticas que podem “desviar” o pesquisador dos planejamentos prévios, mas, sem prejuízo às coletas, apenas se somando ao material já coletado. Em consonância com a argumentação, prosseguimos com a descrição.

Após as atividades já descritas, como a plenária e a batalha de rima desenvolvidas pelo movimento, nos recolhemos ao ponto de apoio logístico para organização do material e, reorganizar para retorno a nossa cidade, Bacabal. O último evento, anterior a marcha, realizado no dia 6 de novembro de 2021, se encerrou, acreditamos após as 22h, visto que, nossa última entrevista foi realizada às 20h53 minutos, em seguida, solicitamos um Uber na plataforma móvel e nos deslocamos até o ponto de apoio por volta das 21h30, considerando o tempo de espera do transporte. No dia seguinte, fizemos o trajeto de volta para Bacabal, em média 260 quilômetros de distância, percurso feito de ônibus de linha intermunicipal, com preço médio entre 60 e 80 reais, fora o deslocamento feito de Uber entre os terminais rodoviários, residências e pontos de apoio. Dia 07/11/2021, nos dirigimos para nossa cidade e residência, para organizar os próximos passos da pesquisa, planejar a próxima inserção em campo, que seria dia 20, e pensar sobre como poderia se materializar tal dinâmica, pois, o bairro de realização da marcha fica distante dos pontos de apoio possíveis, fora as problemáticas que envolvem as periferias e os processos de invisibilização, criminalização e preconceitos que, consequentemente, provocam a recusa do público do transporte alternativo para se deslocar até o ponto, ou, o deslocamento de volta, que seria feito em um horário mais avançado, neste sentido, o risco de ficar sem transporte de volta era real, contudo, os membros do Quilombo Urbano em toda atividade que participamos, são solícitos, receptivos e bem espontâneos, mas, como pesquisador em campo, não poderia, de forma preliminar, solicitar algum tipo de carona de volta, caso não encontrasse outro meio, poderia soar invasivo. No entanto, a única alternativa, caso não conseguisse transporte, seria solicitar carona, afirmamos que não iriam se recusar. As plataformas tipo Uber têm se recusado pegar algumas corridas, dependendo de alguns fatores, como valor, distância e grau de periculosidade calculado pelos mesmos, tal afirmação parte de experiências próprias, tanto em relação à recusa de corridas, acreditamos que devido ao valor em comparação a distância (em um determinado momento de deslocamento na cidade), e diálogos com motoristas durante trajetos. Público este, que sofre com todas as incoerências no mundo do trabalho, com as ausências de direitos, precarização da mão de obra, e demais embaraços que as ciências sociais submergem em categorias como plataformização, uberização e demais conceitos que tentam refletir a respeito da dificuldade, com autores como Ricardo Antunes.

Os cuidados no processo de interação com os interlocutores devem ser encarados pelo pesquisador como desafio, ou, desafios postos no percurso da pesquisa. Um dos objetivos deste processo é encurtar as distâncias sem provocar sentimentos de inconveniência, já que, a atuação

de pesquisador pressupõe retratar o cotidiano dos sujeitos, então, manter-se a uma distância “aceitável”, é mais recomendado.

A Marcha aconteceu no dia 20 de novembro de 2021, com a concentração marcada para as 15h, na Praça Maria Andreazza (Viva do Bairro Liberdade), com caminhada até a Praça Mestre Antônio Vieira, percurso feito a pés com apoio de carros de som.

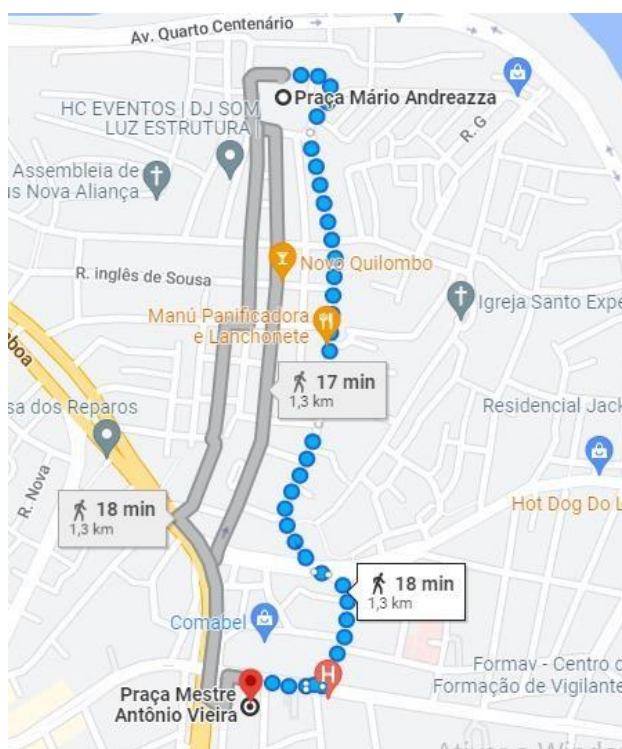


Figura42-Fonte:<https://www.google.com/maps/dir/Pra%C3%A7a+M%C3%A1rio+Andreazza+-+Liberdade,+S%C3%A3o+Lu%C3%ADs+MA,+65035031/Pra%C3%A7a+Mestre+Ant%C3%B4nio+Vieira,+Av.+Get%C3%BAlio+Vargas+-+Monte+Castelo,+S%C3%A3o+Lu%C3%ADs+MA,+65025-000/@-2.5289687,44.28>

A captura de tela acima nos dá a dimensão de distância entre os pontos, além de permitir perceber e refletir sobre a localização geográfica, sobre os debates acerca de “cidades dentro de cidades”, sobre o processo de invisibilização das periferias e dos sujeitos que nelas habitam, visto que, as cidades não são só muros, esqueletos arquitetônicos e suas engenharias urbanas, as cidades se edificam a partir das relações, então debater cidades também reforçam os argumentos sobre os laços que se constroem e desconstroem cotidianamente e como esses laços podem ser rompidos violentamente e que público mais sofre com tal violência, e que tipos de violência sofrem. Tal discussão também nos leva a refletir as estratégias de atuação do Quilombo Urbano na cidade de São Luís, ou, “nas cidades” que são invisibilizadas. Sobre cidades:

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quantas lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. (CALVINO, 2006, p. 14)

As experiências etnográficas e seus registros são estão incluídos em variadas produções científicas, porém, o uso de capturas de tela como representação real a partir do virtual, também pode atribuir significados a respeito do que se pesquisa. Os autores, Jesus Mamanillo Pereira (2019), Antônia Eliane Lobo Carneiro (2019) e Ana Paula Pinto Pereira (2019), debatem a questão a partir do que classificam como uma “sociologia urbana e da imagem” a partir das interações do campo com a *web* dentro do âmbito etnográfico, ainda, justificando como uma tentativa de “ruptura” com antigas formas de representação. De acordo com Marmanillo, Carneiro e Pereira (2019, p.84): *‘Dessa forma transitando entre uma sociologia urbana e da imagem, a pesquisa se deteve a parte gráfica e as possíveis interações que constituem os bastidores tanto das produções de imagens, quanto de seus usos no âmbito da pesquisa etnográfica’*.

Fundamentando o uso de capturas de tela, e a tentativa de construção de ferramentas etnográficas utilizando-se da *web*, apresentamos esforços que contribuam de forma significativa para refletir sobre a interação entre o movimento de *Hip-Hop*, a cultura, a política e suas ações geograficamente planejadas, justificando o uso de capturas ou imagens oriundas do mundo virtual.

Prontamente, após refletir sobre as complexidades envoltos nas relações entre descolamentos, plataformas em comparação a dificuldades, construímos nosso roteiro de pesquisa com possibilidades que envolviam contratempos e possíveis resoluções. Deste modo, no dia 19/11/2021, sexta-feira, às 7h30, no deslocamos até o Terminal rodoviário de Bacabal, pegamos o ônibus de linha intermunicipal em direção a capital do Estado, para prosseguirmos com nossa pesquisa e cobrir a marcha que seria realizada no dia seguinte. Saímos de Bacabal às 8h, após duas horas de viagem o ônibus faz uma parada obrigatória de 15 minutos, onde pude aproveitar a área de cobertura da operadora móvel para acompanhar possíveis avisos ou mudanças de planos por parte do evento, avisar sobre meu deslocamento até o município e verificar questões logísticas sobre minha estadia. Meio-dia chegamos ao nosso destino e, imediatamente fizemos o percurso até o ponto de estadia aonde voltamos a manter contatos, dessa vez, para obter informações do local exato da concentração da marcha. Mesmo com local exposto nos panfletos de divulgação, achamos mais seguro buscar detalhes dos pontos e obter

informações básicas, como melhor trajeto até o local. Em um breve contato com um dos militantes do grupo através do *WhatsApp*, perguntei se na região tinha alguma hospedagem, caso precisasse após a conclusão da atividade e justifiquei que poderia ficar tarde e o deslocamento de volta complexo, assim, conseguimos de forma mais branda manifestar nossa preocupação em relação ao horário. O militante relatou que não sabia, pois não morava na região, mas prometeu que iria entrar em contato com alguém que soubesse e que qualquer coisa eu poderia conversar com ele durante a caminhada.

Fizemos o percurso de Uber através das Avenida Quarto Centenário, Avenida que corta os bairros da Camboa, Alemanha, Fé em Deus, Liberdade e Beira Mar. Segundo dados de violência e criminalidade em São Luís, extraídos pela Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento (SEPLAN), em sua nota técnica²², aponta que:

Segundo dados disponibilizados pelo COAP-CRIM, quanto aos crimes Violentos Letais intencionais nos bairros ludovicenses para o 1º semestre de 2017, o bairro da Cidade Olímpica foi considerado o mais violento, com 21 mortes, seguindo de Coroadinho com 16, Bairro de Fátima e Liberdade, ambos com 13. (SEPLAN, 2017)

Os dados são do primeiro semestre de 2017, como detalha a imagem:

Ranking	Bairros	CVLI
		1º Semestre 2017
1	Cidade Olímpica	21
2	Coroadinho	16
3	Bairro de Fátima	13
4	Liberdade	13
5	Anjo da Guarda	8
6	Centro	8
7	São Raimundo	7
8	Vila Vitória	6
9	Cidade Operária	5
10	Estiva	5

Fonte: CAOP – CRIM (2017).

Figura 43 Dados da violência urbana - Fonte: CAOP

Segundo a mesma fonte, as ações criminosas nos transportes públicos possuem maior registros nos seguintes bairros:

²² Os dados da violência e da criminalidade em São Luís. organizadores: Laura Regina Carneiro Marlana Portilho rodrigues eduardo celestino cordeiro elaboradores: ana paula lacerda eduardo fragoso joão eduardo coutinho melo roseane santos. Setembro de 2019. Nº 5.

Ranking	Locais	1º Semestre 2017
1	Centro	28
2	Monte Castelo	17
3	Anel-Viário	16
4	Ter.Praia Grande	14
5	Vila Esperança	14
6	Tibiri	13
7	João Paulo	12
8	Santo Antônio	11
9	Ter. Cohama	11
10	Turu	10
11	Vila Sarney	10

Fonte: CAOP – CRIM (2017).

Figura 44 Dados da violência urbana 2 - Fonte: CAOP

Os indicadores de criminalidade apresentam dados quantitativos da violência urbana, principalmente nas periferias, dentre elas, os bairros do João Paulo e Liberdade, locais de atuação do movimento de *Hip-Hop*. Contudo, alguns destes bairros são residências dos militantes, como o militante Resenverck Estrela, que reside na Cidade Operária, Luciana, mais conhecida como Preta Lu, que reside no João Paulo e Preta Nicinha, que reside no bairro da Liberdade, todos são ou eram militantes do Movimento de *Hip-Hop* e PSTU, atuam culturalmente e politicamente nas regiões. As informações acessadas sobre os indicadores nos fornecem respostas prévias sobre a atuação do Q.U, e que critérios utilizam para atuar em determinadas regiões. Contudo, em um breve diálogo com uma das coordenadoras do grupo iremos ponderar quais os critérios são escolhidos para realizar suas atividades em regiões específicas.

Durante o deslocamento, observamos atentamente a Avenida Quarto Centenário quer foi entregue em 2014, na gestão da então governadora, Roseana Sarney. Nome dado em comemoração dos 400 anos da Capital maranhense e, rebatizada posteriormente com nome “Avenida Jackson Lago”, em homenagem ao ex-governador do Estado que faleceu em 4 de abril de 2011. Região entre bairros que eram compostos em sua maioria por palafitas, região pantanosa e com muitos problemas sociais, nesse sentido, nossa reflexão girou em torno das políticas direcionadas ao público que residia na região que, consequentemente, tiveram que migrar para outros bairros, dentre eles, a própria Liberdade. Ao longo deste mesmo percurso iniciamos uma pequena conversa com o motorista do Uber sobre o bairro da Liberdade e ponderando sobre alguns motoristas que recusam corridas para o local, ou partindo do local, e o mesmo respondeu que a violência na região é grande, além do risco de assaltos, existia o risco de danificar o veículo, sequestros, e utilizarem o carro para fazer assaltos. Já esperávamos tal resposta, mas queríamos que fosse externalizado por quem vive a realidade dura nas

plataformas. Não adentrei no diálogo, então levantei outra questão: *“talvez eu saia aí da Liberdade lá pelas 21h, talvez mais, talvez menos, o senhor poderia vir me buscar? Eu pagaria um valor fixo que o senhor cobrasse, pois não sei se conseguirei um outro através da plataforma no horário”*. O motorista então responde com tom de voz mais levado para desculpa, e disse que não poderia, pois tinha outros compromissos no horário, mas que eu poderia ficar tranquilo que eu acharia sim algum Uber disponível. A conversa já muda de tom e as problemáticas elencadas anteriormente, já não foram consideradas. Caso não achasse, falou para me deslocar de ônibus para algum terminal na região e de lá solicitar, que ficaria mais fácil. O tom mudou, porém, entendemos as preocupações e não faz parte de nossos objetivos avaliar este público. Após as dicas, o motorista me perguntou o que eu iria fazer na Liberdade e, porque ia ficar até aquele horário, nessa situação, falei que era pesquisador e estaria ali para cobrir uma atividade, uma marcha de cunho político e cultural. O mesmo não esboçou reação e continuou o trajeto e entrou em uma viela a esquerda, que de certo modo me causou espanto por conta das estruturas bem precárias, logo o motorista percebeu e proferiu a seguinte frase: *“QUEBRADA NÉ?”* em um tom quase cômico, em seguida respondi que me espantei porque esperava que fosse de outra forma, já que o bairro respira cultura, e não carregamos estereótipos e preconceitos em geral a respeito da comunidade, mas, sabia que aquela era apenas um ponto do bairro e não poderia fazer juízo de valor a partir da primeira impressão.

No decorrer do percurso, voltamos nosso olhar as estruturas do bairro e da praça, local de concentração e seus arredores, observando e refletindo sobre o cotidiano da comunidade, observamos os prédios, ruas, sujeitos com suas práticas cotidianas e corriqueiras, casas, pontos comerciais, grafites, pinturas, pichações, limpeza pública, sintetizando, observando a organização do espaço urbano e tentando identificar possíveis características que pudessem apresentar identidade quilombola do bairro, mas, nos deparamos inicialmente com uma pluralidade étnica, cultural, política e religiosa. Essa busca por uma resposta visual pode ser entendida a partir das percepções cognitivas construídas a partir do senso comum que se interliga com fatores previamente internalizadas postas como tabu em determinados lances temporais. Alguns registros fotográficos do bairro com breves reflexões:



Figura 45 Ruas do Quilombo Liberdade - Arquivo pessoal.

Neste registo, pode-se perceber alguns moradores transitando pelo elevado com lances de escadaria que leva a outras ruas, porém, as pessoas abaixo da escadaria lançam olhares para o local como se não tivessem um contato prévio. Pressuposto considerado a partir das expressões corporais demonstradas pelos indivíduos, supomos ainda, que podem ter exteriorizado sentimentos de surpresa em relação às estruturas periféricas. Nota-se grafites e pichações nos muros da viela, sendo, no lado direito, grafite representando a identidade étnica do bairro e do lado esquerdo, denúncia e reivindicação sobre a principal problemática relacionado à época e ao descaso do Governo Federal, a falta de vacinas.



Figura 46 Ruas do Quilombo Liberdade - Arquivo pessoal.

Visão da praça, local de concentração da atividade, nela notamos, inicialmente às estruturas físicas dos prédios, casas e pontos comerciais, estruturas com aspectos estéticos que não seguem padrões das construções atuais. O “Viva” da Liberdade costuma ser palco de ações e atividades políticas e culturais. Em São Luís, algumas praças levam nome de “Viva”, mas,

não sabemos a natureza da nomenclatura, realizamos uma pesquisa virtual, mas não encontramos respostas, pressupomos que os locais tenham passado por reformulações protagonizadas pelo Governo do Estado, através dos projetos de reestruturação do espaço urbano e recebido a designação de “Viva”.

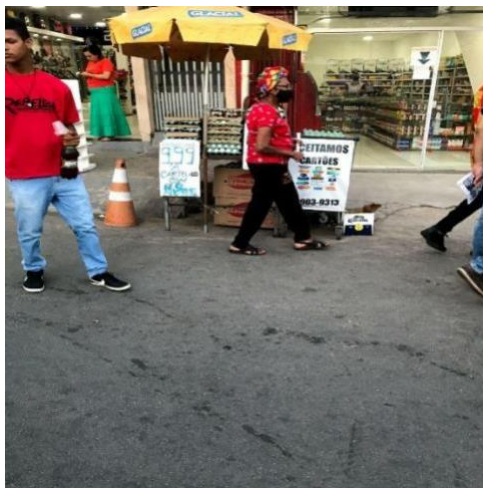


Figura 47 Barraca de venda de ovos



Figura 48 Moradores acompanhando a marcha - Arquivo pessoal

Estes registros somados aos demais nos levam a constatar que uma das diversas identidades que o bairro possui, a principal, a de luta, a luta diária para sobreviver, a luta contra o racismo, a luta diária pelo direito de existir, a luta diária para demarcar seu espaço no mundo onde as relações são mercantilizadas e a classe dominante através dos seus métodos que envolvem desde a necropolítica com extermínio da juventude negra nas periferias, até o isolamento social. As ruas, vielas, praças e demais setores da Liberdade, a todo o instante podia-se observar seu público na lida cotidiana, na luta pela sobrevivência, como expressam as imagens. Outra hipótese, a partir da inserção em campo, na cobertura da atividade, pressupomos

que a escolha do bairro para realização da marcha considera sua história, sua etnicidade, suas lutas, suas necessidades, pois, a resistência quilombola, através da cultura, religiosidade, educação, estão interligadas com as pautas e reivindicações coletivas que abrangem os movimentos sociais e políticos.

O conjunto de registros apresentados, de certa forma, demarca divisão sensorial que se encaminha para percepções entre demandas sociais que contemplam demandas políticas e, necessidades socioculturais, além de debates sobre os planos diretores. As observações, reflexões e análises feitas a partir do bairro da Liberdade possui ligação direta com a atuação militante do grupo em questão, as formas e métodos do engajamento combativo se redistribuem diante da diversificação de pautas. As ações militantes, entendidas a partir do processo de observação e acompanhamento do movimento, nos levar a crer que a atuação política não se posiciona exclusivamente nas transformações sociais e estruturais, mas, *ipsis litteris* nas mudanças e transformações dos discursos.

Neste sentido, Kunrath (2016), dentre suas perspectivas conceituais, especificamente a “*perspectiva deposicional*”, a qual caracteriza atributos aos interlocutores ao longo de suas trajetórias, gerando assim inclinação ao engajamento militante, associação e inserção as pautas coletivas, como as citadas e refletidas sobre o bairro da Liberdade. Diante do exposto, a ação ativista considera elementos históricos, socioeconômicos, estruturais, e demais que se apresentam no campo de atuação. Contudo, Kunrath (2016, p.195), problematiza a respeito das condições apresentadas, quando afirma que um dos argumentos importantes dessa perspectiva sustenta que a ação militante, como qualquer outra forma de ação, não é nada natural, mas antes um arbitrário cultural que demanda condições e disposições específicas desigualmente distribuídas na sociedade.

Em contraponto, as atuações se materializam dentro de contextos históricos com suas demandas e estratégias, combatendo as incoerências de suas respectivas épocas. Inseridos no processo de ação militante, pontua-se questões geracionais, considerando suas contradições. A ação militante se torna natural quando as incoerências fincam raízes e estas se ramificam, principalmente nas comunidades periféricas. As superações de tais incongruências perpassam pela superação do capitalismo que se caracteriza essencialmente pela exploração e precarização da mão de obra, acumulação e monopolização de riquezas, bem como, exploração do meio ambiente, considerando que os grandes detentores dos meios de produção, julgam o meio ambiente como fonte ilimitada de matéria-prima, assim, agindo como os “alienígenas” em filmes de ficção, que invadem planetas, extraem suas riquezas naturais, escravizam os nativos e, posteriormente vão em busca de novos destinos para dá continuidade ao processo de

exploração. Decerto, o movimento *Hip-Hop*, com base em seus princípios organizacionais, documentais e políticos, operam através de suas atividades nos fatores apresentados previamente.

Primordialmente, nossos sentidos se aguçam a partir das observações feitas no campo de pesquisa, principalmente, dos elementos visuais que o objeto nos fornece, contribuindo com a narrativa etnográfica.

Ao chegar na concentração nossos sentidos entram em alerta e se desenha mentalmente os objetivos desta pesquisa, neste sentido, a prática da observação irá nos integrar aos múltiplos fenômenos na atividade, como tipos de comportamentos individuais e coletivos que podem ser coletados, a percepção de detalhes e minúcias da essência da atividade. Nosso primeiro contato, como já descrito, parte da observação em geral, após nos direcionamos a observar as pessoas e seus comportamentos antes do início da marcha, mas, não só dos que estavam lá para participar da marcha, mas observar os moradores da região e como iriam interagir com o ato, se seria de forma positiva, negativa, neutra, ou esboçar algum tipo de comportamento “atípico”.

Tentar compreender a visão de mundo através dos comportamentos dos militantes ali acampados, seria necessária uma coleta de narrativas, expressões e características que formassem uma estrutura que pudesse fornecer sentidos da manifestação política. A captura desses sentidos inicia-se com a constatação do que eles chamam de “construir unidade de luta”, quando notamos a presença de diversas bandeiras de partidos, sindicatos, movimentos estudantis, movimentos sociais em geral, que serão citados ao longo deste capítulo. Partidos identificados logo nos primeiros instantes através de suas bandeiras, militantes vestindo suas camisas, faixas e discursos, foram: **PSTU**, partido do qual a maioria dos membros do Quilombo Urbano fazem parte; **PSOL**, **PCdoB**, **PCB**, **PT**, **PTB**, **UP**. Uma observação prévia, o partido **UP** contou com a presença de poucos militantes, pelo menos caracterizados. Isto nos leva a crer, que a razão pode estar ligada a fundação do mesmo, que ocorreu em 2016 e não possui tanta popularidade ou uma base com muitos membros em São Luís. Ademais, alguns movimentos estudantis também estavam presentes, alguns regionais e outros nacionais. Movimentos ou entidades estudantis no ato: **UNE** (União Nacional dos Estudantes, fundada em 11 de agosto de 1937), **UJS** (União da Juventude Socialista, fundada em 1984) e **UBES** (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, fundada em 1948). Alguns movimentos estudantis ligados aos partidos e entidades também marcaram presença, como: **Rebeldia** (Juventude do PSTU que se autointitula como juventude da revolução socialista), **Resistência** (Juventude do PSOL), e o **Correnteza**, fundado em 2017, um movimento estudantil que atua, segundo eles, nacionalmente, agregando diversos movimentos regionais em universidades públicas e privadas

(salientamos que até aquele presente momento, não tínhamos conhecimento da existência do movimento correnteza). Somando-se aos demais, os sindicatos e centrais sindicais também participaram, como: **CspConlutas** (Central Sindical e Popular Conlutas – central da qual o PSTU e seus militantes se vinculam); **CTB** (Central dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil); e sindicatos regionais, como o **SINDEDUCAÇÃO** (Sindicato dos profissionais do magistério da rede municipal de São Luís); **SINDOMÉSTICO** (Sindicado dos(as) trabalhadores (as) domésticos (as) do Estado do Maranhão); **APRUMA** (Associação de professores da Universidade Federal do Maranhão, mas, descrita como seção sindical do **ANDES**, a qual é a Seção sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, que possui vínculo com a CspConlutas); **SEEB-MA** (Sindicato dos Bancários do Maranhão), e **SINFUSP-SL** (Sindicato dos funcionários e servidores públicos municipais de São Luís). Nosso olhar sob os sindicatos conseguiu identificar estes, mas, pode ser que tenha participado outros, decerto, houve uma participação massiva de movimentos institucionalizados ou não.

Na sequência, os movimentos sociais fundiram-se aos demais, não apenas na organização, mas na materialização do ato, um conjunto de movimentos em defesa das mais variadas pautas. Conseguimos identificar alguns movimentos sociais, mas, o debate sobre o conceito nas ciências sociais pontua as categorias considerando elementos necessários, como a idealização de GOHN (2011), que parte do pressuposto que os movimentos sociais são ações coletivas, sócio-políticas e de caráter cultural, que viabilizam formas distintas da população de se expressar. Os seguintes movimentos participaram do ato: **Movimento de Hip-Hop Organizado do Maranhão Quilombo Urbano** (idealizadores da marcha); **REMNEGRA** (Rede de mulheres negras do Maranhão); **Mulheres em Luta** (Movimento atrelado a CspConlutas); **Movimento Nacional – Quilombo Raça e Classe** (Filiado a CspConlutas); **União por moradia popular - MA** (Autogestão, reforma urbana e participação popular); **Movimento raízes do cajueiro** (movimento em defesa da comunidade rural Cajueiro em São Luís, que sofre com ações estatais de desapropriação para construção de um porto privado); **Movimentos indígenas**; **Movimento de Mulheres indígenas**; **Movimentos dos povos originários**; **Movimentos de trabalhadores rurais**; **Movimentos quilombolas** (Quilombo liberdade); **Movimentos LGBTQIAP+**; e demais organizações que unificaram pautas, críticas e contestações, assim como, o processo de engajamento individual, observado durante o ato. Inúmeros sujeitos lá estavam para se posicionar em relação às contradições, não levantavam bandeiras partidárias, não reivindicavam identidades coletivas (pelo menos visualmente), não carregavam símbolos ou elementos que pudessem ligá-los a organizações em geral. Estes são

os que Kunrath (2016) debate em seu artigo quando cita Passy (1998), discorrendo que o engajamento individual e a possibilidade de converter uma identificação com as causas e os objetivos de uma determinada organização, que se constrói a partir dos quadros culturais dos atores, em uma ação inscrita em uma duração. Em síntese, a questão identitária se localiza nas pautas coletivas inseridas em seu contexto, assim como os sujeitos identificados nessa marcha. As posturas se interligam e se transformam em ativismo sociopolítico individual.

Detalhamos a espinha dorsal da marcha da periferia com suas vértebras sociais, cada uma expressando sentimentos múltiplos, sejam eles em defesa dos seus iguais, ou sejam eles contra as incoerências sistêmicas com seus atores classistas e antagonistas. As explicações e análises foram extraídas a partir das experiências de campo e das capacidades cognitivas de construir, sintetizar e expressar os códigos e signos naturais dos processos subjacentes que o objeto de pesquisa manifesta. Assim, expomos e ainda iremos expor, aspectos fundamentais da vida social que nos propomos a analisar, como: política, cultura, construção e desconstrução de laços, identidade, trajetórias, cidades e antagonismos.

A partir dos dados coletados, torna-se possível entender alguns processos articulatórios entre a política e cultura, sendo, uma das missões do pesquisador que utiliza o método etnográfico, tentar compreender os modos de vida do grupo pesquisado, além da concepção de mundo que expressam através das manifestações políticas e culturais, mesmo que estas estejam envoltas em processo de disputas.

Antes de prosseguirmos com a descrição da marcha, será preciso da ênfase as articulações, hierarquias e tensionamentos que fazem parte do cotidiano político dos movimentos que somaram a marcha. As relações do ponto de vista político, a princípio, observando a marcha, assemelha-se a harmonia, porém, esse conjunto de partidos, sindicatos e movimentos sociais em geral estão inseridos em tendências políticas divergentes, que consequentemente provocam angústias a partir dos métodos de atuação, das pautas discutidas, das bandeiras defendidas, dos projetos políticos, interpretações ideológicas, posicionamentos, princípios, filosofias e elementos que possam precarizar os laços.

Por meio da análise dos discursos, posturas, posicionamentos, diálogos, observações das dinâmicas cotidianas, sejam presenciais ou virtuais, com sua gênese na graduação e com prosseguimento nesta pesquisa inseridas no mestrado, podemos constatar que os processos de disputas políticas, ou tentativas de demarcações territoriais de atuação dos grupos, são fatores preponderantes nos conflitos internos e externos que tem como centro nesta pesquisa. Ao visualizar a totalidade dos movimentos envolvidos na marcha, nos envolvemos numa recapitulação histórica que envolvem rompimentos e construções, inicialmente, sobre os laços

do PSTU com demais partidos de esquerda, bem como, o desacordo histórico entre as tendências. O PSTU, considerado partido da extrema-esquerda, matem uma postura crítica em relação aos demais partidos de esquerda, que os classificam das mais variadas formas utilizando termos diversificados e pejorativos: “reformistas, cirandeiros, pelegos, sectários, entreguistas, etc.”. O próprio partido surge a partir de um racha com PT, após o Partido dos Trabalhadores assumir uma postura da qual alguns militantes mais ortodoxos não concordaram. Essa ruptura demarca as ações políticas do novo partido que iria surgir, além da edificação dos discursos, bandeiras, projetos políticos, programas, metas e objetivos, todos alinhados a ortodoxia. Avaliamos que o PSTU em determinados momentos caminha só, isolado por conta de sua postura em relação aos demais partidos, ou em relação à realidade. Sendo assim, seus militantes, incorporados com o “*habitus*” nos termos bourdieusianos, da ortodoxia, se expressam de forma muito mais radicalizada em comparação com demais partidos e seus adeptos.

Demarcado ponto histórico de ruptura, conseguimos identificar os motivos iniciais que justificam as posturas e comportamentos dos sujeitos que constroem o partido, incluindo os membros do Quilombo Urbano, que em sua maioria são filiados ao PSTU. Em decorrência disso, e considerando o debate já posto nesta produção sobre as ordens do discurso, podemos considerar que a questão posta é autoexplicativa em relação aos rompimentos políticos que já surgiram no movimento, como o caso de Mano Magrão, citado nesta pesquisa, o qual migra do PSTU para o PSOL, e a partir disso recebe uma enxurrada de críticas oriundas de militantes do PSTU e Q.U., segundo a carta aberta divulgada pelo mesmo. Pontuamos que, apesar de concordar com Freire (2011), quando discorre que não existe imparcialidade, todos somos orientados por uma base ideológica, não sacralizamos posturas, discursos e decisões, não faz parte desta pesquisa santificar, mas, entender, interpretar e analisar os elementos e categorias. Em virtude disso, nos propomos a estudar, pesquisar e tentar entender os mecanismos utilizados pelo movimento para articular não só a cultura e a política, mas os laços com grupos que acabam se polarizando com a base política do movimento.

Ademais, pode-se incluir os movimentos estudantis com suas entidades, a exemplo a UNE, fundada em 1938 e possui um histórico de lutas encampadas, porém, suas bases políticas geraram tensões e descontentamentos internos, incluindo os processos de disputa pela entidade que se polarizavam a cada ciclo, assim, faz surgir uma ruptura na maior entidade estudantil do Brasil. Em 2009, durante o congresso de estudantes da UNE, no Rio de Janeiro, nasce a **ANEL** (Assembleia Nacional dos Estudantes Livres), por iniciativa de estudantes ligados diretamente com o PSTU, em resumo, a ANEL nasce de iniciativa de filiados ao PSTU, que divergia com as políticas adotadas pela UNE e sua base partidária. Mais uma decomposição política

envolvendo o PSTU, que automaticamente nos remete a conclusões sobre o atual contexto do partido e de seus militantes.

Na sequência, outras entidades que também se somaram a marcha e de forma similar passaram por rupturas políticas, dessa vez envolvendo os sindicatos. A **CspConlutas** (Central sindical popular e conlutas) surge em meio a processos divergentes entre projetos políticos. Segundo Galvão (2013, p.82) a Conlutas surge em 2004 como parte do Movimento por uma Tendência Socialista (MST), denominação do grupo ligado ao Partido do Trabalhadores Unificado (PSTU) quando integrava a CUT. Mais um racha, dessa vez dentro da CUT que era ligada ao PT e a base política do PSTU consegue articular o surgimento de uma nova central sindical.

Terceiro rompimento nas relações históricas do partido, consequentemente, afetando os modos de vida e o cotidiano do grupo que possui vínculo com PSTU, nesse sentido, refletir sobre as ações desenvolvidas pelo Quilombo Urbano e os mecanismos por eles utilizados, mesmo com toda problemática nas relações históricas, é necessário considerar, mais uma vez, categorias apresentadas por Kunrath (2016), como a “*perspectiva identitária*”, referindo-se a produção e compartilhamento de sentidos através das ações coletivas que se afunilam nas identidades coletivas. Mas, que sentimentos unem aqueles que romperam no passado e se polarizam no presente? E que fatores podem ser elencados para descrever essa “*identidade coletiva*” do Quilombo Urbano? As respostas se encontram na organização e realização da marcha da periferia que une os sujeitos e movimentos que outrora estavam em pé de discordância, mas uniram-se para compartilhar os mesmos sentimentos de transformação neste espaço-tempo, aglutinando pautas e reivindicações, unificando críticas, contestações e gritos entoados pelos atores sociais que clamam por justiça social, e um dos sentimentos compartilhados que se transformaram em um único grito, o de “*FORA BOLSONARO*”, além do tema da marcha: “*NÃO VOLTAREMOS PARA A SENZALA NEM PARA OS PORÕES DA DITADURA*”. Um dos fatores que contribuíram para a estruturação da identidade coletiva neste contexto, foi o engajamento dos indivíduos que rompeu as barreiras da diferença para possibilitar a mobilização.

As análises, interpretações e algumas conclusões aqui expostas são extraídas dos métodos aplicados, sendo a etnografia com a observação participante a principal, além disso, poderia somar-se a este trabalho os questionários, porém, em diálogo com Malinowski (1984, p.31), que relata que existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos por questionários ou da análise de documentos, mas que tem de ser observados em pleno funcionamento. Ademais, a imersão no campo e a observação tem contemplado esta

pesquisa de forma significativa, somando-se os registros fotográficos, vídeos e gravações de áudios, que possibilitam o entendimento da complexidade política, social e cultural que o objeto está inserido.

Após estas micro percepções feitas a partir das observações, prosseguiremos com a investigação e detalhamento da atividade. Os fenômenos descritos em relação às desconformidades políticas históricas, na marcha, os desacordos, como já mencionados, entram em *stand-by*, e materializam-se os laços, como exemplo, no controle do microfone e organização das falas e discurso, estavam com Hertz Dias, militante do Quilombo Urbano e do PSTU, e uma mulher militante da UJS, uma união improvável fora dos moldes postos.

2.4 Discursos, Análises, Interpretações e Diálogos Teóricos

Cada representante entoava um discurso sociopolítico, dando ênfase ao movimento que representa e direcionando suas críticas aos atores antagônicos da época. O militante Hertz, convoca um membro de um coletivo de entidades para “*abrir os caminhos para caminhada*”, segundo o ativista. Avançando, o participante que se chama, Neto de Azile, ex-presidente da Casa de Tambor de Crioula do Maranhão, morador da Liberdade e membro do Coletivo de entidades negras abre a marcha com um discurso breve, enfatizando questões políticas e evidenciando suas raízes religiosas. Discurso de abertura:

Boa tarde, pessoal, boa tarde! tá todo mundo desanimando né? Mas vamos começar esse dia, esta tarde muito linda, eu sou Neto de Azile, do coletivo de entidades negras aqui na Liberdade, falando pelo povo de santo, pelo povo de terreiro, Terreiro do Pia Jorge, Terreiro do Pai “Coge”, Terreiro do Pai “Lenon”, Terreiro do Pai Marquinho, e a gente não pode começar o movimento que da fala, que dá voz, a esse povo preto, que é o momento, que é o mais importante na transformação desse país, para tirar esse genocida, esse misógino, esse intolerante do poder. Nós somos pretos, nós temos a tradição, a história, a memória correndo no nosso sangue, e sangue da vida, e vida é caminho. Laroîê, Laroîê, Laroîê, Exu, Exu ... Que Exu abra caminhos para marcha da periferia passar. Laroîê, Laroîê, Laroîê. Bora gente!

Registro de Neto de Azile durante sua fala:



Figura 49 Discurso de abertura - Arquivo pessoal

As raízes religiosas no bairro da Liberdade são muito fortes e evidentes, contemplam um público heterogêneo, mas, de acordo com Silva (20210) e Guedes (2021):

No que tange à religiosidade, o destaque é para as religiões de matriz africana, principalmente o Culto aos Voduns, denominado popularmente como Tambor de Mina. O Tambor de Mina é a religiosidade afro mais tradicional em São Luís. O bairro da Fé em Deus abriga o Terreiro de Yemanjá, uma das casas de Culto afro em atividade mais representativa do Tambor de Mina. Bem como os demais bairros também abrigam diversos terreiros de Tambor de Mina e Umbanda. No que diz respeito às expressões culturais predominantemente lúdicas, todos os bairros que formam o Quilombo Urbano Liberdade são guardiões de expressões de grande valor histórico-cultural como o bumba-meu-boi (reconhecido recentemente pela UNESCO, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade), em variados sotaques como sotaque de Zabumba, sotaque da Baixada ou Pandeirões e sotaque de Orquestra. (SILVA e GUEDES, 2021)

A pluralidade multicultural que o bairro apresenta, pode ser encarado como fator aglutinador de ideais, contribuindo para a construção de unidade política. Como os autores afirmam, a religiosidade redistribuída em seus diferentes cultos faz parte do cotidiano dos moradores, neste sentido, o ato simbólico representa respeito as entidades religiosas, aos moradores e as memórias do Quilombo Liberdade.

Outras falas de outros representantes foram feitas antes de ganharem as ruas do bairro e, o tom dos discursos giram em torno da crítica política, entre outros elementos, como o discurso da professora Claudia Durans, que pertence a APRUMA, possui proximidades com o PSTU e com os membros do movimento de *Hip-Hop*. Segue o breve discurso:

Boa tarde, irmãos, nós estamos aqui hoje no Quilombo Liberdade, esse Quilombo que é referência para toda luta da população negra no Estado do Maranhão e do Brasil. Nós vamos realizar daqui a pouco a marcha da periferia,

para quem não sabe a marcha da periferia que hoje acontece na maioria dos Estados do Brasil, foi iniciada a primeira vez aqui no Estado do Maranhão, em São Luís do Maranhão, esse ano a décima quinta marcha da periferia, ela se reveste de uma importância porque nós vamos fazer essa marcha sobre uma montanha de mais de 600 mil mortos, mais de 600 mil mortos, e foram de pessoas, de irmãos, de irmãs, de trabalhadores, de trabalhadoras, negros, negras, que foram assassinados pelo Governo Bolsonaro, foram assassinadas pelo genocida, e Bolsonaro continua, continua esse governo perverso, violento, quer criar uma ditadura, mas nós não vamos permitir, pois nós não vamos voltar para as senzalas e nem para os porões da ditadura.

Registro de Claudia Durans durante sua fala de abertura:



Figura 50 Representantes de movimentos - Arquivo pessoal

Discurso alinhado, carregado de elementos que se incorporam as pautas coletivas. Em seguida, representante do movimento de moradia e indígena fizeram seus discursos antes da saída da marcha. Após, pontuaremos alguns aspectos sobre as falas. Os representantes do movimento de moradia e indígenas se expressaram da seguinte forma:

Saudações socialistas, companheiros e companheiras, pra nós do movimento de moradia, estamos na luta pela reforma urbana, por moradia digna. 20 de novembro não é um dia qualquer, nós queremos dizer que nós negros, periféricos, lutamos de novembro a novembro, por que nossa luta é por direitos básicos a cidade, nossa luta é por direito básico a moradia, e quem mais sofre com a ausência dessas políticas, são a população afrodescendente. Então, Zumbi vive em cada um de nós, Zumbi não morreu e nem acabou o Quilombo dos Palmares, Zumbi está vivo em cada um de nós que lutemos de novembro a novembro. XÉ! Salve o povo negro, salve a periferia, FORA BOLSONARO, FORA BOLSONARO, FORA BOLSONARO. Nós somos herdeiros de Zumbi, de Dandara, e Maria Firmina. AXÉ companheiros!

Discurso do representante indígena, Fred Guajajara, da etnia Guajajara:

Hoje a gente passa pela situação difícil né? A questão da demarcação das terras indígenas, ameaça né pelas pessoas que vem atacando a gente quando a gente ter feito na sua direita aonde a gente está buscando melhorias para nosso povo, e nosso povo tão sendo morto né, e sem ter justiça, e até hoje a gente não sabe

a situação do situação o que ocorreu na (não entendemos o trecho, mas indica algum local), é, é, na época que mataram o Paulinho, Paulinho né, como guardião que vem defendendo nosso território que até hoje a gente a gente não sabe que essa pessoa, a gente quer que essa pessoa pague, que a justiça tem que tomar providência rápido possível, não só essa pessoa indevida e demais outras lideranças que perderam a vida lutando pela Terra em defesa de nossos direitos, e hoje estão sendo, e o governo tem uma estratégia de entrar as empresas no nosso território na qual hoje, existe uma divisão do nosso território devido essa política do governo federal, que... trago no projeto para um projeto que destrói a vida do nosso povo, é um projeto que destrói a floresta, a cultura do povo indígena, então, hoje, eles usam o projeto, a estratégia da agricultura familiar, não é é o projeto pequeno mas num projeto de grande escala né, então, uma empresa que pode destruir a metade ou toda nossa Floresta, então nós não temos hoje toda a Floresta pra gente morar, então a gente tem que defender o que a gente hoje né, um pouco é de casa que ainda tem a Floresta aí já tem no pé então, a gente quer viver em paz no nosso território, então, é só isso que eu queria dizer a vocês, a nossa população indígena tem que fortalecer nossa luta, nós juntos venceremos essa guerra está vendo aí atacando nosso território, nosso fogo né, e exemplo o que aconteceu agora, recente né, é o nossos amigos, parentes, Gamela né, foram atacado, e foram preso pelo direito, onde estava defendendo, onde só precisa ser consultado com aquela empresa que trata do nosso território, precisamos conhecer a realidade do nosso do nosso povo, então, por isso é a gente quer Liberdade quer viver que faz a gente quer viver feliz, com uma terra demarcada, então só isso que eu queria dizer a vocês, fora Bolsonaro né, é racismo e essas pessoas que vem atacando nossa vida, não merece estar, não merece estar cuidando da população brasileira.

Registro de Fred Guajajara:



Figura 51 Representante indígena - Arquivo pessoal

A situação indígena no Brasil, historicamente, é deplorável, o processo do genocídio tem sua gênese na colonização deste país, após isso, projetos de Brasil que surgiram, tinham

como objetivo expurgar do território brasileiro não só indígenas, mas pretos e pretas. Processo de “branqueamento” da população está inserido nas estruturas dos projetos, utilizando como base ideias eurocêntricas, como o Congresso Mundial das Raças realizado em 1911 em Londres, onde o representante brasileiro, o médico João Batista de Lacerda, participou afirmando que em 100 anos os negros e indígenas do Brasil iriam desaparecer após o processo de miscigenação que, consequentemente levaria ao branqueamento da população. A obra “A Redenção de Cam”, do artista Modesto Brocos y Gomes, de 1895, que o Brasil está inserido nas estruturas racistas dos discursos e práticas. Fora todos os problemas históricos, na contemporaneidade também surgem dificuldades e complicações, mesmo com toda luta por conquista e legitimação de direitos. A configuração governamental desta época, que tinha a frente Jair Messias Bolsonaro, desconsiderou todos os princípios humanitários em relação aos indígenas, articulou e protagonizou um desmonte as políticas direcionadas ao público. A denúncia do representante indígena na marcha, está incluído nas incontáveis espalhadas pelo país, o clamor por ajuda e a negligência do Governo Federal, culminou em mais um genocídio contra os povos indígenas, desta vez contra os Yanomami, que estavam definhando por falta de assistência básica, alguns tragicamente, definharam até a morte. Tudo isto protagonizado pelo grupo chefiado pelo ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro. A política da morte do ex-presidente pode ser entendida a partir do conceito de “*necropolítica*”, de Achille Mbembe (2018), que se resume, a partir de diálogos teóricos, da subjugação da vida, ao poder da morte, que pode ser compreendido também como a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada, como exemplo podemos citar a pandemia da COVID-19, quando este mesmo governo negligenciou as vacinas e, consequentemente provocou milhares de mortes.

Durante o percurso pelas ruas da Liberdade, a marcha realizou algumas paradas para que os representantes dos movimentos pudessem fazer suas manifestações. Destacamos que o método de coleta dos discursos foi feito por gravação de áudio, e a transcrição em alguns momentos podem apresentar elementos confusos, ou em alguns casos, faltar algumas palavras, pois o ambiente de coleta estava repleto de poluição sonora. Pertinente pontuar, que alguns destes sujeitos ao iniciar suas falas, não se apresentaram, por este motivo, alguns discursos serão identificados apenas pelo movimento que representam. Logo após Hertz, que estava no controle do microfone com uma militante da UJS, começa a convocar as entidades para mandarem seus representantes para fazer suas falas, nestes intervalos o mesmo puxava gritos de guerra para interagir com o público, dentre eles, os mais puxados foram: “*Fora, Bolsonaro, Racista*”, “*Povo preto nas ruas, Bolsonaro, a culpa é tua*”, dentre diversas frases de efeito que

foram usadas durante a marcha. Hertz Dias, convida representante do PSOL para fazer fala, e neste momento, o mesmo se expressa:

Eu só pedi uma licença aqui essa aqui é a 15ª marcha da periferia, do dia 20 de novembro Dia Nacional da Consciência Negra, atos estão acontecendo em todo o país nessa Semana da Consciência Negra nós estamos combinando as demandas do povo negro junto com a demanda urgente de tirar esse governo que detesta preto que detesta pobre que detesta indígena que detesta LGBT, fora Bolsonaro. A gente queria chamar agora aqui pra fazer intervenção representantes do PSOL, por favor, vão dividir o tempo aqui. **Gritos de fora: Bolsonaro, fascista! fora Bolsonaro, racista!** Grande ato do dia 20 de novembro, certo? Marcha da periferia, não voltaremos para a senzala nem para os porões da ditadura, certo, porque nós não queremos mais destruir, destruição do nosso direito, muito pelo tentando dá um golpe no orçamento para fazer política eleitoral, quando Maria vai garantir sim, até um salário mínimo para todas as pessoas que estão desempregadas nesse momento em função da crise econômica e da crise pandêmica, por isso que aqui está presente as organizações do movimento negro, as organizações do movimento cultural social popular, centrais sindicais, sindicatos, partidos de esquerda, todo mundo aqui unindo para dizer em alto e bom tom, fora Bolsonaro.

Na mesma parada, após a convocação da representante do PSOL, um militante do movimento Correnteza foi convocado. O Humaitã, representante do Correnteza:

Boa tarde, camaradas, meu nome é Humaitã, sou do movimento correnteza é o movimento estudantil, e a gente está aqui hoje para se somar na luta e dizer que nós não vamos aguentar mais viver num país que desde 1500, com a invasão dos portugueses que vem exterminando nosso povo, os indígenas primeiramente, e depois, o povo africano, que foi trazido pra cá a força, pra ser violentado, para ser espoliado, pra ser explorado, pra que um bando de ricos, de europeus, pudesse lucrar em cima da nossa miséria, da nossa desgraça, é por isso que a gente está aqui hoje, somando no ato e dizer bem alto que nós não vamos aguentar mais, dizer que hoje o nosso grito quando o racismo é também o grito pelo Fora Bolsonaro, porque esse governo genocida exterminando o povo indígena, como aconteceu aqui no Maranhão recentemente, usando o aparato repressivo da polícia, qual o primeiro a comunidade Gamela, se tiver feito isso muitas vezes no Maranhão mas no Brasil todo, é devido a esse governo fascista e racista, que hoje os 15 milhões de pessoas que estão desempregadas, são negras, é por conta desse governo genocida que devem ter milhões de pessoas que estão sem teto, 7 a cada 10 são negras, é por conta desse governo genocida e fascista, que nós estamos numa situação cada vez mais miserável, pra você poder comprar a carne sem ter onde morar, passando fome, e entrando na fila pra pegar osso, então é por isso que a gente não pode mais dizer sim, mas dizer não, levantar bem alto e dizer fora Bolsonaro, fora racismo, fora o fascismo, fora o capitalismo.

Logo após, em outras paradas, outros ativistas puderam se expressar publicamente, como o Gustavo, representante do Movimento da Juventude Revolucionária, movimento pertencente a juventude do PSTU. Posicionamento do jovem:

Boa tarde, a todos e a todas que estão aqui presentes, esse 20 de novembro aqui do Bairro da Liberdade, eu me chamo Gustavo Paz, eu faço parte do movimento de Juventude revolucionária e socialista, Rebeldia. Estamos aqui nessa tarde para manifestar nossa indignação, o nosso cansaço, estamos aqui para manifestar o nosso ódio a tudo isso que vem acontecendo no nosso país, com o povo negro, com os quilombolas, os indígenas, com os pobres, com os marginalizados, com os excluídos, com pessoal que tá morando situação de rua, estamos cansados de ser sacrificados no altar da idolatria do capital, em nome do egoísmo, em nome do lucro, estamos cansados de pessoas negras todos os dias as periferias morrerem, pela violência no estado, e ninguém faz porra nenhuma pra salvar a vida dos quilombolas, dos pobres, dos negros, das negras, dos LGBTQIA+, estamos cansados do que vem acontecendo nesse país, a pobreza vem aumentando, o número de pessoas negras que morre nesse país é 3 vezes maior do que a de um branco, o negro nesse país ganha menos que é um branco, uma negra e o negro ganha menos que é uma mulher branca e de que o homem branco, estamos cansados, estamos indignados com essa situação, que vem acontecendo no nosso país, chega dessa violência, chega desse racismo, que mata, que destrói famílias do povo brasileiro, chega, vidas estão sendo mortas, violentadas, e ninguém tá fazendo porra nenhuma para salvar essas vidas, vidas importam, vidas negras importam. Eu agradeço já!

Em um discurso alinhado e com tom mais inflamado, o jovem elenca elementos pertencentes e similares aos da base partidária do PSTU. Algumas outras falas foram feitas em seguida, porém, a transcrição não foi possível, pois o áudio estava incompreensível por conta da poluição sonora dos momentos, mesmo que tenhamos tentado mudar de locais para tentar captar o áudio, assim mesmo alguns saíram ruins, como o dos representantes das Domésticas e do PSOL. Em seguida, temos o representante do PCdoB:

Oi, boa noite companheiros e companheiras, em nome do Partido Comunista do Brasil, do comitê estadual. Quero fazer uma saudação a essa marcha importante, que é feito, está sendo feito em todo país, em alguns Estados foi feito pela manhã, e essa é uma demonstração e uma necessidade desse momento, que todos os movimentos sociais e os partidos políticos progressistas de esquerda que lutam para se ver livre desse governo reacionário, desse governo genocida, desse governo racista, esse é o momento que precisamos potencializar, PCdoB, que está em todo país participando dessas marchas, e dizendo que a gente não concorda, que a gente quer derrubar esse governo, esse é o nosso caminho, que nós vivemos em um país, e sistematicamente demonstrou ao longo da história o racismo, nós negros temos que resistir e temos sido as resistências desse país, e é preciso que isso se aprofunde, o nosso partido, inclusive, defende a necessidade que todos os setores de esquerda, setores democráticos, setores progressistas, se unifique nesse momento, por que a gente precisa derrubar esse governo, a gente precisa

efetivamente avançar, pra que, o mais cedo possível, a gente possa se livrar desse governo que infelicitiza a vida do nosso povo, vários companheiros e companheiras que estiveram aqui já disseram, nós estamos vivendo, companheiros e companheiras, no país, onde cerca, onde nesse momento, pelo menos 20 milhões de brasileiros e brasileiras, não tem o que comer, e o governo não tá nem preocupado com isso, inventou um auxílio Brasil, que é um auxílio eleitoral, objetivando, potencializar o 2022 com uma possível candidatura, mas o povo brasileiro, e esse é o nosso papel, nós somos soldados disso, nós precisamos cada um de nós conscientizar companheiros e companheiras, que infelizmente, a gente ainda se depara com trabalhadores que, injustificadamente, defendem esse governo reacionário, e governo genocida, mas companheiros, essa 15ª marcha da periferia, ela busca e consolida esse processo de unidade e unificação dos movimentos sociais e dos partidos políticos, rumo a derrocada desse governo genocida e reacionário. Um grande abraço, e a luta continua, companheiros.

O posicionamento do militante do PCdoB apresenta elementos significativos que contribuem para desvendar os mecanismos utilizados pelo Quilombo Urbano. Somando aos demais discursos, Luanda, representando o Movimento de *Hip-Hop* Organizado no Maranhão Quilombo Urbano, é convidada pela militante da UJS, para fazer sua fala. Segue:

Salve, salve, comunidade, boa tarde. Pedindo licença para comunidade, pedindo licença para os movimentos fortes que constroem essa marcha, pedir licença principalmente para quem veio antes de nós, pra que fez essa luta antes de nós, pra quem ainda faz essa luta conosco, pena que seus corpos não estejam mais aqui, muitos de nós, do nosso sangue, do nosso corpo que foi exterminado e continua sendo exterminado, por um governo como esse de Bolsonaro, como todos outros que vieram antes, que priorizaram os seus, priorizaram a elite, priorizaram a terra crivada de mortes, mortes a cada dia, que só morre de um lado, de nosso lado, somos solidários a todos aqueles que lutam pelo território quilombola, indígena, pelos territórios nas favelas, pelo território do nosso próprio corpo, nosso próprio corpo que luta todo dia pra sobreviver, a esse corpo que assassinam todos os dias, quando matam um dos nossos nos matam também, mas ao mesmo tempo que matam nossos corpos, nós sobrevivemos, nós somos serventes, nós somos raízes, e onde o quilombo se firma, se nasce e se cresce um novo quilombo, onde o quilombo se reconstrói, cresce novos quilombos, quilombo não morre nunca, quilombo se reconstrói, quilombo se ressignifica, e essa marcha simboliza essa luta quilombola secular, de todos os quilombos desde África. Marcha da periferia, há 15 anos no Maranhão, marcha da periferia que nasceu aqui no movimento *Hip-Hop* que construiu dentro da periferia, para primeiro juntar periferias que brigavam entre si, irmão que se matavam, comunidades rivais, que resolveram se unir, segurando a mesma faixa, segurando a mesma luta, por que nossa luta é única, é nosso povo que morre, e a gente precisa resistir a cada dia. Quilombo não morre nunca, quilombo renasce a cada dia e é por isso que a gente diz assim, ó: é favela, é hora de marchar, pra frente, nossa história levantar, na marcha, socialismo na ativa, hei, na marcha da periferia, hei favela, é hora de marchar, pra frente, nossa história levantar, na marcha, socialismo na ativa, hei, na marcha da periferia. VIVA AO POVO QUILOMBOLA, VIVA A ZUMBI, VIVA A DANDARA, VIVA A COTIRENE, VIVA A TODOS OS QUILOMBOLAS QUE SOBREVIVEM TODO DIA, todo dia é um dia de

sobrevivência, de resistência e de luta, continuamos nossa luta por que nossa marcha não começou aqui, nossa marcha veio de longe e não vai parar. (Hertz puxa um coro: ZUMBI, DANDARA, AS PRETA MOSTRA A CARA).

Registro fotográfico de Luanda:



Figura 10 Luanda representante do QU - Arquivo pessoal

O posicionamento de Luanda representa o movimento do qual faz parte e, a partir dele, associados a outros, iremos mesclar elementos que nos direcionam as perguntas feitas previamente nesta pesquisa. Porém, as análises e interpretações serão pontuadas após apresentação de falas que restam. Logo depois, as participações dos representantes da UNE e Quilombo Raça e Classe. Abaixo, discurso da representante da UNE:

Direto da periferia de São Luísa pra que a gente não aguenta mais, mas quando eu falo isso, não falo só pra quem tá com a gente no ato, eu tô falando com o cada feirante, com cada comerciante, com cada pessoa que tá aqui na rua. Quando foi a última vez que a gente conseguiu desfrutar desse país, comendo a nossa carne, tomando nossa cerveja, gente vai culpar o aumento da conta que chega todo dia, qual foi a última vez que a gente conseguiu pensar que os nossos filhos poderiam ter acesso a uma educação de qualidade, entrar na universidade federal, qual foi a última vez que a gente teve tranquilidade nesse país, o último ano a gente não viveu, no último ano a gente não teve vacina, porque o presidente se recusou a comprar a vacina, o presidente viu centenas de pessoas morrerem e riu na nossa cara, ele foi pra televisão fingir que tava sufocando como se a gente fosse uma piada, a gente não viveu por culpa do presidente, a gente agora tá passando fome por culpa do presidente, as pessoas estão na fila para pegar ossos, pra conseguir comer, pessoas estão morrendo todos os dias nesse país e parece que falou tudo bem parece que normal porém, tem gente aqui hoje na Liberdade marchando do na décima quinta marcha da periferia, pra dizer que pra gente que isso não é normal, pra dizer que esse não é o país que a gente quer, dizer que a gente merece mais, pra dizer que a gente merece dignidade, a gente merece oportunidade. A gente que nasceu preto e

pobre nesse país a nossa vida tem que ser uma sentença, por que pra isso é isso que é a nossa vida é, pra eles, a pretinha da preferia, o pretinho da periferia, tem que morrer sempre, sem direito, sem dignidade, sem escola de qualidade, sem oportunidade de ser alguém na vida, quando a gente é pior que a gente não aguenta mais, a gente aqui dizendo hoje, que a gente precisa avançar nesse país, e a gente não vai conseguir fazer isso com o governo Bolsonaro, é por isso que nós somos fora Bolsonaro, é por isso que esse país merece um novo rumo, é por isso que a gente tá na rua, é por isso que a gente já lutando, por que a gente não aguentou mais morrer, por que a gente não aguenta mais passar fome. Eu tenho certeza absoluta que esses nossos anseios e essas falas de cada pessoa no microfone que falou aqui hoje, são também os anseios das pessoas que estão aqui, em cada loja dessa feira, em cada casa desse bairro, obrigada gente, vamos pensar no que a gente vai fazer desse país do jeito que tá nós não aguentamos mais.

A entidade, soma-se com os demais movimentos, se posicionando de forma direta, e até emocionada, se tratando do tom da voz. O foco da militante é amplo em relação às pautas, porém, a relação com juventude e questões estudantis foram mínimas, a centralidade do discurso, assim como os demais, se direciona as críticas ao governo Federal. Em prosseguimento, Passos do Quilombo Raça e Classe, foi convidado e se posicionou da seguinte forma:

Boa noite, companheiros, Quilombo Liberdade, sangue negro, BORA FERVER. Hoje é dia de denunciar todos os crimes que o capitalismo vem praticando nossa vida por toda história, hoje não é apenas um dia pra gente baixar e reclamar do branco ou do negro que nos ataca hoje é dia da gente frisar com todas as nossas forças que não vamos aceitar que o capital continue a nos matar com poder, e aí quando eu falo em morte, eu preciso fazer uma corte muito firme, por que o mesmo governo que nos mata, é aquele governo que nos nega saúde, que nos nega educação, que nos nega creche, que deixa nossas crianças na rua para o tráfico cooptar. Então, não podemos achar que o governo que está aí posando de bom moço, é e aí os governos estaduais têm muita culpa nisso, sabe porquê? porque os governos estaduais com braço armado dos governos estaduais, eles nos matam sem dó e piedade, e quem tá no comando vai na imprensa e fala: NÓS VAMOS ENTRAR COM FORÇA NA FAVELA, e no outro dia nós temos 7 mortos. O que dizer da morte dos indígenas, o que dizer da morte dos companheiros de Arari, onde ninguém investiga onde ninguém condena, onde ninguém vai preso. Você sabe por que os grileiros, por que no Brasil não tem fazendeiro, a gente tem grileiro. Vocês sabem por que os grileiros nos matam? Toda vida, os povos originários, os indígenas, por que eles têm certeza da impunidade... Eu nunca vi nenhum governo prender fazendeiro, descobrir mandante de chacina, descobrir mandante de chacina indígena, nenhum governo. Se alguém tiver algo contrário que prove.... Então companheiros, não podemos esperar nada de ninguém, de nenhum governo, ninguém investiga, nem a justiça, é onde tudo vai parar. Tudo que acontece no sistema capitalista vai parar na justiça, e lá tem os caras mais cascas-grossas grossos aqui na terra, porque eles assistem nossa morte e absorvem nossos assassinos. É essa minha palavra, entendeu? Eu fico muito preocupado quando eu vejo movimentos negros nas bases

deses governos, espero que me perdoem pela minha fala, mas eu tinha que dizer isso.

Registro fotográfico de Passos:



Figura 53 Representante Quilombo Raça e Classe - Arquivo pessoal

Críticas não só ao governo, conseguimos identificar críticas oriundas das tensões e desacordos políticos entre a esquerda e movimentos sociais, que citamos anteriormente. A seguir, apresentamos as falas da ativista Mary, representando o **PT**, da ativista Gerlane, do **sindicado dos bancários**, do ativista Verck, representando o **PSTU**, e de Preta Lu, representando o movimento **Pretas Anastácia**. Hertz Dias, como um dos membros organizadores da marcha, anuncia o final da marcha e os direcionamentos para o festival de Hip-Hop: “*Tem aqui a Mary falando pelo PT, o Verck pelo PSTU. A gente cometeu um erro, tem a Preta Lu também lá pelo preto Anastácia, que é justamente a última fala pra abrir o nosso festival, firmeza?*”.

Gerlane, sindicato dos bancários:

Boa noite a todos, a todas. Nós estamos encerrando um ato lindo, porque apesar de toda pressão dos 30% que ainda acredita nesse governo assassino, nós continuamos marchando, movimento negro, movimento de mulheres, movimento dos trabalhadores, por que a luta contra o racismo não é um problema só do movimento negro organizado, é um problema de toda classe trabalhadora, por que as opressões são usadas para oprimir toda classe trabalhadora, pra diminuir o valor da nossa mão de obra, nos explorar, e não terá fim nesse sistema, precisamos não só derrubar a opressão, mas também precisamos derrubar o sistema capitalista, que tira tudo que é humano de nós,

nós continuamos marchando contra o racismo em qualquer governo, contra o governo Bolsonaro, mas também contra os governos de frente popular, por que nós sabemos que morremos todos os dias, embaixo de todas as bandeiras, todas as siglas nos matam, todas as siglas nos exploram, e temos que nos levantar contra todos que estão nos oprimindo, é muito importante dizer que o Maranhão não está livre do braço armado do Estado, nós queremos dizer também que somos contra a criminalização do povo Gamela lá em Viana, contra a criminalização do povo Tremembé, contra toda criminalização que acontece em todos os governos, é muito importante a gente marcar o 20 de novembro, mas também é importante continuarmos nas lutas, não podemos esperar até 2022, NÃO EXISTE SALVADOR DA PÁTRIA, nossa emancipação vai vir por nossas mãos, o impeachment tem que sair já, nós não acreditamos que as eleições de quem quer que possa nos salvar, nós acreditamos em estratégias, nós acreditamos que precisamos nos salvar do fascismo, mais ainda sim continuaremos nas ruas, continuaremos gritando fora todos os corruptos, fora todos que nos oprimem. Aqui está o sindicato dos bancários apoiando essa luta, tem outros sindicatos aqui, é importante que todas as organizações dos trabalhadores, os sindicatos, coletivos, movimentos, tudo que nós organizamos pra nos defender, e pra sobreviver esteja marchando junto e pela nossa emancipação, por uma sociedade mais justa, por uma sociedade socialista, onde nós possamos viver, onde possamos viver plenamente, pelo direito a vida que os trabalhadores se movem hoje e que continuarão se movendo, por que só a luta organizada muda, por que só a luta muda a vida. Obrigado, companheiros!

Direcionamentos feitos, abrem-se espaço para as últimas falas, que em determinados momentos são coesos e harmônicos e, em outros, desarmônicos. Segue a fala de Verck, pelo PSTU:

Boa noite pessoal, boa noite a todas e todos, em nome do PSTU, quero fazer uma saudação aos que estão aqui dizer que todos e todas que estão aqui hoje são muito importantes na luta contra Bolsonaro, todos e todas que estão aqui hoje são muito importantes na luta contra o projeto genocida que quer nos exterminar e quer nos matar, portanto, o que eu quero realmente em nome do PSTU dar um abraço aos que vieram na marcha da periferia, dar um abraço aqueles que saíram da sua casa e vieram ao Bairro da Liberdade, pra dizer fora Bolsonaro, fora Mourão, fora Sérgio Camargo, fora governo genocida. Todos os que estão aqui são muito importantes nessa unidade de ação contra o governo Bolsonaro, e nós precisamos ter certeza disso, nós precisamos construir cada vez mais, nós precisamos ter cada vez mais força, precisamos ter cada vez gente, nós precisamos cada vez mais, sair do nosso núcleo, das nossas entidades, dos nossos partidos, e atingir as pessoas que estão em suas casas, às pessoas que estão em sua rua, que estão nas fábricas, as pessoas que estão nos Campos, as pessoas que estão nos quilombos, nas aldeias, nós hoje precisamos é um dever nosso trazer cada vez mais gente para os atos foram Bolsonaro, nós precisamos e é um dever de todo mundo que está aqui, por isso em cada um de nós para que é importante, por isso esta unidade de ação contra o governo Bolsonaro é fundamental, assim também como é fundamental a unidade de ação contra o racismo, contra as políticas de extermínio das mulheres, das mulheres preta, contra LGBT fobia, tudo isso é muito importante, e o PSTU com seus militantes, com suas bandeiras, com seu programa, sempre estará em qualquer beco, em qualquer rua, em qualquer

praça, que tenha um lutador e uma lutadora contra o racismo, contra Bolsonaro, contra o machismo, contra LGBT fobia, contra a violência, contra a violência aos quilombolas, todos aqueles que ousarem atacarem a classe trabalhadora, preta e pobre, o PSTU tará na trincheira lutando e defendendo nosso povo, isso nós não abrimos mão e não abrimos mão disso, com um programa, com objetivo, com estratégia, e também não abrimos mão disso, isso é princípio nosso, nós nascemos com esse princípio, NÓS NASCEMOS COM ESSE PROGRAMA, NÓS NASCEMOS NA LUTA PELO SOCIALISMO E NÃO ABRIMOS MÃO DISSO, NÓS NÃO ABRIMOS MÃO DE LUTAR PELO SOCIALISMO, nós não abrimos mão de destruir o capitalismo, e nós não abrimos mão de destruir o racismo, é nesse sentido que eu quero me dirigir aos mais novos, não acreditem que a luta contra o racismo, não acreditem que a luta contra o capitalismo se dará por meio de eleições, porque não se dará, nós não destruiremos o capitalismo, nós não destruiremos o racismo, votando, pegando em cédula e indo para as eleições, não, enganaram a gente durante décadas, durante séculos, dizendo que a eleição vai resolver nossos problemas, e nós continuamos nas favelas, nós continuamos nos guetos, e chegamos em 2021 depois de mais de uma década de frente popular dizendo que a eleição ia ser para o povo ele nós chegamos aonde? no genocídio, na miséria, no desemprego, é indígena morrendo, e quilombola morrendo, é mais do que prova que a eleição não resolve, é mais do que prova que se unir com burguesia não resolve, é mais do que prova de ser unir com latifúndio não resolve, é mais do que prova que se unir com banqueiro e agronegócio não resolve, isso é mentira, vocês sabem disso, todo mundo que está aqui sabe disso, manter o agronegócio, latifundiário, empresário são nossos inimigos, todo mundo que tá aqui sabe disso, então por que ainda tem gente que insiste que fazer que aliança com esse povo é a solução para nosso destino. Não é, eu falo aos mais novos, não é, a solução para nossos destinos é a rua é a praça é organização popular é a organização autônoma, é com esse princípio com esse programa que PSTU luta, e disso nós não vamos abrir mão, durante décadas a Semana da Consciência Negra neste país, durante todos os anos 2000 a consciência o Dia da Consciência Negra nesse país foi reduzida aos gabinetes, as festas, as condecorações, pois abandonou as ruas nos anos 2000, o movimento negro abandonou as ruas nos anos 2000, e abandonou pelo gabinete, abandonou pelas condecorações, abandonou pelo seu projetos, a gente vai continuar aceitando isso? Então nós precisamos resgatar a história do povo negro, é isso que o PSTU diz todos os dias, e nós dizemos isso desde quando nós nascemos, nós não vamos nos unir aos latifundiários, nós não vamos nos unir aos banqueiros, nós não vamos nos unir aos empresários, podem querer porque podem querer, mas nós não vamos, porque nossa Bandeira é limpa, nós nos unimos com a classe trabalhadora, com os quilombolas, no unimos com os indígenas, nós nos unimos com os favelados, e é com eles que vamos construir a revolução socialista, destruir Bolsonaro, destruir Sérgio Camargo, destruir Mourão. Construir sim, um sistema que não tenha mais racismo, machismo, nem nenhuma forma de homofobia é transfobia lesbofobia, ou seja, uma sociedade onde sejamos emancipados humanamente, a revolução socialista é que o PSTU quer, a revolução socialista nós desejamos, são princípios nossos que não abrimos mão, em nome desses nossos princípios que mais uma vez meu abraço em nome do PSTU, todas e todos que estão aqui, em qualquer lugar. Quando se deitarem hoje à noite pensarem quem são os aliados de vocês, com quem vocês querem construir o antirracismo e com quem vocês querem construir o anticapitalismo. Grande abraço!

Resenverck Estrela, mais conhecido como Verck, professor da UFMA, *Rapper*, ex-militante do Quilombo Urbano (ainda possui laços e afinidades com o movimento), e militante do PSTU, se posiciona de forma clara, expondo objetivos, críticas as configurações governamentais e, tensionando as relações entre os movimentos e partidos, ao expor as possíveis relações prejudiciais que partidos e movimentos tenham feito no percurso histórico. Dos discursos proferidos durante o percurso, o do ativista Verck, possui muito mais elementos conectados a ortodoxia política e ideológica.

Na sequência, a representante do PT, Mary Ferreira:

Boa noite, companheiros e companheiras, Mary Ferreira professora da UFMA, do fórum maranhense de mulheres, aqui representando nesse momento o partido dos trabalhadores, trago aqui ai saudação de todos os petistas nesse momento extremamente importante de luta da Consciência Negra 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, dizendo o legado do PT que nós construímos ao longo de 2003 e 2015 não pode passar despercebido, dizer de toda essa nossa luta do fora Bolsonaro, estão, estão na comissão do impeachment do fora Bolsonaro, desde janeiro de forma intensiva dizendo a importância do legado PT e lembrar que nós estamos em campanha para recompor esse país, nós por mais, por mais que teríamos divergência entre nós dos vários partidos, mas ninguém pode deixar de reconhecer o legado do partido dos trabalhadores as conquistas frutos de uma longa luta que se inicia desde dos anos 60, muitos de nós aqui que já tem mais de 60 anos sabe dos esforços que foi quando éramos jovens no combate à ditadura militar, e toda essa luta que é coroada nos anos 80, foi a constituinte pra valer significou um processo de mudança social bastante significativa que infelizmente foi sufocado nos governos dos anos 90 de Fernando Henrique Cardoso, só recomposto quando o PT assume o poder, dentro de um processo extremamente difícil, mas que foi possível partir dessa luta, desses esforços, revigorado por esses anos de luta, fazer com que o país pudesse encontrar um caminho, um caminho de construção da democracia o caminho de políticas públicas que garantiu para todos os segmentos avanços significativo, seja na inclusão social dentro das universidades, seja nos projetos de moradia aqui muito bem falado pela Creuzamar, seja nos projeto de igualdade de gênero de igualdade racial, não podemos esquecer dos esforços dos partidos trabalhadores para garantir que a universidade pudesse ser um lugar de todos, um lugar de todas, um lugar daqueles que foram historicamente excluídos e que não tiveram até então um lugar devido, um lugar de direito, então aqui vai a que vem, eu venho aqui nesse momento trazer a nossa saudação, trazer o nosso esforço da nossa luta e resistência nós somando aos esforços dos movimentos negros, somando aos esforços de cada um militante que acompanhou nesta jornada, essa passeata, essa manifestação de hoje e dizer da nossa insistência de manter esse movimento vivo e coeso, do Fora Bolsonaro, agora no dia 4 de dezembro no dia 3 de dezembro temos um outro movimento puxado pelas mulheres fora Bolsonaro, então desde já, conclamo todas as mulheres e homens que tenham interesse de fortalecer esse movimento pra se juntar conosco na luta pelo fora Bolsonaro, por que a luta pelo fora Bolsonaro, é luta pela nossa sobrevivência, nós vivemos hoje um momento de extrema dificuldade, de fome, de miséria, de pobreza, basta a gente abrir os olhos que a gente vê em qualquer rua dos bairros de São Luís,

pra ver a fome estampada nos olhos de criança, de jovens, de mulheres, de todos os lugares. Então nós precisamos sobreviver, e pra sobreviver é preciso que a gente retire esse governo que nos consome, e que nos destrói e que tentam nos matar, ele não nos vencerá, FORA BOLSONARO.

O PT, mesmo que de forma “tímida”, participou do ato. Pressupomos que tenha sido tímida, pois observamos poucos militantes que continham algum elemento que pudesse identificar que seria do PT. As críticas ao petismo, atrelado ao extremismo bolsonarista, pode ter contribuído para que os ativistas pudessem evitar usar roupas ou acessórios do PT por medo da violência incentivada pelo próprio presidente da época aos petistas. Esta hipótese levantada se confirma neste dia 20 de novembro de 2021, através de nossas observações. Durante todo percurso, observamos atentamente tudo que pudesse identificar partidos, sindicatos e movimentos em geral, através de camisas, bandeiras, faixas, e acessórios em geral. Inesperadamente, nos deparamos com uma cena em que um militante petista que estava caracterizado com uma camisa e uma bandeira com o rosto de Lula, foi hostilizado e sofreu ataques verbais de um grupo reduzido de pessoas que estavam em um determinado local durante a marcha. Não conseguimos registrar o ocorrido, pois ficamos supressos com tal atitude, mas, o senhor com sua bandeira não entrou na provocação e prosseguiu. Abaixo o registro do ativista:



Figura 54 Ativista petista - Arquivo pessoa

Os acessórios somados a outros elementos funcionam como um dispositivo em forma de resistência que se posiciona visualmente, assim, podendo contrariar sujeitos ou grupos que não congreguem com os ideais. O diálogo anterior feito sobre vestimenta, também pode ser utilizado neste contexto, pois, caracteriza-se como uma forma de linguagem expressiva, que

envolve coragem e reivindicação de uma identidade política e ideológica. Bergamo (2007), discorre o seguinte:

Uma crítica social que se completa no uso particular de um tipo de roupa, e, independente de qual seja o caráter da crítica, ela precisa necessariamente expressar, ou ser expressiva de uma postura de coragem presente a sociedade, configurando uma postura pessoal diante de uma ordem social que deve ser recusada. (BERGAMO, 2007, p.139)

Finalizando as falas da marcha, Luciana, mais conhecida como Preta Lu, membro do Quilombo Urbano, militante do PSTU e do coletivo Anastácia, discursa:

Salve salve periferia, SALVE SALVE classe trabalhadora, salve salve lutadores homens, mulheres, estão todos parabéns pela culminância desse ato importantíssimo que é o que é uma marcha da periferia, transformar um 20 de novembro num grande fora Bolsonaro, que é fundamentalmente a nossa principal, o nosso principal obstáculo nesse país no momento pra luta contra o racismo, pra lutar contra o machismo, contra LGBT fobia, pra lutar contra o genocídio nas periferias, pra lutar contra o genocídio indígenas em todo o Brasil, mas também para apontar esse genocídio acontecendo aqui debaixo do nosso nariz aqui tanto em São Luís do Maranhão, como no interior do Estado, isso precisa ser denunciado, esse 20 de novembro, para além das homenagens, para além de reconhecer a luta do povo negro, é necessário apontar a necessidade de estar lutando, é necessário trazer para o tempo presente a história das mulheres negras, porque por quase 400 anos de escravidão nesse país, a nós mulheres negras, hoje a maioria que estão na pobreza, nós temos que utilizar a nossa luta como exemplo para trazer essa luta para atualidade para não negociar com a burguesia para não cair nas armadilhas da burguesia porque, a gente tem que enfrentar o problema do tamanho que ele é, que é com força, e é na comunidade, e é na rua apontando as alternativas, e dando a pressão com a radicalidade que o protesto precisa, a gente vê parte das pessoas, parte das pessoas que estão nos movimentos sociais depositando todas as suas fichas das eleições 2022, mas a gente também repete nós estamos morrendo é hoje, a polícia desse Estado precisa ser confrontada, porque em nome desse governo que é responsável por essa polícia tá acontecendo um verdadeiro genocídio são mães de periferia que estão chorando, são mães do interior do Estado que estão chorando, isso precisa ser muito denunciado porque é um processo em curso há mais de 500 anos, então que nós peguemos esses exemplo dessas mulheres como Dandara, como Luiza Mahin, que não negociou com o sistema, porque que com o sistema maldito, genocida, não se negocia, não se senta, se confronta, se busca alternativa, se aquilomba, então é isso, é com essa pegada que a marcha da periferia vem pras ruas mais um ano, fora Bolsonaro, não, não voltaremos para os porões da ditadura, nós não voltaremos a ser escravo de novo, então está todo mundo de parabéns vamos para a nossa, dá início ao nosso festival né, tem muita coisa boa por aí vindo e vamos dar na nossa cara pra esse sistema maldito que precisa ser destruído, independente de que está representando esse Estado, esse Estado nasceu para ser o que é, entra governo sai governo e continua a mesma coisa, o descaso total, com os investimentos na saúde, que as mulheres e as mulheres negras só as mais atingidas, então a gente vê, é com esse espírito que a gente tem que sair daqui hoje, é o Quilombo de Palmares é o exemplo de João Cândido, é o exemplo de Luiza Mahin, a exemplo de Dandara, exemplo das mulheres

negras ludovicense, que lutaram contra esse sistema, o sistema continua o mesmo, então que a gente traga esses exemplos porque eles são bem atuais necessários, então a gente vamo aí para cultural com muita resistência, é é com muitas atrações vou passar aqui muito obrigado e um salve aqui para todos que estão aqui hoje nesse 20 de novembro que já é vitorioso.

Na sequência, a caminhada se direcionou para Praça Mestre Antônio Vieira. Ademais, destacamos que as análises, interpretações e conexões teóricas acerca dos discursos serão postas após a conclusão desta imersão etnográfica e suas implicações epistemológicas. Após todo percurso feito, com as respectivas paradas para realização das falas, os participantes se dirigiram para o “Festival Cultural” com algumas apresentações. Após as últimas falas e o direcionamento para o festival, notamos que o ato começou se esvaziar, quanto mais próximo do local, mais alguns participantes da marcha iam embora, pressupomos que alguns fatores contribuíram para esse processo e esvaziamento. Do Viva da Liberdade, até o local do festival, são, em média, 1,2 quilômetros de distância e a Praça Mestre Antônio Vieira se localiza em um bairro ao lado da Liberdade, no Monte Castelo. As estruturas físicas da praça são bem modernas, amplas, e com espaços para lazer, praça entregue a população em julho de 2020, no local, segundo o Jornal O Imparcial²³, era um lixão, que fez parte do processo e projeto de revitalização do espaço urbano durante a gestão do governo Flávio Dino. Os muros da praça são repletos de grafites de personagens da cultura maranhense, como a cantora Alcione, feitos por artistas maranhenses, o próprio nome da praça é uma homenagem a um artista maranhense, cantor, compositor e poeta, falecido em 2009. O espaço possui uma área de 3.743 metros quadrados como pode ser visto na imagem retirada do site do O Imparcial:



Figura 55 <https://oimparcial.com.br/noticias/2021/08/praca-mestre-antonio-vieira-e-inaugurada-no-monte-castelo/>

²³ <https://oimparcial.com.br/noticias/2021/08/praca-mestre-antonio-vieira-e-inaugurada-no-monte-castelo/>

Fizemos alguns registros fotográficos do local, desde a chegada até o festival. Segue alguns quadros com 2 e 4 fotos:



Figura 56 Chegada na praça - Arquivo pessoal



Figura 57 Chegada na praça foto 2 - Arquivo pessoal



Figura 58 Pinturas na praça = Arquivo pessoal

As imagens nos dão a dimensão do local do evento e os sentimentos que conseguem expressar através dos grafites. O festival contou com diversas apresentações de artistas e grupos locais, vamos destacar as participações de Mc Panda, participação do grupo de *Hip-Hop* militante, Gíria Vermelha, que faz parte do Movimento de *Hip-Hop* Organizado no Maranhão Quilombo Urbano e do rapper Marco Gabriel. Mc Panda, foi o único dos participantes da Batalha do JP, não sabemos se os demais não foram convidados, não fizemos essa consulta a organização do evento. Marco Gabriel, foi uma das principais atrações do festival, rapaz jovem, ex-militante do Quilombo Urbano, que consegue atrair um público bem específico em suas apresentações, segundo Verck, durante um diálogo informal durante o festival. Neste mesmo bate-papo, Verck relata que o jovem saiu do movimento e se enveredou em outros caminhos artísticos, mas, neste mesmo diálogo, ponderei sobre o jovem ter se conectado ao que Adorno e Horkheimer (1985), caracterizam de “*indústria cultural*”. Adorno e Horkheimer (1985), somam a esse contexto:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras públicas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (Adorno e Horkheimer, 1985, p.114)

Assim como o cinema e o rádio, apontado pelos autores, outras culturas e artistas em geral foram adentrar a lógica mercadológica, assim mercantilizando seu produto e atribuindo novos significados e objetivos, mas, apontamos que é uma problematização tal questão, não estamos afirmando que seja errado. O interlocutor responde de forma mais curta, quando relata que essa juventude possui uma conexão muito forte e frequente com as interações virtuais, assim, produzindo sujeitos que se inspiram em fantasias postas pelo processo globalizador através da internet.

Uma das atrações mais esperada pelo público que lá estava, era a apresentação do Gíria Vermelha, em sua configuração tradicional composta por Hertz, Verck, Luciana Pinheiro e Preta Lu, Registro da apresentação:



Figura 59 Apresentação no festival foto 1 - Arquivo pessoal



Figura 60 Apresentação no festival foto 2 - Arquivo pessoal

Nas imagens acima, o grupo Gíria Vermelha e na seguinte, apresenta o esvaziamento da atividade. De preto, Hertz Dias, de vestido verde, Luciana Pinheiro, de Amarelo, Verck e, no fundo, atrás de Luciana Pinheiro, Preta Lu. Uma das músicas mais esperadas e mais famosas do grupo, cantadas por Hertz e Verck, é “Lutar é preciso”, que iremos expor sua letra²⁴:

De pé, o vítimas da fome
De pé, famélicos da terra
A ideia a chama já consome
A crosta bruta que assoterra

Se for pra mim morrer e ter que nascer de novo
Eu prefiro ser novamente o que eu sou
Por isso, eu vou escrevendo a minha própria história
Entre pedras e espinhos que no caminho rola
Do núcleo do meu crânio, algo me perturba
Meu coração e conexão com meus olhos me diz
Vai a luta, pois teu povo é pobre e sofre
Se comover, qualquer um se comove
Então, mova-se pra ver se a coisa muda
A arte pela arte para nós é surda e muda

Não! Não fede não cheira
Pra periferia tem que ir pra lixeira
Se no Zaire um corpo sem vida cai
Se na Faixa de Gaza um palestino do Hamas vai
Explodir o próprio corpo não é que seja louco

²⁴ <https://www.vagalume.com.br/giria-vermelha/lutar-e-preciso.html>

É a paz que está em jogo infelizmente
 A guerra será, seu ventre sente
 Mortalha armada pra pobre que sofre a Onu
 Há muito tempo perturba o sono
 De quem não compactua
 Com os planos tiranos do Tio Sam
 Novamente foi covarde
 Irã, Iraque, Hiroshima, Nagasaki
 Libano, Deus livra-nos, do mal que se aproxima
 Do mal que prega a paz gera carnificina
 Não! Ditaduras, bombardeios
 Novamente Deus não veio
 Salvar aquele velho de turbante
 Que pros cus de olho azul do ocidente é ignorante
 Amante da guerra, fantástico
 Eu tô com povo palestino e não abro
 Pra quem perdeu seu filho acredite
 Enfrentando armas pesadas com estilingue
 Ato heroico e sublime
 Pra burguesia fanatismo, calma
 Palavras são palavras, atitude é atitude
 Confia na renegada negritude
 Negro, branco, ídio, mulheres, homens
 Uni-vos, ô vítimas da fome

De pé, o vítimas da fome
 De pé, famélicos da terra
 A ideia a chama já consome
 A crosta bruta que assoterra

O meu Nordeste há muito tempo é manchete
 No lixão da irmã Dulce um pivete quase morto
 Só pele e osso
 Se arrastando pois o crânio é muito grande
 Para seu franzino corpo
 Pareço louco, mas não sou louco, ô só que jogo
 Meu mano nasceu coxo e movimenta-se com mochos
 Mas sua mãe ora e chora todo dia
 Seu sonho de papel só chove covardia
 Mundão em crise ponta a ponta na gangorra
 Cajapior, saca só que vida loka
 Premia o Nobel da miséria onde a paz agoniza
 E muitos se alimentam com manga e farinha
 Aê turista, bate a foto miséria absoluta
 Só não ver quem não quer ou quem bebeu cicuta
 Família ferrabraz, Sarney finge que esquece
 Maranhão de ponta a ponta é pior que Bangladesh
 É febre amarela é meningite, é cachumba
 Ê povo sofrido, poder filho da –
 Mas não é isso que eu vejo na mirante
 Um mundo rosa pendurado num podre barbante
 Imagem cênica, da moça cínica
 O gás sonífero maligno e mortífero
 Televisível em alto nível é um absurdo
 Mas o seu dinheiro estava lá nos malotes da lanus

A culpa é minha, é sua, é nossa?
 Infelizmente alguns se vendem aí é roça
 Mas, minha família é de rocha e não abre
 Quilombo urbano faz da guerra uma arte
 Com banho de sangue, na bênção do padre
 Na cruz ou no punhal me então quem sabe
 Quantos quilates vale a liberdade dos homens?
 Ô vítimas da fome, ô vítimas da fome
 De pé, ô vítimas da fome
 De pé, famélicos da terra
 A ideia a chama já consome
 A crosta bruta que assoterra
 (Gíria Vermelha)

Em todas as apresentações que acompanhamos na trajetória de pesquisa desde a graduação, uma das músicas mais esperadas pelo público e que mais provoca interação é “*lutar é preciso*”, com sua letra que consegue expressar múltiplos sentimentos. Não se pode esquecer que o grupo faz parte do universo letrado, possuem formações universitárias, políticas, além de estarem inseridos ou já terem feito parte das problemáticas que cantam. Com relação à letra, podemos destacar alguns elementos, como as críticas a oligarquia que dominou o Estado do Maranhão por décadas, neste caso, a família Sarney, a marginalização de pobres e periféricos, ausência de políticas públicas as periferias e ao público preto, críticas em um contexto geopolítico em relação a conflitos, como Palestina e Iraque, além de se posicionarem a favor da causa Palestina, denunciam as condições precárias do Estado e das periferias enquanto os meios de comunicações negligenciam, especificamente o grupo Mirante (Canal de TV e Rádio vinculados a TV Globo) , que pertence à família Sarney. Pressupomos ainda, com base nos discursos dos militantes que direcionam críticas aos movimentos, grupos ou sujeitos que se evadiram da militância para fazer “alianças com a burguesia”, nos termos dos próprios, quando música expressa o seguinte: “*infelizmente alguns se vendem aí é roça*”.

Os padrões das atividades do grupo se mantêm quando refletimos sobre posturas, discursos, comportamentos e práticas, o processo de observação imerso na trajetória de pesquisa que se inicia na graduação, nos permite identificar e sistematizar estes padrões, a princípio, os citados. Durante todo percurso da marcha identificamos alguns destes padrões, como a militância política, que é óbvio, mas, ela materializada como uma atividade extra no cotidiano político, atividade em prol do partido, do sindicato, ou da entidade da qual representa, como a panfletagem. Em alguns atos políticos que acompanhamos nesta trajetória, notamos a presença destes sujeitos panfletando materiais partidários, vendendo jornais, revistas, ou, dialogando com a comunidade sobre a importância do ato. Mas, as práticas mercantis não se direcionam apenas a vendas de produtos ligados a militância, como já exposto neste trabalho, alguns

militantes conseguem renda extra nas atividades vendendo seus produtos, como Preta Lu, assim como outros militantes com outros produtos, dentre eles até bebidas alcoólicas, vendido por membros do Quilombo Urbano no festival de 2021. Neste caso, salienta-se, que não estamos tecendo críticas a prática da venda de bebidas durante o evento, pelo contrário, estamos evidenciando padrões identificados que fazem parte deste método de coleta. Durante nossa permanência no evento, observamos ainda que esses encontros constituem ocasião para esse tipo de comercialização de produtos diversificados, desde os mais recorrentes como água, refrigerante e cerveja, até acessórios personalizados, parte dos quais, vendidos pelos próprios militantes. Assim, enquanto se crítica o tratamento dispensado a população preta e periférica, pode-se consumir uma cerveja gelada, até mesmo um produto customizado. Enganam-se, pois, aqueles que concebem o evento como uma atividade unidimensional, ou como palco apenas para discursos críticos. O evento incorpora parte do cotidiano e das experiências de sujeitos sociais que lutam para viver e sobreviver. Após as principais apresentações, antes do encerramento do festival, começamos solicitar Uber, pois a existia a preocupação com o horário avançado, além da possibilidade da recusa de corridas por parte dos motoristas de plataformas. Em seguida, solicitamos Uber na plataforma por três vezes, sem sucesso, então na quarta conseguimos e nos deslocamos para no ponto de apoio logístico, assim finalizando a visita a campo do dia 20/10/2021, por volta das 21h.

O ato da panfletagem foi observado durante a marcha, militantes com material político partidário distribuindo e dialogando com moradores e participantes da caminhada. A panfletagem pode ser entendida como uma estratégia de divulgação das ideias políticas, além de servir como ferramenta informativa, onde tentam expor as problemáticas, a partir do ponto de vista dos partidos, sindicatos e movimentos em geral, já que, as mídias corporativas burguesas não têm compromisso com a transformação social, e sim com a cooptação de lucro. Nas imagens abaixo temos uma amostra da prática.



Figura 61 Panfletagem 1 - Arquivo pessoal



Figura 62 Panfletagem 2 - Arquivo pessoal

O processo de produção e reprodução do discurso podem ser identificados através das estratégias dos partidos, neste caso, na panfletagem demonstrando as unilateralidades dos grupos.

A marcha constitui-se por meio da participação expressiva de movimentos sociais, partidários e políticos, que através de seus representantes conseguiram expressar sentimentos, produzir ou reproduzir discursos específicos alinhados com suas bases. Foram identificados discursos conectados com suas entidades representativas, narrando sobre suas trajetórias com seus feitos, acontecimentos históricos, lutas e posturas, além dos discursos repletos de elementos críticos aos demais movimentos que tensionam as relações. Todos os discursos possuem elo, pontos em comum evidentes, mas com pontos de vista diversificados, o combustível da crítica, fora as pautas particularizadas, foram os voltados para o ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro e toda sua cúpula, apontando as principais problemáticas, dentre as mais graves, como o descaso em relação à pandemia que custou a vida de mais de 600 mil brasileiros, e o descaso indiscriminado ao povo preto, pobre, favelado, indígena, quilombola, LGBTQIAP+, descaso no que diz respeito a saúde, educação, infraestrutura, aos sem teto, sem-terra, e demais críticas ligadas a complacência do governo Bolsonaro no tocante a elite, ao agronegócio, e a tudo que foi e é prejudicial à classe trabalhadora.

Como citado anteriormente, alguns discursos possuem divergências, tons críticos em relação aos outros e tentativas de sacralização de outros através do anúncio de posturas, comportamentos e relação, neste sentido, torna-se preciso citar Malinowski (1984, p.35) que como sociólogo, não nos interessa o que A ou B possam sentir enquanto indivíduos, no discurso acidental das suas próprias experiências pessoais; apenas nos interessam o que sentem e pensam enquanto membros de uma determinada comunidade. Assim, nossa tarefa envolve descobertas

de estruturas e discursos sociais que nos forneçam, através dos métodos de coleta, informações que nos possibilitem análises dos sistemas simbólicos e toda sua complexidade. Visto estes pressupostos, evidenciar estes elos dos discursos são cruciais para esta produção etnográfica, além do auxílio na interpretação, entendimento das dinâmicas políticas, culturais e sociais do objeto de pesquisa e, tentar responder questões construídas previamente.

Ao analisar os discursos proferidos pelos militantes na marcha, fica evidente os alinhamentos políticos, isto é, o que se fala, na verdade, é uma reprodução construída em uma hierarquia política interna, segundo Ferreira (2015), os processos discursivos vão se desenvolver pelo sujeito, mas não têm nele sua origem, assim reafirmando o que foi posto previamente sobre as estruturas hierárquicas que seguem regras. Em consonância com Foucault (1969), que discorre que os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras, pode-se associar que os mecanismos internos se constituem a partir dos contextos históricos e sociais, cada contexto cabe uma configuração interna, com suas regras e métodos.

Alguns destes discursos se alinham, apresentam elementos semelhantes, coesos e críticos em relação aos demais, quando evidenciam especificidades, por exemplo, quando problematizam sobre a postura do Governo Estadual, na época, tendo Flávio Dino à frente, quando criticam o sistema eleitoral, alegando que não é a saída para classe trabalhadora, quando problematizam o abandono das ruas por parte de alguns movimentos sociais, alguns movimentos negros e, a incorporação as estruturas do Estado com cargos em secretárias, ou, como relata Verck: *“trocaram as ruas pelos gabinetes”*. Aqui, Verck, representando o **PSTU**, Passos, representando o **Quilombo Raça e Classe**, Luanda, representando o **Quilombo Urbano**, Hertz, representando o **Quilombo Urbano** e **PSTU**, Gerlane, representando o **Sindicato dos Bancários** e Preta Lu, representando o **Pretas Anastácia**. Em suma, a construção da “unidade de luta”, está atrelada a crítica interna entre os movimentos, considerando fatores externos e anteriores a marcha. Logo, observam-se tons muito mais ortodoxos, questionadores e diretos em alguns discursos. Elencaremos alguns pontos dos discursos que constata o elo crítico em relação aos movimentos:

- **Verck, PSTU:** “precisamos cada vez mais sair de nossos núcleos, das nossas entidades, dos nossos partidos”; “Nós não abrimos mão de um programa”; “quero me dirigir aos mais novos, não acreditem que a luta contra o racismo, não acreditem na luta contra o capitalismo se dará por meio de eleições, por que não se dará”; “é mais eu prova que eleição não resolve, é mais que prova que se unir com burguesia não resolve”; “durante décadas a semana da consciência negra nesse país, durante todo os anos 2000 à consciência do dia da consciência negra foi reduzida aos gabinetes, as festas, as

condecorações, pois abandonou as ruas nos anos 2000, o movimento negro abandonou as ruas nos anos 2000, e abandonou pelos gabinetes, abandonou pelas condecorações”.

- **Gerlane, Bancários:** “nós continuamos marchando contra o racismo em qualquer governo, contra o governo Bolsonaro, mas também contra os governos de frente popular, por que nós sabemos que nós morremos todos os dias, em baixo de todas as bandeiras e todas as siglas”; “é muito importante dizer que o Maranhão não está livre do braço armado do Estado”; “é importante continuarmos nas lutas, não podemos esperar até 2022, NÃO EXISTE SALVADOR DA PÁTRIA”.
- **Passos, Quilombo raça e classe:** “Então, não podemos achar que o governo que está aí posando de bom moço, é, e aí os governos estaduais têm muita culpa nisso, saber porque? Por que os governos estaduais com braço armado dos governos estaduais, eles nos matam sem dó e piedade; “então companheiros, não podemos esperar nada de ninguém, de nenhum governo”; “eu fico muito preocupado quando eu vejo movimentos negros nas bases desses governos”.
- **Preta Lu, do Prestas Anastácia:** “nós temos que utilizar nossa luta como exemplo para trazer para atualidade para não negociar com a burguesia para não cair nas armadilhas da burguesia; “a gente vê parte das pessoas que estão nos movimentos sociais depositando as suas fichas nas eleições 2022”.

Eis os pontos de ligação dos discursos. A exterioridade dos acontecimentos relacionados aos projetos futuros de partidos e movimentos, provocaram com que as análises de movimentos e partidos que tensionam suas relações, consigam arquitetar críticas e contestações quanto ao comportamento, posturas e métodos utilizados pelos demais. As conexões dos discursos perpassam pelo descrédito das eleições, críticas indiretas a candidatura de Lula em 2022, críticas ao governo estadual da época (Flávio Dino), e principalmente a postura dos movimentos durante governos de frente popular, tanto no âmbito Federal, quanto no Estadual, quando estes são cooptados para assumir cargos, secretarias, receber condecorações e improvisar alianças com a burguesia, a exemplo do próprio governo PT e sua primeira ascensão a presidência, quando Luís Inácio Lula da Silva, em conjunto com PT, a partir de negociações escolheram o empresário José de Alencar como candidato a vice-presidente, assim, compondo a chapa Lula e José Alencar. Neste contexto, em 2002, Lula emite uma carta pública, “carta ao povo brasileiro”, onde, segundo algumas críticas, o mesmo se compromete com o grande capital, com a burguesia, assim, gerando descontentamento interno que provocou rupturas e destas

rupturas surgiram novos partidos e processos migratórios. Em contraponto, estes mesmos discursos destacam sentidos dessemelhantes, assim, fugindo da unidimensionalidade analítica, quando salientam “que todos os movimentos são importantes” na construção da unidade de ação, enfatizando uma linearidade militante.

Quanto aos demais discursos, os elementos constitutivos da alocução se cruzam em vias enfáticas quanto as participações dos movimentos ou partidos em processos políticos e burocráticos, como as participações de partidos em pedidos de impeachment, como relatou a militante do PT, além de continuar resgatando a história do PT no ato, expondo o legado do PT entre 2003 e 2015, mas, não para apenas neste recorte, a mesma insiste em falar das lutas do partido desde os anos 60, ampliando seu recorte até os anos 80, 90 e 2000. Cabe destacar, que todos os discursos políticos possuem características semelhantes quando se referem aos seus partidos. Os demais, se direcionam diretamente as críticas ao Governo Bolsonaro sem adotar uma postura mais irônica em relação aos demais movimentos.

Os objetivos estabelecidos em relação à marcha da periferia percorreram algumas vias, dentre elas: breve contexto histórico, observação e descrição das atividades que antecederam a marcha, coleta de dados através de gravações de vídeos, gravação de áudios, registros fotográficos, garimpagem virtual em busca de registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas, um conjunto de elementos que objetivaram as ideias, práticas, significados, conhecimentos, diálogos, crenças, culturas, atos simbólicos, contextos históricos e geográficos, debate aglutinado entre o movimento e a cidade, demarcação da atuação militante fincados na dinâmica urbana, o engajamento militante dos sujeitos, as funções sociais que cumprem os movimentos, especificamente o do *Hip-Hop*. Em última análise neste capítulo, conseguiram de forma sistemática construir unidade de ação entre partidos, movimentos e sindicatos, mesmo com suas relações históricas tensionadas ou inexistentes, considerando fatores que se projetam em concepções políticas que cada partido adota e, suas interpretações ideológicas que lhes direcionam a visões de mundo que se tornam antagônicas no campo progressista. Atuações performáticas num estudo semiótico, considerando bases teóricas que também debatam o interacionismo simbólico, podemos citar Goffman (1996), e correlacionar as análises das situações nos espaços de atuação que nos permitem identificar ordem nas estruturas do objeto. Já, Becker (1996), considera:

Para nós a unidade básica do estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum – exemplificando um tema antropológico, para constituir uma família, para criar um sistema de parentesco. Portanto, o que nos interessava eram os modos de interação,

especialmente as interações repetitivas das pessoas, modos estes que permanecem os mesmos, dia após dia, semana após semana (BECKER, 1996, p.186)

Evidente, que práticas, posturas e posicionamentos são adaptáveis, mutáveis, mas, concordamos com o autor que as interações são as bases da pesquisa, e parcialmente, algumas interações são imutáveis, aquelas que estão submersas na ortodoxia ou no sectarismo, cada qual na sua base política partidária. Sublinhamos um link teórico que nos projeta para Mead (1982), quando ressalta três fatores indispensáveis:

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele... A segunda é que o significado dessas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho. (MEAD, 1982, p.2)

O direcionamento dos atos aqui descritos se orientou em função das interações políticas, que consequentemente modificaram as relações anteriores que mantinham, desenvolvendo a partir destas interações, metas, objetivos e propósitos, salientando a principal, unanimemente posta, resumida em um único clamor: FORA BOLSONARO!

No capítulo seguinte, debateremos sobre as trajetórias de alguns militantes que compõe o movimento de *Hip-Hop*, e tentar responder algumas questões, como: quem são? De onde vem? Que influência sofreram? O que os motiva? E demais outras que surgiram. É sobre o prisma do olhar das trajetórias multifacetadas que nos levarão a entender a interatividade construídas entre os agentes, com elos e pontos de contradição através da narrativa das histórias. Considerando tais pressupostos e construindo conexões entre Kunrath (2016) e Bourdieu (2007), poderemos destacar as propensões dos interlocutores, nos apoiando na “*perspectiva deposicional*” de Kunrath, e de “*habitus*” de Bourdieu.

CAPÍTULO 3:

HISTÓRIAS E NARRATIVAS - ANÁLISES E REFLEXÕES DAS TRAJETÓRIAS DE MILITANTES DO QUILOMBO URBANO

As aproximações entre dispositivos epistemológicos que norteiam pesquisas de campo contribuem com os métodos adotados pelos pesquisadores, utilizando ferramentas variadas, sendo, a entrevista uma das mais utilizadas para tentar compreender fatores que encaminham os interlocutores para determinadas posições sociais redistribuídos na vida social, que inclui a vida profissional, acadêmica, cultural e militante. A importância das histórias de vida dos sujeitos engajados nos movimentos sociais e sua atuação nos diversos campos da vida pessoal, nos faz dialogar com Jovchelovitch e Bauer (2012), quando discorrem que “*contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimento que confrontam a vida cotidiana normal*”. Neste sentido, as trajetórias narradas ou descritas dos militantes, auxiliam diretamente no esclarecimento das construções de relações pessoais, culturais, profissionais e militantes. Além de demarcar as existências dos sujeitos que constituem os movimentos, visto que, as diversas pesquisas sobre movimentos sociais enfocam apenas no coletivo, assim, desconsiderando as particularidades dos fatores que levaram estes ao fenômeno do qual se pesquisa. Como afirmam os autores citados, a história dos sujeitos responde e confronta a vida cotidiana.

A importância dos atributos das histórias dos sujeitos desta pesquisa, assim como já posto acima, nos conecta com a perspectiva disposicional de Kunrath (2016), que se inspirou em Bourdieu e Lahire onde alega que as características dos indivíduos são construídas a partir das experiências e, através da socialização, estes constituem determinadas disposições que em diálogo com Bourdieu e seu conceito de “*Habitus*”, teremos as estruturas sociais inseridas em fusão de pautas, propósitos, engajamento, mecanismos e lutas. Kunrath (2016, p.195), afirma que: “*Nesta perspectiva, por meio do processo de socialização, os indivíduos constituem determinadas disposições (esquemas de percepção e classificação) que estruturam sua interpretação e sua ação em diferentes contextos sociais*”.

O processo de contextualização das trajetórias tende a identificar as formações e internalizações edificadas pelos militantes no decorrer da história, delimitando o espaço/tempo

em que fatores subjacentes podem ter contribuído nestas atuações. Partindo destes pressupostos, delimitamos nosso campo de atuação em relação as entrevistas com os interlocutores, selecionando quatro, considerando alguns aspectos, dentre eles: tempo de permanência no movimento e atuação no campo cultural e político. Metodologicamente, utilizamos a entrevista não estruturada e semiestruturada, assim, deixando o interlocutor mais à vontade para discorrer sobre sua trajetória, e através deste diálogo, extrair informações relevantes que poderiam não constar em roteiros pré-definidos. Utilizaremos a descrição e a narrativa das carreiras, dando ênfase ao campo de produção de conhecimento que articula o engajamento militante, a cultura e a vida pessoal, que despertou múltiplos sentimentos que são expressos através do *Hip-Hop*, da militância política e cultural que se afunila nos discursos ideológicos. Em relação à militância, os autores Bringel e Varella (2014), afirmam que:

O compromisso ético e político com a mudança social e que, por isso, envolve posicionamentos e atuações proativas em várias áreas da vida, como a profissional e a acadêmica, envolvendo a inserção em espaços coletivos de discussão, articulação e mobilização com objetivo de viabilizar e potencializar lutas políticas que representam a construção de uma sociedade justa e igualitária. (BRINGEL E VARELLA, 2014, p.5)

A práxis se torna real, se materializando nos espaços de discussão, em consonância com autor, contudo, adicionando que existem entraves nos percursos, e as inserções e articulações podem estar envoltas a tensões, assim, os compromissos com “*transformações*” consideram fatores pré-determinados pelos coletivos.

Os locais dos diálogos com os militantes foram escolhidos pelos mesmos. Nos colocamos a disposição dentro do tempo e local definido por eles, sempre apresentando tom amistoso no contato e, principalmente, demonstrando que estes momentos não seriam obrigações, e sim um momento mais descontraído para o compartilhamento de suas histórias para a construção do pensamento científico, independentemente do local. Das quatro entrevistas, apenas uma ficou no campo virtual, por conta de questões logísticas e incompatibilidade com tempo. Pois o tempo que os entrevistados tinham não batia com o meu, pois eles residem em São Luís e eu em Bacabal e o tempo que tinham eu já estaria de volta a minha cidade. Esta, foi feita através do *WhatsApp*. Os entrevistados são membros fundadores e outros mais antigos no movimento: Rosenverck Estrela, mais conhecido como Verck e Hertz Dias, membros fundadores. Claudionice Alves Durans, mais conhecida como Nicinha, e Luciana, conhecida como Preta Lu. Todos os militantes são importantes na história do movimento, porém, o tempo e logística não foi possível entrevistar mais membros. As questões

postas nas entrevistas seguiram padrões metodológicos, mesclando entrevista semiestruturada, que segue um roteiro pré-definido com questões básicas e, entrevista não estruturada, que de certo modo oferece mais liberdade ao entrevistador e entrevistado, assim fluindo de forma mais descontraída. Grupos focais seriam ocasiões pertinentes para o compartilhamento de experiências e sentimentos, porém, a incompatibilidade de tempo fez com que ficasse inviável tal metodologia. Constatamos através das experiências em campo que a entrevista semiestruturada e não estruturada, faz com que o interlocutor fique mais à vontade sem se preocupar com limites pré-definidos.

A partir das narrativas autobiográficas dos atores, identificamos estruturas que elucidam questões que foram construídas previamente nesta pesquisa, sendo algumas delas: “*como os sujeitos entram no movimento? O que os motivou? Que influência sofreram?*” Neste sentido, a entrevista funcionará como dispositivo de produção e reprodução de conhecimentos e produção de reflexões a partir das interações com os interlocutores, que permitiram a reprodução das alocações. Evidentemente, os autores Moura e Nacarato (2017), em suas pesquisas sobre trajetórias na educação contribuem para este debate, considerando que devemos, ainda, a necessidade de aproximação maior do pesquisador com o objeto de investigação e com os sujeitos pesquisados, para conhecer os contextos em que as práticas acontecem. Subscrevendo a assertiva, incorporamos com mais ênfase o elemento proximidade, criação de laços com os interlocutores, mas, sempre tomando cuidado na produção do conhecimento através dos dados coletados, pois, o foco não é sacralizar movimentos, militantes, ideologias ou partidos, e sim, analisar mantendo uma certa distância sem que os dados não sejam comprometidos. Porém, a construção de laços provoca com que os sujeitos de certo modo, criem confiança no compartilhamento das experiências e, principalmente, no compartilhamento de documentos históricos, como dossiês, atas de reunião, regimentos, fotografias antigas e atuais, cartas, artigos, panfletos, recortes de jornais, sintetizando, documentos que envolvem não só o uma pessoa, mas a história do coletivo, movimento social, político ou cultural. A afirmativa, inicialmente hipotética, perpassou por comprovações empíricas nesta pesquisa, quando alguns membros do movimento pesquisado compartilharam documentos de importância histórica para o grupo, alguns destes documentos com mais de 20 anos, a exemplo, a proposta de reorganização do Quilombo Urbano que nos foi cedida datada de 1996. Conectado a estes pressupostos, Weber (2006, p.110), cita que uma das tarefas essenciais de qualquer ciência da vida cultural dos homens é (...) a apresentação clara e transparente de suas ideias, para compreendê-las e para saber o porquê se se ter lutado por elas. Sobre a questão da neutralidade, Weber faz a seguinte afirmação:

Não existe nenhuma análise científica puramente objetiva da vida cultural, ou – o que pode significar algo mais ilimitado, mas seguramente não essencialmente diverso, para nossos propósitos - dos fenômenos sociais, que seja independente e de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais essas manifestações possa ser, explícitas e implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, como objetivos de pesquisa. (WEBER, 2006, p.43)

A produção do conhecimento necessita de posturas neutras, honestas e assertivas, porém, estas produções são empreendidas por homens e mulheres, seres dotados de capacidade mental, cognitiva, capaz de se adaptar as mais diversas condições, por certo, não existe imparcialidade, considerando os termos freirianos, o que existe são tentativas de estruturação de objetividades no tocante às realidades assistidas. Estabelecendo diálogo teórico com Fonseca (1997), que discorre:

Considera-se praticamente impossível negar que uma investigação empírica esteja isenta de fatores históricos, mas deve ser da responsabilidade do homem, de ciência ter o compromisso, como pretendia Weber, de chegar a uma determinação objetiva (...) ter como ponto de partida a subjetividade. (FONSECA, 1997, p.27)

Colocação cirúrgica do autor, a subjetividade é multifacetada em termos psíquicos e psicanalíticos, assim como as vias que se edificam no percurso da pesquisa. Os diversos autores no percurso histórico, como Émile Durkheim, localizado o século XIX, e Max Weber, localizado entre os séculos XIX e XX, consideraram fatores e características de seu tempo cronológico, desconsiderando a mutabilidade das estruturas físicas, humanas, subjetivas, sociais, políticas, religiosas e científicas. Não existe um padrão linear que siga por obrigação um padrão, a linearidade do tempo demarca fatos e transformações. Tal qual Lowy (1994), que considera ilusória a neutralidade ou imparcialidade científica, ratificamos os pressupostos.

A interação com os sujeitos, considerando os fatores históricos de socialização, nos permitiu adentrar em suas realidades históricas, na intimidade de suas trajetórias, em suas residências, compartilhar momentos simbólicos, nos seus ambientes de trabalho e na militância. As trajetórias se cruzam, as dos membros do movimento que se permitem ser pesquisados, e a deste pesquisador, que começa o contato com interesses científicos durante a graduação, em 2015. No entanto, esse cruzamento de trajetórias tem seu início por volta de 2014, quando estávamos inseridos na militância do movimento estudantil e, graças a este envolvimento conseguimos ter acesso ao Movimento de *Hip-Hop* Organizado no Maranhão Quilombo Urbano, que até aquele momento não tínhamos conhecimento de sua existência. Os espaços de

disputa no movimento estudantil que organiza suas bases a partir dos partidos políticos, adentram nas entidades e constroem alianças para conquistar espaços, como os DCEs, os diretórios acadêmicos e centros acadêmicos, unidades representativas em seus respectivos cursos e universidades, que normalmente são pautadas e alinhadas com os partidos políticos que direcionam sua militância nestes setores. Em virtude disto, neste contexto, nosso primeiro contato com alguns membros ligados ao Quilombo Urbano se dá nestes espaços de disputa, pois, durante os processos eleitorais, nos dias que antecederiam as eleições dos centros, militantes das juventudes partidárias inseridas no movimento estudantil tentavam cooptar os centros com seus discentes para compor seus movimentos.

Nesta época, recebemos a visita de alguns movimentos estudantis, como a UJS, que tinha o PCdoB como sua base partidária, após a recusa dos projetos apresentado pelos militantes da UJS, recebemos visita de representantes da UNE, que se deslocaram de São Luís, capital do Estado para dialogar com os discentes dos campi do continente da Universidade Federal do Maranhão, universidade que cursávamos Ciências Humanas – Sociologia. Na oportunidade, apresentaram pautas nacionais, estaduais e queriam somar com as pautas internas dos campi, como o da UFMA, campus Bacabal, Maranhão. Mais uma vez, recusamos as propostas apresentadas pelos representantes da UNE, que no cenário nacional sua base partidária era o PT, e no cenário estadual, sua base partidária era o PCdoB. Neste contexto, após reuniões internas com os demais discentes do curso, concordamos em não nos agregar aos movimentos, pois existia uma divergência de ideias que provocavam debates acalorados, mas, como representante do curso, mediamos os conflitos e ressaltamos a importância de unificar pautas para reforçar nas lutas internas e externas, a nível regional, estadual e nacional. Posteriormente, recebemos a visita do militante Neylson, discente do curso de Filosofia da UFMA campus São Luís, o mesmo se apresentou como militante da ANEL (Assembleia Nacional dos Estudantes Livres) vinculada ao PSTU, era militante do movimento estudantil, militante do PSTU e militante do movimento LGBTQIAP+, não escondeu a ligação partidária e explanou os projetos, contexto histórico da entidade estudantil, projetos internos e externos, em seguida, nos convidou para uma assembleia de estudantes universitários e secundaristas que iria ocorrer em São Luís, no sindicato dos bancários, com duração de três dias. Em diálogo com os membros do centro acadêmico, concordamos com o estreitamento de laços com a ANEL, participamos da assembleia e, durante o evento, Neylson em conjunto com outros militantes me convidaram para compor a entidade estudantil, aceitamos a proposta, após algumas conversas e adentramos na militância a nível estadual e nacional, compondo as fileiras da ANEL.

Graças a esses contatos e a participação das atividades militantes começamos expandir nossa rede de relações entre militantes e movimentos, incluindo o Quilombo Urbano. Neylson, como um militante, além de nos convidar para a ANEL, posteriormente nos apresentou os projetos do PSTU e também fez convite para construir o partido, mas, as relações partidárias deste autor com o PSTU não passaram e não passam de relações de afinidade, apesar do convite nunca me filiei ao partido, mas, nossas trajetórias de luta se cruzam, pois, estes mesmos membros do PSTU eram do movimento estudantil e alguns com relações mais próximas com o pessoal do movimento de *Hip-Hop*, e através destes contatos que conhecemos e nos aproximamos, primeiramente, como já ressaltado nesta dissertação, durante a graduação as dúvidas sobre que objeto de pesquisa escolher e, então, nos identificamos com a expressão cultural, já que, até então, nunca tínhamos escutado a expressão “*Hip-Hop* militante”. E a partir deste contexto as relações de militância e de interesse científico começaram ser construídas, os diálogos, aproximações mais sólidas com alguns, e mais tímidas com outros, assim, conseguimos conquistar espaço no cotidiano militante, cultural e, em alguns momentos, até pessoal, pois, em alguns momentos recebemos convites para almoçar na casa de alguns. Acima de tudo, conquistei também o respeito, assim como nutrimos e conservamos muito respeito e consideração por todos que compõem o movimento, principalmente aqueles que sempre se colocaram com mais proximidade.

As pautas de luta dos movimentos sociais são diversificadas, os militantes se inserem nas mais variadas lutas, como Neylson, que além das outras participações em movimentos, também era militante LGBTQIAP+. Graduou-se em Filosofia, mestrado em educação e intérprete de libras, uma trajetória acadêmica construída com muitos esforços, pois, vinha de família humilde, mas, nunca desistiu e perseguiu seus objetivos até alcançá-los. Logo após, passou em um concurso para Açailândia no mesmo Estado, e lá também trabalhou na Universidade Federal do Maranhão, até agosto de 2022 trabalhava na Universidade Estadual do Maranhão, em síntese, uma carreira docente que estava apenas no seu começo. No dia 10 de agosto de 2022 foi brutalmente assassinado em Açailândia, cidade em que residia, foi espancado e torturado até a morte e seu corpo abandonado em um matagal. Os levantamentos feitos pela polícia e por pessoas próximas, levam a crer que o crime pode ter motivos LGBTfóbicos, contudo, a linha de investigação da polícia trabalha com latrocínio. Neylson teve sua vida ceifada por aquilo que combateu, aquilo que fez e faz parte das pautas de luta dos movimentos sociais, patologia social grave que mesmo com todas as leis e lutas dos movimentos ela não cessa. Em fevereiro de 2023, quatro suspeitos do assassinato tiveram sua primeira audiência, diversas testemunhas foram ouvidas, e a próxima audiência foi marcada

para março de 2023. Esperamos que sejam julgados e condenados pelo crime brutal, pois, não perdemos só um companheiro de luta, perdemos um amigo. NEYLSON, PRESENTE!

As circunstâncias apresentadas se cruzam nas trajetórias, tanto dos militantes do Quilombo Urbano, quanto desta pesquisa que se iniciou em 2014, necessário pontuar, em tal caso, a luta por justiça e esclarecimentos do caso Neylson, viraram pautas do movimento e de seus militantes, desde o dia do assassinato, até os dias atuais.

As trajetórias dos atores sociais estão intimamente ligadas aos movimentos sociais, suas inserções e/ou suas defecções nos movimentos fazem parte dos objetivos desta pesquisa, então, para entender as dinâmicas dos movimentos, se faz necessário entender as bases constituintes deles, que são os militantes. Diversos autores contribuem para esse debate sobre movimento social, como Kunrath (2016) que focaliza suas pesquisas sobre os mecanismos do engajamento militante, problematizando que as pesquisas sobre tal engajamento são incipientes nas ciências sociais, como destaca:

Apesar de uma trajetória relativamente longa e consolidada no debate acadêmico internacional, especialmente na França (Sawicki e Siméant, 2011), a pesquisa sobre engajamento militante ou militatismo encontra-se e estágio ainda incipiente nas ciências sociais brasileiras. Mesmo com a presença de pesquisadores e grupos de pesquisa que, em anos recentes, têm avançado em termos de investigação empírica, formulação teórica e constituição de espaços de debate e reflexão em eventos científicos nacionais e internacionais, este ainda é um tema pouco (re)conhecido, que acaba se colocando como um objeto periférico de outros campos temáticos mais consolidados no país, tais como os estudos sobre elites políticas ou movimentos sociais. (KUNRATH, 2016, p.187)

Diversos trabalhos são direcionados ao entendimento dos movimentos, assim como afirma o autor, no entanto, alguns conceitos se tornam necessários para auxiliar na compreensão do coletivo, para posteriormente, auxiliar na reflexão sobre os sujeitos que constituem os movimentos. Gohn (2011), demarca tal entendimento sobre movimentos, quando discorre:

Desde logo é preciso demarcar nosso entendimento sobre movimentos sociais. Nós encaramos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (cf. Gohn, 2008). Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam de simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações et.) até as pressões indiretas. (GOHN, 2011, p.336)

O entendimento a partir da autora, sobre a distinção da organização eleva a necessidade de entender os mecanismos e o que levam os sujeitos a se integrar aos movimentos, além de

tentar entender os motivos do abandono ou processo migratório entre os coletivos por parte dos militantes. Continua Gohn (2011):

Na realidade histórica, os movimentos sempre existiram, e cremos que sempre existirão. Isso porque representam força sociais organizadas, aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais. (GOHN, 2011, p.336)

Tais fontes citadas pela autora, reforçam o que debatemos aqui, as fontes inspiradoras para as lutas, as fontes inspiradoras através do cotidiano de luta para compor as letras das músicas e fontes inspiradoras para contestar o sistema vigente, pois o Quilombo Urbano se constitui como um movimento anticapitalista e se expressa através das atividades citadas neste trabalho, como as reuniões, plenárias, marchas, posicionamentos, posturas, partidos, além de cada postura individual quando se colocam como socialistas e revolucionários.

A construção do roteiro de entrevistas com os membros escolhidos foi feita de acordo com suas disponibilidades, já que os contatos foram feitos previamente, após estes contatos seguimos na seguinte sequência e localização: Primeiro foi Rosenverck Estrela, marcada pela manhã, por volta das 11h em sua residência no bairro Cidade Operária; Segundo, foi Preta Lu, marcado para as 17h no seu local de trabalho, no Reviver do Centro Histórico no centro da cidade, local onde a interlocutora estava com uma barraca vendendo seus produtos artesanais; e Hertz Dias, que foi marcado para as 19h, na sede do PSTU, no bairro da Liberdade. Toda rota e dinâmica feita no dia 07/12/2022, começando pela manhã e encerrando por volta das 21h, rota bem desconexa e membros envoltos de responsabilidades e afazeres, pontos de encontro um bem longe do outro. Cabe destacar, que em alguns momentos a incompatibilidade logística interferiu na coleta de dados de forma mais consistente, com entrevistas mais longas. Visto isso, algumas, de certo modo ficaram mais longas e outras mais curtas, porém, nestas configurações, conseguimos captar informações necessárias para contribuir nesta jornada. O contato com Preta Nicinha, por exemplo, ficou comprometido, pois, durante duas visitas ao campo não conseguimos ter acesso direto com a militante, assim, nos limitamos ao contato via *WhatsApp*. A partir daqui utilizaremos as narrativas sobre os sujeitos e transcrições de suas entrevistas, após todas as narrativas e transcrições, iremos refletir sobre todas, buscar elos e pontos contraditórios nas histórias, sintetizando, faremos uma análise levando em consideração o que foi revelado.

Antes de me dirigir até a casa de Rosenverck Estrela, entramos em contato para confirmar o diálogo, mesmo que este já tenha sido confirmado no dia anterior, pois, o contato

entre pesquisador e pesquisado deve ser feito em todas as etapas até o encontro, pois, nunca se sabe se pode ter ocorrido algum imprevisto que pudesse atrapalhar as entrevistas, como já aconteceu neste percurso. Encontro confirmado, nos direcionamos do ponto de apoio logístico até o bairro Cidade Operária, onde reside o interlocutor, ao chegar no local, por volta das 10h, o mesmo precisou se ausentar por alguns instantes, pois teria que ir buscar seu filho na escola e, posteriormente, teria que levar sua esposa ao médico. Em virtude disto, com tempo reduzido, tivemos que “aligeirar” a entrevista, no entanto, Verck perguntou quem seria o próximo entrevistado e em que lugar, falei que seria Preta Lu, no centro da cidade, bem distante do bairro Cidade Operária. Logo após, antes de começar a entrevista, Verck me convidou para almoçar e se ofereceu para me levar próximo ao local da próxima entrevista, assim facilitando não só o percurso, mas também facilitando a questão da alimentação, visto que, quando fosse para sair da Cidade Operária, ainda teria que procurar algum local para almoçar e, conseqüentemente atrasando o percurso das entrevistas.

O trabalho metodológico de base sustenta-se a partir de questões interligadas a subjetividade e como os interlocutores narram suas trajetórias, nos utilizando principalmente da entrevista não estruturada, oferecendo ao entrevistado a possibilidade de se expressar de forma natural sem inseri-lo em uma estrutura primária que pressuponha obrigação. Porém, o objetivo é que através do diálogo utilizando um jogo de palavras e temas, empregando linguagem mais formal, mesmo que esse bate-papo seja realizado com público letrado ou não, a questão em relação ao pesquisador deve partir obrigatoriamente a sua capacidade de se adaptar as estruturas e as diversas situações que possam surgir no campo de pesquisa. A adaptação podemos delimitar nas seguintes questões: **1-** em relação ao ambiente, seja ele familiar, seja ele de trabalho formal ou informal, ou seja, em qualquer local, considerando a postura, tomando cuidado com expressões faciais que remetam a reações de negatividade em relação ao ambiente e ao público que faça parte daquele cotidiano; **2-** A linguagem, visto que o vocabulário acadêmico não faz parte do cotidiano dos sujeitos que não estão no universo acadêmico, uma vez que, uma palavra fora desse vocabulário do entrevistado pode comprometer o sentido da questão e conseqüentemente gerar desconforto e constrangimento; **3-** A estética visual também pode ser um fator decisivo na coleta de dados, neste caso, nas entrevistas, mas, deixando claro que não estamos nos referindo a padrões de vestimenta em determinados setores, sejam eles elitizados ou não, estamos nos referindo a adaptabilidade do pesquisador ao campo, visto que, tanto a linguagem muito formal atrelada a uma estética de vestimenta muito formal pode causar constrangimentos aos entrevistados, em virtude destes estarem incorporados nas suas vidas

cotidianas e, podemos pressupor que não irão encarar tal encontro como um momento que exija roupas formais.

3.1 Histórias e Narrativas de Rosenverck Estrela

Partindo desta conjectura, adentramos em campo e iniciamos as entrevistas, como já exposto, sendo Verck o primeiro entrevistado. Posterior aos diálogos iniciais e considerando os autores (Laville e Dione, 1999:188-190), quando discorrem que a entrevista é aquela em que é deixado ao entrevistado decidir-se pela forma de construir a resposta. O interlocutor a partir das primeiras abordagens, considerando os termos anteriores e as relações construídas nesta trajetória de pesquisa sentiu-se mais à vontade e iniciamos o bate-papo, primeiramente em relação as questões da trajetória estudantil, já que o entrevistado além de militante, é professor e pesquisador, o mesmo começa da seguinte forma:

Então fiz meu fundamental menor todo ali na unidade do Governador Archer que fica no Felipinho, depois eu fiz quinta e sexta série lá no Barbosa de Godoi, que fica no Monte Castelo, escola do município, na época era do Estado na verdade, depois eu vim aqui de São José operário na Cidade Operária, eu fiz sétima e oitava, junto com sétima e oitava eu fiz com curso técnico de funilaria de carro, no São José operário, tava na sétima, oitava série, aí o primeiro ano eu fui fazer o La Rocque, que era uma escola particular, aí já no segundo e terceiro ano do ensino médio eu fui para Gonçalves Dias ensino médio e também fiz um curso técnico foi técnico de laboratório médico, é... segundo e terceiro ano do ensino médio, acho que 90, 92 e 93, aí 96 eu entrei na universidade para fazer história, primeiro semestre, fui fazer UFMA em 96, foi vestibular tradicional e na UFMA, fiquei até em primeiro lugar no vestibular história. Aí em 96 eu atrasei eu acho que um ano porque eu tive uma filha que teve problema no coração e teve que viajar e tranquei por 1 ano, aí depois eu vim de vários problemas para conseguir disciplina né, depois que você atrasa aí muita falta de professor oferecer disciplina eu acho que eu me formei em 2001, 2000, 2001 na realidade 2001, 2002, foi que me graduei em história.

O ponto inicial nos apresenta elementos que nos insere em uma dimensão reflexiva sobre esta trajetória, primariamente, o interlocutor apresenta informações que remete a sua formação básica, técnica e superior, assim integralizando etapas importantes na construção cognitiva humana, além das possibilidades de inserção no mercado de trabalho a partir das formações, no entanto, não evidenciando o mito da meritocracia. A linguagem formal mesclada a linguagem informal nos apresenta uma pessoa de certa forma, pragmática, onde acentua suas informações numa linha cronológica que perpassa por momentos em escolas públicas,

particulares, cursos técnicos e a formação superior em história. A princípio, consegue-se extrair elos e dessemelhanças nas histórias dos entrevistados, contudo, independente da sua gênese e percurso, as trajetórias se cruzam construindo laços, sejam eles temporários a partir das entidades, sejam eles permanentes nas relações pessoais. No decorrer da entrevista, elencamos pontos específicos provocando com que o interlocutor pudesse se expressar de forma mais enfática, assim, partindo dessas condições, o mesmo fez relatos que serão decisivos para interpretações das lógicas militantes, desde sua inserção, permanência e defecção do movimento que é objeto de estudo desta pesquisa. Após as declarações iniciais, indaguei ainda sobre seu processo formativo, pois, Verck é doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão e, conseqüentemente, aguçou a curiosidade sobre esse percurso, sondei se tinha feito alguma especialização, como tinha ingressado no mercado de trabalho e, posteriormente, sobre o restante de sua carreira acadêmica. Prossegue, o entrevistado:

Nunca fiz especialização, na verdade trabalhar né, passei em concurso logo em 2002, concurso para prefeitura, Estado. Logo eu que formei, eu passei no concurso me formando, foi paralelo, na realidade eu passei nos concursos e eu não tinha defendido nem monografia, estava faltando ainda 2 disciplinas para terminar com uma correria doida, eu tive que pedir ajuda dos professores, os professores inclusive anteciparam notas das disciplinas pra mim pra eu poder, pra poder, é eu tinha que, eu tinha que tomar posse em um mês, e ainda faltava acho que para os 3 meses para terminar o semestre, eu não tinha nem monografia, nem nada, aí eu pedi pra 2 professores, eles anteciparam as notas, as terceiras notas, me aprovaram, eu fui lá, no setor burocrático chamado DEOAC, que era de nota pra eles poderem antecipar minhas notas no sistema, aí anteciparam me aprovaram na disciplina aí eu fui aí eu fui fazer uma monografia de última hora que não era minha intenção nem escrever sobre *Hip-Hop*, não verdade minha intenção era falar sobre escravidão uma coisa assim, mas aí como eu pouquíssimo tempo, acho que uma semana para fazer uma monografia, aí eu fui escrever que eu sabia que era a história do movimento de *Hip-Hop*, aí eu fiz minha monografia eu acho que em 4 dias, 3 dias, foi só meu conhecimento e os documentos que eu tinha guardado, que eu guardava aí eu fiz essa monografia, sozinho, na realidade praticamente, aí defendi e me graduei, aí assume fui trabalhar, fiquei trabalhando, aí ao mesmo tempo que eu passei no Estados e município, passei também como professor substituto só com graduação no curso de história da UFMA, aí eu passei 2 anos, aí fiquei trabalhando 2 anos na universidade, no Estado e no município, direto sem tempo pra estudar, sem tempo pra nada, de manhã, de tarde e de noite, aí depois que eu saí da universidade foi quando comecei a pensar no mestrado, minha ida demorou um pouco, eu, eu acho que eu aprovei no mestrado em 2007, mestrado em educação. Aí fiz o mestrado, demorei um tantinho mais para, para fazer doutorado, aí fiz o mestrado né, depois em 2010 eu passei no concurso efetivo na UFMA, no Campus de Pinheiro, e no curso de ciências humanas e ciências naturais, que eu passei para fundamento da educação, com mestrado em educação né, e graduação história. Aí eu fiquei lá, aí em 2015 eu participei da fundação do curso de licenciatura em estudos africanos e afro-brasileiros, que eu fui um dos autores do projeto, que escreveu o projeto, etc. Aí depois que eu fui, aí que eu entrei no mestrado em 2017, não,

entrei no doutorado, no doutorado, em 2017, 2018 é aí eu entrei no doutorado em 2017, o doutorado em políticas públicas, aí no doutorado em políticas públicas, e ... e é isso. Nunca fiz especialização, é na verdade eu comecei uma especialização em educação a distância, mas não terminei não porque não dava para mim não, nunca fiz nenhuma especialização. Tenho projeto para fazer pós-doutorado né, por enquanto é, por enquanto tou aí na coordenação da licenciatura em estudos africanos afro-brasileiros, isso me tira todo o tempo do mundo, mas assim, daqui aqui a, sei lá, 2 anos, ou um ano e meio, posso fazer pós-doutorado ou aqui mesmo ou em outro algum outro lugar para fora.

Três concursos em um curto espaço de tempo, após concluir seus estudos, considerando os detalhes da assertiva, antes de concluir, o interlocutor logrou êxito, ao contrário de muitas realidades de jovens e adultos introduzidos na dinâmica capitalista. Qual a locomotiva desta história? Qual era a realidade familiar? O que o motivou a estudar? Estas e outras questões surgiram durante o bate-papo, levando em conta que, as respostas seriam elos para auxiliar no entendimento desta e de outras trajetórias. A construção das experiências com foco nos sujeitos pode nos apresentar explicações para questões postas, porém, estes sujeitos estão envolvidos as mais diversificadas culturas e, diversas pesquisas focalizam os movimentos, desconsiderando a principal peça do quebra-cabeças, o homem. Segundo Benjamin (1973, p.102), *“A cultura aparece aí como um dado coisificado. Sua história não seria nada além da reunião de coisas memoráveis que se acumularam na consciência dos homens sem nenhuma experiência autêntica, isto é, política”*. A experiência e a cultura aglutinada a política, resgata dados essenciais para formação epistemológica. Em relação a suas origens e sobre sua família, o mesmo relata que:

Eu nasci aqui mesmo em São Luís, sou daqui mesmo de São Luís, meus pais também são daqui de São Luís, só meus avós né, avós materno vieram de Pinheiro, vieram da baixada, os avós vieram, mas meu pai, minha mãe, já minha família já nasceu aqui, eu fui muito cedo para São Paulo, com 2 anos, um ano de idade, um ano e meio, 2 anos, fiquei em São Paulo até 6 anos, 5 para 6 anos, de idade, e as 2 irmãs inclusive nasceram lá, eu passei o tipo de 1 ano e meio até 5, 6 anos em São Paulo vivendo lá, por causa de trabalho, papai é funcionário público, sempre foi funcionário público federal, primeiro trabalhou nos Correios, e aí ele foi carteiro lá em São Paulo, foi carteiro em São Paulo, depois ele passou para técnico administrativo do INSS, aí ficou trabalhando em hospitais então ele trabalhou até se aposentar agora, primeiro no materno¹, depois no Dutra². Aí já foi outro concurso, tem 2 concursos, passou nos correios, depois no nesse do INSS né, em São Paulo é esse passou trabalhando lá depois conseguiu passar no INSS, ele pediu remoção né, transferência, aí ele veio transferido para trabalhar aqui, aí a família voltou para cá. Mamãe tem ensino médio completo, e ele chegou a passar no vestibular para química industrial, depois ele cursou só 3, 4 primeiros períodos, depois abandonou, meu pai. Minha mãe, ela não tinha nenhum fundamental, depois fez supletivo, em escolas particulares pequenas, e aí passou, passou também no concurso público do Estado para agente de

limpeza, para trabalhar como faxineira, aí trabalhou como faxineira teatro Artur Azevedo, principalmente no teatro Artur Azevedo, depois ela, depois que terceirizaram essa parte de faxina, etc., ela foi trabalhar nessa parte de auxiliar administrativo né, na Secretaria de educação na Seduc que é onde ela trabalha até hoje, trabalha até hoje na Seduc, hoje ela trabalha na parte cadastramento, mas ela trabalhou já em vários setores da Seduc. Ela passou para agente de limpeza e depois como terceirizaram essa parte de limpeza, aí ela foi aproveitada nessa parte administrativa, ela chegou a trabalhar na parte de limpeza no teatro Artur Azevedo, ela atrapalhou lá, inclusive um dos chefes dela foi esse que faz a Digé, do Pão com Ovo³, ele que era o chefe dela quando ela trabalhou no teatro, até hoje ele tem carinho por ela, ainda tem laços. Papai aposentou já, acho que ano passado, e mamãe deve estar aposentado daqui a 2 anos, também se aposenta.

As estruturas sociais apresentadas por Rosenverck, expõe elementos que explicitam as condições objetivas e subjetivas que o interlocutor exhibe na sua história, as condições construídas através das lutas encampadas, inicialmente por seus pais, e posteriormente por ele. A partir do relato, pode-se extrair os seguintes pontos que concederam amparo para a construção da dinâmica cotidiana da vida do interlocutor, como as próprias trajetórias dos pais que contribuíram significativamente para a edificação do percurso do entrevistado, como a inserção do pai em espaços de disputa através de concursos que de certa forma oferecem estabilidade e mobilidade social, assim, saindo de uma posição de estratificação social que se faz presente no cotidiano não só das periferias, mas no contexto em geral, porém, o público mais atingido pelas estratificações são negros, pobres, mulheres, público LBGTQIAP+, e demais públicos que estão em posição de marginalização. Contudo, no decorrer do diálogo, o mesmo faz diversos relatos, dentre eles, os que elencam pontos que poderiam ter o levado para outros caminhos, mesmo sendo filho de pais concursados, caminhos estes que poderiam ter levado ao consumo de drogas ilícitas, ao submundo da criminalidade que recruta jovens em situação de vulnerabilidade social e/ou em ambientes em que o braço do Estado não chega através das políticas públicas. Em contraponto, este mesmo Estado adentra nestas comunidades através do aparato repressor em um “combate as drogas” e criminalidade de forma desordenada, condenando e executando diversos jovens nas periferias, promovendo assim, o que o próprio movimento Quilombo Urbano combate e levanta bandeira, que é o genocídio da juventude negra e periférica, através do racismo.

Normalmente, as trajetórias de pessoas nas periferias da capital ludovicense perpassam pelo processo migratório do interior do Estado para capital. O êxodo rural pode ser utilizado para entender tal fenômeno, pois se caracteriza pelo deslocamento de pessoas das zonas rurais para as zonas urbanas em busca de novas oportunidades de emprego e, conseqüentemente contribuindo para o processo de urbanização e periferação dos arredores das grandes

metrópoles. Porém, segundo dados do IBGE, os impactos do êxodo rural foram muito mais evidentes entre 1950 e 1980. Gomes (2016), discorre que, o êxodo rural-urbano no Brasil possui pouco impacto no processo de urbanização, representando cerca de 3,5%, apresentando os seguintes dados do IBGE:

Período Contribuição do êxodo rural (%) - Contribuição do êxodo rural para a urbanização:

- 1950–1960: 17,4
- 1960–1970: 17,2
- 1970–1980: 15,6
- 1980–1991: 9,4
- 1991–2000: 6,6
- 2000–2010: 3,5

Os dados apresentados remetem a realidade imposta pelo processo de tecnologização do cotidiano através da globalização, que finca raízes nos espaços rurais e urbanos modificando as estruturas físicas, humanas e ambientais em que estes sujeitos estão inseridos, consequentemente provocando esses processos migratórios. A baixada maranhense citada pelo entrevistado, segundo Araújo, Sousa e Ferreira (2019), é uma complexa interface de ecossistemas incluindo manguezais e babaçuais, campos abertos e inundáveis, uma série de bacias lacruantes em sistema de “rosário”, um conjunto estuário e lagunar e matas ciliares. Muitas famílias instaladas no cotidiano da capital maranhense são oriundas do interior do Estado, no caso do interlocutor, apenas seus avós migraram da Baixada para a capital.

Rosenverck Estrela Santos, filho de Paulo Costa Santos e Lucilene Estrela Santos, pai de um filho e morador do bairro Cidade Operária em São Luís, faz um retrato autobiográfico que inicialmente abre um leque de interpretações sobre sua história, previamente que, seu grau formativo e sua vida podem ter sido balizados pela trajetória do país que possuíam condições básicas para investir no futuro do filho, mas, neste mesmo bate-papo o interlocutor levantou questões que desconstroem a ideia de que apenas a vida oferecida pelos pais foi suficiente nesse processo. Como apresentado anteriormente, o entrevistado relata que poderia ter enveredado por outros caminhos, mas, segundo o mesmo, o *Hip-Hop* foi fator essencial em sua vida, auxiliou na transformação geral, considerando a vida pessoal, cultural, profissional, política e consequentemente, a inserção no circuito militante do qual faz parte hoje. Na sequência, levando em conta o panorama apresentado pelo interlocutor e nossos objetivos de pesquisa,

entramos em questões relacionadas a incorporação dele na expressão cultural do *Hip-Hop*, atentando para questões mais amplas, de como conheceu, indo até as mais específicas, como entrou no movimento, como foi a permanência e se saiu, qual motivo. A incorporação destes sujeitos na expressão cultural em questão evidência as divisões classistas e suas inserções que geram uma série de problemáticas em relação aos adeptos, considerando seus padrões estéticos e culturais. No entanto, Bourdieu (1979), salienta que não há nada tão poderoso quanto o gosto musical para classificar os indivíduos e por onde somos infalivelmente classificados. Tal classificação passa por estereótipos que marginalizam estes sujeitos, que se anexaram nas culturas consideradas fora do padrão através do que Bourdieu (1998) classifica como “*capital cultural*”:

Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28)

Essa rede de recursos conecta os sujeitos e provoca a adição de costumes e culturas e, conseqüentemente, atrela as contradições que estas estão inseridas. No entanto, em 1995, Sarah Thornton, inspirando-se em Bourdieu, trabalha a noção de “*capital subcultural*”, que agrega ao indivíduo uma forma de status que diferencia membros de outros grupos. Segundo a autora:

O capital subcultural confere status ao seu proprietário aos olhos do observador relevante. Afeta a posição dos jovens de várias maneiras, como seu equivalente adulto. O capital subcultural pode ser objetivado ou incorporado. Assim como livros e pinturas exibem o capital cultural na casa da família, o capital subcultural é objetivado na forma de cortes de cabelo da moda e coleções de discos cuidadosamente montadas (cheias de edições limitadas bem como escolhidas de “rótulo branco” de doze polegadas e similares). Assim como o capital cultural é personificado em “boas” maneiras e conversas urbanas, o capital subcultural é incorporado na forma de estar “por dentro”, usando (mas não exagerando) a gíria atual e parecendo que você nasceu para atuar os estilos de dança mais recentes. Tanto o capital cultural quanto o subcultural valorizam a “segunda natureza” de seus conhecimentos. (THORNTON, 1995, p.202)

Levando em conta as alegações, e atentando para os atributos construídos previamente por estes sujeitos que realçam suas participações sociopolíticas no presente, prosseguimos, com a entrevista em que destacamos as questões ligados à sua inserção no *Hip-Hop*, de forma pragmática, o mesmo narra:

Eu fazia, eu já fazia um segundo ano do ensino médio, lá no Gonçalves Dias, e aí eu, eu entrei numa gangue de pichação né, que era a GR (Garotos Rebeldes), e a gente ficava ali pela Deodoro, até pouco, aí de 40 anos dessa minha época que voltou a pichar agora, povo não tem o que fazer, eles têm mais de 40, quase 50, muitos deles, Augusto 3, alguns que eram da minha época querem voltar a pichar agora. Aí era, sempre andava ali pela praça Deodoro né, andava pela praça Deodoro e sempre olhava o pessoal do *Hip-Hop* por lá, os que já estavam no começo Hertz, Lamartine, Mc mamãe, Júnior Bahia, e os dançarinos de break, o pessoal do grafite, Pig, Suriba que era o, que a gente conhecia né, a gente olhava eles ali pela praça Deodoro, a gente passava e olhava ele só que às vezes parava para olhar pra eles, as vezes parava para olhar a roda de Break, para olhar alguma, algum, algum, eles cantando alguma coisa, até que uma vez um que era também da gangue que era Costello, chegou para a gente disse que tinha conversado com um deles, eu acho que tinha sido com Hertz, e o pessoal do *Hip-Hop* disse que queria conversar com a gente, aí a gente foi numa conversa aí falaram lá qual era do *Hip-Hop*, não sei o que, da organização da juventude, da questão da valorização do negro da identidade né, que a gente tinha que se organizar e fazer algo pela nossa comunidade, essa coisa toda na época, na reunião a gente escutou, mas aí não deu muita atenção, saiu da reunião foi pichar, né, saiu, foi pegar ônibus, mas, o Costello ele continuou o papo com esse povo, e ele morava aqui também na Cidade Operária, das duas ruas daqui, e gente gostava dessa época de Miami, que tocava muito casinha e a gente ia pra lá pra casinha brigava pra porra, e vivia brigando lá no casinha, só que aí ele trouxe o, ele trazia uma fita, fita cassete de rap, tanto dos grupos daqui, na época tinha um grupo daqui chamado, e o Hertz também tinha umas músicas tipo menor abandonado que era muito conhecida a rodava aí pelas fita cassete, começou a trazer também umas fita de um grupo das antiga né, Racionais, Taíde, Dj1, Sistema Negro, e ele começava a botar pra gente escutar e ele dizia presta atenção na letra não sei o que, e aí eu comecei a prestar atenção aí ele começou a convidar para ir para algumas atividades do movimento *Hip-Hop*, eu comecei a ir, algumas atividades na praça Deodoro, algum show que tinha aqui pela cidade, alguma algumas atividades que tinha também na, na, no Parque Bom Menino, e aí eu comecei a participar comecei a participar da atividade de discussões, porque essas atividades culturais volta ou outra parava e ia discutir algum assunto político, era, era, era oficial tinha que acontecer isso. No Parque Bom Menino também tinha roda de break por exemplo, em determinado momento você parava a roda de break, fazia todo mundo sentar e discutir algum tema, algum tema político, algum tema de conjuntura da época, isso me foi motivando eu queria participar daquele debate, só que eu não tinha conhecimento para tanto né, eu estava no ensino médio, começando o ensino médio, e que foi dessa passagem do primeiro e segundo ano, as coisas, e queria participar etc., das discussões foi que comecei pedir livro emprestado né, comecei entrar numa biblioteca e furtar alguns livros, na biblioteca Benedito Leite, a gente furtava alguns livros lá, eu lembro que estava numa palestra um outro dia com a diretora da biblioteca na época, e eu contei essa história, aí ela virou pra mim, “ENTÃO ERA VOCÊS”, a gente entrava na biblioteca e literalmente furtava os livros mesmos sobre, sobre história da população negra, sobre racismo, a gente fazia muito isso, e agente lia o livro e depois emprestava pra galera, tá entendendo? porque eu tinha muita vontade de participar dessas discussões, e aí evidentemente depois que eu comecei a ler mais, me instruir, aí eu comecei a participar de alguns debates, e aí eu fui ganhando uma certa liderança também no movimento, um certa proeminência na medida em que você fala

né, na medida em que vai colocando suas posições, até que uma vez Hertz, veio aqui em casa e me convidou para entrar no grupo Navalhas Negras, não, não, minto, aí eu tinha uma relação de amizade muito grande com um Mc das antigas chamado Mc Mamãe, o nome dele era Optmar, ele morava aqui na Cidade Operária, e também quando Góes entrou, muito tempo depois, o Preto Góes, entrou depois, já entrou depois, eu acho que esses 4 anos que eu já tava, a gente decidiu formar um grupo, e a gente fez um grupo, eu, Preto Góes e Mc Mamãe, chamada Esquina, de *Hip-Hop*, e aí a gente fez grupo chamado esquina e aí eu comecei a cantar comecei a fazer letra eu junto com o preto Góes e Mc Mamãe, aí depois o grupo acabou, por alguma razão a gente se desentendeu, e aí eu fiquei sem grupo, até que uma vez Hertz veio aqui em casa me convidou para entrar que era o principal grupo de rap de São Luís, que era o Navalhas Negras, que era ele e Lamartine, aí ele me convidou para entrar nos navalhas negras, eu fiquei até muito honrado, que era o principal grupo, dos principais caras do movimento de *Hip-Hop*, as 2 principais lideranças, referências que eram lá de que eram Lamartine e Preto Hertz, e ele veio e me convidou para entrar e eu peguei e entrei nos Navalhas Negras, isso final dos anos 90, depois disso não sei mais.

As relações do interlocutor, de acordo com a narrativa, expõem configurações que provocaram o acesso e contato com a até então, desconhecida cultura. As interações e socializações na trajetória inicial no *Hip-Hop*, contribui de forma significativa para construção dos alicerces que o entrevistado se sustenta culturalmente. Giddens (2001, p.28), destaca que “*a socialização liga as diferentes gerações entre si*”, processo que viabiliza as trocas simbólicas de saberes culturais e através desses compartilhamentos tem-se a formação e inserção de novos sujeitos em circuitos culturais, como observamos na trajetória do entrevistado, que sua introdução se deu através de contatos com sujeitos fora de seu círculo social, no entanto, as edificações das relações se dão em uma linha cronológica de acontecimentos, Giddens (2001, p.28), discorre que “*a socialização deve ser vista, então, como um processo vitalício em que o comportamento humano é configurado de forma contínua por interações sociais, permitindo que os indivíduos desenvolvam o seu potencial, aprendam e se ajustem*”. Nestes termos, pode-se considerar que o desenvolvimento das capacidades objetivas e subjetivas dependem diretamente das trajetórias com suas relações. As ciências sociais têm se encarregado de tentar compreender estes fenômenos, Giddens (2001), nos ampara na tentativa de entendimento destas lógicas exteriores:

Os sociólogos referem-se muitas vezes à socialização como algo que ocorre em duas fases amplas, que envolvem um certo número de diferentes agências de socialização - grupos ou contextos sociais onde ocorrem importantes processos de socialização. A *socialização primária* decorre durante a infância e constitui o período mais intenso da aprendizagem cultural. É a altura em que a criança aprende a falar e aprende os mais básicos padrões comportamentais que são os alicerces de aprendizagens posteriores. Nesta fase, a família é o

principal agente de socialização. A *socialização secundária* decorre desde um momento mais tardio na infância até à idade adulta. Nesta fase, outros agentes de socialização assumem alguma responsabilidade que pertencia à família. As escolas, os grupos de pares, instituições, os meios de comunicação e eventualmente o local de trabalho, tornam-se forças de socialização de um indivíduo. Nestes contextos, as interações sociais ajudam as pessoas a aprender as normas, valores e crenças que constituem os padrões da sua cultura. (GIDDENS, 2001, p. 28 e 29)

Fases importantes da formação dos laços, sejam eles qual forem, no entanto, a socialização primária e secundária, necessitam aglutinar as fases posteriores a fase adulta, a partir do processo de envelhecimento ou amadurecimento, onde, alguns sujeitos se deslocam dos ambientes dos quais viviam ou socializavam por motivos variados, sejam por rupturas causadas por descontentamentos, rupturas culturais, políticas, ou simplesmente rompimento de laços feitas por livre espontânea vontade, assim, abrindo novas possibilidades de interação, visto que, as vias de acesso as interações são múltiplas, e em determinados momentos das trajetórias pode-se abrir mão de algumas e se dedicar a outras, assim como veremos na conexão política e cultural do interlocutor, de acordo com seus relatos. O ativismo sociopolítico configura-se, de acordo com Kunrath (2016), como:

Participação ou atuação em uma ação coletiva que se sustenta ao longo do tempo e está orientada a defesa de uma causa, (Sawicki e Siméant, 2011), o engajamento militante envolve aquilo que Becker (1960, p.33), denomina de “comportamento consistente” (também conceituado de *commitment*), e tende a se expressar empiricamente na participação continuada em alguma organização social e/ou política. (KUNRATH. 2016, p.192)

Nestes termos, os militantes aqui pesquisados se enveredam na participação contínua do ativismo, seja ele em uma ou em múltiplas organizações sociopolíticas, como veremos a seguir no restante da entrevista de Rosenverck, quando se remete a política e a fatores mais contemporâneos. Levantamos questões sobre sua inserção no mundo da política, os principais fatores, e o mesmo relata o seguinte:

A minha conscientização política se deu no movimento *Hip-Hop*, eu antes era de, de gangue de pichação, e era só pichar e brigar, tinha outra perspectiva não, de amizade curtir ir pra festa, se sentir fortalecido com aquela galera ali, então a ideia, a ideia da gangue era juntar o maior número de pessoas para você ser forte e ir para as festas brigar muito e curti muito, era, era o lance quando eu entrei no movimento *Hip-Hop* que eu fui começando a compreender pelas conversas, pelas rodas de diálogos, pelas formações, a gente tinha muita formação no sentido de... Hertz, Lamartine, esse povo mais velho, não só dava muito livro, como fazia e escrevia os panfletos, e a gente lia, então por exemplo a primeira vez que eu ouvi falar de democracia racial foi um panfleto escrito por Hertz, em 94 eu acho, 1994, eu nunca tinha ouvido

falar democracia racial, então ele escreveu esse panfleto, muito bem escrito, o Hertz não tinha nem terminado o ensino médio ainda não tinha nem terminado que no médio ainda, escreveu esse panfleto sobre democracia racial, tinha vários outros escritos que saiu, os fanzine que o movimento fazia, nas discussões, no, nos shows que a gente ia assistir, então, aí eu fui evidentemente atrás de leitura, e no movimento *Hip-Hop*, então comecei a participar das formações, das discussões políticas, das leituras, e lia os panfletos, os jornais, essa coisa toda, e evidentemente as letras de rap, letras de rap do Racionais, sistema negro... porque o lance do *rap*, você tem a batida evidentemente, a dança, mas sobretudo a letra, então a gente escutando a letra e a letra é muito importante pra gente, uma palavra que a gente conhecia a gente ia atrás, um cara com uma mulher que era citado na letra e a gente não conhecia, a gente ia atrás, uma história citado na letra que a gente não conhecia... Malcon X, Martin Luther King, é, e tantos outros né, o próprio Zumbi, e a gente começou ouvir pela primeira vez nas letras de *rap*, e aí a gente evidentemente foi atrás. quem é Malcon X? é quem é Zumbi? quem é Steve Biko? quem é Martin Luther King? então a gente foi atrás pra saber quem eram e aprender.

As influências externas proporcionadas pelo processo de socialização com participantes do movimento provocam, automaticamente, com que os jovens possam despertar interesse e curiosidade sobre questões antes desconsideradas pelos mesmos. As letras dos *rap* foram internalizadas e causaram esses efeitos, porém, eles associados as questões políticas que vão se conectando durante a trajetória, serão cruciais nessa formação sociopolítica. De acordo com o interlocutor:

A partir do momento que o movimento de *Hip-Hop* vai consolidando e ganhando força, movimento de *Hip-Hop* também começa a se articular com outros movimentos, então a gente começa a ter articulação com o MST, começa a ter articulação com PT, começa a ter articulação com o PSTU, começa articulação com a CUT, né, depois de muito tempo, muito tempo depois que a CSPconlutas surgiu, começa a ter articulação com a CSPconlutas, mas à princípio você vai ter articulação com o MST, com PT, e também com o movimentos negros, e com o sindicato, então você vai ter articulação com o sindicato dos bancários, com sindicato ... de conservação, com sindicato do pessoal dos laticínios, você vai ter, é, é você vai ter um contato com o movimento de universitária negras, movimento de universitárias negras, que até hoje a gente tem contato, com Claudiceia, com Nicinha, que eram do movimento de universitárias negras, contato com Magno Cruz, que era uma grande liderança do movimento negro, e era o centro de cultura negra, então a gente começa ter relação com centro de cultura negra, e tanto outros que já faleceram. Sobretudo uma grande referência nossa era o Magno Cruz, e esses contatos com essas várias entidades evidentemente foram aprofundando nosso conhecimento, era um conhecimento muito pautado na questão racial, evidentemente por causa do rap, então por causa das músicas dos Racionais, Thaíde, etc., das nossas leituras, a gente era racista ao extremo, tinha raiva de branco, inclusive, e com a medida que a gente vai se aproximando dessas outras entidades mais classistas do partido, a gente vai tomando um corpo de classe e raça, uma discussão não só de raça. A partir daí a gente começa a ter também muitas relações com outros movimentos de outros lugares, então a gente passou a ter relação com o movimento do Ceará chamado MH2O Ceará,

que tinha a liderança Poeta Urbano, que depois teve uma liderança... também, era o Preto Zezé, que hoje é o presidente Internacional da CUFA, aí a gente começou a ter relação com eles, eles tinham uma postura muito classista, né, assim, então, eles por exemplo não aceitavam nos documentos que a gente queria fazer juntos, eles não aceitavam que a gente colocasse assim “Juventude preta e pobre”, eles queriam só “Juventude pobre”, não aceitavam o preto porque eles achavam que o preto já estava incluído no pobre, nossa, eu lembro de discussões que a gente começava às 7:00 da noite e terminava no outro dia de manhã, clareando e a gente se xingando, por quê, porque a gente não conseguia sair de lá, a gente queria fazer um documento em conjunto que eram os movimentos Quilombo Urbano do Maranhão, MH2O Ceará, a Questão Ideológica do Piauí, tinha MRIP, e eu acho, que eu esqueço agora, do Pará, a noite inteira, a madrugada discutindo, porque não conseguia sair desse termo, onde a gente queria botar a juventude, e a gente abrir mão e eles não abriram mão, ficava uma discussão eterna. Até que depois Zé rompeu com Mh2O, foi formar um outro movimento chamado comunidade da rima, que já era mais rápido, já tinha a questão de raça também, ou seja, Zezé foi convencido dessa história, e isso também, mais essa relação com MH2O Ceará, também nos ajudou a formar nesse tipo mais classista também, então a gente teve uma formação sentido mais classista com os partidos políticos, PT, PSTU, com a CUT, com os sindicatos, sindicato dos urbanitários, e como o movimento negro nessa questão mais racial também, aí entra CCN a partir de Magno Cruz, entra o movimento de universitárias negras, né, e aí tem também essa relação com MH2O Ceará lá, que tudo isso foi fazendo a gente construir a nossa concepção de raça e classe e aprofundar o nosso, nosso, nosso conhecimento nossa, nossos princípios políticos, até que a gente se define mesmo uma organização revolucionária, Quilombo Urbano, que queria uma revolução socialista, afro Brasileira, uma revolução socialista negra, buscava, que buscava a unidade de classe e raça que até hoje esse é o princípio do movimento. Pois é, aí além do PT e PSTU, tivemos aproximação com outro partido, que é um menorzinho chamado LBI (Liga bolchevique internacionalista), e outro também chamado fração trotskista, são partidos que não existem mais aqui, mas, eram partidos da época, eles só não disputavam eleição, mas eram partidos. Quando a gente vai aprofundando, evidentemente nossa concepção teórica da questão de raça e classe, e a gente vai vendo que CUT, PT e outros, eles tinham, eles já, eles já estavam numa concepção de conciliação de classes, de adaptabilidade ao Estado capitalista, etc., a gente evidentemente vai rompendo também com esses partidos, e aí a gente vai se aproximando do PSTU, por não aceitar a conciliação de classe, por ser internacionalista, por não se adaptar ao Estado capitalista, e a gente vai se aproximando do PSTU, a gente passa anos e anos tendo uma parceria forte com o PSTU sem ninguém ser filiado, depois eu me filio, depois você tem um nosso primeiro candidato, que é o Suriba, que ele é candidato, ele é candidato pelo movimento no PSTU, PSTU cede a legenda, ele é um candidato, mas depois a gente acaba tendo divergência, ninguém faz campanha para ele, ele acaba retirando a candidatura, retirou, mas não retirou oficialmente, a candidatura dele ficou mais ninguém fez campanha, ele era do Quilombo Urbano, ele morava ali no São Francisco, Ilhinha. Aí, depois o que acontece, né, aí depois as aproximações, foram entrando aos poucos alguns militantes né, aí entrou eu, depois saí, aí depois entrou Hertz e nunca mais saiu, depois eu voltei entrar de novo, depois entraram Preta Lu, aí firam entrando alguns militantes, mas muitos outros nunca entraram. Ah! Dizer que o Quilombo Urbano foi fundamental no processo de legalização do PSTU, porque quando o PSTU tava se formando na verdade, eram militantes que tinham saído do PT, muitos expulsos, saíram do PT e iniciaram o processo, fundaram o PSTU,

mas tinha todo o processo de legalização, precisava ter assinaturas, e aí formaram-se caravanas para recolher assinaturas, e os militantes do Quilombo Urbano fizeram isso, então, Herz, Lamartine, tudo, todo mundo viajou pelo interior, por várias partes do Brasil para colher assinatura pra a legalização do PSTU. Todo mundo fez isso, mas ninguém era filiado, fez por ter afinidade, a afiliação se deu muito tempo depois. (PERGUNTA MINHA: Hoje, tem muita gente do Quilombo Urbano filiado ao PSTU?) pois é, militantes só tem eu, na realidade militantes do Quilombo urbano, que são do PSTU, só tem Hertz e Preta Lu, você tem alguns outros filiados, filiados democráticos, que se filia mas não são militantes orgânicos, você tem o Beto Belo, o Preto Rubi, mas organicamente militante do PSTU do Quilombo Urbano, você tem... ah não, você tem Hertz, Preta Lu e Domingos, os que eram do Coroadinho, o Domingos é do Quilombo Urbano, ele é funcionário da Caema, e morador do São Raimundo, e ele é militante do Quilombo Urbano, e a Preta Nicinha né. (PERGUNTA: Não existe obrigatoriedade de filiação ao partido político no Quilombo Urbano?) Na verdade, antes existia era a proibição, o Quilombo Urbano proibia que seus militantes fossem filiados a qualquer partido, e aí havia essa proibição, o Quilombo Urbano funcionava quase como um partido, era centralizado, tinha militante aspirante, está até no estatuto, tinha militante aspirante, simpatizante, o que definia no Quilombo Urbano você tinha que seguir, era quase como um partido centralizado, o Quilombo Urbano, depois com amadurecimento maior que se permitiu que o militante entrassem em partidos de esquerda, aí se permitiu, mas a maioria, como eu te disse, foi para o PSTU, PT, etc., essa coisa toda. Mas assim, antes era proibido, hoje é, é liberado, você tá em partidos, desde que de esquerda, mas não tem nenhuma... não há nenhuma decisão que é obrigatório, simplesmente é da liberdade dos militantes, o movimento se conscientizou que é um movimento, por ser um movimento tem que ser inclusive, plural. (PERGUNTA: Hoje, os militantes do Quilombo Urbano têm a liberdade de participar de qualquer movimento que não seja de direita?) Podem, podem se filiar ao PT, se quiser se filiar ao PSOL, pode, tá entendendo? Pode se filiar tranquilo.

Teias de contatos que foram se formando a partir das relações primárias e se expandindo a partir das secundárias e culminou no que definimos como cadeia de ligações e contatos que são fatores fundamentais para a militância com suas pautas diversificadas. Claramente, de acordo com o entrevistado, as questões de adaptabilidade ao capitalismo foram cruciais para os rompimentos com outras organizações políticas e seus partidos, como PT, CUT e outros que fizeram parte da história dos militantes. O *Hip-Hop* auxilia na reivindicação de uma identidade da qual não reconheciam e ela atrelada a política formou militantes que se reivindicam não apenas negros, se reivindicam negros, socialistas e revolucionários, após consolidar suas identidades através dos laços, de estudos, pesquisas, diálogos, inserção em movimentos, rompimento com movimentos, tudo isto edificou a base do militante entrevistado. A linha cronológica das relações perpassa pelo PT, LBI, MST, CUT, CSPconlutas, PSTU, movimentos negros, Fração trotskista, sindicatos, e outras organizações, porém, o que se nota neste percurso histórico, são os laços construídos aos arredores do PSTU, desde os discursos durante a marcha da periferia, com tons críticos não só ao governo Bolsonaro, mas as críticas diretas e indiretas

a partidos, sindicatos e movimentos em geral, um tom antagônico por desacordo nas questões de interpretação da realidade e sobre questões da própria ideologia, todos os discursos durante a marcha que continham esse tom, todos faziam parte de movimentos ligados ao PSTU, isto é, o PSTU se faz presente significativamente no meio da militância dos sujeitos citados, no entanto, como o entrevistado ressalta, não existe obrigação de filiação ao partido e todos podem se filiar a outros, mas, jamais a partidos ligados a direta. Na história apresentada nesta dissertação, temos rompimentos, um em específico contradiz as afirmações, o de Mano Magrão, que rompe com PSTU e se filia ao PSOL e automaticamente, segundo o mesmo, em uma carta pública publicada em suas redes sociais afirma que sofreu ataques vindos de membros do movimento do qual construía, neste sentido, o mesmo rompe com o movimento de *Hip-Hop* e com o partido, um duplo rompimento causado por descontentamento criado inicialmente por questões partidárias e posteriormente por questões internas do movimento Quilombo Urbano. Segundo afirmação do entrevistado, não existe obrigação de filiação ao PSTU, após, interpelei sobre quantos militantes da expressão cultural faziam parte do PSTU, o mesmo afirma que são poucos, assim respondendo umas das demandas desta pesquisa.

Encaminhando a entrevista para sua fase final, solicitamos que o interlocutor pudesse elencar fatores contemporâneos em relação a sua participação política, cultural e demais pontos que pudessem explicar motivos de sua aproximação, permanência e defecção dos movimentos em geral. Assim, Rosenverck Estrela encerra com o seguinte relato:

A minha militância hoje ela se concentra no sindical, sou base do sindicato dos professores, no partido, no PSTU né, então minha militância, e no movimento nacional Quilombo raça e classe, que é um movimento negro a nível nacional que tem organizado em vários estados né, que é filado inclusive CSPconlutas, a minha militância política hoje se concentra nessas entidades, me afastei do Quilombo Urbano, eu faço parte ainda do grupo de *rap* chamado gíria vermelha, junto com Hertz e Preta Lu, mas, o grupo inclusive lançou um CD recente, mas não faz mais show etc., a nossa vida é muito corrida a gente se concentra mais nesses lançamentos, no lançamento de música etc., é o que tem acontecido. O *Hip-Hop* eu mantenho relação de amizade, de colaboração política, mas não faço mais parte né, não milito mais junto, fala assim evidentemente quando tem plenária da marcha da periferia, tem alguma atividade do *Hip-Hop* que eu sou chamado que dá pra eu ir, eu vou lá e compareço né, mas a princípio não tem mais nenhum tipo de relação orgânica de militância com o movimento *Hip-Hop*. Quilombo Urbano atualmente é, tá muito fragmentado, não tem uma ação política mais incisiva, mais organizada, tá muito desorganizado, os militantes estão muito... isso é o que eu tô vendo de fora né, eles tem se concentrado muito em organizar as batalhas, então o Quilombo Urbano tem organizado a batalha da Liberdade, a batalha do João Paulo, uma das batalhas mais famosas daqui, chamada Batalha da LB, que é da Liberdade, é organizada por exemplo Nicinha, pelo pessoal do Quilombo Urbano, tem batalha de conhecimento, hoje o *Hip-Hop* aqui em São Luís, ele

está muito articulado em torno das batalhas, dos indivíduos, né, das batalhas e dos indivíduos, e do *trap* né, *trap* pra mim não é *rap*, *trap* pra mim um besteiro de, como é que fala, é apologia de droga, apologia de sexista, um discurso vazio de enriquecimento, de adaptação ao capitalismo, a coisa do dinheiro, um bando jovem preto lascado, morador de periferia que acha que fica rico, milionário e que acha que vai ganhar dinheiro escrevendo, escrevendo e falando besteira, e evidentemente você tem, isso aconteceu muito *Hip-Hop*, quando racionais começa fazer sucesso, aí você tem muitos grupos de rap pelo Brasil que acham que vão fazer o mesmo sucesso, ganhar o mesmo dinheiro, então você tem alguns caras aí que escreve muita besteira, mas ganha muito dinheiro por causa das redes sociais, então você acha que vai fazer a mesma coisa aqui, então o cara tem 5 mil seguidores, 8 mil e acha que é um... o cara acha que tá ganhando e que vai enriquecer, mas é evidente que o contexto é outro, a questão das mídias sociais dá um certo impulso né, hoje você faz música de qualquer jeito, de qualquer jeito não, hoje você tem muito recurso para fazer música inclusive, tem uma galera que faz música muito bacana que é rap mesmo né, que sabe, tem uma galera, Marco Gabriel, mesmo, que já foi do Quilombo Urbano e hoje não é mais, tem Rubs também que faz um som bacana, e tem outros aí que escrevem aí, e que fazem um rap é legal né, tem a própria Pantera também, uma mulher da Liberdade que escreve rap, muito bom, que fez até show no rock in Rio. (Pergunta: ela mora na Liberdade? Ela é do Quilombo Urbano?) ela não é do Quilombo Urbano, mas é próxima do Quilombo Urbano, por exemplo, participa lá da Batalha da LB, ela é moradora da Liberdade, ela fez show no *Rock In Rio*, lá num palco lá, um palco *underground*, então tem uma galera boa que faz *rap*, mas é tudo no individual né, aquela coisa né, aquela coisa né, tanto é que é uma das características que é muito marcante dos grupos antigos, antigamente só tinha grupo de *rap*, não tinha um indivíduo que cantava, a não ser umas raras exceções, como foi por exemplo PRC, que era um indivíduo que um cantava, o resto era tudo grupo de *rap*, hoje não, hoje é um indivíduo, você não tem mais grupos, você tem só os indivíduos né, então essa é uma característica muito forte hoje, há uma adaptabilidade ao capitalismo muito forte, e isso precisa ser algo para reflexão, assim, estou falando assim digamos, da boca para fora, superficialmente, eu não tenho estudo sobre o *trap*, eu não tenho estudo sobre a Batalha, eu não tenho leitura, eu to falando pelo o que eu vejo pela televisão, pelas atividades que eu vejo sabe, talvez seja até uma noção preconceituosa, errada, etc., mas é, é o que eu vejo, sinto e acredito, pelo, pelo o que eu vivi no *Hip-Hop*, pelo que eu achava e acho que é o *Hip-Hop*, pelas concepções que eu inclusive construir teoricamente sobre o movimento *Hip-Hop*, o que acontece hoje nas batalhas, no *trap*, certo, isso não tem a ver, com o que era do movimento de *Hip-Hop*, sabe, que é da tradição, da essência do *Hip-Hop*, (PERGUNTA: Você acha, acredita que o *Hip-Hop* ainda pode ser objeto de transformação pessoal e coletiva?) pode! (PERGUNTA: Ele transformou tua vida né?) transformou não só a minha, de muitas pessoas, continua transformando né, mesmo essa galera aí, que por exemplo, que acha que vai viver de *rap*, de alguma forma transforma né, a galera tá tendo um sonho deles, eles querem viver de *rap*, querem se profissionalizar nesse sentido, querem fazer música, ganhar um dinheirinho com a música, com o *rap*, ou com *trap*, sei lá, né, nas batalhas, mas de certa forma é algo que norteia a vida das pessoas né, se depois, por exemplo, é uma galera jovem, se depois um amadurecimento maior e eles largarem, vão fazer outra coisa da vida é uma outra questão, o certo é que, muito da minha geração são pessoas que o *Hip-Hop* transformou, de certa forma a mentalidade que essas pessoas têm hoje é partir do *Hip-Hop*, pessoas de mentalidade mais crítica, uma mentalidade mais de intervenção na sociedade, essa juventude de hoje

também o *Hip-Hop* ajuda né, eles são críticos, eles são né, podem ser, inclusive tem concepções deturpadas ou muito equivocadas, mas ele, não é só um oba, oba, mesmo aqueles que querem, digamos que se profissionalizar e ganhar dinheiro ou que faz apologia a droga, ou que escrevem muito essa coisa de adaptação ao capitalismo de enriquecer, uma outra ou outra coisa tem uma criticazinha e etc., né, agora tem outros grupos muito críticos né, o Marco Gabriel por exemplo, tem né, pra falar aqui de São Luís, Pantera *Black*, tem músicas que são muito críticas né, é assim como tem em outros lugar, Preto tipo A, por exemplo, de Teresina também tem músicas muito bacanas, muito boas, muito politizadas, mas o *Hip-Hop* é, e continua sendo um grande instrumento político e cultural de transformação da vida das pessoas.

Como afirmado anteriormente, os processos de socialização, de relações construídas historicamente se modificam de acordo com as configurações de cada época, existem diversas vias em que os militantes se enveredam de acordo com novas alianças, rompimentos, relações precarizadas ou, simplesmente abandonam, sem necessariamente romper a partir de intrigas e desacordos. A militância do entrevistado que anteriormente era ampla, se delimita apenas ao PSTU, ao sindicato de professores e a um movimento negro de caráter nacional, linkando pautas que possa interferir nas realidades. Já em relação ao Quilombo Urbano, o mesmo rompe de forma pacífica, porém, mesmo de forma crítica as novas configurações organizativas, o mesmo afirma que os laços de amizade e consideração não foram rompidos e a militância de parceria continua. Neste cenário, as condições e mecanismo do engajamento militante que antes eram amplos e se conectavam a expressão cultural com a política se rompem e, após, se direcionam para vias que possam se encaixar no cotidiano pessoal e profissional do militante, todos os atributos e características que Kunrat (2016) caracteriza como “*perspectiva disposicional*” se interligam ao conceito de “*habitus*” de Bourdieu, assim, formando um novo sujeito armado com sua história, relações, ideologias e bases norteadoras das quais acreditam ser necessárias para transformações. As críticas relacionadas as novas formações, objetivos e políticas adotadas pelo movimento se contradizem com os fatores tradicionais construídos pelo movimento, segundo o entrevistado, assim, evidenciando críticas, porém, afirma que suas concepções não estão pautadas em pesquisas, leituras e estudos, e sim a partir das suas construções históricas do que é o *Hip-Hop*, o que ele representa, da função social e transformadora não só da realidade, mas dos indivíduos que se inserem na expressão cultural.

Ao analisar o posicionamento crítico do entrevistado em relação as novas modalidades culturais que vão surgindo e, conseqüentemente modificando as tradicionais, podemos voltar ao debate da indústria cultural, que se materializa de forma muito mais violenta através da globalização que se propaga universalmente através da internet. As histórias, ou fábulas como afirma Milton Santos (1993), com os contos e ilusões que os jovens consomem e internalizam

como dogmas e os perseguem desconsiderando os riscos e consequências graves que envolvem as exposições, posturas e posicionamentos através das manifestações culturais. Sua crítica se direciona a perda da criticidade do *Hip-Hop* e a focalização do lucro, das transformações a partir das lógicas de produção capitalista com a mercantilização das relações culturais. Mesmo com todas as modificações que o espaço de atuação com seus sujeitos vem sofrendo, o *Hip-Hop*, de certa forma, cumpre função social auxiliando nas transformações pessoais de alguns sujeitos incluídos na expressão cultural, como afirmado e comprovado a partir da trajetória do entrevistado Rosenverck Estrela Santos.

Finalizado o diálogo, seguimos o planejado, como exposto anteriormente. Verck convidou para nos dirigirmos para cozinha para almoçar, após o almoço aguardamos por alguns minutos para que o entrevistado e sua esposa pudessem se arrumar para o deslocamento até seus compromissos pessoais, em seguida, o mesmo nos levou até nosso próximo ponto de encontro com a próxima entrevistada, que seria Preta Lu, no seu local de trabalho, na feirinha.

3.2 Histórias e Narrativas de Preta Lu

A entrevista com Preta Lu foi realizada em seu ambiente de trabalho, ao ar livre, em uma feirinha na área histórica de São Luís, conhecido como Centro Histórico, local onde o trânsito de turistas é constante, principalmente nas datas que antecedem final de ano. Nesta região é muito comum a comercialização de diversos produtos artesanais e culinários, além das estruturas coloniais, que também é ponto alto do turismo. Se torna estratégico comercializar produtos e serviços nesta região, tanto para turistas como para moradores da própria capital, assim, empreendedores informais se utilizam de espaços cedidos pelo Governo do Estado, ou por proprietários de pontos que cedem através de aluguel para terceiros ou, a comercialização de produtos e serviços sem ponto fixo, os famosos vendedores ambulantes. As configurações locais exigiram muito mais cuidados em relação a entrevista, pois, a interlocutora estava em seu ambiente de trabalho tentando vender seus produtos artesanais, abordando turistas e pessoas em geral que passavam por sua barrquinha, quando o diálogo não acabava em vendas, ela aproveitava e fazia propaganda do perfil de sua marca na Instagram, estratégia para aumentar a visibilidade e alcance de seus produtos.

Ao chegar ao local, primeiramente, avaliamos os arredores, o fluxo de pessoas e pensar sobre como se daria uma entrevista em um ambiente movimentando onde a entrevistada estava tentando vender seus produtos sem atrapalhar as negociações, sendo que, os espaços entre uma

barraca e outra eram curtos e as próprias barracas eram pequenas, assim dificultando ainda mais o diálogo que iria se construir. Ao chegar até Preta Lu, prontamente nos recebeu de forma acolhedora, e imediatamente comuniquei que ela poderia ficar à vontade, que eu iria ficar em um ponto específico entre a barraca dela e de outra pessoa ao lado para não atrapalhar o fluxo de pessoas passando em frente, então, a partir daí expliquei a ela como se daria nossa entrevista, explicamos que seria uma entrevista não estruturada, assim, procurando dar mais liberdade para falar sobre algumas questões, porém, considerando a entrevista anterior, planejamos algumas questões mais específicas que descaracterizam a entrevista não estruturada e se transformando em uma entrevista semiestruturada. Mesmo nestas condições, a interlocutora sentiu-se à vontade para falar sobre sua trajetória, pontuando questões iniciais como sua origem, origem de seus pais, formação, trabalho, militância e cultura, elencando tudo aquilo que achou pertinente compartilhar.

As trajetórias nos fornecem elementos que elucidam questões sobre os sujeitos que compõe os movimentos sociais, diversos autores exploram as trajetórias e histórias. Mills (1969), afirma que *“a ciência social trata de problemas de biografia, de história e de seus contatos dentro das estruturas sociais”*, assim, evidenciando um dos elementos fundamentais de investigação, a história. Considerando tais fatores, prosseguimos com nossas entrevistas, como já destacado, desta vez com Preta Lu, de primeira mão, algumas informações básicas sobre a interlocutora, a mesma chama Luciana Costa Correa, nascida e criada em São Luís, Maranhão, moradora do Bairro João Paulo, nascida em 1981, neste corrente ano, a mesma tem seus 41 anos. No diálogo inicial, conversamos sobre a trajetória de seus pais, com o intuito de entender a influência da herança familiar nos caminhos que a mesma trilhou. Em relação aos seus pais, a mesma afirma que:

Meus pais tanto não são daqui de São Luís, como vieram pra cá de forma muito complicada, né, tipo, minha mãe é de Pedreiras, do interior, do interior, do interior de Pedreiras, povoados. E veio pra cá, pra São Luís tentar viver um pouquinho melhor, né... e meu pai é de Rosário, de Rosário, veio pra cá também, minha mãe já veio perto dos 30 anos pra cá, mas eu pai veio bem mais jovem mesmo, acho que 17, 18 anos, veio trabalhar pra cá também, pra ter uma vida um pouco melhor, ambos semianalfabetos. Minha mãe era dona de casa né, cuidava de um monte de filhos, meu pai era marceneiro, marceneiro de mão cheia né, eu considero o meu pai um grande artesão mesmo, que ele trabalhava pra esses conventos, Instituto Farina, o convento lá do João Paulo, era super explorado por esses conventos, porque hoje eu vejo que o trabalho que ele desenvolvia era completamente incompatível com o que ele ganhava, queria por causa da criação da gente, meu pai era um artesão de mão cheia.

O percurso dos pais se encaixa nas lógicas migratórias de pessoas que saem dos interiores (zona rural?) para grandes metrópoles para tentar conseguir viver melhor, a ilusão vendida e consumida por milhares de pessoas que em cidade grande as oportunidades são melhores e maiores. Neste ponto, apresentam-se distinções em relação a trajetória anterior, mas, iremos analisar estes fatores aglutinando todas as trajetórias. Em relação aos seus estudos a mesma nos relata um percurso repleto de dificuldades:

Bom, no fundamental menor eu fiquei ali numa escola comunitária perto de casa, depois eu fui pro Luís Viana, estudei dois anos no Luís Viana, na Alemanha, no bairro da Alemanha, ainda tem até hoje, aí eu fiz dois anos que termina o fundamental menor né, naquele colégio Humberto de Campos que ainda era o sistema de televisão na época, o CEMA, aí eu terminei a oitava série, fui pro Coelho Neto tentar fazer o ensino médio, no bairro Jordoa, Ivar Saldanha parece... o Coelho Neto, mas também não consegui concluir, muito conflito na família, fiquei grávida muito cedo, 17 anos, não consegui concluir o ensino médio, aí fui trabalhar, serviço precarizado, de ajudante em oficinas de fábricas, essas fábricas, antigamente tinha muita fábrica de fundo de quintal, hoje tem menos, tinha muita sapataria, lojas ... fábricas, aí tinha uma oficina, aí eu fui pra lá numa dessas oficinas como ajudante, auxiliar ali né, e pegando um pouco do ... minha mãe sempre teve uma máquina de costura em casa, sempre conseguia mexer basicamente nas máquinas de costura e passei a fabricar, costurar nessas fábricas, aí aumentava mais o dinheiro, que de auxiliar, você passa a costurar e ganha mais e tinha que comer, almoçar, jantar né, e enfim, não estudei mais, fui voltar pra sala de aula com 28 anos. Pra tentar tirar o ensino médio, meu plano era fazer o ensino médio e fazer um curso técnico pra trabalhar em outra área né, porque querendo ou não, nas fábricas que eu trabalhava, nenhuma assinava carteira, não tinha esse negócio de assinar carteira e aí eu ficava muito preocupada com essa situação, com minha segurança no trabalho né, então eu fiz esse certo planejamento básico né, mas eu sempre tive a noção e a vontade muito grande de fazer um curso superior.

O campo muda de configuração de acordo com os fatores subjacentes que possam interferir significativamente, levando o sujeito a traçar outros caminhos ou, adiar planos e planejamentos, Bourdieu (1983) define campos como espaços estruturados (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em partes determinadas por elas)”, assim, dando ênfase para as posições ocupadas nos espaços físicos e simbólicos, que irão se modificar ciclicamente. Na sequência, ao ser questionada sobre a influência dos seus pais na sua decisão em fazer um curso superior, Preta Lu afirma:

Bom, os meus pais eles nunca me incentivaram, ou seja, os meus pais eu considero assim, ele, é, nós seres humanos, geralmente passamos pros filhos aquilo que a gente aprende né, ou seja, pra eles era, cresceu, trabalhou, formar família e vai te embora, eles não tinha essa vontade com o que era o ensino

superior, entendeu? Então, eles nunca incentivaram, isso não existia nos horizontes de possibilidades deles né. Eu já vim aprender isso, essas possibilidades dentro do movimento *Hip-Hop*, o movimento *Hip-Hop* que me deu esse novo olhar sobre o mundo né. E com 28 anos eu fiz o ENEM, porque na época a gente fazia o ENEM, se você fizesse uma determinada pontuação e não zerasse a redação, eles te davam u certificado, então a essa altura eu já tava fazendo supletivo, só que por questões de trabalho eu não tava conseguindo concluir esse supletivo que era modalidade... hoje tem o EJA, na época era o SEJA, tinha o S na frente, você pegava as apostilhas e ia estudar em casa, marcava a prova, eu considero até legal porque você conseguia aprender alguma coisa, mas aí atrapalhou, tudo era trabalho foi que eu fiz o ENEM, com 30 anos fiz o ENEM, peguei o certificado e disse “opa, me livre!”. Só que detalhe, a pontuação que eu fiz, a galera que olhou, meus amigos ficaram muito surpresos, né, a pontuação que eu fiz, aí eles disseram assim: “pô, te inscreve, pô, tu consegues uma vaga”. E eu fiquei com medo e eu disse assim, se eu não conseguir fazer o ensino médio porque eu tinha que trabalhar eu vou encarar uma faculdade que eu não vou dar conta de estudar e trabalhar, aí deixei, aí passou dois anos, eu fiz de novo, fiz uma ótima pontuação, né, e consegui ingressar com 33 anos na UFMA né, me lembro na época me inscrevi pro sistema de cotas e encarei né, encarei, fui, concluí, né, foi uma vitória pra mim. (PERGUNTA: história, não foi? Formou em 2020?), História, 2020, né, fui a última turma antes da pandemia que formou presencial, eu formei, se eu não me engano dia 20 de março de 2020, quando foi na outra semana, fechou tudo, ninguém formou mais.

O campo acadêmico contempla os sonhos da entrevistada, porém, a formação do “*habitus*”, não se dá apenas neste campo, ele se conecta com a expressão cultural da qual faz parte, logo, as percepções de mundo começam ficar mais nítidas a partir de seu contato com o *Hip-Hop*. Em relação aos estudos, indaguei sobre o prosseguimento na vida acadêmica, com pós-graduação, mestrado e etc., a mesma relata que naquele momento estava fazendo uma especialização em cultura afro-brasileira a distância, e sobre outras configurações, relata que tem projetos, mas a correria do cotidiano atrapalha, mas, segundo a entrevistada: “assim, a condição da gente é estudar, assim, vai correndo e vai estudando”. As fotos abaixo conseguem expressar as palavras da interlocutora.



Figura 63 Apostila da entrevistada - Arquivo pessoal

Apostila do curso a distância que Luciana estava cursando em meio aos seus produtos. A seguir, registro fotográfico da entrevistada em seu cotidiano, na sua barraca com seus produtos artesanais.



Figura 64 Preta Lu com seus produtos artesanais - Arquivo pessoal

Toda entrevista se deu neste ambiente, que se misturava com as interações da entrevistada com seus clientes e o contato com os vizinhos com suas barracas. A vida cultural e política vai se consolidando a partir das relações que vão se construindo em sua trajetória, as conexões, segundo Luciana, vão se associando de forma natural, automaticamente, pois, de acordo com a militante:

Eu acho que quando eu entro no *Hip-Hop*, eu já entrei numa vida política, porque eu não costumo fazer uma divisão entre movimento social, cultural e político, não dá para separar, entendeu? Pois é, quando eu tinha 16 anos, eu comecei namorar um rapaz que conhecia o *Hip-Hop*, e através dele eu conheci o *Hip-Hop*, mas tudo muito estranho, porque assim, a gente tá falando de 22 anos atrás, hoje o *Hip-Hop* tá na televisão, tá na NASA, tá em tudo quanto é lugar. 22 anos atrás você falava a palavra *Hip-Hop*, as pessoas te olhavam com ...” o que é isso?” Tá entendendo? Tem que deixar bem claro a diferença de hoje a 22 anos atrás, então é isso, minha família se assustou, muita gente se assustou, que é isso, novidade e tal, mas enfim, se firmou o *Hip-Hop* como cultura, mas assim, quando eu conheci o *Hip-Hop* você aprende que você é negra, então esse processo, entrei no *Hip-Hop* pela questão racial, eu descobri que era negra. Que eu aprendi que era morena, mulata, consequentemente você não tem origem, você não sabe de onde veio, você não sabe, você fica meio perdido nesse rolê, assim, então, o *Hip-Hop*

chegou pra mim e disse “ei você é preta, você sofre racismo, você é mulher, você sofre machismo, você consequentemente por ser preta, por ser mulher, na sociedade você ocupa determinada classe social”, eu sofri racismo e eles estão certos, e aquilo eu trouxe pra mim, entendeu? Que era algo que precisava ser combatido, revisto, só que pra que você faça isso, você tem que estudar, cê tem que estudar.

Historicamente, o *Hip-Hop* produziu diversos tons de críticas em relação a temas variados, mas, com foco muito mais evidente nas problemáticas que envolvem negros, pobres, periféricos e o público em geral que por algum motivo sofre preconceitos e isolamentos, todas estas questões são expostas através da arte, se subdividindo nos seus elementos, *rap*, Dj, grafite, *break* e, o quinto elemento inserido através do Dj Afrika Baambata, elemento este evidenciado pelos entrevistados, elemento que se tornou fator primordial para construção de identidades, o conhecimento, aliado ao *Hip-Hop* se transfiguram em um conjunto transformador de realidades, a inserção de sujeitos, o resgate de sujeitos e a tentativa de modificação da realidade através da arte, assim, cumprindo o que classificamos com função social nas periferias espalhadas pelo país. Neste caso, contribuímos para o debate expondo realidades, comprovações através das experiências, a militante Luciana foi enfática quando discorre sobre estudos. Em relação aos conhecimentos, Preta Lu continua:

Você sai daquele limite de estudar pra ser alguém na vida, pra que você vá estudar, pra você se apropriar do que a sociedade tem de conhecimento, né e você vai ser um produtor desse conhecimento, você vai pegar a partir do seu ponto de vista e dizer “não! É assim, não é assim”, entendeu? Aí você vai começar, você começa se perceber como sujeito da história, não só aquele... o sujeito ativo, inclusive, é um sujeito ativo, não só aquele sujeito que fica passivo vivendo sua vidinha ali como se fosse, né ... você passa a compor inclusive um coletivo, porque isso tudo funciona dentro de um coletivo, você enquanto indivíduo exclusivamente você vê que nada disso vai funcionar, e pra muitos de nós, famílias periféricas, negras e cheias de conflitos, né, oriundas da pobreza, conflitos porque você não consegue ter uma identidade na sociedade, é que muita mentira é contada pra você, “que preto não presta, a religião afro-brasileira é do diabo”, ou seja, você fica a pessoa... o ser humano oprimido, ele não fica só oprimindo mentalmente, ele fica fisicamente oprimindo também, né. Então, é... você começa a entender que aquilo ali não nasceu junto com a natureza, nas arvores não, são ações humanas, então essas ações humanas elas podem, elas chegaram até aqui porque elas foram construídas historicamente, socialmente, então se tiver ações sobre essas coisas que são imutáveis, você pode alterar e aí eu te digo: 22 anos depois disso tudo que eu entrei no movimento, que eu me tornei militante, que eu era uma das poucas mulheres que tinha no meio de um monte de homem, né, rompendo essa “lugar de mulher é isso aqui, homem não brinca com mulher”, rupturas, rupturas, rupturas.

Em meio aos relatos, um elemento contradiz os princípios defendidos pelo movimento, a questão do machismo, que a entrevistada relata com muito mais ênfase após esta indagação: “*interessante, o Hip-Hop era predominantemente masculino, né?*”, após, Luciana continua:

Ainda é, e muito machista até hoje, a mulherada sofre muito mesmo, entendeu? Aí tu vê 22 anos depois a negra andar toda de *black power* e dizendo “eu sou preto”, e dizer que o *Hip-Hop* não tem nada a ver com isso? Dá licença! Porque o *Hip-Hop* bebe da década de 70, das lutas da década de 60, 50, ele é como se fosse uma espécie de continuidade, entendeu? Mas só que hoje, a cronometria que estou ligada a ela, pra poder fazer essa análise a gente diz também o hoje, 22 anos depois, é, é, são minhas filhas que foram educadas numa cultura *Hip-Hop*, ou seja, muito dessa juventude hoje que tem até 20 anos, teve seus pais que ouviram rap, ouviram Racionais, ouviram muita coisa que surgiu muito de uma cultura que foi produzida inclusive fora da estrutura midiática burguesa, que rompeu, que fez rupturas e rupturas.

As relações de poder estão incorporadas nas estruturas sociais, o relato da militante reafirma a questão estrutural, mesmo que a prática esteja presente em ambientes dos quais deveriam combater tal contradição e não praticar. Bourdieu nos auxilia nesta análise sobre o poder simbólico, pois, segundo o autor: “*o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem*” (BOURDIEU, 1989, p.7). A produção e reprodução de discursos machistas também podem ser entendidas a partir do “*habitus*” de Bourdieu, considerando que as relações primárias são decisivas para tal construção. O autor em questão contribui de forma significativa neste caminho reflexivo, quando discorre que:

É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita da linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. [...] E, por fim, a escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes escolas ou as diferentes faculdades, entre as disciplinas (...), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações, em suma, tudo aquilo que contribui para traçar não só os destinos sociais como também a intimidade das imagens em si mesmo. (BOURDIEU, 2002, p. 102-103)

A militância segue pautas amplas, de forma externa, porém, de forma interna combatendo a produção e reprodução de práticas machistas, a conquista e legitimação dos espaços são formas de resistência que são presentes no cotidiano. A entrada, permanência e, ou, até saída de movimentos sociais dependem do grau de adaptabilidade que os sujeitos encontram, principalmente mulheres. Preta Lu ao comentar como se deu sua entrada no Quilombo urbano, traz o seguinte relato:

Assim, hoje, o *Hip-Hop* tá tudo enquanto é esquina, tudo quanto é canal, aí tem internet e tal, é... quando eu entrei não tinha nada disso, você queria saber o que era *Hip-Hop*? Você tinha que ir na praça Deodoro de São Luís do Maranhão, tinha até *Hip-Hop* sendo feito em outros lugares como: na Cidade Operária, né... posses, que tinha as posses, tinha posses no Maracanã, na Vila Sarney, ali no Maiobão que eu cheguei a ir também, tinha uma posse que era no São Francisco que eu cheguei a ir também, né..., mas o grosso do *Hip-Hop* era a praça Deodoro com as rodas de break, com as apresentações, festivais, e todo dia tinha gente lá na praça Deodoro, só não tinha gente dia de domingo e dia de sábado, acredito eu. Então, assim, eu, vários adolescentes como eu vinham de conflitos familiares, então a gente via naqueles coletivos uma família que a gente também se agregava, a gente se via como igual, ou seja, se eu chamasse na minha casa ou na minha quebrada o outro de preto ou o senhor me apresentasse orgulhosamente como uma pessoa negra, haveria estranhamento, mas ali no meio onde eu tava no *Hip-Hop*, não, isso era ótimo, então ali também era um local de sociabilidade pra aquela juventude, entendeu? Pois é, também então essa inserção daquela juventude era uma coisa bem, que... substituía não, as era o que parecia muito com a nossa família, a gente se via mesmo como irmão, a gente falava sobre necessidade da negrada, dos preto se vê como irmão, se solidarizar, eu sempre costumo fazer uma analogia... que tipo assim, e você for pra aqueles Estados do Sul tem muito daquelas colônias italianas, alemã, ou seja, o povo europeu ele sabe de onde ele veio, a maioria, ele sabe de onde ele veio. A negrada mal sabe que veio da África... sabe assim o rumo né, mal sabe, foge daquilo porque isso não traz orgulho nenhum por causa do racismo né, mas tu não sabe se eu descendi da Angola, da Nigéria, de Cabo Verde, você não sabe de onde você veio da África, a África é um continente com 54 países, então é diverso, é múltiplo, é muita coisa, então essas coisas a gente ficava resgatando, ficava estudando. Tem essa lei 10.639 hoje que obriga né, obrigatório do ensino de história da cultura afro-brasileira, a gente já fazia isso.

O discurso, os posicionamentos e a firmeza com que se expressa, expõem seu grau de instrução, porém, a mesma relata que este princípio de formação se deu dentro da expressão cultural, a questão de se reconhecer enquanto tal, se reconhecer enquanto preta, periférica, pontos que se unem na formação de uma identidade negra e combativa, um processo de tornar-se negro.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o

respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1983, p. 77)

O processo de “torna-se negro” aglutina diversos elementos que são oriundos dos processos de socialização, primariamente, nas instituições sociais, como família, e posteriormente, nos espaços que os sujeitos irão se identificar e reivindicar pra si, a cultura, ideologia e posturas e discursos a respeito de temas diversificados. A reivindicação das identidades está nas trajetórias dos militantes, nos laços construídos cronologicamente, suas noções de cultura, política e ideologia, que segundo Luciana, de forma interessante cita a divisão do *Hip-Hop* em escola, que evidência novos problemas a serem explorados pelas ciências sociais e seus pesquisadores:

Já fazia isso de forma autônoma, tá... a gente fazia isso assim, uma lei dessa, lógico ela serve, ela é super válida né, mas a gente já fazia isso, o *Hip-Hop* é isso, inclusive eu tava conversando com um rapaz que veio me entrevistar daí de fora também, que existe uma nomenclatura dentro do *Hip-Hop* hoje, que trata o *Hip-Hop* é... cria uma divisão dentro do *Hip-Hop*, mas uma divisão benéfica em que determina o *Hip-Hop* como velha escola e nova escola, isso dá pano pra manga mano... poucas pessoas do *Hip-Hop* vai falar isso pra ti, eu só tô falando isso pra ti, porque quando veio a pandemia eu me afastei muito do movimento, mas até a pandemia eu tava fazendo atividade do *Hip-Hop*. Então, tinha essa divisão de nova e velha escola, e isso é muito forte, porque você pega o *Hip-Hop* e não vê mais só como um movimento social, mas assim como uma escola, o que você aprende nessa escola? Como antigamente não tinha essa noção dessa divisão, isso é uma coisa atual, é uma coisa que os mais novos olham para trás e dizem assim: “éguas, tem gente que chegou antes de mim, fez muita coisa e se não fosse eles, eu não estaria aqui da forma como eu estava, podia estar, fez muita coisa e se não fossem eles eu não estaria aqui da forma como eu estava, podia estar, mas não da mesma forma apanhando pra caramba”, e a gente percebe assim, as posses antigamente eram núcleos de como funcionava o *Hip-Hop*, tinha as posses aqui em São Luís, tinha a posse Comuna de Palmares, Liberdade sem Fronteiras, tinha a posse de Magno Cruz, Comuna de Palmares, né, tá... aí essas posses pararam de funcionar, mas a gente vê que essas novas escola traz outra categoria de escola que também agrupa, que também se debate, que também se discute, que se estuda, tanto quanto a gente estudou? Não! Eu acho que perdeu muita coisa, eu acho que tá muito superficial, mas as batalhas de rima você pode vê-las como uma escola, como um agrupamento onde se aprende, onde se discute, onde se manda... esse o presidente, tinha presidente, onde tem votação, onde tem democracia.

Posterior a isso, questioneei sobre essas novas noções e sobre como começou o processo de inserção, quando começou e de que forma começou frequentar a Deodoro, se recebeu convite, provoqueei com que a mesma pudesse explorar tais pontos e a mesma continua:

Rapaz, não é bem receber um convite, porque é uma praça pública e aberta, ela funcionava como se fosse uma assembleia popular, as pessoas, e assim a reunião era “senta no chão que hoje é dia de reunião”, aí tinha os caras que estavam mais velhos, Nando, Lamartine, Hertz, Preto Góes, André, tem uma galera assim que dá uns 10, né, que eram mais velhos, que eram mais experientes, que os que sabia, tinha contato com pessoas de outros Estados e acabava gerando uma relação à eles, entendeu? Eles sempre estavam ali direcionando as reuniões, então, mas todo mundo tinha o direito de falar o que queria qualquer hora que levantasse o dedo, então, assim não é bem como é hoje, que tem que ter um convite, que tem que ter coisa, não, as pessoas vão chegando, se identificando, vão ficando, então comigo rolou mais ou menos isso. Aí você começa participar da construção ao pé da letra da atividade, o som alguém vai trazer, o cartaz alguém vai fazer, você vai se misturando ali, né... antigamente era assim. Hoje numa batalha de rima é bem semelhante, uma batalha de rima, deixa eu te explicar: quando comecei a fazer batalha de rima lá no João Paulo, eu fiz também junto com Islan, o Islan, Maria Firmina, tá, tipo assim, ó, vou levar o som, convido as pessoas, mas automaticamente as pessoas vão se voluntariando a fazerem isso e aquilo, aí então funciona mais ou menos assim.

Percebe-se, a partir dos discursos, tons de criticidade em relação às transformações que o *Hip-Hop* vai sofrendo, desde sua organização, até as formas de inserção, que, de acordo com o relato da militante, parece-nos que se tornou mais burocratizado ou formalizado, assim, observando, é possível construir a hipótese de que tal burocratização pode provocar esvaziamento, desarticulação e defecção de sujeitos que compõe o movimento. Em contraponto, a mesma salienta questões pertinentes para o debate acadêmico e cultural, que são as relações entre as “escolas” e suas noções pré-concebidas. Certo que a expressão cultural abrange uma pluralidade de sujeitos, identidades, contextos e questões geográficas, concordamos com Teperman (2015):

É preciso deixar claro que o rap sempre foi algo plural, abrigando diferentes artistas e concepções. Ao assumir que o Racionais MCs desempenhou e segue desempenhando uma notável centralidade no gênero, permito-me falar em tendências hegemônicas baseando-me sobretudo na trajetória desse grupo. Análises que busquem valorizar as diferentes vertentes dentro do gênero poderão evidentemente lançar luz em outras questões. (TEPERMAN, 2015, p.39)

As luzes podem e devem contemplar questões diversas, como as apresentadas pela interlocutora, no entanto, não é foco desta pesquisa, mas, pontuamos como fator importante nas tentativas de entendimentos das lógicas subjacentes recentes. Neste contexto, sobre as diferentes áreas de atuação, Luciana discorre:

Sim, começa a vir a princípio os convites para participar de uma banda da gente e tal, só que naquela época o *Hip-Hop* era machista ao ponto de dizer

assim: “não, tu é mulher, tu vai fazer só *backing* vocal”, nunca me adaptei a isso não, tanto é que não deu certo, passei por umas duas bandas, não vou falar essa vozinha bonitinha, que eu não tenho vozinha bonitinha, meu vozeirão é esse, vozeirão aqui grave e tal, até que mais pra frente eu fui me encontrando, entendeu, aí comecei a cantar rap, já tipo já com 26 anos, por aí. (PERGUNTA: Pois é, eu ia te perguntar, tu começou a cantar nos 26, foi?) Sim, eu já tentei, eu tentei cantar, quando eu cheguei no movimento como te falei, eu tentei cantar, mas não me adaptei ao que eles me propuseram, aí eu larguei, ficou uma proposta que ficou esquecida né, mas já com 26 anos, 27 anos, eu comecei a compor, comecei a escrever meus pensamentos nos cadernos, entendeu? E comecei a me inserir entre as pessoas e comecei a me inserir num grupo chamado, Q.I Engatilhado. Aí passei, acho que uns dois anos nessa banda e depois comecei a cantar só praticamente, aí sempre na tentativa de formar outras bandas, mas nunca deu certo, só cantava só mesmo. Aí, recentemente eu entrei no Gíria Vermelha, mas aí veio a pandemia, veio uma parada que desconsertou tudo, aí ficou meio parado assim esse projeto de cantar.

Sobre sua entrada, permanência ou saída do grupo e participação, a mesma relata que:

Tipo assim, me afastei por um bom tempo, dois anos e meio mais ou menos, porque foi um período em que por motivos de trabalho eu me mudei pra São Paulo, aí lá eu não mexi com o *Hip-Hop*, não acessei, não fiz nada, e aí eu fiquei lá. Quando eu retornei para o movimento, foi que eu e engajei de novo, entendeu? Comecei a fazer, a acompanhar inicialmente, acompanhar as atividades, porque não deu logo de cara de eu me inserir assim, aí depois eu me inseri normal. Minha participação hoje, como te falei, veio a pandemia e eu não consegui me adaptar a esse meio virtual, que tudo teve que ir pro virtual, aí eu tive muita dificuldade pra isso, o pouco que eu consegui me desenvolver no virtual eu me concentrei n Blackzona, porque é o meu trabalho, né... e aí eu fiz algumas atividades, hoje que tem a, é que tinha a batalha do João Paulo, eu organizava junto com Islan, Maria Firmina, veio a pandemia, parou. Quando passou a pandemia, a gente fez atividades no João Paulo de *Hip-Hop*, mas não na frequência que era, uma vez por mês, a gente deu um espaço maior, até mesmo porque a galera mudou, tem uma galera que faz, que eles vive, eles se mantem, trabalham é... recitando poesias nos ônibus, tem até uma coisa no Instagram que é os rimadores do busão, eles que fazem a batalha no João Paulo junto comigo.

As práticas machistas eram comuns, de acordo com a interlocutora, ditando onde as mulheres deveriam estar e que papel deveriam desempenhar no movimento, contudo, os enfrentamentos, em nossa análise, não são apenas externos, também foram internos e históricos, a luta pela conquista de espaço e a luta para legitimar tal espaço. Assim como o racismo toma formas estruturais, o machismo também se impregna nas estruturas sociais, como afirma o conceito de “*machismo estrutural*”, que de acordo com Helio Hintze (ano?), se baseia na construção, organização, disposição e ordem dos elementos que compõem o corpo social, dando sustentação à dominação patriarcal, enaltecendo os valores constituídos como “masculinos” em direto e desproporcional detrimento dos valores construídos. Desta forma, as manifestações

machistas partem dos mais variados setores da sociedade civil, mas, aqui, não estamos acusando nenhuma pessoa, instituição ou movimento, são reflexões baseadas em relatos sobre as experiências vividas, uma vez que o machismo também faz parte das culturas compartilhadas, assim, a desconstrução dele parte das iniciativas pessoais e coletivas.

Em seguida, estimulamos a entrevistada a falar sobre política, afirmando que o discurso do *Hip-Hop*, em alguns momentos se torna discurso político partidário, delimitando suas áreas de atuação, a mesma explana o seguinte sobre sua inserção na política:

É um discurso político, porque a partir do momento em que você vê a negrada ocupando uma determinada posição na pirâmide social, você acha que tá errado e começa a inserir, porque quando você, a política ela é partidária eleitoral também, porque se não tiver os movimentos sociais tacando fogo aqui fora, não rola nada lá dentro. Na verdade, o que acontece quando o Quilombo Urbano surgiu, eu não tava, vim depois, tinha uma galera lá, vim depois, então olha só, o *Hip-Hop* ele acontecia na praça Deodoro, certo? E na praça Deodoro também acontecia as grandes manifestações políticas, a CUT, as greves, as manifestações. Eu acho que isso acabou politizando o movimento, esse contato próximo, entre movimento e essas manifestações, esses protestos, ele causou uma aproximação muito grande. Com a política também, lógico, que não é só isso, não é simples, uma resposta simples né, e aí sempre teve uma relação muito próxima né, dentro do movimento é... sempre teve pessoas ligadas diretamente com política que procuravam a gente, então assim, eu fui muito procurada pelo PSTU, fui procurada por outros partidos também, mas o PSTU foi o que eu mais me identifiquei, por causa da radicalidade do discurso né, que é proporcional ao tamanho do problema, não pode ter um problema do tamanho do Monte Everest e tancar uma dinamite, tem que tancar uma coisa maior pra derrubar o problema, entendeu? É necessário tá lá por mais que necessidade, não que eu amo a vida de movimento social, tô aqui na base conversando com a galera desde o “bê a bá”, é muito melhor, muito mais satisfatório.

Indubitável que existe um elo ortodoxo muito explícito entre alguns membros do Quilombo Urbano e o PSTU, como afirmou a entrevistada, o tom da “radicalidade do discurso” provocou, conseqüentemente a construção de laços, afinidades, que se sustentam até os dias atuais, assim, legitimando uma hierarquia que padroniza discursos, posturas, críticas e contestações. Essa relação, de acordo com Luciana, tem entre 8 e 10 anos, diferente de Rosenverck Estrela, que inicialmente milita por diversas entidades e, posteriormente delimita, mas, Luciana milita exclusivamente no PSTU e no Quilombo Urbano, segundo a mesma: “*é, a gente faz contato com outros movimentos, outras galeras e tal, mas a gente não pode tancar muita tarefa não, se não, não dá conta*”. Luciana externaliza o sentimento em relação ao contexto político e cultural:

Assim, tem algumas coisas que me deixam tristes no movimento, mas que eu olho pra esses fenômenos, e ao mesmo tempo que eu fico triste, eu acho que é natural porque ele tá inserido dentro de um contexto, né, então não podia ser diferente, por exemplo: é o *Hip-Hop*, ele surge de uma necessidade, certo? Uma necessidade de você dar voz, de você dar voz não, a negrada usar sua própria voz pra falar e agir de forma que ele acha que vai de encontro com o que ele tá sofrendo, certo? Denunciar o racismo, mostrar coisas que estão erradas e tal, só que inicialmente, a negrada, ela ia muito na raiz do problema, então ela acessava o racismo não como uma coisa que tal uma bolha solta no ar, o racismo não é uma coisa solta no ar, ele tá ligado com outros problemas sociais, inclusive estruturais, certo? Tá? A negrada é... a cor da tua pele no Brasil, determina tua classe social e tua classe social acaba determinando “vai e volta”, né. Então, o que eu vejo hoje, hoje é como se o Hip-Hop ele tivesse perdido muito da qualidade do debate que ele faz, entendeu? E eu acho que isso foi muito por conta do Governo PT. Olha, eu acompanhei muita coisa, e eu acho que é tipo aqueles griô que armazenou muita informação, como eu acompanhei toda ascensão do governo PT, mano ele jogou muito dinheiro no *Hip-Hop* de tudo quanto foi lado do Brasil, entendeu? Isso faz com que o movimento ele tenha um sentido contrário, porque antes de ter tudo isso, a lógica do movimento era expansão, quando você cria... institucionaliza, a lógica muda, é pra meia dúzia dirigir, a lógica expansionista ela para, vou te dar um exemplo prático: você bota uma casa, aluga, bota um computador, bota uma oficina, você tem seis pessoas habilitadas pra dirigir aquilo ali, a lógica daquilo ali não é produzir mais pessoas como ela, se for produzindo assim e surgirem pessoas como a mesma capacidade delas, elas vão substituir aquilo, aquelas pessoas tem aquilo como um meio de sobrevivência, entendeu? Então é... disse assim “eu vou te ensinar a grafitar”, entendeu? “ah! Vou te ensinar a grafitar, tá? Mas tu só vai ficar até aqui, não pode expandir muito, porque tu pode tomar o meu lugar”. Isso é uma das coisas que tem lá dentro pra saber que basicamente já tive.

As críticas direcionadas ao governo PT e aos movimentos que se relacionaram ao partido estão presentes nos discursos dos militantes do PSTU e de alguns do Quilombo Urbano, um padrão que segue a lógica da crítica a demais movimentos, que segundo eles, se renderam a “lógica mercadológica” ou o que eles classificam como “movimentos que abandonaram as ruas para ocupar cargos”. A “institucionalização do *Hip-Hop*”, segundo a entrevistada, causou um efeito desmobilizador que gerou algumas consequências negativas no movimento, como, a partir de nossa reflexão, um efeito despolitizado que se insere nas novas configurações de juventude.

E outra coisa, eu vou falar do governo que me dá verba? O governo tá financiando essa casa bem aqui, fudendo com os haitianos que são meu irmão lá do outro lado, mas que tá lá, quer um exemplo prático? A Vale, a Vale libera até onde eu soube, há uns dois anos atrás, que esse valor, não sei se mudou, 100 mil reais. A Companhia Vale me odeia porque eu falo, eu que nunca escrevi um panfleto pra distribuir, só de falar ela já tem raiva de mim, imagina se eu fosse fazer militância como eu fazia antigamente? A Vale libera 100 mil reais pra fazer um festival, chama, parece que quatro curadores aproximadamente, dá 10 conto pra cada curador, entendeu? Quem é o curador?

O curador são os caras mais conhecidos do *Hip-Hop* em São Luís, entendeu? Agora me diz uma coisa, o que é 100 conto, 100 mil reais, perto do que a Vale tem, perto do que a Vale explora? É poeira embaixo da unha, acha que menos, é a bactéria da poeira embaixo da unha, mas utiliza isso midiaticamente pra dizer que a Vale é uma empresa top, sendo que a Vale tá ferrando com muita coisa que não dá pra falar aqui, basta pesquisar. Essa galera vai querer discutir problema estrutural? Não vai querer discutir problema estrutural, mais fácil ela ficar inimiga, do que discutir o problema estrutural e assim que funciona, fora tudo isso assim, é só o tempo que eu vejo que é um fenômeno que acontece que se firmou e que prevalece. Só que fora isso, tem muita resistência feita, inclusive dentro do festival da Vale, tem gente que pegou o microfone e desceu a lenha, soltou os cachorros! A Vale é um exemplo, mas existe os governos fazendo isso, várias instituições, o negro é lindo, mas eles querem que o negro só vá até aí, negro é lindo, negro é meu respeito, tudo começa pelo respeito... a retirada de direitos trabalhistas atinge primeiramente a negrada, o desemprego atinge primeiramente a negrada, quando você corta verba pública da universidade, o mais atingido vai ser a negrada, mas eles não querem que a negrada debata isso, eles querem que a negrada debata exclusivamente o racismo. O negro é lindo, só isso. Ah! Uma coisa tenho batido muito contra, inclusive nessa especialização eu tô fazendo, por que que o negro ele só é debatido numa concepção cultural? Porque cada prédio que tu tá vendo aqui no Reviver é construído por mão negra, então ele participou da economia ativamente, jele só não botou grana no bolso! O negro tem que ser debatido economicamente, ele tem que olhar pra cultura do negro, religião, a roupa, a vestimenta, a culinária, a estética... não papai! Eu quero saber dos 40% do PIB que é entregue numa bandeja pras grandes corporações, a negrada tem que debater é isso, porque é por isso que a negrada tá morrendo nos bancos nas fila do hospital.

As críticas direcionadas a empresa Vale, fazem parte do conjunto de críticas e contestações que o Quilombo Urbano constrói cotidianamente, o combate as estruturas de poder que monopoliza lucros e socializa prejuízos, e prejuízos não só a vida humana, mas a vida ambiental. A concepção crítica da entrevistada gira em torno das principais tragédias protagonizadas pela empresa, nesse sentido, minha reflexão a respeito das críticas está envolta de tais problemáticas que envolvem a empresa em questão, neste sentido, a partir dos relatos, as tentativas de inserção da empresa em culturas subalternizadas, podem ser entendidas como mecanismos de dominação e controle através do capital, da mesma forma que, de acordo com Luciana, o governo PT fez em relação ao *Hip-Hop*, que de certa forma, perde o sentido crítico pelo controle através da institucionalização que se transforma em cabide de empregos. A questão racial é uma das principais bandeiras levantadas pelo movimento e pelos militantes, a entrevistada toca em pontos pertinentes para o debate racial, a questão do negro que normalmente se debate também a partir da estética, desconsiderando fatores muito mais gerais, como a participação nos processos de emancipação, nos processos de construção econômica, cultural, educativa, estrutural e tudo que faça parte das instâncias civis, negros, historicamente, contribuem para a evolução social, política, cultural e humana.

Finalizando a entrevista, sem tempo para tocar em mais assuntos pertinentes, levantamos pontos sobre as transformações pessoais e como o *Hip-Hop* pode ter contribuído para tal:

Sim, sim, mudou sim, pela minha personalidade eu não sei que caminho eu teria tomado, muito relativo né isso, mas mudou sim, mudou é... você dá sentido pras suas questões, muitas perguntas nem sabem que tem, muitas coisas molda o ser humano que ele não dá conta de responder, ele só sabe que tem uma coisa incomodando ele, mas ele não consegue isolar aquilo e pontuar, entendeu? Eu sempre fui uma pessoa muito incomodada com as coisas que eu via que tava errada, e acredito que hoje tem muita gente no mundo assim, só não consegue dá um sentido, o *Hip-Hop* me fez entender em primeiro lugar a família, porque você começa simplesmente a julgar o indivíduo, “ah! Por que meu pai era alcoólatra?”, no meu caso, meu pai era alcoólatra, por que ele brigava tanto com minha mãe? Né... porque ambos vieram de estado de abandono. Isso é resultado de um sistema escravista, entendeu? Ambos são é... um resultado de analfabetismo, de muita coisa que simplesmente, a gente sendo um dos países mais ricos do mundo, não precisava existir, então você passa a não culpar exclusivamente o indivíduo e sim olhar aquele indivíduo inserido num contexto, inserido num... isso te ajuda atravessas essa caminhada do que a gente chama de vida. Isso aí é o mais importante de tudo é você se entender, se compreender né... assim, qual era a possibilidade de eu fazer um curso superior se não fosse o *Hip-Hop*? Né... eu vou deixar pras minhas gerações, eu cobro das minhas filhas, eu acabo servindo de referência para outras pessoas que vieram depois.

O *Hip-Hop*, como objeto transformador, atua de forma direta e indireta nas vidas de seus adeptos, compondo suas trajetórias, construindo vidas, legitimando lutas, auxiliando na consciência de classe, de raça e na edificação de nortes para seguir. Mas, esta constatação sustenta-se a partir das histórias aqui expostas, que se consubstanciam com diversos outros fatores. A entrevista com Luciana Correa se encerra mais ou menos por volta das 18h, horário de pico em São Luís, horário em que o trânsito é muito intenso, então, nosso deslocamento para a próxima entrevista atrasou, chegamos ao local por volta das 19h30min, na sede do PSTU no bairro da Liberdade para entrevistar Hertz, membro fundador do Quilombo Urbano, que influenciou e influenciou diversos jovens nas periferias ludovicenses.

3.3 Histórias e Narrativas de Hertz

Os pressupostos das entrevistas foram os mesmos, aglutinando a entrevista não estruturada com a semiestruturada, para tentar extrair o máximo de informações do interlocutor em um curto espaço de tempo, visto que nosso horário já estava ultrapassado por conta das dinâmicas urbanas de São Luís, e o mesmo tinha compromissos políticos na sede do PSTU, que

se localiza na Avenida Governador Luís Richa número 1662, no bairro da Liberdade, também conhecido como Quilombo Liberdade. Ao chegar no local, por volta das 19h30, o mesmo já estava nos esperando e apresentou o local, enquanto se preparava, ficamos observando as estruturas do ambiente e do próprio bairro, em uma de suas principais avenidas. O início se deu através de questões ligadas ao seu processo formativo, pois, o mesmo além de militante é professor da rede municipal e estadual em São Luís, além de ser referência entre jovens ligados ao *Hip-Hop*, não somente referência cultural, mas também, em relação às formações e capacidades argumentativas que o mesmo apresenta nas palestras, em atos, em debates políticos, pois, o mesmo já foi candidato a vereador e a prefeito por São Luís, e outras oportunidades foi candidato a Governador do Maranhão e, em 2018 foi candidato a vice-presidente do Brasil ao lado de Vera, em uma chapa 100% negra, todas as candidaturas pelo PSTU. Instigamos Hertz a falar de seu processo formativo e o mesmo começa relatando o seguinte:

Então, eu sou natural de São José de Ribamar, meu pai era, era... motorista da paróquia, né... de São José de Ribamar e em função disso, os filhos, eu e os outros quatro, a menina não tinha nascido ainda, a gente conseguiu bolsa e estudou no Convento, uma escola, a escola mais bem estruturada que tinha em São José de Ribamar, eu estudei lá no chamado primeiro grau menor, mais ou menos isso assim, lá que inclusive que a gente sofreu muito racismo né, porque era época do Sítio do Pica-pau Amarelo e tal, quando nós íamos os quatro, cada um tinha o nome de um saci, por exemplo. Então, tinha vez que eu chegava na porta da escola e não entrava, já com medo dos apelidos, dos meninos, a maioria branco, classe média e tal, então desde ali mesmo a gente mesmo sem compreender mesmo a fundo, já foi sentindo o racismo. Era saci trique, saci gamba, saci-pererê e tinha outro, nós éramos quatro, então eu já sentia ali o racismo ali muito forte. Aí a gente veio pra São Luís, tinha doze anos de idade, era mais ou menos 1982 e aqui eu fui estudar no CEMA, minha mãe veio aqui pro Monte Castelo, que era a casa aqui do pai, antes de ser motorista lá da paróquia, ele trabalhou na Petrobrás, então era motorista, só tinha até o quinto ano, mas era..., mas tinha uma situação relativamente, uma situação que dava para sobreviver, comprou a casa no Monte Castelo. Eu estudei no CEMA ali da Kennedy, fiz lá até o oitavo ano na época não tinha nono ano e depois eu fui para o Bacelar Portela e foi num período em que o racismo entre outros fatores também contraditoriamente, quando começo dançar *break*, mas também o racismo vai me afastando da escola, então eu abandonei a escola eu acho que com uns 16, 17 anos mais ou menos, abandonei e só voltei a estudar com 20, 23 anos, mais ou menos, fiz o supletivo no São Lázaro que era uma escola que tinha ali próximo do Canto da Fabril e lá eu concluí meu ensino médio em 2006, 2007 eu entrei na faculdade e o que fez eu voltar a estudar foi justamente o rap, né. Assim, eu já tava no rap, já cantava e tal, mas assim o álbum dos Racionais o “Escolha o seu caminho” ele, tanto é que 92, 93 mais ou menos, a música... sempre eu falo isso “Voz Ativa” né, “precisamos de um líder de crédito popular como o Malcon X em outros tempos foi na América, que seja negro até os ossos, um dos nossos e reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços”, a gente saiu correndo atrás do livro, Lamartine foi o primeiro que pegou, Magno Cruz que era do CCN, emprestou o livro pra gente, fui o segundo a ler e eu nunca tinha lido

um livro todo. Primeira vez. É a primeira vez! Eu li a biografia de Malcon X, aquela do Alex Hartley, é bem grossa né? Aí eu li e a partir dali eu não parei mais, daí eu comecei a ler e ler, daí eu parei e num momento eu falei “pô, tenho que voltar a estudar”, daí a gente conheceu o MUN que era o movimento de universidade dos negros, na verdade a maioria era universitário, a Claudiceia era uma das dirigentes, que é minha esposa, e também isso, o movimento de universitários negros ajudou também uma galera do Quilombo Urbano se interessar e voltar estudar ou quem já tinha concluído, fazer universidade, Verck, entrou um ano antes de mim, eu entrei no ano seguinte, fiz História né, sou formado em licenciatura em História pelo curso de História da UFMA, e também fiz mestrado em educação né, também pelo mestrado de educação pela UFMA.

O mesmo relata que fez sua graduação por volta de 2002, e o mestrado por volta de 2009, após, perguntamos se tinha feito alguma especialização, o mesmo respondeu que não, e que não deu mais prosseguimento na carreira acadêmica, mas, em 2002, o ano que concluiu, o mesmo passou no concurso do Estado para professor, saiu do ensino médio e logo passou em um concurso. Posterior aos relatos da trajetória estudantil, questionamos sobre o mundo do trabalho, se o mesmo já havia trabalhado antes de passar no concurso, o mesmo comenta que:

Trabalhei durante um tempo, eu vendia discos, porque minha filha nasceu em 94, entendeu? Então eu tinha que segurar o B.O, então eu trabalhei na construção civil com o pai, com o pai da minha companheira, né? Meu sogro. Ele era chefe de obra, trabalhei durante um tempo, durante um tempo assim, durante seis meses, depois eu parei. Aí eu comecei a trabalhar vendendo disco, vendendo camisa, vendendo botons, vendendo boné que eu comprava de um cara, que eu pegava de um cara que é o mesmo nome do Gog, chamado Genival, que era dono de um sebo chamado *Discovery*, que lançou Gog, depois eles romperam, lançou Campi Negro, lançou Cirurgia Moral, lançava todos os grupos de Brasília, então ele passava o material pra mim, eu mandava um pré-datado pra ele e no final do mês eu pagava, então eu passo a sobreviver, eu acho que durante uns três anos só vendendo esses materiais aqui, então quem bastecia o *Hip-Hop* aqui com vinil, com camisas, com bonetas, com botons, essas coisas tudo aí era eu, inclusive eu ia, vendia para uma loja de *rock*, esqueci agora o nome da loja que era de Joacir James, que é falecido já, que era no centro, eu não tô lembrando agora do nome, eu pegava o material e ele colocava lá pra vender pra me ajudar. Aí cara, quando eu entrei na faculdade em 97, logo no primeiro semestre eu corri logo atrás de trampo, então eu trabalhei numa escola particular do Renascença, São Francisco, chamada Pontual, não existe mais, eu peguei um contrato no município que era um, que eles chamava, de bolsista, que era pra justificar o salário que era muito rebaixado, não era nem um salário mínimo, era a metade um de um salário mínimo, mas havia um contrato, entendeu? Era um contrato precarizado que eles utilizavam o argumento de que era bolsista, justamente pra justificar o baixo salário, eu trabalhei nisso aí, acho que de 97 até o concurso que eu passei, tanto para o Estado como pro município em 2002, que eu assumi em 2003.

O *Hip-Hop*, em análise básica, está incorporado nas trajetórias dos entrevistados, de alguma forma ele entre, modifica o cotidiano, altera rumos e transforma vidas, os relatos sustentam a afirmação, porém, cada um inserido em estruturas sociais distintas, percursos diferentes que levaram todos ao mesmo rumo, a direção para a expressão cultural do *Hip-Hop*. Dos diversos pontos em comum, um nos chamou atenção, é que nos relatos sempre aparecem os Racionais, de alguma forma eles entraram nas vidas e auxiliaram nas mudanças culturais, sociais e políticas. Posteriormente, iremos traçar um paralelo entre as histórias, apresentando uma síntese da história dos Racionais a partir do documentário na plataforma de *streaming* da Netflix, chamado de “*Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*”. Em relação às críticas direcionadas as configurações trabalhistas da época, Hertz relata o seguinte:

É... a maior parte dos professores do município de São Luís eram bolsistas, então o contrato conseguia diretamente na escola, na direção da escola. Tinha muito político que fazia curral eleitoral com isso. Nós fizemos uma greve em 98-99, foi uma das maiores greves que tivemos aqui, o Quilombo Urbano esteve à frente, o Quilombo Urbano ia com faixa e tal e eu era um dos dirigentes dessa greve, então parou tudo mesmo e todo mundo poderia perder o emprego e ninguém perdeu o contrato e obrigou Jackson Lago a chamar alguns anos depois o concurso público que coincidentemente foi concurso que eu passei, foi produto dessa greve, uma greve histórica, nós fizemos história. Aí, foi no mesmo ano, salvo engano, 2002 foi o concurso tanto no Estado como do município e eu fui aprovado nos dois, e aí eu assumi em 2003, porque de fato, eu fui chamado antes de concluir, entendeu? Eu ainda não tinha o diploma, aí eles me jogaram lá pro final da fila, aí quando eu concluí, eles me chamaram e eu assumi.

Nossa próxima etapa da entrevista girou em torno de como o interlocutor conheceu o *Hip-Hop*, quais fatores incentivaram a adentrar no conglomerado da expressão cultural. Segundo Hertz Dias:

Então, a minha trajetória se confunde com o do *Hip-Hop*, porque eu entrei muito cedo. O que eu tinha antes era escutar as músicas que meus pais escutavam né: samba, MPB, Tim Maia, samba enredo, lá em casa a gente escutava muito *reggae*, meus tios, meu irmão frequentava muito, eu era bem molecote, doze anos de idade, coincidentemente quando eu vim pra cá pra São Luís. E aí foi quando passou o filme *Break Dance*, que era... né, um filme hollywoodiano, assim, *Break Dance* era um filme que estava e todas as salas de cinema que existia no país, e aqui tinha o Cine Passeio, tinha o Cine Monte Castelo, eu descia a minha rua e já batia de cara, só que era molecote, eu tive que fazer um monte de manobra pra tentar assistir o filme *Break Dance*, a gente assistia o filme e achava que tudo aquilo ali era efeito especial, entendeu? Que não era possível os cara fazer tudo aquilo ali. Aí foi quando deu mais ou menos esse período, chegou uma revista, acho que era *Dance e Break*, o nome da revista, não sei se era *Break Dance*, era uma revista onde eles ensinavam a gente a dançar Break, e aí a gente comprou e eu comecei

desde ali mais ou menos, 83, mais ou menos 83, e coincidentemente, bem aqui na frente, nós estamos aqui em frente a Floresta, aqui na Liberdade, aqui tinha um cinema, Cine Odeon.

As influências, além dos materiais que tiveram acesso, o contexto internacional do surgimento do *Hip-Hop*, também foi fator decisivo, evidenciando África Bambata e todos os elementos que surgiram, assim, se deslocando da ficção e submergindo na realidade. Todo esse contexto, que se afunila a partir do contexto internacional, nacional e regional, começam as articulações políticas, as organizações de polos que pudessem cooptar novos sujeitos para a expressão cultural através das posses e do processo de politização do discurso, segundo o mesmo:

Um monte de posse, aí foi desse processo que te falei anteriormente, na medida que a gente tava se politizando e ganhando uma galera, e a gente era muito respeitado pelas gangues aqui, que era o auge do Quilombo Urbano, é quando surge as galeras e uma criminalização muito grande contra eles, ele só ouviam a gente e inclusive deram uma entrevista para um padre francês que tava fazendo um documentário sobre gangues aqui no Maranhão, e aí o padre ficou surpreso porque eles sempre diziam que os grupos de queles respeitavam e que dialogavam com eles era o Quilombo Urbano, então ele procurou a gente pra entrevistas, fez um documentário com a gente, inclusive a gente foi pra França em razão disso, em razão disso na medida que a gente ia se politizando e ampliando a participação do movimento *Hip-Hop*, a gente ia se transformando politicamente, então foi nesse momento, aí uma gama de pessoas entraram na universidade, talvez o Quilombo Urbano tenha sido o primeiro movimento do Brasil antes da copa que mais conseguiu influenciar jovens negros da periferia a entrar na universidade. É impressionante o número de pessoas que conseguiram entrar nas universidades muito antes da provação das cotas, eu fui exemplo disso, o Verck também é um exemplo disso. Muito antes das cotas, acho que o pessoal nem discutia cotas, não discutia, mas era uma coisa mais do movimento negro intelectualizado, não era uma coisa tão popular como nos anos 2000.



Figura 65 Verck, Hertz e Lamartine anos 2000 - Arquivo pessoal Quilombo Urbano

Registro fotográfico resgatado nas redes sociais dos membros fundadores, no aeroporto esperando voo para França, mais ou menos no ano 2000. Da esquerda para direita, de camisa regata preta, Lamartine, no centro de mangas compridas, Verck e de jeans, e Hertz.

Considerando o relato, concordamos com o fator da influência do *Hip-Hop* no debate das questões raciais, o debate sobre o local do negro na sociedade e nas instituições sociais. Hertz continua:

Aqui se transformou uma febre mesmo, então os festivais de *Hip-Hop*, era... acho que teve festivais que a gente contou mais de mil pessoas, cara... tem um, que um cara chamado Silvano, eu acho que ele tem essa fita, a gente tá em um show na Deodoro, um palco enorme, e tinha gente em cima das árvores, era um negócio de massas, não tinha marcha naquela época, mas a gente tinha um projeto chamado “Periferia Urgente”, é... antes o nome era “Ruas Alternativas”, depois passou a ser Periferia Urgente, que era o trabalho que a gente descia nas quebradas pra conversar com essa galera que era de gangues, e a gente não tinha como objetivo desmontar as gangues, até porque a gente achava importante eles se organizarem, o problema era pra se organizar? Mas aí a gente acabou ganhando um monte pro Quilombo Urbano, e Verck é um produto disso. Verck era de uma das primeiras gangues de pichação daqui de São Luís, então ele é um produto desse trabalho que a gente desenvolveu em quase todos os bairros de periferia aqui do Maranhão.

Antes de ir a campo fazer as entrevistas, assistimos o documentário sobre os Racionais e, diversas questões nos chamaram atenção, sendo uma delas sobre como foi o desenvolvimento do trabalho de levar o *Hip-Hop* dos centros para os bairros, assim como aconteceu em São Luís, pois, os encontros eram realizados, inicialmente centro da cidade, na Deodoro, e a partir daí começa a descentralização a partir das posses.

Então, interessante a pergunta. Um negócio interessante, porque é o seguinte, o Break, ele... tinha uns bailes no centro, mas também tinha nos bairros, entendeu? Então, por exemplo, o era na Cidade Operária, o club na Cohab, entendeu? Tinha esse negócio de ida e vinda. Mas teve um momento que foi logo depois que teve uma denúncia que foi feita pelo Imparcial se eu não me engano, um caso de estupro, que até hoje é um caso meio nebuloso e acusaram um cara que era um dos principais dançarinos chamado Rogério, de ter cometido, acaba que atingindo o *Break* como o todo, é, uma coisa assim, então, atingia assim os baile com a roupa de *Break*, entendeu? Rotularam, os cara já rotularam, então em função disso, a Deodoro, primeiro foi a Gonçalves Dias que transformou no centro dos cara que se encontravam pra dançar *Break*, era o GD, pessoal chamava de GD. Depois que surgiu o Quilombo Urbano, que já com essa coisa de unir os três elementos, as rodas de *break* elas vão pra Deodoro, a praça Deodoro passa a ser a nossa São Bento aqui, o mesmo significado que tem pro *Hip-Hop* de São Paulo e até para o Brasil, a São Bento, era mais ou menos a nossa Deodoro aqui, o centro do encontro. E quando a gente vai pra as quebradas, mesmo assim a gente continuava se encontrando no centro, era sexta-feira as rodas de *break* e *rap* também, e segunda-feira era reunião pra programar o que a gente ia fazer na semana, a gente se encontrava na Biblioteca Pública, sentava na escadaria da Biblioteca Pública e fazia o balanço, uma avaliação da atividade da sexta e tirava o roteiro do que a gente ia fazer na semana e a próxima atividade da sexta na Deodoro, quando e que a gente desce pras quebradas? Quando tem efeito nas gangues, então a gente já tá mais politizado, né. Mais, discutindo a questão racial, aquela ideia de descer mais pras quebradas mesmo e como tinha as gangues, a gente falou: vamo enfrentar isso aí! Então batia de frente com a polícia, pra poder tratar com os caras, então a partir daí as posses ajudam isso, então a partir daí não sai do centro, mas a gente desce pros bairros de periferia e, é fazendo ponte com escola, então esse projeto “Ruas alternativas” era o seguinte, a gente entrava em contato com a direção da escola e todo mundo era muito preocupado, porque existia um sensacionalismo muito grande em questão das gangues, então parecia ser bem maior do que é, e então a direção da escola só botava pra gente aparecia lá e o pessoal dizia “vem, pode vir, pode vir”.

Os métodos utilizados pelo movimento procuravam não só cooptar jovens para o movimento, mas resgatar e mediar possíveis conflitos, assim, conquistando a confiança através dos projetos apresentados, se inserindo em escolas. Contudo, a popularização, segundo Hertz, se deu da seguinte forma:

Na época tinha o Racionais. Tinha uma música “sou hippie, rap sou”, só dá pra sentir, sou do *Hip-Hop*, sou do *Hip-Hop*. E teve um período aqui que vários caras da quebrada quando iam ser assaltados, o pessoal dizia assim “sou do *Hip-Hop*”, e os cara da gangue não assaltavam, era o lema dizer “sou do *Hip-Hop*”, aí o pessoal não assaltava, respeitava, ser do *Hip-Hop* aqui era ser do Quilombo Urbano. E isso era a única organização social na época. Um detalhe importante, se eu contar pra você tem 34 anos mais ou menos, isso 89, nós vamos pra 2023, 34 anos... e essas atividades a gente corria os riscos né, a gente sabia disso, a periferia é contraditória e a gente tem que enfrentar as contradições, então poderia ter treta, poderia ter assassinato e etc mas foram poucos os momentos que teve treta nesses 34 anos de *Hip-Hop*, foram poucos, poucos, teve um caso aqui na Liberdade no finalzinho também, que a gente juntou pessoal de quebradas diferentes e teve uma vez que o irmão de

Lamartine foi esfaqueado na Deodoro, foi, teve uma treta que teve lá e o cara esfaqueou ele, o Israel. Fora isso, que eu saiba, nenhuma treta assim pesada em 34 ano, nenhuma, nenhuma.

A inserção do movimento nas “quebradas” através do *Hip-Hop* e dos projetos relacionados a educação, fez com que o grupo conquistasse uma forma de respeito da comunidade, não só das pessoas que cotidianamente trabalhavam, mas de pessoas que estavam imersos no desvio, como relatado por Hertz, algumas pessoas passavam por situações diversas, como assaltos, e bastava comentar que faziam parte do movimento, ou era adeptos do movimento que, conseqüentemente, o sujeito que comandava o assalto desistia do ato em respeito e consideração ao Quilombo Urbano e seus membros. Contudo, os espaços periféricos, também são espaços de disputas, sejam elas entregue as gangues, que era comum na época, sejam elas no controle e manutenção de entorpecentes. Pontuando, que não estamos generalizando o discurso sobre as periferias, não estamos nos dirigindo a Liberdade, mas, alguns casos que existem tais contradições, o próprio interlocutor evidência tais contradições, que poderiam acontecer por esta inseridos nas “quebradas”. A violência nas periferias também pode ser entendido a partir de fatores que são influenciados por problemas sociais diversos como miséria, o abandono do poder público, falta de oportunidades para a juventude, dentre outros. A sede do PSTU, como já exposto neste trabalho, fica localizado na Liberdade, Quilombo Liberdade.

Já em relação a inserção e permanência do mesmo no movimento, questionamos se em algum momento saiu do grupo, e se saiu, quais os motivos, provocamos através do jogo de palavras para que o mesmo pudesse falar de forma mais aberta, assim, salientou que:

Não! Desde o início... ah! que teve aquela saída de grupo, mas eu participei de vários grupos, a primeira era “Illegal Beat”, depois passou a ser “Mc Elsius”, não, primeiro era “Mc Elsius”, depois passou a ser “Illegal Beat”, depois a gente criou o Navalhas Negras e depois a gente criou o Clã Nordestinho, que era a fusão de dois grupos na verdade, o Clã Nordestino era uma banca de oito pessoas, a ideia clã era a ideia de muita gente, nordestino do nordeste, também fazia uma coisa por fora do sistema, uma coisa clandestina, por isso o nome. Mas houve uma crise de ruptura no Quilombo Urbano, que foi em 2002, que foi justamente uma ruptura no Clã Nordestinho, é até uma divisão isso aí... já tá superado já, que a realidade mostra quem tava com a razão. Mas, foi a eleição de Lula, sempre que tinha período de eleição a gente sentava pra discutir qual candidato e partido a gente iria apoiar, ou se não iria apoiar e votava. Então, quando a gente tava finalizando o álbum do Clã Nordestino, os cara foram pra São Paulo remasterizar o álbum e a gente era muito reconhecido a nível de Brasil, e quando voltaram, falaram que iriam apoiar o Lula, no primeiro turno, sem discussão e que iriam morar em São Paulo também e coincidiu no período que eu passei no concurso, daí, tinha um desses camaradas que já tavam trabalhando no gabinete de um vereador do PT em

São Paulo, aí deu uma crise da porra. O movimento chamou, fez uma discussão inclusive, botou todo mundo do... aí que a gente éramos os principais dirigentes do movimento, botou todo mundo do Clã Nordestinho do lado de fora. Como se tivesse ruim daqui e falava, “você vão lá pra fora”, o movimento não vai parar por causa de um CD, aí discutimos, discutimos, discutimos e depois chamaram a gente e falaram “olha, a decisão é o seguinte: para o CD, nós temos muita coisa pra fazer”. Na época, tava tendo uma campanha contra o álcool, acho que era isso, a prioridade nossa é essa e depois decide o que vai fazer. Aí nós falamos: “não! Nós não vamo parar não, o CD vai ser lançado, já tem gente que tá morando em São Paulo, já tamo fechando com a gravadora” e aí é isso aí, teve uma ruptura, a principal ruptura do Quilombo Urbano foi nessa época.

A popularidade do Quilombo Urbano se estendia desde as periferias, promovendo eventos e mediando conflitos, como entre os diversos bairros da capital, com seus shows, a exemplo, recorte de um jornal datado de 1996 anunciando show dos Navalhas Negras, promovido pelo Quilombo Urbano. Na imagem da esquerda pra direita, Lamartine, Preto Nando, Dj Virtude e Herz.

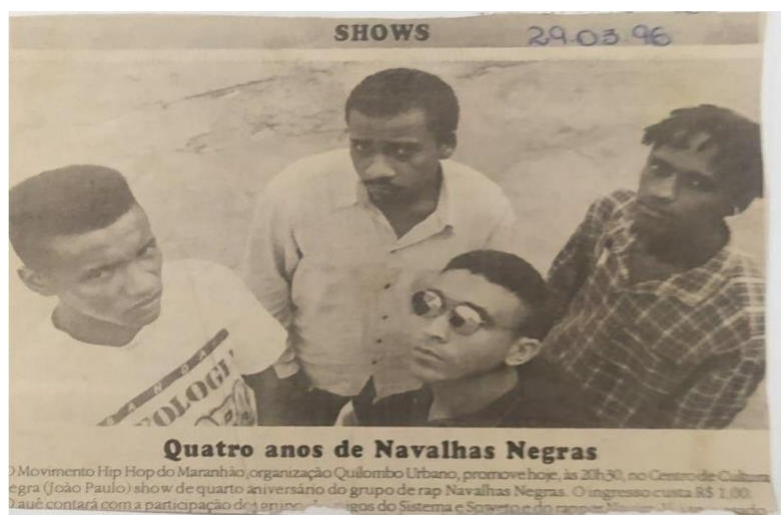


Figura 66 Recorte de jornal de 1996 - Arquivo pessoal Quilombo Urbano

Reforçamos a questão perguntando de forma mais direta, se o mesmo já tinha abandonado o Quilombo Urbano e se está na ativa desde sempre, o mesmo responde:

Não, não, não, não. Tô no coletivo desde sempre, nem quando eu fui pra São Paulo, eu passei três anos em São Paulo, porque a gente criou o Quilombo Brasil, né, que é a aliança nacional do *Hip-Hop*, então, em São Paulo eu ajudei a funda uma organização chamada O3, “OUVIR, OUSAR, ORGANIZAR”. Então, cara, o lançamento da O3 foi gente pra caralho, tinha mais de 300 pessoas, foi um negócio que cresceu em São Paulo, as a gente era mais forte na zona sul, que era onde eu tava mesmo, eu passei três anos morando em Campo Limpo, que fica bem ao lado de Capão Redondo, e a gente fez várias atividades. A sede do PSTU que era onde lá o Racionais tá o tempo todo. No

período que eu estive em São Paulo, eu continuei militando pela organização nossa que é o Quilombo Brasil.

Nota-se, que a militância política e cultural, estão interligadas na essência do movimento, principalmente, dos dirigentes, como se autodenominou o entrevistado ao relatar a história dos rompimentos. Estes rompimentos que o interlocutor explica, gerou um descontentamento interno, tensionamento as relações que causou a expulsão de membros. Causa, versus consequência que gerou uma carta pública intitulada “*Fita Cantada*”, datada de 21/04/02, como consta nas imagens a seguir.

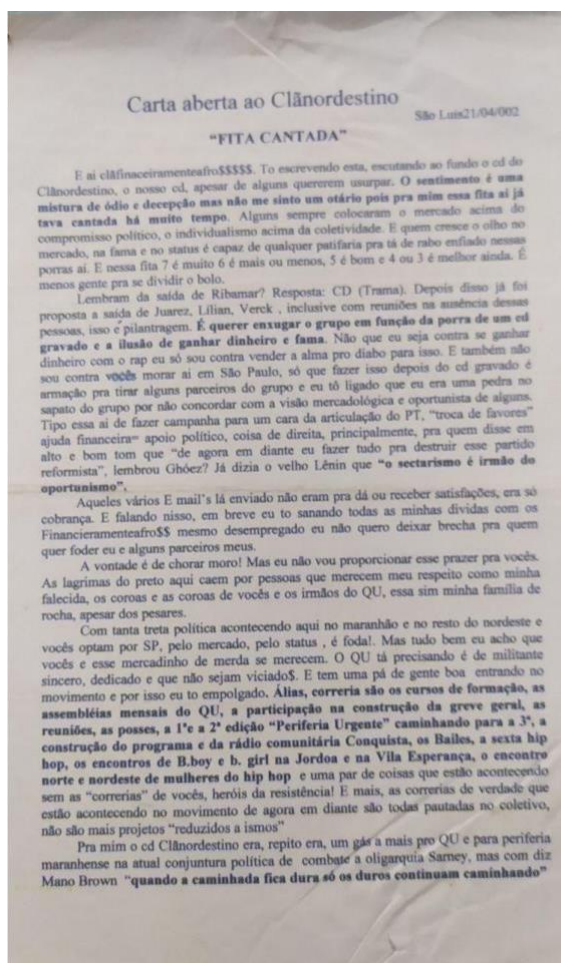


Figura 67 Carta pública parte 1 - Arquivo pessoal Quilombo Urbano

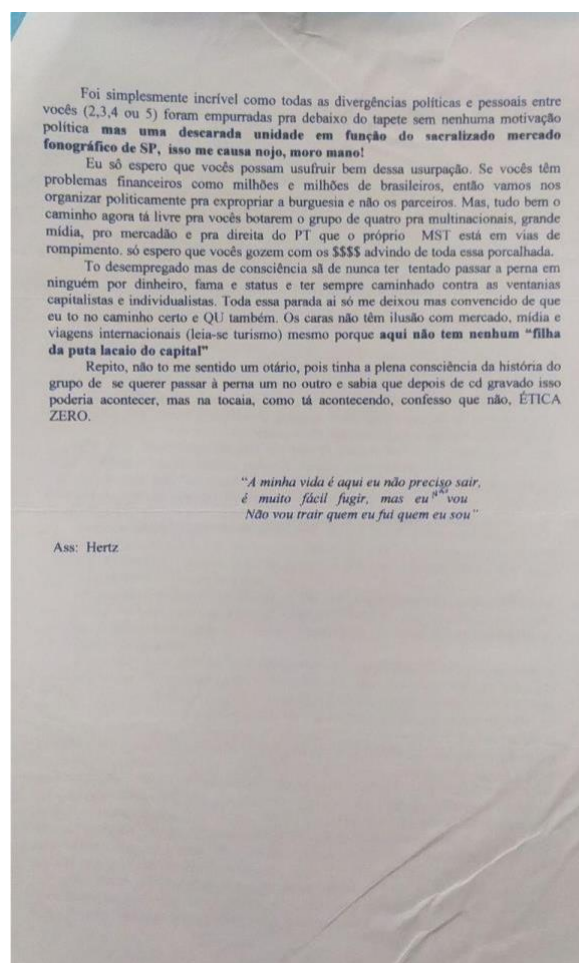


Figura 68 Carta pública parte 2 - Arquivo pessoal Quilombo Urbano

Carta assinada por Hertz Dias, membro fundador do Quilombo Urbano, expõe múltiplos sentimentos, principalmente a sensação de serem enganados. A industrial cultural, nos termos frankfurtianos, adentra nesta história fazendo com que sujeitos possam romper com suas raízes, planos, políticas e militância para buscar o que categorizaram como “ilusão”, alimentada pela lógica de produção capitalista. As histórias do Quilombo Urbano também se fazem presente no campo da contradição, inserções, rompimentos, teoria e prática, tudo imerso em meio a sonhos, ideologias, culturas e políticas, eis o mundo real do movimento. Encaminhando a entrevista para reta final, levantamos questões da inserção do mesmo no mundo da política partidária, sua relação com PSTU, o mesmo elenca os seguintes argumentos:

Então, na verdade o próprio Quilombo Urbano tinha uma forma de organização que é muito parecido com um partido, acho que inclusive, uma opinião minha particular, com os anos não foi se transformando num movimento de massa, em função dessa rigidez, por exemplo tinha militante, aspirante, simpatizante, era igual a um partido né... já tinha então uma característica meio Panteras Negras, um negócio assim e sempre tive relação com o PSTU, que é o partido que eu milito hoje, mas eu entrei efetivamente

no PSTU em 2010, né, comecei ter a compreensão de eu já me reivindicava marxista, socialista, essa coisa toda, mas só depois que eu fui ler e estudar com mais profundidade, que a tarefa de dirigir um processo revolucionário é de um partido e não de um movimento, né, então, são coisas diferentes de um movimento e de um partido. Pois é, não tem revolução sem os movimentos, movimentos de massa, né, mas os movimentos são mais pra se organizar as coisas que são mais concretas né, de cotidiano e tal, essas coisas que a gente faz aí e o partido além disso tem uma estratégia, por exemplo: o PSTU é um partido internacional, então resolvi essa contradição quando eu entrei no PSTU, que era de eu me reivindicar marxista, me reivindicar socialista, revolucionário internacionalista e fazia parte de um partido internacional, então era uma contradição que eu vivia comigo mesmo e com o intelectual que eu tenho como referência, que é o Marx, que dedicou parte de sua vida para construir a primeira e a segunda internacional, então mesmo que eu entrei em 2010 e foi um susto da porra que eu levei, porque o PSTU tava precisando de um vice e eu tinha entrado fazia três meses e o único nome que tinha era o meu, ou eu saía como vice ou não tinha candidatura, eu passei três dias sem dormir.

As relações do Quilombo Urbano, desde sua gênese, é uma relação política tanto com suas políticas internas, como com política externa, que iria se aglutinar com a política partidária, como consta neste trabalho de pesquisa através de registros, documentos e relatos. Hertz Dias continua, após perguntarmos sobre suas candidaturas:

Vice-Governador do Estrado do Maranhão, tava com três meses que eu tinha entrado no partido, passei três dias sem dormir, aí eu decidi, mas como eu vi que se eu não aceitasse não teria candidatura, aí eu entrei, não teve grandes traumas, muito pelo contrário, gostei bastante da tarefa. Em 2010, depois teve 2014 eu não sai como candidato, em 2018 eu fui candidato a vice-presidente na chapa com Vera Lúcia, a primeira chapa 100% negra da história do Brasil, e agora em 2020 eu fui candidato a prefeito de São Luís pelo PSTU e em 2022 eu fui candidato ao governo do Estado, mas para além da participação nos processos eleitorais, a minha trajetória no PSTU, ela me ajudou a crescer bastante, a ter outra visão, inclusive sobre a trajetória que a gente teve do Quilombo Urbano, se eu tivesse a maturidade que eu tenho hoje, acho que outras pessoas também mesmo sendo do PSTU como Verck e etc. Acho que a gente tinha construído um movimento muito mais forte do que a gente construiu e olha, que o Quilombo Urbano foi uma das organizações do Hip-Hop militante mais importante da história do Brasil. Sobre a questão dessa perspectiva, né, eu acho que é muito incerto, entendeu? Eu acho que a gente tá vivendo um momento no Hip-Hop que talvez seja o momento de transição, que não necessariamente sabe pra onde vai, a gente quer que vá para o melhor caminho possível, né, que é de ajudar na organização da periferia, na luta contra o racismo, na luta por revolução e essa coisa toda, mas não tem como a gente ter uma bola de cristal pra adivinha pra onde as coisas vão, tem uma geração que é muito mais ligeira do que a gente, pelo menos no ato de escrever, de produzir, de lidar com as redes sociais, tem mais tato, mais sensibilidade pra isso, tanto é que a quantidade de batalhas que existe é uma febre, inclusive, é algo que substituiu as posses, e a forma como eles tem, é uma galera... é uma galera que tem, é um orgulho racial muito forte, entendeu? Visualmente muito forte, racialmente muito forte, as mulheres estão se impondo mais agora, na época era muito mais difícil né, dentro do Quilombo tinha um grupo chamado

Facção Feminina, que era justamente pra combater o racismo, o machismo dentro do movimento, não quer dizer que não tenha, tem muito nessa molecada aí, mas elas se impõem muito, tem vários rappers aí que são transexual, eu lembro que uma época a CUFA tentou premiar um prêmio pra LGBT, pô na época gerou uma crise da porra no Hip-Hop, gerou uma crise do caralho que era o prêmio Hutúz, e hoje não, e hoje é uma coisa que eles se impõe mais, agora o que vai se impor é a realidade, entendeu? Eu acho que não dá pra analisar a trajetória política do Hip-Hop, do que vai acontecer daqui pra frente, analisando apenas o aspecto cultural, eu acho que é o inverso, é ver os rumos políticos do país pra entender pra onde o Hip-Hop pode ou não ir, acho o que vai determinar é isso, por exemplo, nós tivemos quatro anos de um governo, um governo que tentou dar um golpe militar no Brasil, extremamente reacionário, machista, racista, LGBTfóbico, anti-indígena de uma maneira muito aberta, isso acontece num momento que tem uma parte do movimento Hip-Hop não só da atual galera, mas inclusive da minha geração dizendo que o Hip-Hop tinha que evoluir, muito, inclusive, falando que “tinha que trocar o R de revolução” que agora era “evolução”, de não se posicionar politicamente, porque era o PT que tava no governo, atacando, inclusive trabalhadores, e quando Bolsonaro entra, um monte de gente teve que voltar a discutir política, então, praticamente, todos os grandes grupos de rap do Brasil tinha que se posicionar agora nessas eleições, em função do que significou o governo Bolsonaro e o governo PT, na minha opinião, vai atacar também, pra onde vai o Hip-Hop é com relação de forças que vai determinar, eu acredito que essa molecada pela falta de perspectiva que tem o futuro pra eles, pelo nível de ataque que tem em relação a eles, das mulheres também, saiu recentemente os casos de feminicídios, que as principais vítimas, foi ... mais de 70% são de mulheres pretas. Então, a realidade vai se impor de tal modo, que eu acho que essa molecada que tá dentro do Hip-Hop hoje, tem muita gente no Hip-Hop politizando, eu acho que eles vão dar um salto político na vida deles, né, na organização deles, em função da realidade que vai se impor no próximo período eu acho que é isso que vai determinar.

As transformações das estruturas do *Hip-Hop*, segundo o entrevistado, vão depender das estruturas sociais e políticas que virão pela frente, considerando as gerações que estão inseridas com discursos contraditórios ou não, a realidade do contexto que irá moldar as próximas ações. O entrevistado se dirige ao PT e a movimentos que se articularam com o PT, como movimentos sectários, que de certo modo abandonaram a militância em prol de alianças políticas que pudesse de alguma forma trazer benefícios, ou, acreditavam no mito da conciliação de classes, certo de que, após a queda do PT e a ascensão do neofascismo no Brasil através da extrema direita, tendo à frente Jair Messias Bolsonaro, os movimentos sociais em geral voltaram a debater estratégias, debater política, debater a militância e problematizar questões óbvias que antes não debatiam, a “harmonia” se encerrou e obrigou com que a militância adormecida durante os anos de governo PT voltassem ativa. Segue Hertz, concluindo sua entrevista evidenciando as questões políticas e culturais:

Que foi que aconteceu na década de 90 que muita gente não entende o que foi o Racionais e essa coisa toda, pô, ali era o que, cara? O massacre do Carandiru,

o massacre do Eldorado dos Carajás, o massacre de Corumbiara, era grupo de extermínio, privatização de tudo do governo de Fernando Henrique Cardoso, então o nível de ataque foi tão grande, que não tinha como falar de outras coisas, senão daquilo que eles falavam na década de... na primeira metade da década de 90, eu acho que a realidade vai se impor, tudo são possibilidades.

A última questão posta ao interlocutor foi sobre as possíveis transformações que o *Hip-Hop* proporcionou, considerando seu contexto histórico:

Isso, sem o *Hip-Hop*, eu acho que seria outro cara, nem sei se estaria vivo, entendeu? Eu acho que tinha uma galera aí que nem sobreviveu, nem se tava vivo hoje, em todos os sentidos, né? Envolvimento com o crime, e a droga pesada e essa coisa toda, então, o *Hip-Hop*, ele de fato, ele cumpriu uma tarefa muito importante na minha vida, em particular, não tá escrito nas estrelas, tá entendendo? Aí de repente, não sem o *Hip-Hop*, eu agradeço demais, quase todo mundo que tá com esses caras aí, porque o Brasil é um país de entrada, entendeu? Então o *Hip-Hop*, acabou se transformando no nosso livro encantado, então, assim, e ajudou, tem uma galera que não tem ensino superior e escreve um monte de livros aí, um monte de cara do *Hip-Hop* que fez isso, então o *Hip-Hop* obriga a gente a tratar da realidade concreta e obrigou também a gente a compreender essa realidade pra qual a gente tinha falado, e isso fez a gente dá um salto num nível de politização, tinha até um cara do movimento negro que falava isso, que sem menosprezar o movimento negro. Ele era um dos dirigentes mais antigos e ele dizia o seguinte: “o que o *Hip-Hop* fez em cinco anos, o movimento negro não fez em cinquenta”, então, obviamente, o *Hip-Hop* é uma parte importante do movimento negro e ainda hoje eu não consigo viver sem compor, sem cantar.

Em todas as entrevistas levantamos questões relacionadas as transformações de vida pessoal e coletiva que o *Hip-Hop* possivelmente proporcionou e, em todas as respostas temos os mesmos sentimentos expressos através das palavras, através do discurso, todas geram sentimentos de gratidão e expõem possíveis destinos que talvez teriam trilhado caso não tivessem tido acesso ao *Hip-Hop*. Tínhamos mais questões para o interlocutor, porém o horário já estava avançado e o mesmo estava com uma reunião marcada no mesmo horário que estávamos dialogando, mesma assim o mesmo atrasou a reunião para nos atender, então, visto isso, encerramos a mesma e agradecemos a atenção. Nossa próxima entrevistada estava no local, contudo, não conseguimos prosseguir com ela, pois, a mesma também iria fazer parte da reunião que já estava atrasada, além do horário que já estava avançado, o cansaço evidente, então, após uma breve conversa combinamos que ela iria interagir conosco através do *WhatsApp* um outro dia.

3.4 Histórias e Narrativas de Nicinha

O diálogo virtual, principalmente via *WhatsApp* torna as entrevistas mecanizadas, assim, perdendo a dinamicidade da entrevista feita pessoalmente, o jogo de palavras utilizados não é tão possível. Neste sentido, a entrevista virou estruturada com questões específicas, mesmo com a interação feita através de trocador de mensagem instantâneo, e o diálogo não fluiu como esperávamos, pois, a mesma sempre estava ocupada e foi respondendo aos poucos, assim, dificultando a exploração de questões fora das estruturas construídas previamente. As questões básicas foram: Escolaridade/formação, trabalho/profissão, questões sobre seus pais, questões sobre o *Hip-Hop* e política. Preta Nicinha, como é mais conhecida, nos atendeu via *WhatsApp* dentro do tempo dela, colocamos as questões e a mesma argumentou o seguinte:

Meu nome é Claudionice Alves Durans, nascida no Bairro da Liberdade, em São Luís do Maranhão, onde vivo até hoje. Nosso bairro desde 2019 recebeu da Fundação Palmares a certificação de Território Quilombola Urbano e é considerado o maior Quilombo Urbano da América Latina. Passei um tempo no Quilombo Rural chamado Charco e também no Quilombo rural Rio da Prata, que é o Quilombo onde nasceu meu pai e atualmente ele mora lá com minha mãe. Foi pouco tempo que fiquei fora da Liberdade. São 55 anos morando neste território negro urbano. Estudei o primário numa escola pública daqui próximo da Liberdade, Unidade Escolar Estado do Piauí, onde a maioria dos alunos era da Liberdade. Da quinta a oitava série estudei numa escola privada também aqui próximo ao nosso bairro, era bolsista, pois meu pai era professor de inglês da escola, Colégio Alvorada. Tardamente me graduei pela UFMA em Pedagogia, no ano de 2022. Tive filhos muito cedo, aos 17 anos, mas, já tinha concluído o ensino médio. Passei na UFMA pro curso de Letras em 1991, cursei até o terceiro período e acabei abandonando pois tive dificuldades devido a ter dois filhos pequenos. Passei novamente, e 2007 acabei abandonando em virtude de dificuldades financeiras, pois estava em situação de desemprego. Passei em Pedagogia em 2012. Foi uma trajetória muito difícil pra mim que tive que trancar o curso três vezes por falta de condições financeiras, e uma delas em virtude de uma depressão que acompanhada de crises de ansiedade e de pânico me obrigaram a trancar o curso, devido a isso, tive dez anos pra concluir uma graduação. Trabalho desde os 17 anos, trabalhei muito com reforço escolar em casa, trabalhei também como faxineira e cozinheira. Durante minha graduação trabalhei na rede privada de ensino como professora auxiliar da educação infantil. Atualmente sou seletivada da FUMPH (Fundação Municipal do Patrimônio Histórico), trabalho como pesquisadora fazendo o inventário de referências culturais do Quilombo Liberdade. Meu pai, José de Ribamar Alvez Durans, mãe, Maria do Carmo Alvez Durans. Meu pai é do Quilombo Rural Rio da Prata em Perimirim, e minha mãe é do município de Cajapió, ambos da Baixada Maranhense. Meu pai é aposentado, ele era professor de língua portuguesa do Estado e do Município, é formado em Letras pela UFMA. Minha mãe também é aposentada, era funcionária pública do INSS e sua formação é o ensino médio. Os meus pais sempre incentivaram os meus estudos, inclusive todo

meu ensino fundamental fui aluna de meu pai, e também no ensino médio fui também sua aluna, no Liceu Maranhense.

Devido a incompatibilidade de tempo, a interlocutora não conseguiu dar continuidade as respostas, também não insistimos mais, pois, as questões ficaram claras e a mesma respondeu apenas as iniciais.

3.5 Narrativas de Lamartine

Tais dificuldades, conseqüentemente, fizeram com que as entrevistas ficassem limitadas, pois, São Luís é uma metrópole e o tempo dos membros do movimento é escasso, normalmente é a noite, ou entre uma e outra atividade pessoal, profissional ou cultural, normalmente, final de semana estão livres, porém, sacrificar parte da folga e lazer para responder questões se torna em alguns momentos, inviável, por este motivo, não entramos nos finais de semana com as entrevistas, para não atrapalhar seus momentos de lazer, no entanto, as entradas em final de semana só foram feitas quando os interlocutores sinalizam estas possibilidades. Outro membro fundador que iríamos recrutar para entrevistar, era Lamartine, que fez parte da fundação e esteve envolto de algumas polêmicas envolvendo o grupo, principalmente em relação as rupturas ocasionadas por conta dos objetivos distintos. Lamartine mora em Manaus, milita pelo movimento *Hip-Hop*, tanto regionalmente, como nacionalmente, em nosso breve contato feito através das redes sociais, o mesmo se dispôs a nos atender, porém, dependeria do dia e horário, mas, devido as incompatibilidades, o mesmo nos enviou um portfólio sobre sua trajetória, com autobiografia, publicações, entrevistas, fotos, projetos, e tudo que construiu a partir do *Hip-Hop*. Usaremos o portfólio como norte, contudo, não usaremos tudo que consta no documento, iremos resgatar as principais informações sobre a trajetória.

Lamartine Silva ou Negro Lamar, é afro maranhense, mora em Manaus a 6 anos, é discente do curso de Pedagogia (6º período) pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, é produtor cultural, Mc, fundador do movimento *Hip-Hop* nos Estado do Piauí, Maranhão, membro da rede de movimento *Hip-Hop* nacional MHHOB (Movimento *Hip-Hop* organizado brasileiro), membro da rede de comunicação e tecnologia livre para populações negras REDE MOCAMBOS, foi conselheiro nacional da cultura e juventude representando o povo afro (negro). Elabora e executa projetos de diversas linguagens desenvolvendo em território brasileiro, em especial na região Amazônica e fora do país, produziu intercâmbios e palestras no âmbito cultural em países como: França, São Tomé e Príncipe, Itália, Bélgica e Espanha, também pelas cidades brasileiras como: Maranhão, São Paulo, Brasília, Salvador, Rio de Janeiro, Macapá, Manaus, Belo Horizonte, Porto Velho, Belém, Piauí e etc.

Atua em projetos sociopolítico, culturais e ambientais desde 1989. Ministra oficinas e *workshops* de questões étnico raciais, movimentos sociais, Hip-Hop e elaboração de projetos. Onde desempenha ações de cidadania, étnico-racial, educação e *Hip-Hop*; na cidade de Manaus Amazonas, foi jurado do edital Conexões culturais 2017, da cidade de Manaus, produz eventos de cultura *Hip-Hop* em várias partes do país, e depois de 30 anos de cultura popular afro e cultura *Hip-Hop*, pode ser considerado o mais antigo mestre das regiões norte e nordeste do país, se tornando uma personalidade da cultura *Hip-Hop* nacional, premiado como personalidade no primeiro edital de cultura *Hip-Hop* “Preto Ghoetz” do ministério da cultura.

Lamartine é uma das figuras históricas do Quilombo Urbano, em determinados momentos, referência para os mais jovens, porém, como consta nas trajetórias, Lamartine juntamente com outros membros enveredaram para outros rumos, outras vias, assim, a partir das interpretações dos discursos dos interlocutores e de análises básicas do portfólio do mesmo, o mesmo se dedicou e dedica as questões culturais através de projetos, associando-se as relações institucionalizadas com “políticas culturais”, no entanto, Negro Lamar, assume uma postura, segundo os entrevistados anteriores, muito mais ligada as “questões mercadológicas”, apesar de não citarem seu nome diretamente, fazem referência as rupturas a partir do Clã Nordestinho, que gerou uma carta pública de repúdio. No material cedido pelo mesmo, um portfólio com características de currículo que apresenta informações de suas trajetórias, certificados, reportagens, projetos, áreas de atuação dentro e fora do Brasil, além da conquista de prêmios, visto isso, o mesmo se autointitula “*mestre das regiões norte e nordeste do país*”, a partir de suas contribuições culturais, além de se colocar como “fundador” dos movimentos de *Hip-Hop* do Maranhão e Piauí, não fazendo menção aos demais que contribuíram para construção e legitimação da expressão cultural do Maranhão.

Como já citado nesta dissertação, nosso papel não é sacralizar movimentos, pessoas, posturas ou discursos, mas, expor a história, a militância e as trajetórias, porém, em nossa percepção, as autobiografias sempre vem acompanhadas, de certo modo, da nutrição dos egos, contudo, auxilia na construção de dados para fins científicos. Como consta na história do movimento, nos documentos e nos relatos, essa edificação se deu a partir de ações coletivas, que se tensionaram com o tempo e se rompem, como citado por Hertz e Verck, e evidenciado a partir da carta pública de 21/04/2002. Uma das matérias que consta no portfólio dá conta exatamente deste momento retratado pelos militantes, a possível captura do Clã Nordestino e de suas produções por membros que outrora foram expulsos do movimento. Segue a captura de tela da matéria retirada do portfólio que nos foi cedido.



Figura 69 Captura de tela de reportagem sobre o Clã nordestino - Arquivo pessoal cedido por Lamartine

Matéria produzida pelo grupo Mirante, o mesmo grupo que é alvo de críticas dos militantes através dos discursos e músicas, o portal “Na Mira” que retrata questões de entretenimento cultural em São Luís e no restante do Estado, com data de 14/09/2005. Cabe ressaltar, que o portfólio não possui data, neste sentido, as informações sobre idade e formação, não condizem com a atualidade. A matéria destaca a apresentação do Clã Nordestino na França, com a seguinte formação: Nando, Dj Juarez e Lamartine. Nenhuma referência a outros membros ou créditos por composições ou formação do grupo, algo, que pode ter sido decisivo para o processo de tensionamento nas relações.

Todos os entrevistados se cruzam nas vias da vida, sendo, o *Hip-Hop* principal responsável pelos encontros e em alguns momentos, desencontros destes sujeitos. As trajetórias narradas pelos militantes comprovam a afirmação, porém, todos sofreram algum tipo de influência, seja ela cultural, seja ela política, seja ela em relação aos estudos, visto isso, em quase todos os depoimentos temos os Racionais como referência, como uma das fontes inspiradoras. Membros do Quilombo Urbano consumiram na fonte dos Racionais, foram influenciados, mas, e os Racionais com Mano Brown, que influências tiveram? Esta resposta buscamos na plataforma de *streaming*, Netflix, no documentário “*Racionais: das Ruas de São Paulo para o Mundo*”, onde retrata as trajetórias do grupo, as influências, as histórias que marcaram para sempre suas vidas e, conseqüentemente influenciando diversos jovens ao redor do país, incluindo, os membros do que seria o Quilombo Urbano. Assistindo o documentário e buscando respostas e relações com as trajetórias do movimento pesquisado, identificamos

diversas semelhanças, a começar pelos relatos das influências e de suas inserções em movimentos que deram “gás” ao grupo. Pontuando, as falas de Mano Brown são recortes retirados no decorrer do documentário, não são as mesmas sequências aqui apresentadas. Declaração de Mano Brown sobre as influências:

De certa forma, o *rap* me tirou do Capão uns dias, arrumei um emprego pra cá, aí o KL Jay morava na Zona Norte e a gente começou a ficar pra cá, entendeu? Talvez, isso impediu a gente de ter morrido lá. Tá Ligado? Porque o Capão não tinha nada a oferecer, nessa época, nada, a não ser lama e tomar tiro. (MANO BROWN)

Neste depoimento, já identificamos semelhanças e os possíveis caminhos que Mano Brown poderia ter tomado, caso não tivesse sofrido influências culturais, segundo o mesmo:

Uma coisa é você ter revolta, outra coisa é você não ter nada. Quando a gente começou a ter ambição pelo lance do *Rap*, automaticamente, o *Public Enemy* e a gente, sem eles saberem que a gente existia, passou a ser uma coisa só. Entendeu? Onde o *Public Enemy* andar, eu quero andar também, mesmo que de longe, em pensamento, tá ligado? Aí começou a vir esses nomes, né, Malcon X, não sei o que, gente começou a querer saber sobre essas coisas. Eu fui numa festa do Movimento Negro dali outros *rappers* começaram a frequentar também. E aí tinha que unir duas coisas que tinha tudo a ver estar juntas, mas estavam separadas, que era o que? A parte do Movimento Negro organizado, dos negros que estudaram, que sabiam das coisas, mas não tinha acesso à juventude que não sabia. Os Racionais tinha acesso a esses jovens, aí a coisa começou a acontecer... Juntou duas famílias: o movimento negro politizado e essa molecada nova que vinha cantando... Não é fácil conseguir agregar uma ideia política a um ritmo mais dançante, era um conhecimento que a gente não tinha ainda, entendeu? O vocabulário do cara era foda e o vocabulário dele vinha com ritmo (MANO BROWN)

As histórias partem de pontos semelhantes, tanto dos membros entrevistados do Quilombo Urbano, quanto de Mano Brown, do Racionais, todos sofrem influência, neste caso, Racionais se conectaram ao *Public Enemy*, um grupo de *Hip-Hop* norte-americano que foi fundado em 1982. Enquanto pesquisador da expressão cultural, especificamente do Quilombo Urbano, também sofri influências de grupos a nível nacional, como já relatado nesta dissertação. Os Racionais também se fizeram presente na minha trajetória, quando adolescente, quando morava no município de São José de Ribamar, tivemos contato através da rádio, posteriormente, através de fitas k7, comecei a escutar o grupo, porém, e sem entender, presenciei preconceito em relação as músicas dos Racionais, lembro-me, que minha mãe ameaçou tomar e quebrar a fita enquanto eu escutava “Diário de um detento”, alegando que era música de marginal, daí em diante me despertou curiosidade sobre como funcionava o mundo do *Hip-Hop*, e só pude adentrar para entender a partir da graduação através do Quilombo Urbano.

A participação em organizações sociais, sejam elas nos movimentos sociais, em coletivos, em partidos, todas aglutinam a essência da militância sociopolítica, podendo, tal participação delimitar-se entre entidades com a militância coletiva, ou, a imersão na militância individual, ou a inserção na política partidária, uma conversão para participação dos processos eleitorais, como afirmou através das entrevistas, Hertz, pontuando que o movimento funcionava quase como um partido, as decisões, quem apoiariam ou não apoiariam, os acordos ou desacordos nas eleições eram fatores debatidos e em alguns momentos, causadores de precarização das relações.

Cada movimento cria um espaço próprio de intensa politização, não pela sua relação com o Estado, mas pela luta por novos direitos. Multiplicam-se as expressões políticas de opressão, porque as opressões são diversas, são dados de experiência que continuamente deslocam as fronteiras entre o que seria político e o que não seria político. (BRUNI, 1988, p.13)

As demandas sociais se transfiguram em espaços incessantes de problemáticas, neste sentido, a atuação dos movimentos sociais se torna fator decisivo de transformação, não só na conquista de direitos, como afirma o autor, mas na legitimação desses direitos conquistados, principalmente em relação ao público negro, que luta cotidianamente contra as incoerências que afligem seu povo, mesmo com todas as políticas direcionadas, as leis, as punições, nada paralisa o avanço do racismo estrutural. Por conta disto, os movimentos sociais a cada dia não só criam espaços de intensa politização, mas conquistam novos espaços e sujeitos para agregar pautas coletivas de luta contra as opressões.

As trajetórias apresentam elos, semelhanças, dessemelhanças e elementos que tensionam questões culturais e políticas. Rosenverck Estrela, Luciana Correa, Hertz Dias e Claudionice Durans, todos militantes culturais e políticos, cada um com suas histórias que em determinados pontos se cruzam e permanecem, no entanto, as trajetórias não traçam os mesmos percursos, mas, nenhuma delas pode ser classificada como “fácil”, todas possuem seu grau de complexidade. Analisando os relatos, percebe-se que um dos elos entre os militantes é a questão dos estudos, sendo ele primordial para o desenvolvimento pessoal profissional e, principalmente, ao nosso ver, fator decisivo para se inserir e permanecer nas rodas culturais do movimento que posteriormente iriam se transformar em rodas políticas e culturais, quase uma necessidade da construção teórica, como se fosse regra de permanência no movimento. As dificuldades familiares também apresentam dessemelhanças, principalmente entre a trajetória de Preta Lu com os demais entrevistados, vindo de família humilde, com o baixo capital cultural e econômico dos pais, as dificuldades se proliferam e, ainda se soma com questões ligadas ao

consumo de bebidas alcoólicas, como relata a interlocutora, no entanto, em análise básica, Luciana evidencia orgulho dos pais, pela luta no processo de manutenção da família através do trabalho, principalmente do pai, que segundo a mesma “é um artesão de mão cheia”, e de sua mãe, que superou as dificuldades para auxiliar na manutenção da família.

As dificuldades se expandem para o processo educacional, visto que, em todos os casos, precocemente tiveram filhos, e de alguma forma, isso deve ter sido fator decisivo para o abandono ou pausa no processo educativo, além das dificuldades financeiras. Os demais entrevistados, também passaram por dificuldades, porém, cada caso com seus níveis específicos, claro que, não estamos relativizando as experiências adversas dos interlocutores e interlocutoras ou afirmando que alguém teve mais dificuldade, estamos pontuando elos e distinções entre as trajetórias. Nos casos de Verck, Hertz e Nicinha, todos tiveram um histórico familiar mais propício para a inserção no processo educacional, contudo, não significa afirmar que o percurso foi fácil, os relatos provam que não. Filhos de pais inseridos no mercado de trabalho através de concurso, seletivos ou em empresas que deram de certa forma alguma estabilidade e contribuíram para que os mesmos pudessem estar inseridos na vida educacional. As vias que a vida direciona os sujeitos são repletas de contradições, principalmente nas periferias, locais onde residiram ou residem até os dias atuais. Em todos os casos, o *Hip-Hop* foi primordial para transformação pessoal, profissional e intelectual, uma forma de se auto reconhecer. O rap, segundo os entrevistados, construiu a base racial, intelectual, política e cultural, sendo que a vida acadêmica foi consequência da inserção deles no *Hip-Hop*, uma espécie de complemento. As relações com as políticas, possuem diversos fatores que se afunilam até a militância, mas, o agente potencializador do engajamento também pode ser explicado a partir das questões coletivas de pauperização. Kunrath (2016), em seu artigo sobre engajamento militante, apresenta argumentos de Passy (2003), que discorre:

As orientações culturais dos indivíduos não são um mero reflexo de suas posições sociais; elas se desenvolvem em uma rede de interações sociais. As redes sociais nas quais os indivíduos interagem carregam significados (por exemplo, símbolos, rituais, narrativas) que constroem e solidificam identidades e formatam as molduras cognitivas dos atores, possibilitando assim que eles interpretem a realidade social e definam um conjunto de ações que envolvam nesta realidade percebida [...]. Uma vez que os indivíduos tenham sido integrados em redes formais ou informais, eles se encontram em uma estrutura interativa que lhes possibilita definir e redefinir suas molduras interpretativas, que facilita o processo de construção e fortalecimento de identidade e cria e solidifica a consciência política em relação a determinada questão de protesto. Favorecendo a identificação com determinadas questões políticas, esta função das redes forma a condição inicial para o estabelecimento do processo de enquadramento que ocorre entre um indivíduo

e um movimento social [...]. Em outras palavras, esta função das redes, que eu chamo de função de socialização, cria uma disposição para participar (PASSY, 2003, p. 23-24).

As redes de interação histórica, provoca com que os sujeitos possam ser absorvidos pelo que Bourdieu conceitua de “*habitus*”, a integração na teia de relacionamentos auxilia na formação da identidade e no processo de consolidação da mesma, suas inserções determinam que rumos iriam tomar a partir das exigências do tempo/espço, como ressaltado anteriormente, a necessidade de se abastecer teoricamente, de ler e conhecer a história, autores e personagens do movimento negro, baliza as condutas e forma novos sujeitos com novas perspectivas, sendo que, a militância a partir desse contexto seria cotidianamente presente nas vidas dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, esta dissertação procurou explorar de forma específica as relações entre a expressão cultural do *Hip-Hop*, a política e a militância, evidenciando como esse movimento se sobrepôs as barreiras do entretenimento e ganhou formas de atuação que envolvem resistência, luta, construção de identidade e formações políticas. Ao longo desta pesquisa foi possível compreender como o *Hip-Hop* através de seus elementos se posicionaram em relação às mazelas sociais das quais o público “preto e pobre” vive, público este citado incansavelmente em seus depoimentos, entrevistas, letras e reivindicações. Agindo ainda como porta-vozes das comunidades marginalizadas, a exemplo o próprio Bairro da Liberdade em São Luís, onde foi o palco das últimas marchas da periferia, utilizando os elementos da expressão cultural associados à política partidária e militância através dos movimentos sociais como ferramenta de mobilização e conscientização social.

Este trabalho se estruturou a partir de questões relacionadas à expressão cultural do *Hip-Hop*, especificamente do Movimento de *Hip-Hop* Organizado no Maranhão Quilombo Urbano, movimento este que despertou meu interesse a partir de contatos feitos da militância estudantil, como fora exposto nesta produção. O objeto de pesquisa desta dissertação, foi o Quilombo Urbano, um movimento de *Hip-Hop* militante, termo este que era desconhecido para mim, algo que despertou ainda mais a curiosidade e o interesse pelo objeto, e a partir daí, então, foram levantadas diversas questões, como a de tentar entender como os membros do movimento articulavam a cultura juntamente com a militância e a política, e quais mecanismos e estratégias utilizavam para construir essas relações. Neste sentido, este trabalho teve como finalidade a tentativa de compreender o grupo a partir de sua história, da formação cultural, política, geográfica, a partir de questões como: Quem são os militantes? Onde residem? O que faziam e o que fazem atualmente? Além das questões mais particularizadas dos sujeitos, tentamos apresentar como se deu o processo histórico do engajamento militante, como entraram, como e porque saíram e porque permaneceram, bem como questões políticas internas do movimento e externas da vida política que também se aglutina a militância, problematizando questões como se organizam e atuam cultural e politicamente e que táticas foram utilizadas nessas edificações. Hipotetizamos que as construções de identidades políticas, ideológicas e culturais dos sujeitos se deram a partir do contato primário com o *Hip-Hop* e, posteriormente, reforçado e legitimado a partir das relações pessoais construídas cronologicamente em suas trajetórias.

As pesquisas relacionadas ao *Hip-Hop* de forma geral contribuem para a forma significativa em diversos âmbitos, sejam eles acadêmicos, sejam eles sociais e neste trabalho busquei pilares na construção epistemológica sem esquecer de evidenciar as lutas políticas, sociais e a função social que a expressão cultural exerce nas periferias. Podemos destacar a metodologia aplicada nesta produção que foi de suma importância para o entendimento das dinâmicas do movimento pesquisado, a inserção em campos através da etnografia lançou luzes onde havia dúvidas, conseguimos responder questões construídas previamente sobre o movimento, além do campo conseguir se expressar através das atividades desenvolvidas e do contato com os militantes.

A exploração do campo revelou evidências previamente não detectadas a respeito de tensões e conflitos internos. Essas tensões confrontam a noção de homogeneidade que geralmente é associada a grupos envolvidos em movimentos sociais e culturais. Esta evidência constitui um achado de relevância significativa dentro do escopo desta pesquisa.

O poder etnográfico nos ajudou a entender este conglomerado, além de diversos outros pontos importantes, como as representatividades das comunidades que construíram e constroem unidade de luta com o Quilombo Urbano, a conscientização e mobilização social que se deu e se dá através dos seus elementos que levam em consideração as pautas sociais que cada movimento carrega, as transformações sociais e pessoais que são proporcionadas através das lutas e conquistas, além de diversos outros aspectos que contextualizam a expressão cultural dentro de perspectivas históricas e sociais muito mais amplas que nos leva a entender como se deu a evolução não só do *Hip-Hop* em si, mas do movimento pesquisado junto com a trajetória de seus militantes.

Além das contribuições históricas, sociais e metodológicas, esta dissertação elenca diálogos teóricos de diversos autores importantes que ajudam a entender e esclarecer questões do cotidiano em que estão inseridos os movimentos sociais, em específico o Quilombo Urbano e seus militantes, principalmente a questões ligadas ao engajamento militante, militância e ativismo político/cultural que ajudaram a responder e entender questões colocadas previamente, como as relações entre política e cultura. Marcelo Kunrath e Bianca de Oliveira Ruskowski foram autores importantes com o artigo *Condições e Mecanismos de Engajamento Militante: um modelo de análise*, de 2016. Fora diversas outras abordagens como as formações de identidade, questões sobre racismo e, autores regionais que foram decisivos para construção de pilares deste trabalho, autores importantes no cenário maranhense, como Roseverck Estrela e Hertz Dias, que além de ativistas do movimento *Hip-Hop* e político, também fazem parte do

universo acadêmico e contribuíram significativamente para a história da expressão cultural no campo da militância como no campo epistemológico.

A partir deste olhar interdisciplinar fizemos um percurso histórico, teórico, social e metodológico sobre o Quilombo Urbano, dando ênfase aos protagonismos dos militantes, pois, normalmente se dá ênfase ao movimento como um todo, mas, aqui busquei identificar os sujeitos, dar nomes, localização geográfica, área de atuação profissional e militante e construir basicamente suas trajetórias para que a partir delas possamos entender de dentro para fora como tudo se deu. A principal contribuição desta dissertação está neste sentido, na elucidação de questões ligadas a cultura, política e militância a partir não só da história do movimento, mas considerando os sujeitos como protagonistas das transformações que se utilizaram do *Hip-Hop* como ferramenta emancipadora.

Concluimos salientando que aqui é apenas uma pequena contribuição teórica e metodológica, mas, o fenômeno apresenta uma diversidade de questões que atçam a curiosidade, como as batalhas de rima, os novos sujeitos que estão no cenário do *Hip-Hop* regional que também foi problematizado entre os membros durante as entrevistas, quando externalizaram preocupação com o que poderia se tornar o *Hip-Hop*, contudo, as transformações acompanham novos fenômenos e novos atores sociais que irão enfrentar lutas históricas e problemas que estejam inseridos no seu tempo, não dá para prever, mas, como salientado, é de interesse sociológico tentar entender as novas lógicas de participação política dessas novas configurações que irão aparecer. Todavia, esta pesquisa atingiu seus principais objetivos e as novas questões que foram elencadas poderão ser abordadas em outros espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

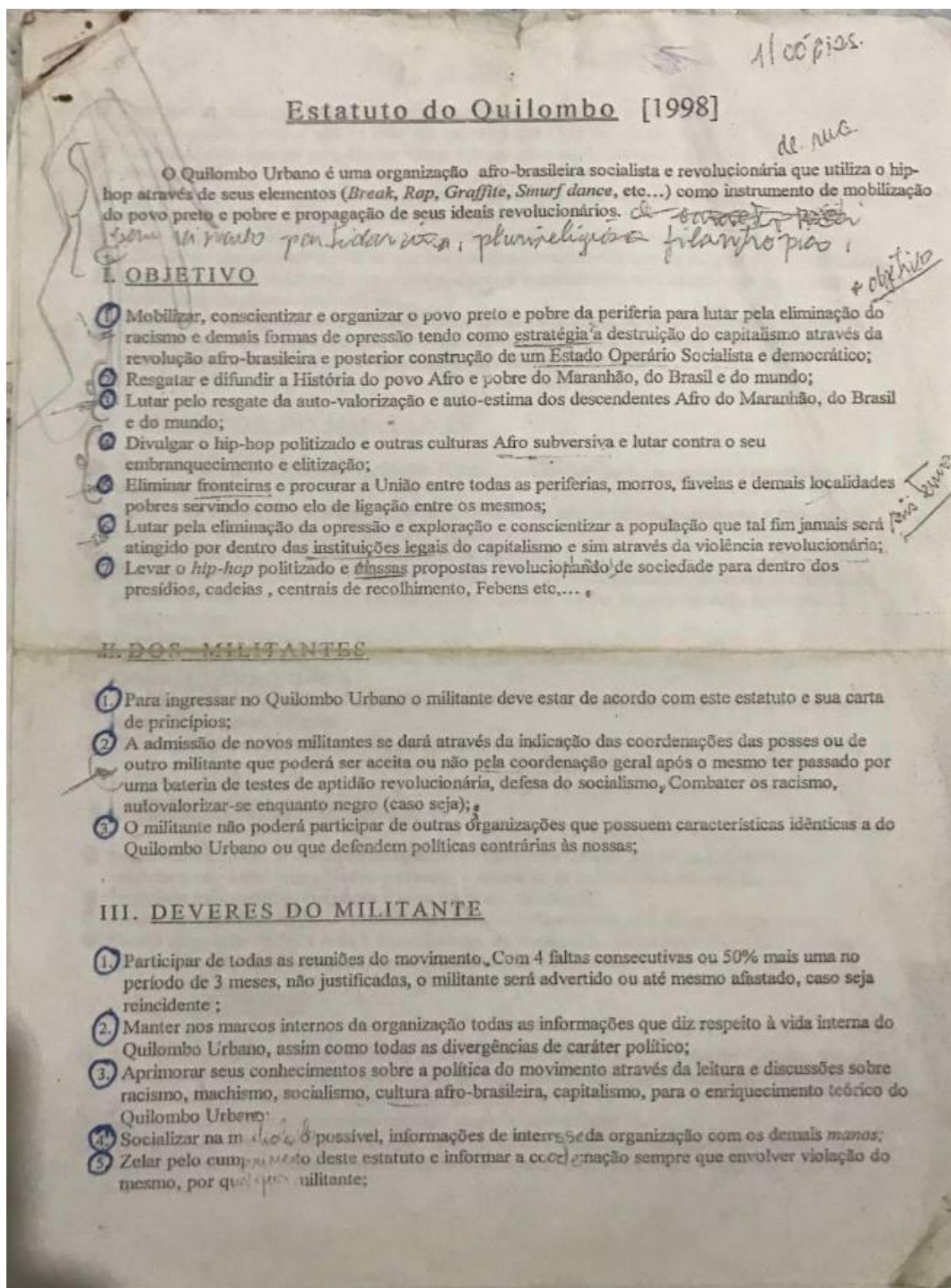
- ANDRADE, Elaine Nunes. **Hip-Hop: Movimento Negro Juvenil**. In: (ORG). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo, 1999.
- ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena Lima. **“Quilombo Urbano”, Liberdade, Camboa e Fé em Deus: Identidade, festas, mobilização, política e visibilidade na cidade de São Luís Maranhão**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia. São Luís, 2017.
- ALMEIDA, Silvio de Luiz. **O Que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte (MG) – Letramento, 2018.
- BACKER, S. HOWARD. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora HUCUTEC. São Paulo, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Ressignificando bandeiras e narrativas: Política, Performance e Estética sob a ótica dos movimentos culturais da juventude na cidade de Maceió/AL**. TOMO. N. 39 JUL/DEZ. 2021.
- CANCLINI, N. G. (1983). **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense. (Trad. de Cláudio Novaes Pinto Coelho).
- COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTEL, R. **A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação**. Caderno CRH, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez., 1997
- CANCLINI, Nestor Garcia, R. **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima: IPAL. 1998, p.48.
- DIÓGENES, Glória. **Sinais Sociais**, RIO DE JANEIRO | v.6 nº18 | p. 102-127 | JANEIRO > ABRIL 2012.

- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **A Ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970** / Michel Foucault – 24. Ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GIROUX, P. Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GEERTZ, Clifford, 1926. **A interpretação das culturas** – 1 ed. 13 reimpressão – Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, T.T. da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.
- DIAS, Hertz da Conceição. **A posse da Liberdade: A integração neoliberal e a ruptura político-pedagógica do Hip-Hop em São Luís a partir dos anos 1990**. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em educação pela UFMA.
- LUKÁCS, Gyorge, 1885-1971. **História e consciência de classes: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LAHIRE, BERNARD. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais** / Bernard Lahire; trad. Patrícia Chittoni Ramos Reullard e Didier Martin. Porto Alegre: 2004.
- OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Rap e Política: Percepções da vida social brasileira**. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2015.
- O'CONNOR, Alan. **A Sociologia de subculturas juvenis**. Tradução de Raoni Borges Barbosa. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.4, n.10, p. 37-42, novembro de 2019. ISSN 2526-4702.
- PETRUS, Júlia Kátia Borgnet. e JUNIOR, Magno Vasconcelos Pereira. **A Desigualdade Socioespacial de São Luís (MA) demarcada pelos seus bairros**. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 9, n. 2, p.170-189, ago/2015.
- RIBEIRO, Antonio Carlos Araújo, FEITOSA, Márcia Manir Miguel, **Narradores de Javé: memórias e identidade polifônicas no cinema brasileiro**, Resgate – Ver. Interdisciplinar Cult, Campinas, v. 25, n. 1 [33], p. 76. Jan/jun. 2017.
- RIBEIRO, Antônio Penha, **Ideologia Forte no Bumbo e na Caixa: Hip Hop, Raça e Classe**, Monografia ao curso de História da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciado em História, 2009.
- RICOEUR, P. **Time and narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1984. v. 1.

- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez editora autores associados. 1985.
- SMDH. **SMDH em defesa da vida: O extermínio da Juventude Negra no Maranhão**. Nota da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos. São Luís: SMDH, 2015.
- SANTOS, Rosenverck Estrela. **Educação Popular e Juventude Negra: Um Estudo da Práxis político-pedagógica do movimento Hip-Hop em São Luís do Maranhão**, São Luís: EDUFMA, 2015.
- SILVA, MARCELO e RUSKOWSKI, BAINCA. **Condições e Mecanismos de Engajamento Militante: um modelo de análise**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 21. Brasília, setembro – dezembro de 2016, pp 187-226.
- TAKEUTI, Norma Missae. **Refazendo a Margem pela Arte**. Nômades, abril 2010 – Universidade Central, Colômbia.
- TEPERMAN, Ricardo. **Se Liga no Som: As transformações do Rap no Brasil** – 1ª ed. – São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros – uma crítica ao pensamento de Althusser**. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1981.

ANEXOS

Estatuto do Quilombo Urbano de 1998:



- e da construção das Mesas*
- 8 Participar de todas as atividades na forma designada e na medida do possível, aquela promovida por outras organizações que seja do interesse do movimento e da população preta e pobre;
 - 9 Contribuir mensalmente com 3% do salário mínimo caso seja empregado e 2% caso seja desempregado;
 - 10 Participar de todas as campanhas de interesse político e financeiro do movimento como: venda de material cultural e serviços, cadastramento e outras;
 - 11 Atuar em posses, sindicatos, movimento estudantil e outros buscando sempre se identificar, como militante do que externar a política que defendemos como instrumento de cooptar novos militantes;
 - 12 Defender incondicionalmente o Socialismo e pregar implacavelmente a necessidade de destruir o capitalismo, machismo, racismo, etc...
 - 13 Submeter-se ao centralismo democrático da organização ou seja, acatar as discussões da maioria;
 - 14 Viabilizar a criação de posses, que são células fundamentais para a propagação da nossa política, nos bairros onde reside ou em outras localidades indicado pelo movimento;

IV. DIREITOS DO MILITANTE

- 1 Ser informado sobre a vida do Quilombo Urbano, seus documentos, sua política e mecanismo de funcionamento;
- 2 Votar e ser votado para a coordenação do Quilombo Urbano, de posses, elaboração e execução de tarefas, encontros estaduais, nacionais e internacionais;
- 3 Propor a exclusão ou inclusão de militantes ou aspirantes;
- 4 Divergir internamente das deliberações política majoritária da organização, podendo se manifestar; através de documentos escritos estando proibido porém, de criar facções internas, autônomas e independentes;
- 5 Organizar-se em núcleos específicos;
- 6 Formar grupos de Break, Rap, Graffiti, Smurf juntamente com outros militantes do Quilombo Urbano; *(Rependido)*
- 7 Propor modificações na política geral do Quilombo Urbano, órgão informativo interno e externo, cartas de princípios, estatuto;
- 8 Obter a carteira de identificação do movimento;

V. COORDENAÇÃO GERAL

- 1 A Coordenação Geral é a instância máxima do Quilombo Urbano, eleita em assembleias ou encontros estaduais, cujo objetivo é orientar a aplicação da política do Quilombo Urbano;
- 2 Organizar informativos, circulares internas, jornais, manifestos;
- 3 A coordenação deve informar os militantes sobre o andamento da vida interna do movimento;
- 4 Com a aprovação de 50% mais 1 dos militantes, a Coordenação Geral poderá ser removida antes mesmo do esgotamento do prazo preestabelecido para sua gestão;

VI. DAS POSSES

- 1 As Posses, entendidas como células do nosso organismo maior que é o Quilombo Urbano, devem ter todas as suas atividades subordinadas e sintonizadas com as deliberações das assembleias, plenários e encontros encaminhados pela Coordenação Geral;
- 2 Deve atuar de acordo com o nosso estatuto ou carta de princípio;
- 3 Toda posse deverá ter uma coordenação com no mínimo 3 militantes designada coordenação, não podendo portanto ser criada pela sua própria base, devido a inexperiência de alguns e o oportunismo políticos de outros;

- ④ Deverá servir como instrumento de propagação do Hip-Hop politizado e nossa política de transformação social;
- ⑤ Promover discussões e mobilizações afim de buscar soluções para problemas médicos da comunidade, isso proporcionará uma certa unidade entre os mesmos, o que facilitará a nossa intervenção no sentido de apontar para fins mais gerais, como a Revolução Socialista;
- ⑥ Deve servir como laboratório de formação de novos quadros;

VII. DOS NÚCLEOS

- ① Os núcleos deverão funcionar de acordo com a política geral do movimento;
- ② Tem direito de votar seus próprios coordenadores;
- ③ Propor atividades para estes fins, a ser construída pelo conjunto dos militantes;

Parágrafo: *Com a aprovação de 50% + 1 do militante, esta organização poderá dissolver-se automaticamente.

Material V Marcha da Periferia:



MOVIMENTO

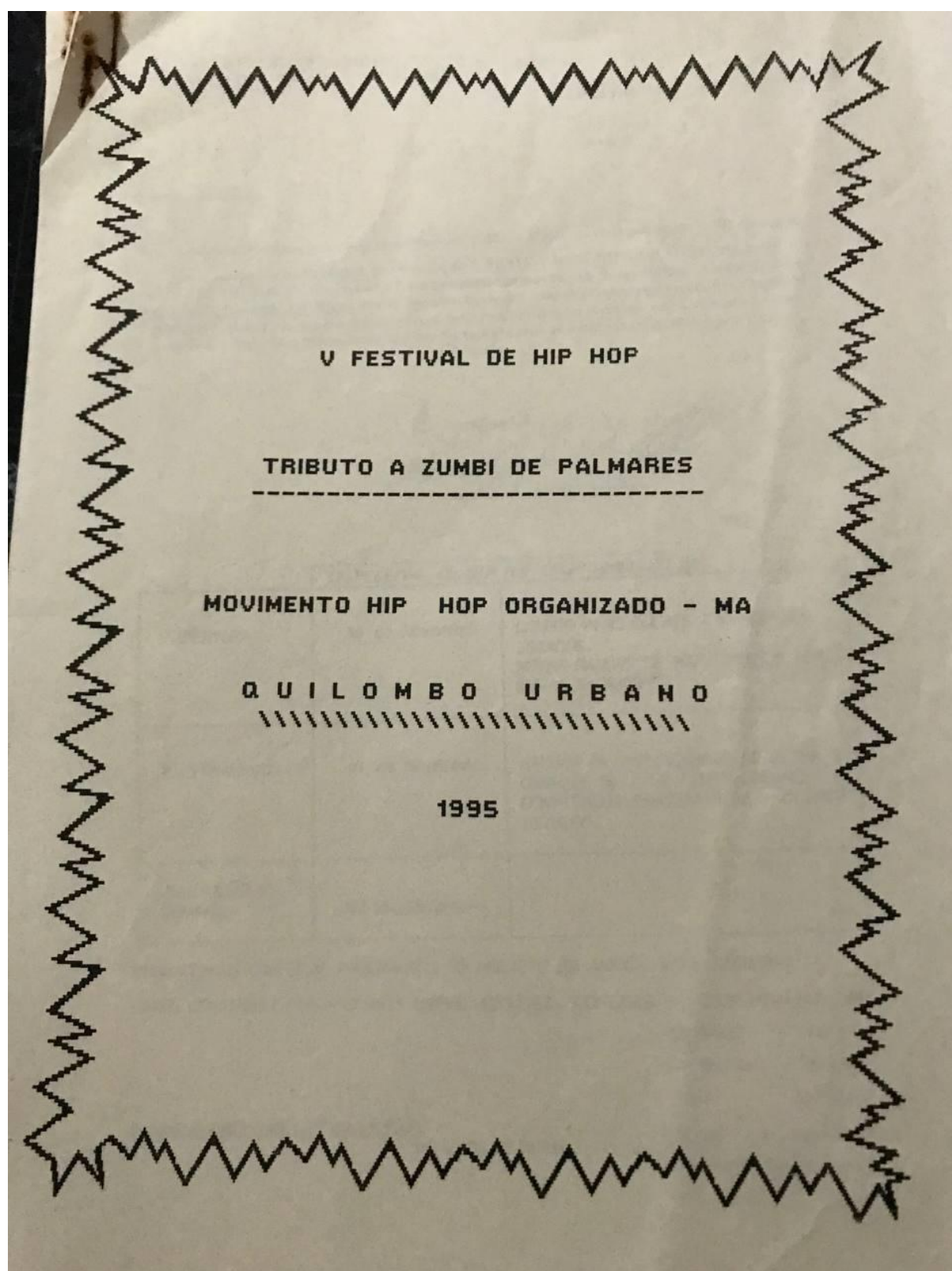
HIP-HOP

Organizado do **MA**

QUELÔMBÔ
URBANO

5º FESTIVAL DE HIP HOP - MA
CONVITE
Prezados(as) Irmãos(as)
Temos a honra de
convidar V.Sa. para
participar do 5º FESTIVAL
DE HIP HOP que será
realizado nos dias 30/11 e
01/12/95 em São Luís-MA
Na certeza de vossa
presença, Axel
**TRIBUTO A ZUMBI DOS
PALMARES**





MOVIMENTO HIP HOP ORGANIZADO DO - MA
QUILOMBO URBANO

São Luís(MA), de _____ de 1995.

OFÍCIO Nº _____

PARA: _____

Prezados Senhores,

Conforme entendimento verbais mantidos com V.Sas., e tendo em vista a relevância das discussões que se realizarão nesta capital, por ocasião do 5º FESTIVAL DE HIP HOP ORGANIZADO, "TRIBUTO À ZUMBI DE PALMARES", para encaminharmos os princípios Político - Cultural rumo à Unidade Nacional das Entidades, vimos por meio deste convidar-lhes como representantes Estaduais; Informamos-lhes ainda que em decorrência da indisponibilidade de recursos, este Quilombo Urbano cederá alojamento e alimentação, ficando à vossa encargo as despesas referentes à passagens rodoviárias.

Atenciosamente.

[Assinatura]

5º FESTIVAL DE HIP HOP ORGANIZADO DO MA

ABERTURA	30 de Novembro	GRUPOS AFRO LOCAIS E DE OUTROS ESTADOS. NOVAS BANDAS DE RAP, GRUPOS DE BREAK E GRAFITE.
ENCERRAMENTO	01 de Dezembro	BANDAS DE RAP, GRUPOS DE BREAK E GRAFITE DO "QUILOMBO URBANO" E CONVIDADOS ESPECIAIS DE OUTROS ESTADOS.
AVALIAÇÃO E DEBATE	02 de Dezembro	

ORGANOGRAMA CONFORME PROGRAMADO NO PROJETO EM ANEXO, VIDE ITEM 04.

FAVOR CONFIRMAR VINDA O MAIS BREVE POSSÍVEL: CONTATOS - VERCK 098-247-2836

SEGUNDO 236-3758

CLAUDIMAR 232-4683

NETO 227-2103

ANDRÊ 232-9802

PE NOSSO GRITO DE GUERRA É PAZ!

300 ANOS DE ZUMBI

30 ANOS DE MALCOLM X

1

APRESENTAÇÃO:

O MOVIMENTO HIP HOP ORGANIZADO DO MARANHÃO, DENOMINADO QUILOMBO URBANO, É UMA ENTIDADE POLÍTICO-CULTURAL, DE CUNHO SÓCIO-RACIAL, SEM FINS LUCRATIVOS, "SUPRA PARTIDÁRIA, PLURIRELIGIOSA, E NÃO VINCULADA À NENHUMA ORGANIZAÇÃO GOVERNAMENTAL, TEM COMO OBJETIVO A UTILIZAÇÃO DA CULTURA HIP HOP, TRAVÉS DE SEUS TRÊS ELEMENTOS BÁSICOS: MÚSICA, DANÇA E PINTURA, PARA CONSCIENTIZAR A COMUNIDADE PRETA E POBRE, FRENTE AOS PROBLEMAS DECORRENTES DO SEU COTIDIANO, BUSCANDO SUA AUTO-VALORIZAÇÃO CULTURAL E ÉTNICA O QUILOMBO URBANO É ATUALMENTE FORMADO PELOS GRUPOS DE RAP: CALAMIDADE PÚBLICA, DISCÍPULOS DE X, NAVALHAS NEGRAS, E YSKINA, PELOS GRUPOS DE GRAFITE: ARTIGO NEGRO, CÓDIGO VISUAL, E GANNA ALÉM DE DIVERSOS GRUPOS DE BREAK ESPALHADOS PELA ILHA, E OUTROS EM FORMAÇÃO.

A CULTURA HIP HOP POR UTILIZAR INSTRUMENTOS COM LINGUAGEM UNIVERSAL, TRABALHA MENTE, CORPO E ESPÍRITO DE MANEIRA CONJUNTA, PROPICIANDO ASSIM UMA MUDANÇA COMPORTAMENTAL ALINHADA À PRÓPRIA VISÃO INTROSPECTIVA, E CRÍTICA, FAVORECENDO DESSE MODO A CONSTRUÇÃO DE UMA SATISFAÇÃO INDIVIDUAL E CONSEQUENTEMENTE COLETIVA, TENDO EM VISTA QUE A MAIORIA DA COMUNIDADE JOVEM, COM A QUAL TRABALHAMOS, RESIDE NA PERIFERIA, ONDE A SOCIEDADE ACORRENTA NÃO SÓ AS PESSOAS, MAS TAMBÉM SEUS SONHOS, O QUE GRADUALMENTE PROVOCA FOCOS DE REVOLTA, COM A FORMAÇÃO DE GANGS DE VÂNDALOS, PICHADORES A TODA SORTE DE PRÁTICAS MARGINAIS, PRINCIPAIS INSTRUMENTOS CANALIZADORES DE SUAS ANSIEDADES, O QUE NÃO APENAS GARANTE MARCHA RUMO À VIOLÊNCIA URBANA COMO TAMBÉM OS DELIMITA E MARGINALIZA.

DIANTE DO EXPOSTO E AO DESENVOLVER UM TRABALHO INTENSIVO ATRAVÉS DE SHOWS, PALESTRAS, DEBATES, ETC., CONTRIBUIMOS PARA A DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE GANGS AOS ENTENDERMOS QUE ATUALMENTE SÓ EXISTA UM CANAL DE LIGAÇÃO ENTRE JUVENTUDE E CONSCIÊNCIA, COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E COLETIVA: A CULTURA HIP HOP!

NOS ÚLTIMOS TEMPOS, DIVERSOS OPORTUNISTAS, PREOCUPADOS APENAS EM VENDER MÚSICA, SEJA ELA O QUE FOR, TÊM DETURPADO O RAP BRASILEIRO, E CONFUNDINDO A POPULAÇÃO, QUANDO SE PROPAGA ESTILOS MUSICAIS COM BPMs (BATIDAS POR MINUTO) ACELERADAS, COM LETRAS COM QUE INCENTIVAM A JUVENTUDE AO CONSUMO DO ALCOOL (VIDE MELÔ DO CACHACEIRO), DIVULGAM SEUS PENSAMENTOS RACISTA (VIDE "RAP" DA MULHER FEIA), E FAZEM APOLOGIA À POBREZA (VIDE "RAP" DA FELICIDADE)

SÃO PESSOAS INESCRUPULOSAS QUE NÃO SE PREOCUPAM COM AS CONSEQUÊNCIAS QUE PODEM ADVIR DE JOVENS EM CONTATO COM ESSE ESTILO MUSICAL, À EXEMPLO DO QUE OCORRE HOJE NO RIO DE JANEIRO; PARA PODERMOS ENTENDER MELHOR O RAP BRASILEIRO É PRECISO PRIMEIRO SEPARAR O JOIO DO TRIGO OU SEJA, VOCÊ CONHECE O JOIO (FUNK BRASIL/CHARM/MIAMI), E JÁ SABE QUE ISSO LEVA AO APODRECIMENTO MORAL DA JUVENTUDE BRASILEIRA, O QUE PRODUZ JOVENS VICIADOS EM DROGAS LEGALIZADAS, EM TÓXICO; JOVENS PERDEM O RESPEITO PELA FAMÍLIA; JOVENS QUE SE DESINTERESSAM PELOS ESTUDOS; ALÉM DE

PRODUIZIR INCESSANTEMENTE VÂNDALOS QUE DEPREDAM OS PATRIMÔNIOS PÚBLICOS E PRIVADOS.

ENTENDEMOS QUE A QUESTÃO DA JUVENTUDE É UM PROBLEMA SOCIAL, MAS ONDE SE RESERVA UMA GRANDE PARCELA DA DIVÍDA À CULTURA MAL UTILIZADA, OU VULGARMENTE COMERCIALIZADA.

O "QUILOMBO URBANO" NÃO PROPÕE A MÚSICA COMO UM "FIM" MAS COMO UM "MEIO", PARA ASSIM AGIRMOS ATRAVÉS DO RAP VERDADEIRO COMO CANALIZADOR DE TODA A DEPRESSÃO E ANGÚSTIA DO JOVEM, SUBSTITUINDO POR UMA AUTO-VALORIZAÇÃO, COM VISTAS AO PLENO EXERCÍCIO DE SUA CIDADANIA.

* MÚSICA (RAP) = NO FIANL DA DÉCADA DE 60, UM DISC-JÓQUEI JAMAICANO CHAMADO KOOL HERC, RESOLVEU MONTAR ESPETÁCULOS MUSICAIS AO AR LIVRE NO BRONX, BAIRRO NOVA-YORKINO COMPOSTO BÁSICAMENTE DE PRETOS E CARIBENHOS, DAÍ INSTALOU-SE EM PLENA RUA UM POTENTE SISTEMA DE SOM (À EXEMPLO DO QUE ELE MESMO FAZIA ANOS ANTES EM KINGSTON, CAPITAL DA JAMAICA) E INVENTOU A MODA QUE TEMPOS DEPOIS IRIA SE ESPALHAR PELO MUNDO, MISTURANDO RITMOS, ESTILOS, PROTESTOS POLÍTICOS, IRONIA E DEBOCHE.

A IDÉIA DE HERC NA VERDADE, FOI UMA RESPOSTA AOS BRANCOS QUE CONSEGUIRAM COOPTAR O FUNK, TRANSFORMANDO O JUNGLE QUASE COMÉDIA TEATRAL, QUE EM NADA LEMBRA A PROPOSTA ORIGINAL DE FALAR SEM RETOQUES DE UMA POPULAÇÃO MARGINALIZADA, QUE MORAVA EM GUETOS, LEVANDO UMA VIDA DURA, SENDO PERSEGUIDA PELA SOCIEDADE BRANCA E SUA POLÍCIA, QUE SEMPRE TRATAVA OS COMO SERES INFERIORES.

EM 1995, O RAP CHEGA AO BRASIL COM RESPOSTA IDÊNTICA À SITUAÇÃO EM QUE VIVIAM OS PRETOS BRASILEIROS, TOMANDO O RITMO COMO PONTO DE LUTA E RESISTÊNCIA CONTRA QUALQUER OPRESSÃO, SENDO DEFINIDO COMO REVOLUÇÃO AFRO-BRASILEIRA POLÍTIZADA.

* DANÇA (BREAK/SMURFDANCE) = O BREAK SURTIU NOS ESTADOS UNIDOS ATRAVÉS DOS PRETOS QUE SE REVOLTARAM COM O ALISTAMENTO MILITAR FORÇADO, PARA FAZER COM QUE SEUS IRMÃOS FOSSEM PARA FRENTE DE COMBATE DEFENDEREM UM PAÍS QUE LHE NEGAVA A PRÓPRIA CIDADANIA, DANÇANDO DE FORMA QUE SE CO-RELACIONEM OS PASSOS DO BREAK, COM AS TORTURAS SOFRIDAS NO VIETNÃ.

* PINTURA (GRAFITE) = EM MEADOS DA DÉCADA DE 70 SURGE NOS GUETOS NOVA-YORKINO ESSA FORMA DE ARTE VISUAL, QUE ATRAVÉS DOS SPRAYS, ERA UTILIZADA PARA DEMARCAÇÃO DOS TERRITÓRIOS, ATRAVÉS DE SEUS DESENHOS E FRASES INTELIGÍVEIS UTILIZADOS POR DIVERSAS GANGS PARA INTIMIDAR O INIMIGO. NO PRÍNCÍPIO DA DÉCADA DE 80, CHEGA AO BRASIL, ATRAVÉS DE DIVERSOS PROTESTOS CONTRA OS GOVERNOS MILITARES (1964/1985), PARA DEPOIS SE TRANSFORMAR EM ATOS DE VÂNDALISMO COM MENSAGENS INCOMPREENSÍVEIS, DEIXANDO DE LADO SUA VERTENTE POLÍTICA. EM MEADOS DA DÉCADA DE 80, CHEGA AO MARANHÃO, QUE À PRÍNCÍPIO SE DIVIDE TIMIDAMENTE COMO FORMA DE "CURTIÇÃO", PARA TEMPOS DEPOIS SURGIREM GRUPOS PIONEIROS NA SUA UTILIZAÇÃO DE FORMA CONSCIENTE HOJE O "QUILOMBO URBANO" DESENVOLVE UM TRABALHO DE RESGATE DA GRANDE MASSA DE JOVENS ENVOLVIDOS COM A PICHACÃO, PARA INICIÁ-LOS NO GRAFITE COMO FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA EM LOCAIS PREVIAMENTE AUTORIZADOS, FAZENDO DOS MURS SUAS TELAS, DOS BAIRROS SUAS GALERIAS E DA CIDADE UMA GRANDE BIENAL.

2

JUSTIFICATIVA

1995, O BRASIL INTEIRO COMEMORA O TRI-CENTENÁRIO DE ZUMBI DE PALMARES, REVERENCIANDO A MEMÓRIA DO NOSSO HERÓI MAIOR, QUE TINHA COMO SONHO ÍMPAR A LIBERDADE DE SEU POVO, MESMO À MARGEM DE NOSSA HISTÓRIA CONVENCIONAL, O QUILOMBO DE PALMARES TRADUZ A CERTEZA DE QUE DEVEMOS NOS UNIR INDEPENDENTEMENTE DE CÔR, SEXO, RELIGIÃO, OU QUAISQUER DIFERENÇA ÉTNICO CULTURAIS, É PRECISO CAMINHAR DE MÃOS DADAS COM COERÊNCIA, VALORIZANDO O SER HUMANO ACIMA DE TUDO, PARA ASSIM ALCANÇAR-MOS VÃOS CADA VEZ MAIS ALTOS RUMO À PAZ ENTRE OS POVOS, PARA ISSO É PRECISO MANTER VIGÍLIA PARA CALARMOS QUALQUER ALGOZ QUE SE LEVANTE, E À NÍVEL ESTADUAL O QUILOMBO URBANO PROPÕE O 5º FESTIVAL DE HIP HOP ORGANIZADO DO MARANHÃO "TRIBUTO À ZUMBI DE PALMARES", COMO FORMA DE CONGRACAMENTO LOCAL ENTRE PRETOS E POBRES.

ESTE EVENTO JÁ É DETENTOR DE RESPEITO À NÍVEL NACIONAL, DAS OUTRAS ENTIDADES PRETAS QUE TRABALHAM COM A CULTURA HIP HOP, SENDO QUE ESTE ANO COMO NOS ANOS ANTERIORES, CONTAREMOS COM A PRESENÇA DE REPRESENTANTES E ARTISTAS DO BRASIL INTEIRO.

O FESTIVAL DE HIP HOP ORGANIZADO DO MARANHÃO, AGORA EM SUA 5ª EDIÇÃO, VEM CELEBRAR O ENCERRAMENTO DO ANO, COM UM BOM SALDO DE TRABALHOS PRESTADOS, DESDE SUA REALIZAÇÃO ANO PASSADO, INTITULADO "DIGA NÃO AS DROGAS E A VIOLÊNCIA", ONDE LANÇAMOS AS BASES DE UM TRABALHO INCANSÁVEL PARA REVERTERMOS O QUADRO DEPLORÁVEL DE VIOLÊNCIA URBANA QUE EXPLODIA EM SÃO LUIS, CONTABILIZAMOS UM CRESCIMENTO DE MILITANTES E NOVOS GRUPOS (QUE SE OFICIALIZARÃO NO DECORRER DO EVENTO), EM SUA GRANDE MAIORIA EX-PICHADORES, EX-VICIADOS E JOVENS EM GERAL, É UM TRABALHO ÁRDUO ONDE A ÚNICA RECOMPENSA QUE SE PERCEBE É A CERTEZA DE TERMOS CONTRIBUIDO PARA RESGATAR UMA VIDA. UMA VEZ QUE A SOCIEDADE NÃO PRESERVA A MEMÓRIA, ESQUECE-SE QUE À MENOS DE UM ANO AS GANGS ASSOLAVAM TODA SÃO LUIS, COMETENDO TODA ESPÉCIE DE BARBÁRIES, O GOVERNO EQUIPOU SUA POLÍCIA, A SOCIEDADE FECHOU AS PORTAS, ENQUANTO O MOVIMENTO HIP HOP FEZ O MELHOR POSSSÍVEL, PARA ASSIM DAR SUA PARCELA CONSTRUTIVA NA LUTA CONTRA AS DROGAS E A VIOLÊNCIA, O QUILOMBO URBANO, É UMA ENTIDADE VENCEDORA, MESMO FRENTE À TODOS OS PROBLEMAS QUE AFLIGEM SUA ESTRUTURA, SABEMOS QUE NOVAMENTE TEREMOS UMA TAREFA MAIS ÁRDUO QUE PARTICIPAR DE REUNIÕES DE GANGS, CELEBRAR PACTO DE PAZ, VÂNDALOS, DAR PALESTRAS SOBRE DROGAS PARA VICIADOS, A NOSSA MAIOR BATALHA É SEMPRE DERROTAR OS MAIS SELVAGENS OBSTÁCULOS PARA AQUISIÇÃO DE APOIO ECONÔMICO NO SENTIDO DE FINANCIAR NOSSAS ATIVIDADES, QUE GARANTA A CONTINUIDADE DO TRABALHO ORA DESENVOLVIDO, TRABALHO ESSE QUE REVERTE PARA SOCIEDADE NOVOS HOMENS E MULHERES, SOB UMA NOVA PERSPECTIVA DE CIDADANIA; O QUE SE APRESENTA AQUI NO QUE DIZ RESPEITO À JUSTIFICATIVA, É O TRI-CENTENÁRIO DE ZUMBI A TRADIÇÃO DO EVENTO COMO CONTINUIDADE DA SEMANA DA CONSCIECIA NEGRA; E A CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE A JUVENTUDE TRABALHADA NO PERÍODO DE 94/95, COMO FORMA DE ESTIMULAR A CONSCIÊNCIA PARTICIPATIVA, ALIJANDO ASSIM DO NOSSO MEIO, QUALQUER CHANCE DE PODERMOS NOVAMENTE ESSES MESMOS JOVENS, PARA AS DROGAS E A VIOLÊNCIA.

gangs

3

OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

3.1 - CONGREGAR TODOS OS FILIADOS, SIMPATIZANTES, A POPULAÇÃO PRETA E POBRE E DIVERSOS SETORES DA SOCIEDADE PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A PROBLEMÁTICA DO COTIDIANO ATUAL, NAS QUESTÕES SÓCIO-RACIAIS.

3.2 - REVERENCIAR ZUMBÍ DE PALMARES, PELA PASSAGEM DE SEU TRI-CENTENÁRIO.

3.3 - REVERENCIAR A MEMÓRIA DE MALCOLM X, PELA PASSAGEM DE SEUS TRINTA ANOS DE MORTE.

3.4 - EXPOR AS ATIVIDADES DO MOVIMENTO HIP HOP E SEU CAMPO DE ATUAÇÃO, NO PERÍODO DE 94/95.

3.5 - ABRIR ESPAÇO PARA OS NOVOS GRUPOS ARTÍSTICOS DO MOVIMENTO, E PARA OUTROS GRUPOS ENVOLVIDOS COM A CULTURA AFRO.

3.4 - CONTRIBUIR PARA O DESPERTAR DA NECESSIDADE DE DEMONSTRAR NOSSAS HABILIDADES ATRAVÉS DA ARTE COMO ELEMENTO DE AUTO-VALORIZAÇÃO.

4

METODOLOGIA

O 59 FESTIVAL DE HIP HOP ORGANIZADO-MA "TRIBUTO À ZUMBI DE PALMARES, REALIZADO ANUALMENTE NO SISTEMA ATO SHOW, COM EXPOSIÇÃO DE FOTOS, RECORTES DE JORNAIS E REVISTAS, EXPOSIÇÃO DE VÍDEOS, PANFLETAGEM, ETC., SENDO QUE ESTE ANO SE REALIZARÁ NOS DIAS 30/11, 01 E 02/12, COM AS SUAS ATIVIDADES ASSIM DISTRIBUIDAS:

30/11 - ABERTURA

GRUPOS AFROS LOCAIS DE CADA OUTRO ESTADO/ESTADOS
NOVAS BANDAS DE RAP, GRUPOS DE BREAK, E GRAFITE.

01/12 - ENCERRAMENTO

BANDAS DE RAP, GRUPOS DE BREAK E GRAFITE DO QUILOMBO URBANO
E CONVIDADOS ESPECIAIS DE OUTROS ESTADOS

02/12 AVALIAÇÃO E DEBATE

5

METAS

5.1 - REALIZAR EXPOSIÇÃO DE FOTOS E RECORTES DE REVISTAS E JORNAIS, VÍDEO, PANFLETAGEM SOBRE ZUMBI DE PALMARES E MALCOLM X.

5.2 - REALIZAR AO VIVO CONFECCÃO DE GRAFITE COMO FORMA DE MOSTRÁ-LO COMO ALTERNATIVA PARA A RAPAZIADA, AINDA ENVOLVIDA EM PICHACÃO, DEMONSTRANDO ASSIM QUE O SPRAY, NÃO SERVE APENAS PARA DANIFICAR PROPRIEDADES PRIVADAS OU PATRIMÔNIOS CULTURAIS, MAS SIM PARA REALÇAR A BELEZA DA CIDADE, MOSTRANDO O GRAFITE COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA.

5.3 - REALIZAR APRESENTAÇÃO DE GRUPOS DE BREAK, DEMONSTRANDO QUE PODEMOS UTILIZAR O NOSSO CORPO DE FORMA SÁDIA, ISENTO DAS DROGAS, COMO INSTRUMENTO DA PAZ E NÃO COMO VEÍCULO DE VIOLÊNCIA.

5.4 - APRESENTAÇÃO DE CONVIDADOS, PARA DEMONSTRAR SEUS TRABALHOS QUE ENVOLVAM CULTURA AFRO, SEJA NO CAMPO MUSICAL OU NÃO.

5.5 - REALIZAR A LEITURA DE POESIAS COM SEGUINTE TEMA: ZUMBI/SENZALAS/PERIFFERIA/MALCOLM X.

5.6 - ABRIR ESPAÇO PARA ATRAÇÕES DE OUTROS ESTADOS.

5.7 - DOCUMENTAR EM VÍDEO TODO EVENTO, NO SENTIDO DE DIVULGAÇÃO À NÍVEL NACIONAL.

5.8 - REALIZAR AVALIAÇÃO E DEBATE DURANTE O SÁBADO À TARDE EM LOCAL À DEFINIR.

5.9 - CONFECCIONAR CAMISAS E FITAS K7 "DEMO" COMEMORATIVAS DO TRI-CENTENÁRIO DE ZUMBI.

6

AVALIAÇÃO

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO 5º FESTIVAL DE HIP HOP ORGANIZADO - MA TRIBUTAÇÃO À ZUMBI, SE DARÁ ATRAVÉS DE URNAS ESPALHADAS NO LOCAL DO EVENTO, ONDE A POPULAÇÃO RECEBERÁ FORMULÁRIO, PREENCHERÁ E DEPOSITARÁ COM SUA OPINIÃO. ALÉM DE RELATÓRIOS QUE SERÃO SOLICITADOS DAS ENTIDADES E PATROCINADORES QUE SE FIZEREM PRESENTES.

CONSIDERAÇÕES

A CULTURA HIP HOP TEM CRESCIDO NA PERIFERIA DE SÃO LUIS, O RAP, É UM DOS ESTILOS MUSICAIS MAIS "SÓLIDOS", NO QUE DIZ RESPEITO AO PÚBLICO. O QUE REFORÇA A NECESSIDADE DE V.S.A., TER SUA IMAGEM ASSOCIADA AO QUILOMBO URBANO, É O FATO DE QUE ALÉM DE CONTAR-MOS COM UM PÚBLICO JOVEN, MUITO GRANDE EM POTENCIAL, SOMOS A ÚNICA ENTIDADE QUE CONSEGUE CONCILIAR DIVERSÃO, COM UM TRABALHO ANTI-DROGAS E VANDALISMO, O QUE NOS GARANTE UMA ABERTURA, E UM CERTO RESPEITO ENTRE AS GANGS DE SÃO LUIS! V.S.A., ALÉM DE CONSEGUIR A DEVIDA DIVULGAÇÃO JUNTO À ESSA JUVENTUDE, O QUE LHE DARÁ CERTO RESPEITO PELA PARCERIA, TAMBÉM ESTARÁ DANDO A SUA PARCELA DE CONTRIBUIÇÃO PARA QUE POSSAMOS RECONSTRUIR OS NOSSOS JOVENS, MORALMENTE PARA ASSIM RESTITUIR-LHES A CIDADANIA, E A VONTADE DE VIVER REALMENTE.

V.S.A., TEM EM MÃOS NESTE MOMENTO UM PROJETO IDEALIZADO POR UMA ORGANIZAÇÃO QUE ENTENDE SER PRECISO TRABALHAR A NOSSA JUVENTUDE DE MANEIRA CONSCIENTE, LEVANDO SEMPRE ALTERNATIVAS QUE SOLUCIONEM OS PROBLEMAS À ELAS RELACIONADOS, INFELIZMENTE A SOCIEDADE TEM TOMADO PARA SI O PAPEL DE JUÍZ, PERSISTINDO ERRONEAMENTE EM TRATAR O PROBLEMA, NO EFEITO DE MANEIRA OSTENSIVA E REPRESSIVA, SEM PERCEBER AS CAUSAS, POLÍCIA BEM EQUIPADA, E AGINDO DE MANEIRA TRUCULENTE NUNCA RESOLVEU PROBLEMA EM LUGAR NENHUM DO MUNDO, PELO CONTRÁRIO APENAS ACENDE A IRA OCULTA DECORRENTE DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO DIA A DIA, INTER-AJA CONOSCO AGORA, QUE JUNTOS POSSAMOS PROMOVER A POLÍTICA MAIS HUMANA NO SENTIDO DE TRAZER ESSA JUVENTUDE PARA UM CANINHO MELHOR, VAMOS JUNTOS REVERENCIAR A HISTÓRIA DE LUTAS DO NOSSO GRANDE REI ZUMBI DE PALMARES, FAZENDO COM QUE ESSA JUVENTUDE DÊ O MESMO VALOR À LIBERDADE QUE ZUMBI DEU, QUANDO ABRIGAVA NO QUILOMBO DOS PALMARES, NÃO SÓ PRETOS, MAS BRANCOS, ÍNDIOS, ETC..., VALORIZANDO O SER HUMANO DE MANEIRA PLENA, PARA TANTO É PRECISO CORAGEM E OUSADIA QUE SABEMOS NÃO SER CARACTERÍSTICA DE MUITOS, MAS CHEGOU A HORA DE V.S.A., AGIR, NÓS SABEMOS, ENTÃO DÊ UM SENTIDO DIGNO À SUAS ATITUDES, NÃO SE OMITA, PARA QUE NÃO CORRAMOS O RISCO DE VER ESTA CIDADE TRANSFORMADA EM UM CAOS À EXEMPLO DO RIO DE JANEIRO, ONDE POR FALTA DE UMA POLÍTICA CULTURAL VOLTADA À JUVENTUDE, ASSISTIMOS CRIANÇAS DE ARMAS EM PUNHOS PROMOVENDO A DESORDEN, ENTÃO VAMOS REVERTER ESSE QUADRO DEPLORÁVEL QUE ASSOLA NOSSA JUVENTUDE E VIVA ZUMBI DE PALMARES.

SÃO LUIS(MA) AGOSTO DE 1995

HERTZ DA CONCEIÇÃO DIAS FERNANDO BARBOSA PINHEIRO

LAMARTINE SILVA

C O N V I T E

Fortaleza Def, 11 de Junho de 1997.

Saudações Manos e Manas,

É como muito prazer que venho por meio deste, convidá-los(as), para representar este estado na Mostra de Hip Hop e participar do Seminário "A Unificação do Hip Hop Nacional", que ocorrerá nos dias 19 e 20 de Julho do corrente ano, na capital do Ceará.

Nosso objetivo é tornar o intercâmbio entre os estados mais sólido e constantes, e amadurecer a idéia da construção de uma entidade nacional de Hip Hop.

Para uma melhor compreensão deste evento, abaixo seguem detalhes do encontro:

- Cada estado tem direito a enviar 03 representantes;
- A Mostra de Hip Hop será realizada no dia 19 de julho (sábado) a partir das 20 hs, no Polo de Lazer do Conjunto Ceará;
- No dia 20 de Julho, a partir das 9hs no Auditório do Sindicato dos Comerciantes, ocorrerá o seminário para discutir a Unificação do Hip Hop Nacional;
- Aconselhamos que os(as) participantes cheguem pelo menos um dia antes do evento, para facilitar a organização do evento;
- Garantimos hospedagem e alimentação durante os dias 18, 19, 20 e 21 (tragam redes ou colchões).

Esperamos confirmação da participação dos(as) deste estado, se possível 10 dias antes do encontro. Contatos pelo fone: 254-5061/ ou pela fax: 277-2656.

Sem mais para o momento, desejamos força e paz à todos.

Atenciosamente,

Francisco José Pereira de Lima
**COORDENADOR GERAL DO MOVIMENTO HIP HOP
 ORGANIZADO DO CEARÁ**

*QUEM MORRE PRIMEIRO
 VOCÊ QUE CONSUME DROGAS
 AS DROGAS QUE CONSUMEM VOCÊ?*

CLODALDO

085 261-04-66

FLIPE 085-259 4675

*FALAR COM
 DANA SOARES*

(9)

QUILOMBO URBANO
MOVIMENTO HIP HOP ORGANIZADO DO MARANHÃO

SÃO LUÍS 23 DE OUTUBRO DE 1996

(1)* AVALIAÇÃO DO ATO DO COROADO.

(2)* ATO NA CAMBOA.

(3)* TEMA DO VI FESTIVAL..

(3) QUARTA FEIRA, 30% DOS PRESENTES A REUNIÃO
TERÃO QUE TRAZER TEMAS E SLOGANS PARA O VI
FESTIVAL E O CARTAZ, A SER DISCUTIDO.

(1) PARA CAMBOA, FICOU PRESCRITO QUE A COORDENAÇÃO
ARTÍSTICA SE RESPONSABILIZAVA PARA CONVERSAR COM
O RAPAZ INTERESSADO E DEPOIS PASSAR EM REUNIÃO O QUE
SERÁ FEITO. (ARTEMIO FICOU RESPONSÁVEL EM REUNIR A COORDENAÇÃO)

(3) AVALIAÇÃO DO ATO DO COROADO

EM AVALIAÇÃO AS PESSOAS QUE FAZIAM, DISSERAM
QUE HOUVE POUCAS PESSOAS PRESENTES AO ATO ATÉ
POR CONSEQUÊNCIA DO ATRASO DO CARTAZ. AS
PESSOAS QUE ESTAVAM PRESENTES AO ATO PEGAVAM
O MICROFONE MUITO POUCO PARA FAZÇÕES; OUTRO
PONTO NEGATIVO FOI A FALTA DE DISCOS NACIONAIS;
A ESTRATÉGIA COM OUTROS ESTILOS MUSICAIS ESTÁ
SENDO EQUIVOCADA E DEVE SER CORRIGIDA E
PENSADA, NÃO TINHA MIXADOR.
O PONTO POSITIVO FOI QUE MULHERES PEGAVAM
O MICROFONE PARA FAZER O QUE É MUITO RARO EM
ATOS DO MOVIMENTO.
NO GERAL, HOUVE MUITAS FAZIAS QUE PODEM SER
CORRIGIDAS PRA FRENTE, E SÓ ESPERANÇAMOS!
E AGINDO! NO MAIS, FOI MUITO POSITIVO.

Rogério Santos. *Alison Black*

Leimacine Silva

Optima MAMÃE

Ladu (Arte Consciente)

AV. 02 QDA. 75 Nº 47 VILA SANTA MARIA - AREINHA

SÃO LUÍS / MA

REUNIÃO EXTRA - NFR 21.01.96

REUNIÃO INICIADA ÀS 19:41H, ONDE ~~FOI~~ FOI DISCU-
TIDO SEGUINTES:

- * O DEBTO DA BOTA 2023 (MAIS DE MARCIO GOS)
- * O CONTATO COM VERCK, POR TELEFONE, NO SABADO 25/01/97 E AS CORRESPONDÊNCIAS NO FINAL DO MÊS CORRENTE.
- * ~~DEBTO~~
- * DEFINIR AS PACTAS PARA A REUNIÃO DE SABADO 25/01/97.

- FICOU DECIDIDO QUE CADA MEMBRO DA NFR IRÁ CONTRIBUIR COM NO MÁXIMO ~~R\$~~ R\$ 7,00 NO MÁXIMO ATÉ DIA 28/01/97 PARA AJUDA DE CUSTO A BOTA 2023.
- NO DEBCKER DA REUNIÃO SERÁ FEITA UMA LIGAÇÃO PARA MA VIFE LEVAR AS CARTAS ^{INFORMAÇÕES} PARA MARCIO GOS E VERCK IMPROFERUVE MELTO NO SABADO 25/01/97.
- ANALIZAR OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA N.F.R.
 - O RECONHECIMENTO - N.F.R. / Q.U. (ATIVIDADES)
 - DISCUTIR O CARATER VALORIZADO DOS MILITANTES DA ~~Q.U.~~ N.F.R.
 - A CRIAÇÃO DE UM SIMBOLISMO PARA DISTINGUIR OS MILITANTES DA N.F.R. DOS DEMAIS MILITANTES DO Q.U.
 - A DISCURSO SOBRE OS ESTEREÓTIPOS REALISTAS.
 - AJUDA DE CUSTOS ENTRE OS MILITANTES DA N.F.R.

SÃO LUIS, 21:00H.
ESTAVAM PRESENTES NESTA REUNIÃO:

[Assinatura]

MC-MAMÃE

Atênio M.L.
FILLIO EMBON

[Assinatura]

[Assinatura]

NAÇÃO NEGROS DA RAIZ

PRINCÍPIOS BÁSICOS

Estes Princípios visam impedir comportamentos que sem uma linha de normas pré-definidas e respeitosa^{mente} assimiladas, possam causar danos morais à esta NAÇÃO.

- 1 - ~~Manter-se ao (das) mandamentos da lei da Deusa~~ X
- 2 - Auto-valorizar-se;
- 3 - Lutar pela liberdade mental, física e espiritual do nosso Povo;
- 4 - Utilizar a Cultura Hip Hop para os objetivos da NAÇÃO;
- 5 - Estar integrado às atividades do QUILOMBO URBANO; +
- 6 - Não consumir ou contribuir para o consumo de drogas, legalizadas ou não salvo, sob orientação médica;
- 7 - Manter-se inserido nas atividades político-culturais dos movimentos populares, estudantis e sindicais à serviço da NAÇÃO QUILOMBO URBANO;
- 8 - Responder pela Nação somente quando autorizado(A);
- 9 - Utilizar a violência somente como auto-defesa;
- 10- Nunca expor sigilos da NAÇÃO;
- 11- Resgatar e propagar os verdadeiros heróis e heroínas do nosso Povo;
- 12- Submeter-se ao Tribunal da NAÇÃO;

MISSIONÁRIOS

VERCK . SEGUNDO . GÓES

Posse Comuna Cidade Olímpica:

Movimento Hip HOP Organizado de São Luís-MA Quilombo Urbano

Quilombo Urbano entidade negra fundada em 1989 sem fins lucrativos não governamental, com mais de dez anos atuando no campo da exclusão "a periferia" levando informação, alto esma educando nosso povo utilizando a cultura Hip Hop, contra o individualismo e a ambição de não pensar no próximo.

Na decorrer desses dez anos desarticulamos varias gangues, nos bairros de São Luís. Canalizando sua revolta contra quem realmente gera a violência., encaramos problemas como: racismo, drogas, educação precária, falta de moradia, injustiça social e ETC...

Quilombo Urbano astilha a bandeira das mudanças nas quebradas "lugar pobre" apontando propostas aonde a maioria seja beneficiada como deveria acontecer num país democrático. (mais no Brasil só a burguesia desfruta desse direito).

RAP - (Revolução Afro Politizado). No inicio dos anos 70 um jamaicano pôr nome Kool Herc, que veio de kinguesion, capital da Jamaica, depois de um certo tempo no Bronx (quebrada de Nova York) a exemplo do que faziam na Jamaica, montou sua aparelhagem de som, Reggae, Blues, Funk eram a trilha sonora entre o intervalo de uma e outra, aonde ficava só a batida sem a voz do cantor Kool Herc fazia falasões, denunciando: racismo, a miséria e a ação policial e a péssimas condições de moradia. Com o tempo surge os primeiros RAPs, não mais tipo repente não só com algumas frases, mais também com mais tempo de duração rimado e trabalhado com calma, sem demora surge os primeiros grupos. **DJ Kool Herc** o primeiro DJ "Disc Jockey" imigrou da Jamaica para o Estados Unidos, realizava festas nas ruas mais conhecidas como: Bailes Black. Isto pelo motivo de não poderem participar dos eventos da cidade que exigiam um certo poder aquisitivo. **Grande Master Flash** criou a técnica de mixagem (emenda de bases) procurava mixar o ponto mais envolvente da música.

Grand Wizard Theodoro Ward - Criador dos Scratches.

BREAK (Manifestação corporal) Surge em protesto a guerra do Estados Unidos "capitalista" contra o Vietnã "socialista"; os jovens negros que eram excluídos pelo governo norte-americano, com a promessa de salários, empregos dignos e melhores condições de vida. Os jovens das quebradas foram levados para frente de combate, sem nem um preparo militar. Quem não foi em função da menor idade passaram a imitar através da dança, as torturas que apareciam na TV, muitos passos de Break representam ações e impacio do campo de guerra, com o passar do tempo a dança se expandiu para todos os guetos, o Break substituiu a violência entre Gangues, que ao invés de brigar com armas faziam o que é chamado de rachas "se confrontar em forma de dança" quem perdesse não andava no bairro do outro (HOJE O BREAK SE TORNOU DANÇA, INFORMAÇÃO E DENÚNCIA).

GRAFITI (Revolução em Cores) Surgiu entre a década de 60 e 70 nos guetos americanos onde tinham a função de denunciar as áreas das gangues. O Grafiti se compõe em três partes 1) figuras 2) letras 3) tags ass: do grafiteiro.

Hoje o Grafiti tem a função de denunciar os problemas socio-racial Ex.: desemprego, educação precária, violência policial, racismo e o descaso dos políticos com a maioria preta e pobre do país.

POSSE COMUNA Cid. Olímpica em Legítima defesa estamos atento, pois somos **HERDEIROS DE TODOS(AS) AQUELES(AS) QUE LUTARAM EMBUSCA DA LIBERDADE E DA IGUALDADE.**